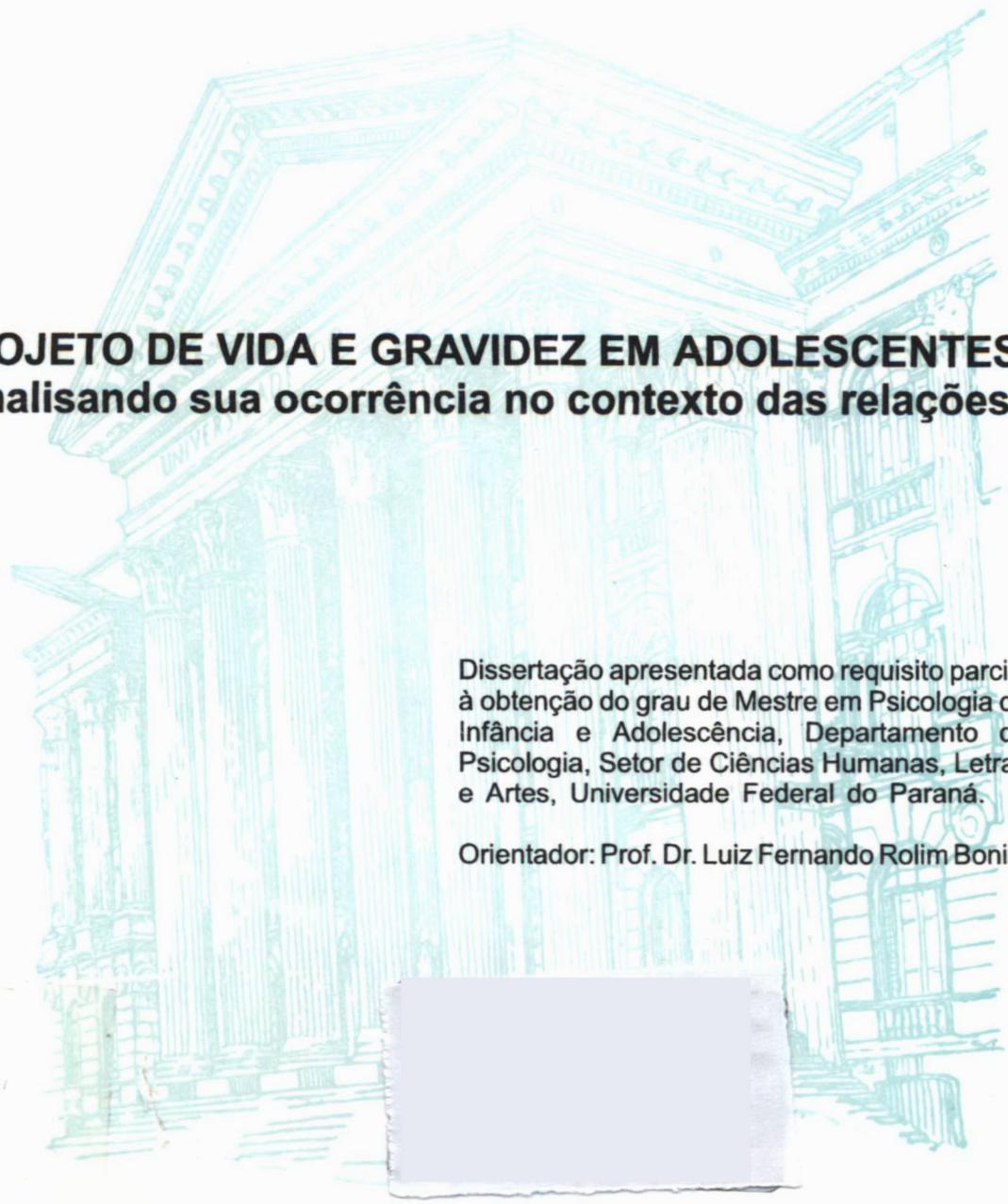


ANDRÉIA CAROLINA LITWINSKI RIBEIRO



**PROJETO DE VIDA E GRAVIDEZ EM ADOLESCENTES:
analisando sua ocorrência no contexto das relações**

Dissertação apresentada como requisito parcial
à obtenção do grau de Mestre em Psicologia da
Infância e Adolescência, Departamento de
Psicologia, Setor de Ciências Humanas, Letras
e Artes, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Fernando Rolim Bonin

CURITIBA

2002

ANDRÉIA CAROLINA LITWINSKI RIBEIRO

**PROJETO DE VIDA E GRAVIDEZ EM ADOLESCENTES:
analisando sua ocorrência no contexto das relações**

Dissertação apresentada como requisito parcial
à obtenção do grau de Mestre em Psicologia da
Infância e Adolescência, Departamento de
Psicologia, Setor de Ciências Humanas, Letras
e Artes, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Fernando Rolim Bonin

CURITIBA

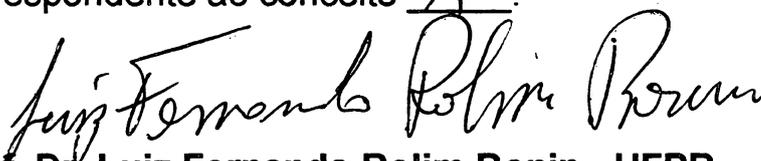
2002



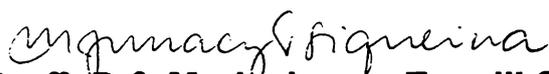
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

PARECER

A Comissão Julgadora da Dissertação apresentada pela Mestranda **Andréia Carolina Litwinski Ribeiro**, sob o Título "Projeto de Vida e Gravidez em Adolescentes: analisando sua ocorrência no contexto das relações", após argüir a candidata e ouvir suas respostas e esclarecimentos, deliberou Aprovado por unanimidade de votos, com nota 10,0 correspondente ao conceito A.



Prof. Dr. Luiz Fernando Rolim Bonin - UFPR



Prof.ª Dr.ª. Maria Juracy Tonelli Siqueira – UFSC



Prof.ª Dr.ª. Maria Teresa Castelo Branco - UFPR

Em face da aprovação, deliberou ainda, a Comissão Julgadora, na forma regimental, opinar pela concessão do título de **Mestre em Psicologia da Infância e da Adolescência** à candidata **Andréia Carolina Litwinski Ribeiro**.

Curitiba, 24 de junho de 2002.


Prof.ª Paula Inez .. Cunha Gomide
Coord. do Curso de Mestrado em Psicologia
Matr. 64494

Ontem um menino que brincava me falou
Que hoje é semente do amanhã
Para não ter medo que este tempo vai passar
Não se desespere, nem pare de sonhar
Nunca se entregue, faça sempre com as mãos
Deixa a luz do sol brilhar, do céu do seu olhar
Fé na vida, fé no homem, fé no que virá
Nós podemos tudo, nós podemos mais
Vamos lá fazer o que será...

Gonzaguinha

ao Luiz, grande companheiro e incentivador dos meus sonhos

aos meus pais, sempre presentes e afetivos

AGRADECIMENTOS

Um mestrado não é feito sozinho, mas por inúmeras relações estabelecidas neste longo percurso. De diferentes formas, muitas pessoas contribuíram para que fosse possível chegar aqui. Este é o momento de agradecer:

Aos rapazes e às adolescentes que deram vida a esta pesquisa e a tantas outras adolescentes que motivaram este trabalho;

Àqueles com quem compartilhei o dia a dia do mestrado, amigos, professores e funcionários;

À professora Maria Tereza Castelo Branco e à professora Maria Juracy Toneli Siqueira, pela disponibilidade e importantes contribuições fornecidas na qualificação.

Ao professor Luiz Fernando Rolim Bonin pela sua orientação, seu conhecimento e espírito científico.

Aos tantos colegas e amigos da Secretaria Municipal da Saúde, os quais é impossível citar pelo grande risco de não ser possível incluir todos. Entretanto, com certeza sua participação foi fundamental no dia a dia, pela sua presença, seu afeto, suas idéias, seu trabalho, suas histórias. O trabalho foi um grande motor para o empenho aqui dedicado.

Aos profissionais, e também amigos, com quem tive a oportunidade de participar no grupo de gestantes adolescentes, Wagner, Margot, Iaci, Adriana, e em especial à Emília, grande profissional e companheira. Aos demais profissionais que têm trabalhado divulgando e incentivando as adolescentes para participar no grupo, seja na consulta médica, na pré-consulta, na vinculação da Mãe Curitibana e, até mesmo, da Mãe Metropolitana.

Aos profissionais da Unidade de Saúde da Mulher, com os quais me identifico e me sinto plenamente acolhida, destaco o seu empenho no dia a dia de trabalho.

Aos responsáveis da Secretaria Municipal da Saúde que permitiram a realização deste trabalho e dentro das possibilidades institucionais ofereceram diversas formas de apoio para a realização do mestrado.

Aos amigos, saudosos amigos, que neste momento tivemos menos tempo do que gostaríamos para compartilhar nossas vidas.

A minha família que amo muito, meus pais e irmãs... com sua presença inconfundível.

A minha sogra, meu cunhado e meu sobrinho, meus familiares mais novos que estão sempre no coração...

Ao meu marido, que dispensa palavras, em função de seu grande significado.

Ao final do trabalho, uma grande satisfação por um trabalho que mal começou, mas que sem dúvida foi muito rico.

SUMÁRIO

RESUMO	viii
1. INTRODUÇÃO	1
2. REVISÃO DA LITERATURA	4
2.1. GESTAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA	4
2.1.1. A compreensão da gravidez sob a perspectiva de gênero e de hierarquia por idade	4
2.1.2. As perspectivas de vida educacional e profissional e a gravidez na adolescência.....	6
2.1.3. A gravidez na adolescência como uma transgressão em um contexto social de gênero.....	8
2.1.4. As expectativas sociais quanto à vivência da sexualidade entre as adolescentes	9
2.1.5. A comunicação sobre a sexualidade e a prevenção da gravidez entre familiares e adolescentes	11
2.1.6. Os projetos de vida dos adolescentes anteriores à gravidez	13
2.1.7. Os modelos sociais quanto à maternidade na adolescência e a experiência de cuidado de crianças.....	17
2.1.8. A paternidade na adolescência	17
2.2. O ENFOQUE SÓCIO-HISTÓRICO	21
2.3. ADOLESCÊNCIA E PROJETO DE VIDA	35
2.4. DIREITOS REPRODUTIVOS E GÊNERO	43
3. A PESQUISA	61
3.1. PROBLEMA E OBJETIVO	61
3.2. METODOLOGIA	62
3.2.1. Participantes	62
3.2.2. Instrumento	63
3.2.3. Procedimentos	64
3.3. ANÁLISE E TRATAMENTO DOS DADOS	64
4. RESULTADOS E ANÁLISES DOS CASOS	66
4.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS PARTICIPANTES	66

4.2. A CATEGORIZAÇÃO DAS FALAS DAS ADOLESCENTES POR TEMAS	69
4.2.1. O Relacionamento Familiar e o Projeto de Vida das Adolescentes quanto aos Estudos e a Profissão	69
4.2.1.1 Adolescentes que Relataram Importantes Conflitos Familiares, Gazetas de Aulas, Interrupção dos Estudos e/ou Uso de Álcool e Outras Drogas.....	69
4.2.1.2. Adolescentes sem Relatos de Dificuldades no Relacionamento com os Familiares ou com Dificuldades Específicas em Função de seu Relacionamento com o parceiro	70
4.2.1.2.1 Adolescentes com Algum Atraso Escolar e Planos Educacionais/Profissionais Pouco Definidos	70
4.2.1.2.2 Adolescentes sem Atraso Escolar e com Planos Educacionais/Profissionais mais Definidos	71
4.2.2. O Projeto de Vida das Adolescentes Quanto ao Relacionamento com o parceiro e a Possibilidade de Maternidade	71
4.2.2 1. Adolescentes que Estavam Ficando com o Rapaz	72
4.2.2.2. Adolescentes que Estavam Morando com o Parceiro	73
4.2.2.3. Adolescentes que Estavam Namorando o Parceiro	74
4.3. A CATEGORIZAÇÃO DAS FALAS DOS PARCEIROS POR TEMAS.....	74
4.3.1. O Relacionamento Familiar e o Projeto de Vida do Adolescente quanto aos Estudos e a Profissão	74
4.3.1.1. Presença de um Histórico Familiar Marcado por Separação e Dificuldades de Relacionamento entre seus Pais e de Algumas Queixas quanto à Falta de Liberdade em Relação aos Familiares.....	74
4.3.1.2. O Reconhecimento de si Próprio como Pertencendo a Adolescência antes da Gravidez e a Concepção de que Esta Aumentou suas Responsabilidades e os Tornou Mais Maduros Psicologicamente.....	77
4.3.1.3. Presença de Histórico e Planos de Futuro com Maior Ênfase na Inserção ao Mercado de Trabalho do que na Continuidade dos Estudos	77
4.3.2. O Projeto de Vida dos Participantes quanto ao Relacionamento com a Parceira e a Possibilidade de Paternidade	78
4.3.2.1. Rapazes que Estavam Morando com a Parceira e Relataram um Desejo de que a Companheira Engravidasse	78
4.3.2.2. O Casal Estava Namorando, Não Tendo Planejado e/ou Desejado Explicitamente a Gravidez	79

4.4. OS SENTIDOS DOS PARTICIPANTES QUANTO A OCORRÊNCIA DA GRAVIDEZ.....	79
4.4.1. A Gravidez ocorreu em Função do Desejo de Ter um Filho.....	80
4.4.2. Os Participantes Referiram que não Queriam Engravidar	144
4.4.2.1. A gravidez teria ocorrido em função do desejo de seu parceiro de que engravidasse.....	144
4.4.2.2. A gravidez ocorreu ao ter a relação sexual sem se prevenir e sem pensar nas conseqüências	152
4.4.2.3. A gravidez ocorreu em função da adolescente esquecer de tomar a pílula	193
4.4.2.4. A gravidez ocorreu em função dos adolescentes terem confiado na tabelinha...202	
4.4.2.5. A gravidez ocorreu por uma falha no uso do preservativo masculino.....	237
4.5 OS SENTIDOS DOS PARTICIPANTES QUANTO A SUA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA	249
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	252
ANEXOS	262
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	271

RESUMO

A presente pesquisa teve por objetivo a análise dos sentidos apresentados por adolescentes gestantes e seus parceiros referentes à ocorrência da gravidez, a partir de uma reflexão sobre o contexto e o momento que a precedeu, incluindo seu projeto de vida, o relacionamento com o (a) parceiro (a) e com sua família. A teoria sócio-histórica e as perspectivas de gênero e de hierarquia por idade foram adotadas como referencial teórico. Foram realizadas entrevistas clínicas semi-estruturadas com 12 adolescentes gestantes e 3 parceiros. A idade das adolescentes variou entre 12 e 19 anos, e dos parceiros entre 19 e 21 anos. A análise dos dados teve como referencial a análise de conteúdo conforme proposto por BARDIN (1977) e MYNAIO (1996). As falas dos participantes foram categorizadas tendo por base os sentidos por estas (es) apresentados quanto ao que as levou a engravidar ou a sua parceira engravidar, no caso dos rapazes. Esta forma de apresentação permitiu que os sujeitos pudessem ser comparados e analisados em relação aos demais participantes do grupo sem fragmentar suas falas, o que possibilitou também uma análise contextual de cada sujeito em separado. As falas foram agrupadas conforme os participantes tenham relatado se queriam ou não ter um filho naquele momento. Os últimos abrangeram 5 grupos distintos englobando os seguintes motivos atribuídos a gravidez: o namorado queria que a adolescente engravidasse; a adolescente teve a relação sexual sem se prevenir e sem pensar nas conseqüências; a adolescente esqueceu de tomar a pílula; o casal confiou na tabelinha, houve uma falha no uso da camisinha. Os resultados apontaram uma grande diversidade de sentidos, os quais não implicaram em um padrão homogêneo quanto à ocorrência da gravidez, que possa ser aplicado de maneira universal a todos os adolescentes. Entre os participantes da pesquisa, um terço avaliou que a gravidez ocorreu por ter desejado ter um filho. Entretanto, foi levantada a possibilidade da presença de um desejo não consciente de que a gravidez ocorresse entre a maior parte dos participantes que haviam relatado que não queriam ter um filho naquele momento. A ocorrência da gravidez entre os participantes foi contextualizada pelo relacionamento cotidiano destes com suas famílias e com o parceiro, sendo que o último foi referido freqüentemente como tendo influenciado a gravidez. De maneira geral, a maternidade/paternidade estiveram relacionadas, mesmo que de maneira não consciente, com a perspectiva de modificar uma situação de vida pessoal ou familiar. Pode se perceber também que as ações desenvolvidas pelos participantes no cotidiano, quanto à escolaridade, ao relacionamento com o parceiro e à prevenção da gravidez, algumas vezes foram contrárias aos planos que estes tinham em relação a seu futuro. Verificou-se geralmente a ausência de oportunidades anteriores à gestação, nas quais os adolescentes pudessem refletir de maneira mais aprofundada sobre seus projetos de vida e o desejo de engravidar ou não. Os resultados apontaram para a importância do desenvolvimento de oportunidades no cotidiano, nas quais estes possam pensar, planejar e avaliar suas ações como destacado por VYGOTSKY (2000), exercendo efetivamente seus direitos reprodutivos.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa teve sua origem a partir da participação da pesquisadora, enquanto profissional da psicologia, em um grupo interdisciplinar de orientação e apoio a gestantes adolescentes. Esta atividade vem sendo realizada semanalmente na Unidade de Saúde da Mulher (Secretaria Municipal da Saúde de Curitiba), desde junho de 1997, fazendo parte do acompanhamento pré-natal à gestante adolescente. Desde seu início até maio de 2002, em torno de 360 adolescentes haviam participado do grupo em algum momento da gestação, contando suas histórias ou apenas ouvindo e recebendo orientações. Também estiveram presentes, com menor frequência, parceiros, familiares e outros acompanhantes.

Acompanhar as adolescentes, seus parceiros e familiares durante este importante momento de suas vidas implicou em conviver com inúmeras indagações e reflexões sobre a gestação na adolescência enquanto um fenômeno social, que se particulariza na história e no relato pessoal de cada participante. Desta maneira, a realização do Mestrado em Psicologia da Infância e Adolescência veio de encontro com a necessidade de aprofundar tais indagações, sistematizando-as em um trabalho científico que pudesse aprimorar a qualidade do atendimento prestado a este grupo, bem como possibilitar um embasamento para ações que enfoquem a atenção integral ao adolescente.

O fenômeno da gestação na adolescência tem despertado o interesse de diferentes setores sociais incluindo o meio científico, o campo das políticas públicas dirigidas à criança e ao adolescente, a educação, a saúde, o desenvolvimento social, as organizações não governamentais e até mesmo a mídia.

A grande atenção dirigida à questão da gestação na adolescência está relacionada, entre outros motivos, ao aumento da incidência de gestações em adolescentes em diversos países nas últimas décadas. No Brasil 6,5% das adolescentes de áreas urbanas e 10% das adolescentes de áreas rurais deram à luz em 1970, aumentando para 9,6 e 13% respectivamente em 1986 (HENRIQUES *et al.*, 1989). Na Pesquisa Nacional sobre Demografia e Saúde (PNDS) de 1996, 14% das adolescentes entre 15 e 19 anos entrevistadas já haviam tido pelo menos um filho, sendo que em 70% dos casos a primeira maternidade ocorreu entre 15 e 17 anos (BEMFAM, 1997).

Em estatísticas recentes sobre o número de partos realizados no Brasil pelo Sistema Único de Saúde, pode-se observar que o número de partos entre adolescentes de 10 a 14 anos cresceu cerca de 20% entre 1993 e 1997, indo de 26.505 partos para 33.435 partos. Enquanto que o número de partos entre adolescentes de 15 a 19 anos, subiu de 611.608 em 1993 para 686.906 em 1997, um aumento em torno de 12% (SOUZA, 1998).

Enquanto a taxa geral de fecundidade no Brasil vem diminuindo desde 1970, o mesmo não tem ocorrido na faixa etária entre 15 a 19 anos, que vem apresentando uma curva ascendente de crescimento. Entre 1970 e 1991 a fecundidade nesta faixa etária cresceu 26% (SOUZA, 1998 CANNON, *et al.* 1999). Esta tendência se manteve na última década tendo ocorrido um crescimento de 12,5% na taxa de fecundidade desta faixa etária, a qual passou de 80/1000 em 1990 para 90/1000 no ano de 2000, conforme os dados do CENSO 2000.

A taxa de nascidos vivos de mães adolescentes em Curitiba apresentou poucas variações no período de 1994 a 2001, ao considerar os números absolutos e o percentual em relação à totalidade dos nascidos vivos na cidade (SECRETARIA MUNICIPAL DA SAÚDE, 2002). Pode-se perceber um leve crescimento entre 1994 e 1997, de 5200 (18% do total de nascidos vivos) para 5744 (19,8%), seguido de uma leve redução até 2001. Neste ano, verificou-se a ocorrência de 5090 nascidos vivos entre mães com idade abaixo de 20 anos, correspondendo a 18,8% do total. Enfocando a faixa etária da mãe abaixo de 17 anos, o número de nascidos vivos foi de 1311 (4,8% do total), enquanto entre 17 e 19 anos foi de 3779 (14% do total).

Conforme dados fornecidos pela Unidade de Saúde da Mulher (Secretaria Municipal de Curitiba) em 2000, 177 adolescentes gestantes, com idade abaixo de 20 anos, foram inscritas no Programa Mãe Curitibana para o acompanhamento do pré-natal, correspondendo a 24% do total de gestantes atendidas (5,2% com idade até 17 anos e 18,8 % com idade entre 17 e 19 anos). Em 2001, 173 adolescentes com idade abaixo de 20 anos ingressaram no Programa Mãe Curitibana nesta unidade, passando a corresponder a 23,5 % das gestantes inscritas no ano (5,3% até 17 anos e 18,2% entre 17 e 19 anos).

Como ressaltou VITIELLO (1993), a gestação na adolescência apresenta conseqüências biológicas, psicológicas e sociais. Entretanto, ao analisar pesquisas recentes, o autor concluiu que não foram observadas diferenças significativas entre as patologias médicas apresentadas por gestantes e parturientes adolescentes e a população em geral. As complicações clínicas e obstétricas em adolescentes estão associadas principalmente à falta de assistência pré-natal ou ao atraso para iniciá-lo.

CORRÊA & COATES (1991) salientou que a gestação na adolescência interfere no modo de vida e desenvolvimento dos adolescentes, mudando radicalmente o futuro das pessoas envolvidas. São comuns as ocorrências ou tentativas de aborto, casamentos por conveniência e subseqüentes separações. A gestação leva geralmente a interrupção da vida escolar, a inserção da adolescente e seu parceiro no mercado de trabalho com baixa qualificação profissional e a ocorrência de novas gestações.

Considerando a relevância do tema e adotando o enfoque da teoria sócio-histórica, as perspectivas de gênero e de hierarquia por idade, a presente pesquisa dirigiu-se para a compreen-

são dos sentidos de adolescentes gestantes e seus parceiros referentes à ocorrência da gravidez, a partir de uma reflexão sobre o contexto e o momento que a precedeu, incluindo seu projeto de vida, o relacionamento com o(a) parceiro(a) e com sua família.

A pesquisa é apresentada da seguinte maneira. A revisão de literatura compõe o 2º capítulo, que compreende 4 seções. A 1ª aborda pesquisas sobre gestação na adolescência relevantes aos objetivos do trabalho, a 2ª, 3ª e 4ª seções apresentam o referencial teórico que embasou a presente pesquisa, abrangendo respectivamente: o enfoque sócio-histórico de homem; as concepções referentes à adolescência e o projeto de vida; a noção de direitos reprodutivos e o recorte de gênero. O 3º capítulo delinea detalhadamente a pesquisa, incluindo 3 partes: o objetivo da pesquisa e problema que a precedeu; a metodologia utilizada e a forma de analisar os dados. O 4º capítulo dirige-se exclusivamente para a apresentação dos resultados e análise dos casos. Por último, no 5º capítulo são desenvolvidas algumas considerações finais sobre os resultados da pesquisa.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1. GESTAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA

No decorrer do levantamento bibliográfico pode-se perceber a relevância de considerar o contexto social da adolescência e o recorte de gênero na compreensão da ocorrência da gravidez na adolescência. Estas duas perspectivas apresentam uma estreita ligação no cotidiano do adolescente em sua relação com a escola, a família, os amigos, o namoro, a vivência da sexualidade e da vida reprodutiva, permeando constantemente a construção dos significados e sentidos referentes à identidade e ao projeto de vida .

2.1.1. A compreensão da gravidez sob a perspectiva de gênero e de hierarquia por idade

As perspectivas acima são claramente demonstradas em pesquisa desenvolvida por LYRA DA FONSECA (1997), a qual avaliou que em nossa sociedade os filhos são percebidos como “sendo da mãe”, em referência às relações de gênero, assim como mães e pais adolescentes são reconhecidos (as) principalmente no papel de filhos (as) a partir de relações sociais de subordinação de idade. Desta forma, as dificuldades encontradas por pais ou mães adolescentes tendem a ser atribuídas socialmente ao fato destes serem adolescentes. Entretanto, os próprios limites quanto ao período de vida que corresponde à adolescência, não são claramente definidos, estando relacionados geralmente ao pertencimento a determinado estrato social. No estrato médio espera-se que o adolescente termine os estudos, encontre boa colocação no mercado de trabalho, para somente depois casar e ter filhos. Este prolongamento da adolescência freqüentemente não ocorre nos estratos populares, nos quais os adolescentes, mesmo quando permanecem estudando, alcançam o status de adulto através da inserção precoce no mercado de trabalho e da constituição de uma nova família e/ou da maternidade, no caso de algumas adolescentes, conforme analisado por PAULA (1992).

A pesquisadora comparou a perspectiva do mundo adulto, relatada por familiares e referendada por “experts” das áreas da saúde, educação e justiça, à visão dos adolescentes quanto ao fenômeno da gestação. Os resultados revelaram que a relação de subordinação do adolescente ao mundo adulto compreende a dinâmica da responsabilidade/irresponsabilidade, uma construção social defendida e perpetuada pelo mundo adulto. Para este grupo social a adolescência é considerada um momento de crise, no qual o adolescente não é responsável pelo que pensa e diz. Desta forma, os adolescentes não poderiam concretizar seus desejos em relação à sexualidade,

por não serem suficientemente amadurecidos e responsáveis para assumir as conseqüências deste posicionamento. Inserido neste contexto, o adolescente parece assumir esta projeção, incorporando-a na sua auto-imagem. Tendo esta perspectiva como referência, a gestação na adolescência é considerada “sempre” precoce e indesejada, sendo uma conseqüência da irresponsabilidade do adolescente. Ela é interpretada como um problema com importantes conseqüências negativas, que necessita de explicação e intervenção por parte da sociedade no sentido de preveni-la.

Na mesma direção, LYRA DA FONSECA (1997) ao entrevistar especialistas sobre a paternidade adolescente, verificou a presença de um enfoque preventivo ou punitivo, que procura evitar a paternidade adolescente ou busca que o adolescente expie seu erro se casando. Ao patologizar a paternidade adolescente, a sociedade dificulta a possibilidade do adolescente pensar, prevenir ou assumir a condição de pai, enquanto cidadão portador de direitos reprodutivos. Este modelo de entendimento da gravidez, da paternidade e da maternidade na adolescência se baseia na expectativa, característica dos estratos médio e alto, de que o estudo e o trabalho devem preceder o casamento, a paternidade e a maternidade, sendo uma forma de ascensão social.

PAULA (1992) encontrou importantes diferenças entre a perspectiva apresentada pelo mundo adulto e o mundo dos adolescentes. As adolescentes entrevistadas haviam abandonado os estudos em função da gravidez, do casamento ou de um emprego anterior à união do casal. Somente uma trabalhava fora de casa, as demais se diziam donas de casa por imposição do marido. As adolescentes tiveram a primeira relação sexual com o pai da criança, não utilizavam métodos contraceptivos ou os utilizavam inadequadamente. Apesar da gravidez não ter sido claramente planejada, ela foi considerada desejada no contexto de um projeto de vida de união formal ou informal. A gravidez seria uma maneira não consciente das adolescentes se tornarem adultas precocemente, por adquirirem autoridade e poder em decorrência do papel de mãe, bem como a autonomia anteriormente projetada na figura dos pais. A pesquisadora salientou que esta situação deve ser entendida como uma forma de resistência por compensação da adolescente à subordinação vivenciada na relação com o adulto. “Esta forma de resistência procura compensar a imagem do adolescente imaturo e dependente através da função materna socialmente valorizada” (PAULA, 1992, p. 160)

A resistência por compensação é considerada por ENGUITA (1989), como uma forma bastante comum entre os indivíduos de adaptação às formas sociais e ideológicas dominantes, sendo definida como: “... o mecanismo pelo qual o indivíduo se defende de sua posição subordinada em uma esfera ou instituição agarrando-se à sua posição proeminente em outra” (ENGUITA, 1989, p. 9).

A vivência da maternidade entre adolescentes como uma maneira de implementar a identidade enquanto adulta, também foi mencionada por MERRICK (1995). A autora analisou que a

gravidez entre adolescentes americanas pode ser considerada uma escolha profissional, uma alternativa, um caminho normativo na cultura afro-americana, sendo a melhor opção entre alternativas limitadas. Sob a perspectiva teórica da psicologia vocacional, a maternidade atende necessidades de auto-expressão e identidade, da mesma forma que em uma carreira profissional, tornando-se a ocupação primária. Através dela, as adolescentes assumem o papel de adulto, beneficiando-se de um recurso financeiro disponível em seu país (Benefits Of Aid To Families With Dependent Children).

MERRICK (1995) fundamentou este fenômeno nas teorias sobre a socialização da mulher desenvolvidas por CHODOROW (1990) e GILLIGAN (1993). A maternidade seria um estado de definição da identidade de mulher, no qual o self adulto se desenvolve a partir de uma visão de mulher que prioriza as relações com os outros como filha, mãe e esposa.

2.1.2. As perspectivas de vida educacional e profissional e a gravidez na adolescência.

Resultados congruentes à pesquisa de MERRICK (1995) têm sido encontrados em pesquisas realizadas no Brasil, apesar da inexistência de um benefício financeiro a mães com crianças pequenas. Ao analisar pesquisas sobre a relação entre escolaridade e a gravidez na adolescência, FÁVERO & MELLO (1997), verificam que a gravidez, para jovens sem perspectiva de êxito na educação ou na carreira, pode ser um meio de conseguir auto-estima de outras pessoas, ou a esperança de um futuro melhor. A gravidez na adolescência tem sido analisada frequentemente como conseqüência de um quadro de características que incluem o fraco desempenho e o abandono da vida escolar, baixas aspirações educacionais e vocacionais. Frente a situações de vida que muitas vezes não permitem a educação formal e melhores oportunidades profissionais, pode-se verificar uma tendência ao início precoce das relações sexuais e conseqüentemente da gravidez.

Alguns dados apontam a maior incidência de gravidez entre adolescentes com baixa escolaridade, que correspondem predominantemente a uma população com mais baixo poder aquisitivo. Isto pode ser observado claramente nos resultados da Pesquisa Nacional de Saúde Materno Infantil da BEMFAM (DHS) realizada em várias regiões do Brasil em 1996, segundo a qual metade das adolescentes de 15 a 19 anos sem nenhum ano de escolaridade já era mãe, enquanto o mesmo ocorreu com apenas 4,2% das adolescentes com 9 a 11 anos de escolaridade (CAMARANO, 1998).

Um histórico de pior desempenho escolar e mais faltas às aulas foi encontrado em adolescentes gestantes quando comparadas a adolescentes não gestantes em pesquisa realizada por HOLDEN *et al.* (1993).

Em pesquisa desenvolvida por SHOR *et al.* (1996) com 18 adolescentes, com idades entre 15 e 19 anos, residentes na Região Sul do Município de São Paulo, que estavam grávidas ou tiveram seu bebê nos últimos 12 meses que antecederam a data das entrevistas, 12 adolescentes haviam abandonado os estudos antes de engravidar, as demais se encontravam defasadas na escolaridade esperada para a sua idade. Somente uma exercia uma função remunerada, as demais desempenhavam tarefas domésticas.

Em outro estudo desenvolvido por CORRÊA & COATES (1991), entre 144 adolescentes gestantes com idades entre 12 e 17 anos, que pertenciam na maior parte dos casos ao estrato social baixo e foram atendidas em um serviço de saúde pública de São Paulo, apenas 32,6% destas estavam estudando ao engravidar.

Como indicado por PAULA (1992), ao não perceberem uma perspectiva de mudança de status social através do estudo e do trabalho, as adolescentes de baixa renda compreendem a união formal ou informal como um meio imediato de obter maior projeção social, considerando a maternidade como uma decorrência natural do casamento e do papel social da mulher. Desta forma, a divisão tradicional de papéis de gênero na família se mantém de maneira que o homem assume o papel de provedor e a mulher os papéis de mãe e dona de casa.

Como exposto por FÁVERO & MELLO (1997), o baixo desempenho e o abandono escolar também têm sido analisados em algumas pesquisas como uma consequência da gravidez na adolescência. Entretanto, tal consequência tem sido observada com menos frequência entre adolescentes que ao engravidar apresentavam um nível de escolaridade mais alto e receberam apoio social para que continuassem os estudos. Desta maneira, as autoras enfatizaram que a relação entre gravidez e posterior abandono da vida escolar deve ser analisada com cautela, levando em consideração a história acadêmica, o momento do processo educacional no qual ocorreu a gravidez, o valor da formação acadêmica e da maternidade para a adolescente. A presença de uma rede de apoio social é fundamental para possibilitar a continuidade dos estudos pela adolescente.

Em pesquisa realizada por CORRÊA & COATES (1991) entre adolescentes gestantes pertencentes ao estrato social baixo, a gravidez foi o motivo para a interrupção dos estudos em 27,1% das adolescentes. Antes desta 32,6% das adolescentes estavam freqüentando a escola, diminuindo para 5,5% das adolescentes após sua ocorrência.

2.1.3. A gravidez na adolescência como uma transgressão em um contexto social de gênero

Para compreender a gestação na adolescência alguns pesquisadores têm mencionado a importância da articulação entre um recorte de gênero e a análise do contexto social da adolescência (FÁVERO & MELLO, 1997; LYRA DA FONSECA, 1997; SIQUEIRA, 2001). Entretanto, nos estudos em que esta articulação não foi mencionada de maneira clara, os resultados encontrados foram bastante compatíveis com esta perspectiva. O estudo do fenômeno da gestação na adolescência remete diretamente a permanente construção social dos gêneros masculinos e femininos e a relação destes com a maternidade e a paternidade.

A importância desta perspectiva foi ressaltada por FÁVERO & MELLO (1997) ao pesquisar entre adolescentes gestantes o significado para estas da experiência de ter engravidado e a relação com a vida escolar. A gravidez na adolescência é relatada pelas adolescentes como diferente das outras gestações, ao ser percebida como uma transgressão. O principal ponto de enfrentamento para a adolescente não é a gravidez em si, mas o enfrentamento da família. Frequentemente esta lida com a gravidez como um problema a ser resolvido de uma forma socialmente aceita, independente do desejo da adolescente. Observa-se após a ocorrência da gravidez um papel passivo por parte das adolescentes nas resoluções quanto a seu futuro, expressa em uma total submissão às regras impostas por sua mãe inicialmente e posteriormente, no estrato baixo, às regras estabelecidas por seu marido. Estas regras se fundamentam em valores sócio-culturais relacionados à virgindade, ao comportamento sexual esperado da mulher e ao papel social de esposa e de mãe.

As autoras perceberam algumas diferenças na ocorrência da gravidez entre as adolescentes entrevistadas conforme o estrato social a qual pertenciam. Nas adolescentes do estrato médio, as relações sexuais no namoro seguiram uma fase de grande proximidade do casal, na qual a adolescente parecia se sentir insegura quanto à relação, com receio de perdê-la, podendo a relação sexual surgir como um meio de assegurar a continuidade da relação. Frente à ocorrência do casamento a adolescente tendeu a frequentar a escola durante a gestação, interrompendo-a durante o 1º ano de vida do bebê. Quando o casamento não ocorreu, a adolescente tendeu a abandonar a escola durante a gestação, evitando expor o fato publicamente. O casamento pode ser considerado como uma forma de reparação em relação à transgressão cometida pela adolescente solteira ao engravidar.

FÁVERO & MELLO (1997) expuseram que, entre as adolescentes do estrato baixo, o namorado foi recebido pela família da adolescente como alguém “da família”, e portanto “de confiança”, tendo via de regra mais de 20 anos de idade. Esta situação pareceu favorecer uma

certa sedução por parte do rapaz em relação à adolescente. Tendo ocorrido a gravidez, os esforços da família foram no sentido de garantir o compromisso de casamento junto ao namorado. Após o casamento, a continuidade dos estudos e o desempenho de atividades profissionais por parte da adolescente passaram a depender da autorização do companheiro, sendo freqüente a não permissão deste quanto à continuidade destas atividades.

A função reparadora do casamento frente à ocorrência da gravidez na adolescência também foi citada por GARCIA (1985) e TRINDADE & BRUNS (1996), independente do estrato social aos quais as adolescentes pertenciam. Ao analisar as representações de gestantes adolescentes sobre aspectos de sua problemática psicossocial, GARCIA (1985) mencionou que o casamento foi visto como uma forma de salvar a relação pré-conjugal. A família passou a gerenciar as resoluções da gestante, por considerá-la incapacitada para fazê-lo. As adolescentes apresentaram sentimentos de terem feito algo errado, de estarem perdidas, o filho foi sentido como um castigo merecido. Houve grande preocupação com a hostilidade, censura e rejeição da família e da sociedade, bem como a reação do namorado. Por outro lado, as adolescentes relataram que perceberam que familiares do sexo masculino se sentiram mais desonrados e enraivecidos com a gestação. Estas reações estariam relacionadas à concepção de que moça de família só tem relações sexuais e engravida após o casamento. Entre algumas entrevistas foi observado um padrão predominante de interação com os familiares, traduzido por relações autoritárias e dominadoras principalmente com elementos do sexo masculino.

A autora compreendeu que os problemas encontrados disseram respeito principalmente às condições nas quais ocorrem a socialização e construção da identidade social/sexual da mulher e a inserção em uma estrutura social que de alguma maneira “estigmatiza, marginaliza e oprime” a mãe solteira, embora afirme a destinação da mulher à maternidade. Atualmente homens e mulheres convivem com contradições e ambivalências quanto aos padrões de comportamento e valores relacionados ao sexo, mesclando uma aparente liberalização com ações repressivas.

2.1.4. As expectativas sociais quanto à vivência da sexualidade entre as adolescentes

Referindo-se a CHAUI (1984), TRINDADE & BRUNS (1996) enfatizaram que a sexualidade ao longo do processo sócio-histórico e cultural, tem sido regida por normas e leis, que permitem determinadas práticas enquanto reprimem outras, tendo por base a tradição cristã e a ideologia vigente. Desta maneira, pode-se compreender que com a gravidez, a sexualidade da adolescente, a qual os pais faziam de conta não existir, é denunciada as claras. Ela terá que assumir publicamente que não é mais virgem e que desempenhava a vida sexual sem pensar na procriação. Sua atitude não é bem vista socialmente, não correspondendo às normas vigentes. Diante

da gravidez na adolescência, fora do casamento, são freqüentes recriminações e reações desfavoráveis da família. O casamento, ainda legalmente legitimado para o exercício das relações sexuais, é incentivado como meio reparador.

A permanência de valores e expectativas sociais específicas ao exercício da sexualidade feminina foi destacada por DESSER (1993) em dissertação de mestrado na qual entrevistou 24 adolescentes, com idades entre 13 e 19 anos, que estiveram grávidas. A autora teve por objetivo explorar o significado para estas da vivência de ser mulher e adolescente, abordando como a identidade feminina se estrutura e reestrutura especialmente em relação a sexualidade.

DESSER (1993) analisou que apesar da virgindade pré-marital não ser mais freqüente entre as adolescentes, seu valor permanece na sociedade através da existência de padrões de normatização/estigmatização, que controlam a sexualidade feminina diferentemente do homem. A sexualidade fora do casamento somente pode ser sancionada e considerada normal ao ser enquadrada a parâmetros de honestidade e inocência frente à relação sexual, que envolvem a presença do amor, da cessão ao outro, da exigüidade de parceiros e principalmente da não premeditação. Um importante instrumento de controle da sexualidade da adolescente é a prática de confissões detalhadas de sua vida sexual e afetiva ao parceiro e, eventualmente, a familiares e outros pares. Desta maneira, prevenir racionalmente a gravidez implica em assumir uma sexualidade ativa, que foge ao padrão de inocência esperado à mulher. Para a adolescente exercer sua sexualidade de forma ativa, responsável e programada, com a utilização de métodos contraceptivos, é necessário assumir e superar a culpa e a estigmatização decorrentes da transgressão à norma social.

As características sancionadas socialmente como específicas à sexualidade feminina, descritas por DESSER (1993), estão relacionadas ao amor, à paixão e ao romantismo. MEDORA, GOLDSTEIN & HELLEN (1994) verificaram que mães e gestantes adolescentes apresentaram índices de romantismo significativamente mais altos que adolescentes não gestantes e não mães em uma escala de romantismo, "Dean Romantism Scale" (DEAN, 1961). Adolescentes não gestantes e não mães foram interpretadas como mais realistas e práticas, em oposição as gestantes e mães que idealizariam mais a gestação, a maternidade e as relações afetivas.

Em pesquisa com gestantes adolescentes, DIAS & GOMES (2000) analisaram que estas apresentavam expectativas claras quanto a um encontro sexual prazeroso, diferentemente da inocência expressa no amor romântico descrita por DESSER (1993). Elas haviam planejado e buscado ansiosamente o ato sexual, correspondendo a uma imagem de mulher que toma iniciativas quanto ao exercício de sua sexualidade. Como destacado por TRINDADE & BRUNS (1996), uma diversidade de padrões em relação à masculinidade e feminilidade coexistem na sociedade atual.

2.1.5. A comunicação sobre a sexualidade e a prevenção da gravidez entre familiares e adolescentes

Diversos autores têm constatado com frequência a ausência de uma comunicação aberta sobre a sexualidade entre pais e filhos, principalmente em relação às adolescentes, apesar das importantes mudanças sociais quanto aos papéis femininos e o exercício de sua sexualidade (SHOR; FERREIRA, PIROTTA *et al.*, 1996; TRINDADE & BRUNS, 1996; FÁVERO & MELLO, 1997; NUNES, 1998; DIAS & GOMES, 2000).

As gestantes e mães adolescentes pesquisadas por TRINDADE & BRUNS (1996) referiram praticamente a ausência de oportunidades de conversar com pais e professores, no seu dia a dia, sobre dúvidas referentes à sexualidade. Conversar com os adolescentes sobre a sexualidade envolve além do fornecimento de informações, a necessidade de que ambos lidem com os afetos envolvidos e com valores morais presentes em determinada cultura e em determinada época. Desta forma, frequentemente os adolescentes, de ambos os sexos, não se sentiam à vontade de perguntar suas dúvidas a seus pais com receio de serem repreendidos.

Posteriormente, ao entrevistar pais e futuros pais adolescentes, TRINDADE (1997) pode verificar novamente a ausência de reflexões e diálogos sobre a sexualidade em seus cotidianos. O tema da sexualidade foi marcado pelo silêncio entre pais e filhos, ocorrendo no máximo falas superficiais. Por exemplo, quando o filho vai a uma festa, os pais dizem “Cuidado, heim?”. Tendo como referencial teórico-metodológico a fenomenologia Ontológico-Hermenêutica de Martin Heidegger, a pesquisadora compreendeu que nesta situação uma fala inautêntica foi estabelecida, não tendo ocorrido um verdadeiro diálogo no qual as pessoas expressaram abertamente seus sentimentos. Frequentemente, os adolescentes não dirigiam suas dúvidas aos pais e estes se calavam, fingindo não saber que seus filhos mantinham relações sexuais com a namorada. Frente à falta de disponibilidade dos pais para o diálogo, muitas vezes os adolescentes evitavam se abrir com seus pais, preferindo compartilhar a sua realidade com seus pares.

A falta de orientação quanto aos métodos contraceptivos e o medo dos pais descobrirem que estava tendo relações sexuais foram citados por mães e gestantes adolescentes entrevistadas por SHOR, *et al.* (1996) entre as justificativas para a não utilização de métodos contraceptivos.

NUNES (1998) verificou nos relatos de pais adolescentes uma maior pressão, entre a família da adolescente, por parte do pai desta, o qual sentia sua filha “roubada” sem sua permissão, ao saber da gravidez. O autor analisou que apesar do importante movimento de liberação sexual pela qual a sociedade passou, os familiares continuam apresentando dificuldades em lidar com o namoro e a manifestação sexual da adolescente.

Em pesquisa com mães adolescentes, FÁVERO & MELLO (1997) perceberam que as dificuldades encontradas por estas e seus familiares quanto à gravidez estavam relacionadas à permanência da importância da virgindade para os últimos. Desta forma, a dificuldade de conversar claramente sobre as relações sexuais e o risco de gravidez, assim como o receio de que o uso de contraceptivo denunciase sua vida sexual foram manifestados na relutância das adolescentes em fazer uso de anticoncepcionais, sendo acompanhada pelo “pensamento mágico” de que a gravidez não ocorreria com ela, embora soubessem que as relações sexuais possam levar a isso. Com um tipo de raciocínio parecido, as mães pareceram não orientar as filhas quanto ao uso de contraceptivo, como se desta forma evitassem a concretização das relações sexuais. A atitude dos familiares no sentido de não orientar as filhas sobre a sexualidade é compatível com as expectativas sociais em relação à sexualidade feminina expostas por DESSER (1993), de que esta não deve ser premeditada. Nestes casos, pode-se perceber a manutenção de um padrão de repressão sexual dirigido às mulheres e a presença de uma dupla moral quanto à educação sexual, diferenciada conforme o sexo dos filhos.

Em pesquisa com gestantes adolescentes, DIAS & GOMES (2000) analisaram o poder comunicativo das informações recebidas sobre sexualidade em relação à construção de seus sentidos quanto à realização do ato sexual. As conversas com a família sobre a sexualidade estiveram presentes entre algumas adolescentes e ausentes em outras, sendo a mãe o interlocutor preferencial. Entretanto, quando presente, o diálogo entre ambas não foi estabelecido, não tendo ocorrido uma compreensão efetiva por parte das adolescentes quanto à prevenção da gravidez. Elas não se mostraram confiantes quanto a conversarem com suas mães sobre sua vida sexual, enquanto estas últimas demonstraram ambigüidade frente à realidade sexual das filhas, mantendo um receio de que a orientação fornecida estimulasse o início da vida sexual da filha ao considerarem ser cedo para que a filha passasse da orientação à concretização. Diante desta situação, as adolescentes buscaram informações com outras pessoas, geralmente tias e amigas. DIAS & GOMES (2000) perceberam que, de maneira geral, houve dificuldade de compreensão por parte das adolescentes quanto às informações recebidas pelos diferentes interlocutores, sendo estas consideradas insuficientes para reduzir suas incertezas. Entendendo que a comunicação interpessoal possibilita uma atualização constante do que é aprendido, ao esclarecer e fortalecer a comunicação intrapessoal, DIAS & GOMES (2000) enfatizaram a importância de que os programas de orientação sexual estejam voltados para a preparação dos familiares no sentido do desenvolvimento de habilidades informativas e comunicativas em relação as suas filhas.

Conforme analisado por SHOR, *et al.* (1996) há uma lacuna entre o conhecimento que as adolescentes possuem sobre os métodos e sua utilização. As orientações obtidas pelos adolescentes com amigos e familiares não têm sido suficientes. É preciso aumentar o acesso destes aos

serviços de saúde, para a aquisição de orientações seguras a respeito da sexualidade. É necessário o estabelecimento de relacionamentos entre adolescentes e adultos que possibilitem momentos de reflexão e análise sobre o contexto que vivem e sobre a responsabilidade quanto aos caminhos de vida seguidos (TRINDADE & BRUNS, 1996). As ações dirigidas à gravidez na adolescência colocam em questão o que é uma “educação sexual”, ao envolver valores e conceitos sobre masculinidade, feminilidade, casamento, relação homem-mulher, maternidade, paternidade (FÁVERO & MELLO, 1997).

2.1.6. Os projetos de vida dos adolescentes anteriores à gravidez

Duas situações distintas têm sido destacadas pelas pesquisas ao examinar os projetos de vida dos adolescentes anteriores à gravidez. Na primeira delas, os autores referem que os adolescentes não costumavam pensar sobre suas vidas no dia a dia, não as planejando e não se sentindo comprometidos e responsáveis por seu futuro.

Esta situação foi percebida por TRINDADE & BRUNS (1996) ao procurar compreender o fenômeno da maternidade e paternidade na adolescência, a partir da análise do discurso de jovens gestantes, mães, pais e futuros pais com idades entre 15 e 21 anos, em uma perspectiva fenomenológica. Os resultados revelaram que as adolescentes, ao saber da gravidez, geralmente apresentaram surpresa e espanto pelo fato ocorrido, tendo a idéia de que isto nunca ocorreria com elas, sempre com as outras adolescentes. A gravidez aconteceu, sem a adolescente pensar que poderia acontecer. As autoras interpretaram este fato como um modo de existência marcado pela inautenticidade, no qual as adolescentes não se percebiam como sujeitos participantes responsáveis pelo próprio corpo, pelo seu modo de ser e pela gravidez.

TRINDADE & BRUNS (1996) referiram que a inautenticidade pôde ser percebida também na mudança de vida das adolescentes frente ao nascimento do bebê. Neste momento, os seus planos para o futuro se tornaram vagos, ficando a mercê do que ocorrer após o nascimento e crescimento do filho. Desta maneira, freqüentemente as adolescentes não voltaram a estudar.

Tendo como referencial teórico-metodológico a fenomenologia Ontológico-Hermenêutica de Martin Heidegger, TRINDADE (1997) entrevistou 7 pais adolescentes com idades entre 17 e 19 anos, em dissertação de mestrado, com o objetivo de ampliar a compreensão sobre a vivência da paternidade na adolescência. Semelhantemente a sua pesquisa anterior, a maior parte dos adolescentes revelou ter ficado surpreso frente à gravidez da parceira, por não esperar que acontecesse naquele momento e pensar que aconteceria somente com os outros, não com eles próprios. Com base nas categorias autenticidade e inautenticidade desenvolvidas por Heidegger, TRINDADE (1997) compreendeu que esta atitude correspondeu a uma maneira inautêntica de

ser-no- mundo, na qual os adolescentes, estando envolvidos com a imediatez e com seu fazer-presente, não refletiram sobre a possibilidade de gravidez frente às relações afetivo-sexuais com as parceiras. O “choque” quanto à ocorrência da gravidez esteve freqüentemente associado à perspectiva comum entre estratos sociais médio e alto de que a adolescência não é a “idade certa” para a gravidez, devendo ser postergada em função do projeto educacional e profissional. Engravidar “na idade certa” possibilita ao jovem ser aceito por aqueles que compartilham este mesmo discurso. Não fazendo parte dos planos anteriores, a gravidez das parceiras proporcionou aos jovens responsabilidades e tarefas que não faziam parte de sua vida anterior, sendo necessário à reformulação de seu projeto de vida. Portanto, freqüentemente foi percebida uma vivência de desconforto frente à adaptação a esta nova realidade. Alguns adolescentes revelaram sentimentos de perda da liberdade da adolescência, ao perceberem que deveriam assumir a função reconhecida socialmente como de pai, buscar um emprego e ser responsável pelo sustento de sua parceira e seu filho. Entretanto, sentimentos de alegria e felicidade também foram citados pelos adolescentes pelo nascimento possibilitar o estabelecimento de uma relação afetiva com seu filho.

Boa parte dos adolescentes mencionou que, após a gravidez, a relação com a parceira se tornou mais próxima em função das demandas quanto ao cuidados para com o filho ou, também, pelo fato do casal passar a compartilhar o mesmo teto. Pode-se perceber que para alguns adolescentes esta vivência foi novamente marcada pela inautenticidade, uma vez que o rapaz passou a viver junto com a adolescente, principalmente para atender a pressões sociais quanto a assumir o papel de pai, não correspondendo a seu desejo pessoal.

A falta de percepção de si enquanto responsável por sua vida, também foi destacada por MORGAN, CHAPAR & FISCHER (1995). Comparando jovens com idade entre 15 e 21 anos que tinham engravidado em relação a outras jovens que não haviam engravidado, os autores perceberam que as primeiras tiveram escores mais altos no item “powerful other” (outro com poder) da escala “Multidimensional Health Locus of Control”, que aquelas do segundo grupo. Este item da escala é considerado um dos componentes externos do *locus* de controle de saúde, em oposição ao componente interno. O componente “powerful other” está relacionado à crença pelo indivíduo de que a saúde é determinada pela força de uma outra pessoa: médicos, enfermeiras, família, amigos. A “chance”, o segundo componente externo, considera que a saúde está associada à sorte, destino ou ocasião. O componente interno diz respeito a fatores referentes ao próprio controle como responsáveis pela saúde/doença. Os autores avaliaram que as gestantes adolescentes com altos índices de “powerful other”, dependem mais de outras pessoas para tomar decisões de saúde, sendo mais suscetíveis à pressão de seus pares e mais dependentes de figuras de autoridade que outros adolescentes. Desta maneira, estas adolescentes estariam em mais risco para

gestações não desejadas que adolescentes mais autoconfiantes. Estes resultados encontrados com mais frequência entre as adolescentes gestantes apresentaram alguma semelhança com os padrões sociais tradicionais quanto ao comportamento feminino, através dos quais as mulheres tendem a ser descritas como sendo “naturalmente” mais dependentes, inseguras e com mais dificuldades de tomar decisões por conta própria (DOMÍNGUEZ, 1998).

A referência a padrões sociais de gênero remete a segunda situação a ser analisada quanto aos projetos de vida dos adolescentes, anteriores à gravidez. Algumas pesquisas indicaram a ocorrência de um projeto de vida explícito ou implícito quanto à maternidade e/ou à paternidade em grande parte congruente a padrões tradicionais de gênero. Estes padrões também foram encontrados em valores, expectativas e comportamentos dos adolescentes após a gravidez.

TRINDADE & BRUNS (1996) enfatizaram que apesar da revolução sexual, os papéis legados pelas gerações anteriores podem ainda estar presentes nos comportamentos dos adolescentes de hoje. Não é raro o homem ser educado para o papel de provedor, devendo demonstrar virilidade, força e uma sexualidade ativa e a mulher ser educada para casar, ter filhos, ser passiva, tranqüila, cordial. Entretanto, no processo de socialização outros modelos de mulher e homem são apresentados concomitantemente, como por exemplo, o da mulher de negócios bem sucedida e independente. Uma diversidade de padrões, por vezes, ambígua está presente na formação da identidade dos adolescentes atualmente.

Contrariamente a expectativas do senso comum de que a gravidez na adolescência é “sempre” inesperada, diversos estudos têm revelado um número significativo de gestações planejadas nesta faixa etária. Entre 100 adolescentes investigadas por PAIVA, CALDAS & CUNHA (1998) atendidas no Programa de Assistência Multidisciplinar à Mãe e à Gestante Adolescente na Unidade de Saúde Hamilton Land da Secretaria Municipal de saúde do Rio de Janeiro, 42% das adolescentes tiveram intenção de engravidar.

CORRÊA & COATES (1992) realizaram um estudo com 144 gestantes adolescentes primigestas, com idades entre 12 e 17 anos, atendidas no Departamento de Pediatria da SCMSp. As autoras enfatizaram o perfil distinto encontrado entre adolescentes conforme tivessem relatado que desejaram ou não a gravidez. Entre os resultados, mais da metade (54,2%) das adolescentes afirmaram ter desejado engravidar, sendo que 20,6% destas (16) tinham 14 anos ou menos ao engravidar, incluindo adolescentes com 12 e 13 anos.

A maior parte das adolescentes que quiseram ter um filho estava casada ou vivendo em união consensual (69,3%) ao engravidar, tendo esta ocorrido em um relacionamento estável com mais de um ano de duração e após seis meses ou mais de relação sexual. Além de terem baixa escolaridade, estas adolescentes haviam interrompido os estudos antes de engravidar com mais frequência do que as adolescentes que não desejavam engravidar, apenas 19,2% estavam estu-

dando ao engravidar. Após a concepção somente 1,3% continuaram os estudos. No grupo de adolescentes que não queriam engravidar, 48,5% estavam freqüentando a escola na ocasião da concepção, sendo que 37,9% destas interromperam os estudos em função da gestação. Desta forma 10,6% das adolescentes que não desejavam engravidar continuaram estudando apesar da gravidez. A maior parte das adolescentes deste grupo era solteira (69,7%) ao engravidar e moravam com seus pais, sendo que em 50% dos casos a gravidez ocorreu no primeiro mês após o início das relações sexuais. A análise destes dados demonstrou que as adolescentes que desejaram engravidar apresentaram um projeto de vida mais voltado para o casamento e a maternidade, do que as adolescentes que não desejavam engravidar, sendo acompanhado com mais freqüência por um histórico de baixa escolaridade e interrupção dos estudos anterior à gravidez.

DESSER (1993) observou que os projetos de vida de adolescentes gestantes pertencentes ao estrato médio ou a famílias nucleares de estratos operários incluíam expectativas de se tornarem gradualmente “mulheres independentes e emancipadas” através do estudo formal e da profissionalização. Entretanto, as últimas encontravam dificuldades para efetivar o seu projeto em função de suas condições objetivas de vida. Por outro lado, o processo de identificação das adolescentes de famílias matrifocais de estratos operários, formadas por mãe, filhos (as) de relações sucessivas e seus eventuais companheiros, ocorria com a identidade adulta de mãe/esposa. Para elas o significado do estudo e o trabalho estavam voltados ao momento presente, sendo interrompidos assim que a constituição da própria família era concretizada.

LUZ & CASTRO (1995) realizaram uma pesquisa qualitativa comparando a saúde reprodutiva de mulheres que tiveram filhos entre 1920 a 1940 e 1980 a 1990 em Porto Alegre. Pode-se constatar que as adolescentes que engravidaram entre 1980 e 1990, diferentemente das mulheres do período de 1920 a 1940, viveram a relação sexual precedendo o casamento, sem necessariamente ter este compromisso. Para algumas jovens, abrir mão da virgindade pareceu ser um sinal de maturidade, um rito de passagem para a vida adulta. As mulheres passaram a participar do mercado de trabalho, se tornando mais ativas no relacionamento afetivo e em sua vida pessoal. Entretanto, ao se tornarem mães, as adolescentes de alguma maneira apresentaram padrões comuns às mulheres do período anterior por deixarem de cursar a escola. Frequentemente, ocorreu uma redução no mundo de relação da adolescente, que ao deixar de estudar, ficou isolada no espaço doméstico e diminuiu a circulação no espaço público. A gravidez passou a ser um elemento indutor do afastamento das pessoas amigas. As adolescentes assumiram o papel tradicional de mães e donas de casa, enquanto os homens foram responsabilizados pelo sustento da família. LUZ & CASTRO (1995) perceberam de alguma maneira, nos relatos das participantes que foram mães entre 1980 a 1990, a ocorrência de uma rotulação e discriminação social da mulher como “decente” ou “vadia”, conforme padrões sociais masculinos.

2.1.7. Os modelos sociais quanto à maternidade na adolescência e a experiência de cuidado de crianças.

A experiência quanto ao cuidado de crianças e a presença de modelos sociais de maternidade na adolescência entre familiares e pessoas próximas também têm sido destacada em algumas pesquisas antecedendo a ocorrência da gravidez planejada ou não planejada entre adolescentes. Estes antecedentes podem ser complementares à construção de um projeto de vida direcionado à maternidade.

Freqüentemente a mãe da adolescente foi também uma mãe adolescente solteira e, às vezes, também o foram suas irmãs, e amigas. Em pesquisa realizada por CORRÊA & COATES (1991) 46,1% das adolescentes engravidaram com a mesma idade que suas mães tinham na sua 1ª gravidez, sendo que 38,1% delas eram solteiras naquela ocasião. PAIVA *et al.* (1998) encontraram índices ainda mais altos. Entre as adolescentes pesquisadas, suas mães tiveram seu primeiro filho também na adolescência em 70% dos casos.

Em um estudo desenvolvido por HOLDEN *et al.* (1993) os resultados encontrados foram compatíveis com a ocorrência de uma modelagem social em adolescentes, tendo como referencial a gravidez de uma amiga íntima ou de alguma parenta. O grupo de gestantes adolescentes mais freqüentemente teve uma parenta (72% comparado com 39%) e/ou uma amiga íntima (86% comparado com 68%) que foi mãe adolescente do que o grupo de não gestantes. Este estudo apresentou um suporte parcial para o papel da mãe como modelo. As adolescentes gestantes não tiveram maior probabilidade de terem sido filhas de mães adolescentes. Entretanto, suas mães eram significativamente mais jovens na ocasião do nascimento da filha do que as mães do grupo controle.

O cuidado de irmãos menores anteriormente a gravidez foi observado em 56% das gestantes adolescentes entrevistadas por PAIVA *et al.* (1998), tendo servido como aprendizado para a maternidade.

HOLDEN *et al.* (1993) ao comparar gestantes e não gestantes adolescentes quanto ao conhecimento e às expectativas sobre criação de crianças e cuidados parentais, verificaram que as gestantes adolescentes esperavam ser mais fácil a criação e o cuidado parental do que as não gestantes.

2.1.8. A paternidade na adolescência

Finalmente, tendo por base a perspectiva teórica de gênero, a compreensão da gestação na adolescência envolve a inclusão da paternidade adolescente no âmbito das pesquisas e das

políticas públicas, como ressaltando por TRINDADE & BRUNS (1996,1998); LYRA DA FONSECA (1997), NUNES (1998) e SIQUEIRA (2001).

NUNES (1998) realizou uma pesquisa na qual investigou como a paternidade foi vivenciada por adolescentes entre 14 e 20 anos, moradores de Porto Alegre. Frente à ocorrência de uma gravidez não planejada, os adolescentes se depararam drasticamente com a necessidade de lidar simultaneamente com dois papéis sociais distintos. O papel de pai que remetia a responsabilidade, a privação das saídas noturnas e a necessidade de trabalho remunerado se contrapunha ao papel de adolescente que era representado por um momento de festa, de “ficar” com as meninas, de “farra” e de “ensaio do comportamento sexual frente ao sexo oposto”. Além dos adolescentes não se sentirem preparados psiquicamente para a paternidade, eles se deparavam com uma sociedade que os rotulava como imaturos, não os ajudando a assumir este papel. Frente a estereótipos rígidos impostos pela sociedade, tornou-se difícil ao adolescente manter sua individualidade, identidade e auto-estima.

Em um estudo realizado por TRINDADE & BRUNS (1996) com 20 jovens do sexo feminino, ao tentar entrevistar também os pais das crianças, as pesquisadoras somente conseguiram entrevistar 4 rapazes. Segundo as informações das jovens, isto ocorreu em função do abandono por parte dos parceiros ou por estes preferirem não participar. Destacando o silêncio destes jovens, as autoras analisaram que de maneira geral, as mulheres ainda são consideradas as principais responsáveis pela educação dos filhos e trocas afetivas com estes, bem como pelas tarefas domésticas. Diferentemente dos homens, as mulheres são preparadas desde pequenas para a maternidade. Além disto, a cobrança social à mulher quanto à regulação da fecundidade é frequentemente maior do que ao homem, afinal a gravidez é claramente visível, não sendo possível questionar a maternidade como acontece algumas vezes em relação à paternidade.

Motivada pela pesquisa acima, TRINDADE (1997) dirigiu sua pesquisa de mestrado no sentido de compreender a vivência da paternidade entre adolescentes. Tendo ocorrido a gravidez de maneira inesperada, entre os jovens pesquisados, a pesquisadora verificou a importância do apoio familiar a estes adolescentes quando se depararam com expectativas sociais quanto a assumir a paternidade e as responsabilidades dela decorrentes, especialmente enquanto provedor. A família além de possibilitar um equilíbrio emocional, frequentemente também pode fornecer apoio financeiro. Entretanto, nem sempre os adolescentes sentem um verdadeiro apoio dos pais, os quais apesar de se sentirem com obrigação de ajudar os filhos, acabam transmitindo intensas cobranças e rejeições, para com a situação de gravidez. Conforme o referencial de Heidegger, TRINDADE (1997) enfatizou a oportunidade que a gravidez oferece aos pais e filhos, no sentido de passarem a refletir sobre o seu ser-no-mundo, em direção a um assumir autêntico das responsabilidades.

Apesar dos participantes concordarem quanto a função do pai como provedor, uma diversidade de percepções foi verificada quanto ao que se espera da função de pai. Concepções tradicionais de que mulher é a maior responsável pela educação dos filhos estiveram presentes entre os adolescentes, enquanto novas concepções foram apontadas por alguns adolescentes, considerando que o pai deve acompanhar o desenvolvimento do filho e cuidar deste junto com a mãe. Além disto, opondo-se aos 7 adolescentes que participaram da pesquisa, outros 9 optaram por não participar da pesquisa sendo que alguns afirmaram não querer falar sobre suas vidas como pais adolescentes. Algumas interpretações foram sugeridas pela pesquisadora a este fato. Este silêncio poderia estar relacionado a uma prática em suas vidas de não refletir sobre esta. Além disto, o adolescente poderia ter evitado participar da entrevista para não se defrontar com sua realidade, a qual poderia incluir um possível não desejo de ser pai e a existência de uma pressão familiar para assumir a criança e a parceira. Entretanto, considerando a impossibilidade de conhecer o real significado do silêncio, a pesquisadora não descartou a possibilidade deste silêncio corresponder a um momento de reflexão de alguns adolescentes sobre sua vida.

LYRA DA FONSECA (1997) analisou sistematicamente informações sobre como a paternidade adolescente vem sendo percebida e tratada no Brasil, especialmente na cidade de São Paulo, por diferentes estâncias relacionadas às áreas jurídica, demográfica, escolar, da saúde e da sexualidade. Buscou-se compreender as condições pelas quais a sociedade tem facilitado ou dificultado o envolvimento dos homens na vida familiar. Neste sentido, a legislação referente à paternidade, maternidade, as respectivas licenças de trabalho e a própria divisão social do trabalho por gênero apresentam um papel fundamental.

O pesquisador constatou que os pais adolescentes foram incluídos em poucos trabalhos acadêmicos brasileiros que discutiam a gravidez e maternidade adolescente. Além disso, os instrumentos utilizados por instituições que coletam e sistematizam dados no Brasil, entre eles os registros de nascimento junto a hospitais e cartórios de registro civil, a declaração de nascidos vivos e outros levantamentos do Ministério da Saúde, IBGE e Fundação SEADE (Sistema Estadual de Análise de Dados) dirigiram-se especialmente a informações referentes à maternidade. A única exceção encontrada se referiu as pesquisas sobre saúde reprodutiva e sexualidade realizadas pela BEMFAM em 1992 e 1997, que coletaram informações com jovens e adolescentes de ambos os sexos. Desta maneira o autor percebeu que: “A paternidade adolescente constitui-se um não lugar na sociedade brasileira” (LYRA DA FONSECA, 1997, p. 10).

A concepção e criação dos filhos têm sido atribuídas culturalmente predominantemente às mulheres. Tendo como referência as relações de gênero, os filhos são percebidos como “sendo da mãe”. Poucas expectativas sociais são dirigidas aos homens quanto à participação e responsabilidade para com o processo de reprodução.

SIQUEIRA (2001) realizou uma pesquisa em quatro programas públicos de atendimento pré-natal que atendem adolescentes na região da grande Florianópolis, na qual analisou as concepções de profissionais, gestantes e pais adolescentes sobre a paternidade e a participação do pai durante a gestação e o pré-natal, bem como a presença de estratégias nestes programas que favoreçam ou não a inserção dos pais ao atendimento.

Pode-se verificar de maneira marcante a permanência de um padrão social de divisão do trabalho no casal/família entre os adolescentes pesquisados de ambos os sexos, no qual o homem teve como a principal responsabilidade o sustento financeiro da família, enquanto as gestantes adolescentes se preparavam para assumir o papel de mãe e dona de casa. A maioria destas, na ocasião da gestação não estavam estudando, nem exercendo alguma atividade remunerada. Apesar disto, tanto os pais como as gestantes adolescentes se referiram ao surgimento de um novo modelo de pai, não limitado apenas ao papel de provedor, mas interessado em estar próximo da gestante e do bebê, preocupando-se com estes, cuidando e demonstrando carinho pela criança e até mesmo dividindo as tarefas domésticas.

Estas mudanças percebidas na relação familiar, não foram acompanhadas pela participação dos pais durante o programa de pré-natal. A maior parte das adolescentes achou importante a participação do pai (79,36%) no programa, mas apenas 23,80% destas referiram que este participava. A participação ocorreu geralmente a partir do desejo deste de acompanhar a gestação, tendo assumido a paternidade em uma relação de co-habitação com a gestante. Nesta situação destacou-se também uma posição ativa da adolescente no sentido de incentivar a participação do companheiro. Contrariamente, diante da interrupção da relação amorosa entre a adolescente e seu parceiro freqüentemente ocorre um afastamento do pai em relação à criança, reforçado pela adolescente.

Todos os profissionais de saúde pesquisados responderam que seria importante a participação dos pais durante o programa de pré-natal, mas a maioria destes (82,36%) revelou não conhecê-los ou conhecer apenas alguns deles. A análise destes resultados indicou que a concepção do homem como sujeito de direitos reprodutivos, destacada nas Conferências Internacionais do Cairo e Beijing, não foi incorporada às práticas de atenção à saúde reprodutiva dos serviços pesquisados. Os profissionais de saúde atribuíram aos homens a responsabilidade pela pouca participação durante o pré-natal, não avaliando a co-responsabilidade do serviço neste sentido. Algumas vezes esta ausência foi interpretada como resultado do homem não assumir a paternidade, ter se afastado da mulher ou não ter consciência da importância de sua participação, considerando ser uma responsabilidade exclusiva da mulher.

Freqüentemente a ausência dos homens foi atribuída tanto pelos profissionais, como pelos adolescentes, ao fato destes não poderem comparecer ao horário das consultas por estarem

trabalhando. Entretanto, os profissionais afirmaram que a participação do homem no pré-natal praticamente não tem sido incentivada, o que é confirmado por 73,02% das gestantes adolescentes. Além disto, alguns profissionais expuseram claramente que a ênfase do programa é dirigida à mulher. A falta de incentivo para que os pais adolescentes participassem do programa ficou bastante clara no relato de alguns deles, de que ao acompanharem a parceira às consultas não eram convidados para entrar na sala junto com a adolescente.

SIQUEIRA (2001) relatou não ter encontrado, entre os programas pesquisados, evidências quanto à utilização de estratégias efetivas no sentido de incluir os homens. Isto é verificado na falta de disponibilidade dos serviços quanto a oferecer um horário alternativo para as consultas e reuniões que facilitasse a participação do homem, mesmo diante da percepção de que o horário oferecido dificultava esta participação. Percebe-se nos discursos e na prática dos profissionais dos serviços pesquisados a permanência de um modelo tradicional de saúde reprodutiva focalizado na mulher, no qual o homem ocupa um papel coadjuvante em relação a sua companheira. Considerando a existência de uma relação de poder entre os profissionais de saúde e os usuários, a participação do pai acabou sendo fortemente desestimulada, uma vez que especialmente entre os estratos populares, os sujeitos não se percebem como portadores de direitos, aguardando o convite e a permissão dos profissionais para o pai participar, por exemplo de consultas médicas. Como salientou a pesquisadora, isto pode justificar a ambivalência observada no fato de 33,33% das gestantes adolescentes terem referido que não faziam nada no sentido de incentivar a participação do pai da criança, apesar da maioria das adolescentes considerar que seria importante. A mesma proporção de adolescentes convidavam seus parceiros para acompanhá-las. Algumas adolescentes também justificaram a preferência do pai da criança de não comparecer ao atendimento por sentir vergonha ou considerar que isto é coisa de mulher. A autora avaliou que estas colocações remetem a percepção pelos homens de que estariam se inserindo em um território feminino.

2.2. O ENFOQUE SÓCIO-HISTÓRICO

Pesquisar o fenômeno da gestação na adolescência implica em compreendê-lo no contexto social e histórico que está inserido. Desta maneira, o enfoque sócio histórico foi adotado como base teórica, por explicitar uma concepção de homem que rompe com a dicotomia sociedade e indivíduo, uma vez que o indivíduo só pode ser compreendido no contexto da sociedade que vive e nas relações sociais que estabelece. A vida do homem, desde o seu nascimento, é caracterizada pela participação em grupos, sendo esta necessária para a sua sobrevivência. Fazendo

parte de uma sociedade concreta o homem é produzido sócio-historicamente, mas também é sujeito da história produzindo e transformando a sociedade através de sua ação.

Como descreveu LANE (1987) este enfoque da psicologia social iniciou seu desenvolvimento na América Latina, a partir do Congresso Interamericano de Psicologia no ano de 1976, em Miami, como uma crítica à psicologia social que concebia o indivíduo e a sociedade como instâncias isoladas que interagem, limitando-se a descrição de comportamentos, a influência do meio social ao indivíduo e a adaptação deste a sociedade. Tendo por objetivo a neutralidade científica, a psicologia social com uma concepção positivista, reproduzia a ideologia dominante ao interpretar comportamentos do homem como “naturais”, ou mesmo “universais”, desconsiderando a realidade social na qual estes se inseriam. Neste contexto, fundou-se a Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO) delimitando uma “nova” psicologia social no Brasil, a qual envolve um novo referencial teórico-epistemológico, bem como a utilização de recursos metodológicos e práticas sociais voltadas para as necessidades da comunidade.

“É dentro do materialismo histórico e da lógica dialética que vamos encontrar os pressupostos epistemológicos para a reconstrução de um conhecimento que atenda à realidade social e ao cotidiano de cada indivíduo e que permita uma intervenção efetiva na rede de relações sociais que define cada indivíduo-objeto da Psicologia Social” (LANE, 1987, p. 15 e 16).

Para apreender o indivíduo concreto, fruto de uma realidade histórico-social-cultural parte-se de um momento empírico inicial, o qual é analisado e aprofundado criticamente em abordagens sucessivas. A partir da reflexão crítica contínua e do confronto de diferentes momentos empíricos e das análises teóricas destes provenientes é possível ir além do aparente, aproximando-se de uma real compreensão do homem. A construção de categorias teóricas básicas, tais como consciência, atividade, linguagem, ideologia e identidade, destacam-se como fundamentais a este processo.

Tendo por base conceitos de Marx e Engels, LEONTIEV (1978) destacou a presença da linguagem e da atividade de trabalho em grupo como condições necessárias e propulsoras ao aparecimento da consciência humana. Desta maneira, o homem adquiriu a possibilidade de distinguir a realidade objetiva do seu reflexo em sua consciência, observar a si próprio e ter consciência de si. Através do trabalho o homem relaciona-se com a natureza, modificando-a, enquanto modifica a si próprio. Sua atividade de trabalho tem como característica básica a fabricação e a utilização de instrumentos em uma relação coletiva com outros homens. Nos primeiros estágios de desenvolvimento do homem uma primitiva divisão de trabalho já estava presente. À medida que a atividade humana foi se tornando mais complexa, ela passou a ser dividida em diferentes operações distribuídas entre os membros da coletividade. Desta forma, o objeto direto de determinada ação pode aparentemente se distanciar do motivo da atividade coletiva, ao ser conside-

rada separadamente da atividade de grupo a qual pertence. A divisão do trabalho em diferentes operações somente foi possível a partir da possibilidade do homem refletir sobre o sentido de sua ação, como parte de um conjunto objetivo de relações sociais dirigidas a um mesmo motivo. Portanto, o aparecimento do pensamento, da reflexão e do conhecimento humano em geral, como salientou LEONTIEV (1978) ocorreu em conjunto com o desenvolvimento da consciência social. A comunicação entre os seres humanos foi desde o início estimulada pelo processo social de trabalho, o qual tem além da função produtiva, uma função de comunicação entre os homens. “A produção da linguagem, como da consciência e do pensamento, está diretamente misturada na origem, à actividade produtiva, à comunicação material dos homens” (LEONTIEV, 1978, p. 87).

Os sistemas de significação, a língua, a ciência, as representações de uma sociedade são produzidas historicamente através da atividade e interação humanas, constituindo a base da consciência social e possibilitando a formação da consciência individual. Desta maneira desenvolve-se o processo de transmissão cultural e aquisição de diversas significações, experiências e práticas sociais das gerações precedentes. A apropriação de significações, no decorrer das interações e atividades que o sujeito estabelece com o mundo que o cerca, são particularizadas em uma diversidade de sentidos pessoais subjetivos.

Como destacou LANE (1983; 1987) é a partir da aprendizagem da língua materna que a criança se insere na história de uma sociedade, tornando-se produto e produtora da história. Através da aquisição dos significados das palavras, construídos por uma determinada cultura, que será estruturada sua visão de mundo, seus sentidos, valores, ações, sentimentos, emoções.

BONIN (1997, 2000) salientou que o homem, sendo um animal, diferencia-se dos demais, enquanto um ser cultural. Pode-se dizer que inicialmente a criança, insere-se em um protocultura, ao utilizar processos pré-verbais de aprendizagem, que incluem a imitação e o reforço. Mas somente a partir do domínio da fala, a criança insere-se em um processo plenamente cultural, no qual os processos elementares passam a ser mediados pelos símbolos.

Os indivíduos se constituem, no contexto de uma determinada cultura e sociedade, a qual se compõe por uma rede de inter-relações sociais em constante mobilidade. Neste processo, o ser humano não apenas assimila a cultura e suas instituições, como também pode modificá-las coletivamente, a partir da intencionalidade e criatividade.

A cultura pode ser definida, de maneira simples, como: “...um conjunto de hábitos, instrumentos, objetos de arte, tipos de relações interpessoais, regras sociais e instituições em um dado grupo”. (BONIN, 2000, p. 60 e 61). Uma cultura não implica em uma homogeneidade de diálogos, comportando conformidade, contradição e discordância. Neste amplo contexto de relações, a partir da linguagem, e das representações mentais, o indivíduo adquire a capacidade de

planejar e controlar sua própria atividade, bem como o meio que o cerca. O planejamento intrapessoal das atividades pelo indivíduo, tem sua origem nas relações interpessoais.

Como analisou VYGOTSKY (2000) a linguagem ocupa um papel central no desenvolvimento da consciência, um processo em movimento, caracterizado por importantes mudanças qualitativas e quantitativas. Para explicar tal processo, VYGOTSKY (1984) estabeleceu uma analogia entre o uso de instrumentos e o uso de signos pelo homem, explicitando a função mediadora de ambos. Através do uso de instrumentos, o homem ampliou as suas possibilidades de atividade, passando a controlar a natureza ao realizar mudanças externas nos objetos na busca de seus objetivos. Em contrapartida, a utilização de signos, sendo uma atividade orientada internamente, passou a controlar o próprio desenvolvimento do indivíduo. “Neste contexto podemos usar o termo função psicológica superior, ou comportamento superior como referência à combinação entre o instrumento e o signo na atividade psicológica” (VYGOTSKY, 1984 p. 63).

VYGOTSKY (2000) deu especial ênfase ao estudo da relação entre a linguagem e o pensamento durante o desenvolvimento filogenético e ontogenético do homem. Em seus estudos, ele conclui não haver uma relação prévia de ambos em suas origens, ocorrendo na criança um período pré-linguístico do pensamento e um período pré-intelectual da fala. Entretanto, em torno da idade de 2 anos, ocorre uma convergência entre a atividade/inteligência prática com a fala, estabelecendo uma estreita e indispensável ligação entre fala e o pensamento, que organiza e modifica totalmente a ação, a inteligência prática e abstrata especificamente humana (VYGOTSKY, 1984). Ao longo do desenvolvimento, conforme ocorrem modificações na estrutura dos significados e em sua natureza psicológica, a relação entre o pensamento e a palavra se modifica em um processo contínuo. O pensamento verbal desenvolve-se desde generalizações primitivas, até alcançar o nível de conceitos mais abstratos. De forma que: “Não é simplesmente o conteúdo de uma palavra que se altera, mas o modo pelo qual a realidade é generalizada e refletida em uma palavra” (VYGOTSKY, 2000, p. 152).

VYGOTSKY (2000) adotou o significado da palavra como a unidade de análise do pensamento verbal, por manter de forma simples, as propriedades deste como um todo sem descaracterizá-lo. O significado apresenta uma estreita ligação com o pensamento, por ser uma generalização ou um conceito, mas também está intimamente ligado à linguagem falada, pois é através dela que o pensamento se expressa ou ganha corpo. Reforçando o movimento contínuo palavra e pensamento o autor esclarece: “O pensamento não é simplesmente expresso em palavras; é por meio delas que ele passa a existir” (VYGOTSKY, 2000, p. 156).

VYGOTSKY (1984; 2000) expôs que a fala desde sua origem apresenta uma função essencialmente social, possibilitando o contato social e o atendimento das necessidades da criança. O desenvolvimento da fala lhe possibilita o estabelecimento de novas relações, de maneira a

controlar o ambiente e reorganizar seu próprio comportamento. Em torno dos 3 anos de idade, a fala egocêntrica começa a diferenciar-se na criança a partir da fala social, a qual tem seu ponto culminante em torno dos 7 anos, quando suas características estruturais e funcionais encontram-se mais marcantes, sendo menos compreensível para as outras pessoas. A fala egocêntrica apresenta um importante papel por preceder a fala interior e lhe dar origem. Ela não desaparece na idade escolar, mas se transforma em fala interior. Ocorre a internalização de uma fala socializada, que anteriormente estava dirigida ao adulto para solicitar ajuda às operações realizadas. A fala egocêntrica, assim como a fala interior, tem por função orientar o pensamento da criança, para solucionar o problema a partir da compreensão consciente, do planejamento e do controle de suas ações. Através dos significados que fazem parte da linguagem, o homem se torna capaz de pensar, planejar, avaliar suas ações, conseqüências e ações subseqüentes, produzindo e transformando a sociedade. “Qualquer ação implica, necessariamente, uma não ação, e ela só podem coexistir no pensamento; enquanto atividade ou o indivíduo age ou não age, tornando o pensar uma atividade fundamental, prevendo conseqüências e levando a uma decisão que se transforma em ação ou não ação”. (LANE, 1987, p. 43).

Segundo VYGOTSKY (1984) a possibilidade de planejar ações a partir da linguagem, muda completamente o campo psicológico da criança, organizando-o. As funções do desenvolvimento da criança que inicialmente se processam no nível interpessoal se transformam posteriormente em um processo intrapsíquico, dando origem às atividades mais individualizadas da criança e as funções psicológicas superiores como a atenção voluntária, a memória lógica e a formação de conceitos.

VYGOTSKY (2000) analisou que a fala interior, estando dirigida a si mesmo, apresenta importantes características que a diferenciam da fala social. Ela é caracterizada pela utilização de um número reduzido de palavras, dando ênfase especialmente ao aspecto semântico da linguagem. Na fala interior ocorre um predomínio do sentido da palavra em relação a seu significado. O autor se refere a Paulhan para definir o conceito de sentido:

Segundo ele, o sentido de uma palavra é a soma de todos os eventos psicológicos que a palavra desperta em nossa consciência. É um todo complexo, fluido e dinâmico, que tem várias zonas de estabilidade desigual. O significado é apenas uma das zonas de sentido, a mais estável e precisa. Uma palavra adquire o seu sentido no contexto em que surge; em contextos diferentes, altera o seu sentido. O significado permanece estável ao longo de todas as alterações do sentido. O significado dicionarizado de uma palavra nada mais é do que uma pedra no edifício do sentido, não passa de uma potencialidade que se realiza de formas diversas na fala (VYGOTSKY, 2000, p. 181).

O sentido apresenta grande flexibilidade. Ele está relacionado à experiência vivida por uma pessoa específica em um determinado contexto, a como a pessoa sente determinada realidade e interpreta seu significado. Uma palavra pode ter diversos sentidos para uma mesma pes-

soa, conforme o contexto no qual estiver inserida. “Dependendo do contexto, uma palavra pode significar mais ou menos do que significaria se considerada isoladamente: mais, por que adquire um novo conteúdo; menos por que o contexto limita e restringe seu significado” (VYGOTSKY, 2000, p. 181).

Além disto, especialmente na fala interior freqüentemente os sentidos das palavras se combinam e se unificam em uma única palavra, carregando uma diversidade imensa de sentidos. “Os sentidos de diferentes palavras fluem um dentro do outro - literalmente ‘influenciam-se’ - de modo que os primeiros estão contidos nos últimos, e os modificam”, (VYGOTSKY, 2000, p. 183). Este processo é denominado como um “influxo de sentido”.

VYGOTSKY (2000) diferenciou a fala interior de um plano do pensamento verbal mais interiorizado que esta, o qual pode ser denominado como o “próprio pensamento”. Neste plano, os pensamentos resolvem problemas, criam conexões, não sendo necessariamente acompanhados por uma manifestação da fala direta. Transformar um pensamento em fala exige a utilização de significados articulados sintaticamente. É necessária a criação de uma seqüência de palavras em um tempo para expressar um pensamento, que existe como uma totalidade em um determinado momento.

Além disto, o autor ressaltou a existência de subtextos, ou seja, pensamentos ocultos por trás de todas as frases ditas. Estes pensamentos e motivações relacionados interpretam e dão forma ao que é dito. Neste sentido, as motivações são consideradas a base afetivo-volitiva dos pensamentos: “Para compreender a fala de outrem não basta entender as suas palavras – temos que compreender o seu pensamento. Mas nem mesmo isso é suficiente – também é preciso que conheçamos a sua motivação. Nenhuma análise psicológica estará completa antes de ser atingido este plano” (VYGOTSKY, 2000, p. 188).

LEONTIEV (1978) também destacou a importância dos motivos para a construção dos sentidos. “Dito de outro modo, para encontrar o sentido pessoal devemos descobrir o motivo que lhe corresponde”. (LEONTIEV, 1978, p. 97). Nesta concepção o motivo é entendido como aquilo que concretiza de maneira objetiva a realização de uma necessidade em uma determinada condição, orientando e estimulando a atividade.

A relação entre o pensamento e a linguagem no adulto, analisada por VYGOTSKY (1984), remete à impossibilidade de separar o aspecto social e o aspecto individual do homem. Em relações sociais concretas, os pensamentos e as motivações individuais são construídos dialeticamente sendo mediados pela linguagem.

LEONTIEV (1978) salientou que a consciência só pode ser compreendida em seu desenvolvimento, por ser determinada pela existência, pelo modo de vida e pelo local que o indivíduo ocupa nas relações sociais. No decorrer do desenvolvimento do psiquismo humano

como parte de um processo complexo, importantes transformações qualitativas ocorrem em decorrência de mudanças nas condições sociais e históricas da atividade humana. As relações de produção entre os homens possuem uma importância fundamental no desenvolvimento da consciência. Modificações na estrutura destas relações acarretam mudanças de caráter geral a consciência, assim como nos processos de percepção, memória e pensamento. “O nascimento de novos motivos superiores e a formação de necessidades novas, especificamente humanas, correspondentes, constitui um processo extremamente complexo”. (LEONTIEV, 1978, p. 109).

A sociedade capitalista possibilitou importantes transformações à consciência humana. Os objetos de consumo, responsáveis pela acumulação de bens e capital, são desenvolvidos de forma a se apresentarem à consciência como motivos, que estimulam as atividades e criam novas necessidades. A divisão social do trabalho demarcou uma falsa divisão entre o trabalho teórico e o trabalho prático, que trouxe grandes implicações para a ciência, a estrutura da sociedade, o desenvolvimento da consciência e conseqüentemente para as relações de gênero. Na psicologia, diversas teorias foram delineadas tendo por base a separação entre os processos psíquicos interiores e as atividades externas materiais dos homens. Frequentemente, atribuiu-se autonomia aos primeiros como se não tivessem origem na atividade externa.

Por outro lado, grande parte dos trabalhadores passou a vender sua força de trabalho para satisfazer suas necessidades. A atividade de trabalho se tornou alienada, ao adquirir como sentido e motivo o recebimento do salário, distanciado do seu significado social. Similarmente o produtor também teve seu trabalho alienado, na medida em que o seu sentido se dirigiu para a acumulação de capital. As relações entre os homens passaram a ser predominantemente relações entre coisas que o distanciam de si próprio e de outros homens. “A alienação das relações pessoais dos homens e a sua transformação em puras relações entre coisas manifestam-se de maneira flagrante no poder que o dinheiro, modo de troca universal, tomou sobre a vida do homem”. (LEONTIEV, 1978, p. 124).

As contradições objetivas presentes na sociedade de classes estão presentes na consciência, implicando na co-existência de significações e sentidos contraditórios. A linguagem sendo um produto histórico, ao mesmo tempo em que possibilita o desenvolvimento do pensamento, transmite a ideologia de uma sociedade a partir de representações, significados e valores. Como ressaltou LANE (1987), no processo histórico e dialético de cada sociedade, a ideologia assume o papel de negar as contradições contrárias à manutenção das relações de poder e produção da vida material de uma sociedade. Sendo produzida e cristalizada na organização das instituições, ela expressa valores sociais tidos como verdadeiros em diversas áreas humanas: jurídica, política, religiosa, científica, artística, filosófica. Desta maneira, cada sociedade desenvolve leis, normas e regras sociais, bem como padrões de comportamento ou papéis

considerados adequados para os indivíduos, com o objetivo de manter as relações de poder estabelecidas. A ideologia pode ser analisada no indivíduo em suas atividades, bem como em seu discurso.

BAKHTIN (1986) analisou com profundidade como a linguagem, a consciência e a ideologia estão interligadas. “A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais” (BAKHTIN, 1986, p. 35).

Na interação humana, os signos e a própria consciência individual se desenvolvem. Entretanto, além do conteúdo semiótico, o signo está sujeito a critérios ideológicos. A ideologia existe a partir dos signos. O signo pode ser fiel a realidade, mas também pode distorcê-la ou apreendê-la de um determinado ponto de vista, refletindo e refratando uma outra realidade. A partir do signo, a palavra, que em sua origem é neutra, cumpre uma função ideológica.

BAKHTIN (1986) enfatizou que através da palavra a ideologia está presente nas relações humanas, do cotidiano a política, relacionando a infra-estrutura aos signos. Na palavra pode-se observar transformações sociais sutis e transitórias, que ainda não fazem parte de sistemas ideológicos estruturados, mas que estão vinculadas à determinada condição social e suas modificações. Os signos refletem condições de interação verbal que estão presentes na organização social. A ideologia se desenvolve a partir da construção de índices sociais de valor. Signos ideológicos com valores contraditórios confrontam-se dialeticamente, tendo por base a luta de classes. No dia a dia, a ideologia dominante procura ocultar estas contradições e tornar o signo monovalente. Entretanto, o sentido uma palavra está relacionado diretamente ao contexto que lhe deu origem, possibilitando uma variabilidade de significações. São as contradições sociais e a característica plurivalente, viva e móvel do signo que possibilitam as transformações sociais. Como parte do processo ativo de interação humana, a língua evolui de maneira interrupta e inacabada.

BAKHTIN (1996) referiu sobre a existência de diferentes domínios nos quais a ideologia se desenvolve e cria signos específicos, incluindo: a ciência, a religião, a moral, a estética. Entretanto, a ideologia também está presente de uma maneira muito importante e rica na comunicação da vida cotidiana, estando relacionada ao meio de produção social e as diferentes esferas sociais ideológicas.

Como destacou LANE (1987) a possibilidade de ser atuante enquanto sujeito da história depende do grau de alienação/conscientização do indivíduo quanto às contradições entre as representações que possui sobre sua realidade, a sua inserção em determinada classe social e as atividades desempenhadas na produção da vida material. Ao pensar, o homem pode simplesmente reproduzir a ideologia. Entretanto, pensar sobre as ações realizadas e suas conseqüências, e o quanto estas foram mantenedoras do *status quo*, ou transformadoras da realidade pode possibilitar que as próximas ações avancem no processo de conscientização. “Porém se a contradição

é enfrentada, é analisada criticamente e é questionada no confronto com a realidade, o processo tem continuidade, onde cada ação é renovada e repensada, ampliando o âmbito de análise e da própria ação, e tem como consequência a conscientização do indivíduo”. (LANE, 1987, p. 43 e 44).

Em diversos campos do conhecimento além da Psicologia, entre os quais a Filosofia, a Antropologia e a Sociologia, a noção de indivíduo remete a compreensão da categoria identidade. JACQUES (1998) expôs que uma grande variedade terminológica tem sido utilizada além do termo identidade, como por exemplo os termos “self” e “self-concept”, respectivamente si mesmo e conceito de si. Esta variedade de termos tem origem na diversidade de abordagens teórico-metodológicas utilizadas para compreendê-la, bem como na dificuldade em defini-la devido a sua complexidade. A autora destacou que para compreender conceitualmente a identidade é necessário superar três importantes dicotomias: individual/social, estabilidade/ transformação, igual/diferente.

A superação da primeira dicotomia tem como base o próprio desenvolvimento da consciência no homem analisado pela teoria sócio-histórica como apresentado anteriormente. A autora salientou que as formas históricas de individualidade são apropriadas ao longo da existência sendo mediadas pelas relações sociais. Neste processo, o indivíduo apresenta um caráter ativo e transformador em relação ao contexto sócio-histórico, mas também é determinado pelas possibilidades e impossibilidades deste contexto. Ocorre, portanto, um contínuo processo de articulação entre o individual e o social.

A superação da dicotomia estabilidade/transformação implica em compreender a identidade enquanto processo no tempo, na qual a atividade é encoberta por substantivos atribuídos ao eu.

Finalmente a superação da dicotomia igual/diferente remete a inserção do homem nos grupos aos quais pertence e com o quais se identifica. O pertencimento a um grupo implica simultaneamente na semelhança e na diferenciação do indivíduo em relação ao grupo, de maneira que este seja considerado como fazendo parte do grupo, mas reconhecido como único. A noção de identidade ao estar associada ao termo idêntico, igual, pressupõe também uma unidade do indivíduo nos diversos momentos no tempo e espaço de sua vida. Entretanto, paradoxalmente a identidade é produzida a partir de uma heterogeneidade de atividades e significações, por vezes contraditórias, à medida que o indivíduo circula por diversos grupos. Em um processo em constante movimento, o indivíduo desenvolve sínteses sobre si próprio no decorrer dos diversos momentos de sua vida, implicando na permanente construção e re-construção de sua identidade.

Resgatando historicamente as bases teóricas do “si mesmo”, BRUNER (1997) se opôs ao “essencialismo” que atribui a esta categoria uma substância ou existência preexistente ao esforço

de descrevê-lo. Seu desenvolvimento passa a ser entendido como construído, interpretado e “distribuído” nas diversas práticas e contextos sociais humanos. O “si mesmo” abrange uma situação histórica e cultural que vai além da consciência privada: “...se tornou claro que o si mesmo também deve ser tratado como um constructo que, por assim dizer, procede tanto de fora para dentro quanto de dentro para fora, tanto da cultura para a mente quanto da mente para a cultura”. (BRUNER, 1997, p. 95).

Analisar o “si mesmo” implica em compreender os significados pelos quais este é definido pelo indivíduo e a cultura que ele participa, assim como as práticas através das quais estes significados são utilizados. Na prática, os “si mesmos” se desenvolvem em diversos contextos de relação social, oferecendo uma visão “distribuída” deste. Os indivíduos constroem e reconstroem constantemente suas histórias, atualizando-as de acordo com os eventos vividos no presente e com as antecipações de futuro realizadas, relacionando-as a significados adquiridos no contexto social e histórico nos quais estão inseridos. O “si mesmo” é caracterizado por este processo contínuo de construção de significados.

Importantes contribuições para a compreensão da categoria identidade também foram desenvolvidas por CIAMPA (1987). Ao analisar como as pessoas descrevem a si próprias, o autor pode levantar algumas dimensões que caracterizam a identidade, como: ter um nome próprio, ou seja, um substantivo que nomeia o ser; pertencer a uma posição social em uma determinada família; ser membro de uma espécie e, portanto, de uma determinada natureza biológica; possuir expectativas de futuro individuais e pertencentes aos grupos, estar inserido em uma determinada perspectiva geográfica e histórica, bem como em relações de poder em uma sociedade.

A identidade envolve a história de vida, os fatos significativos que a pessoa extrai da memória, assim como expectativas representadas freqüentemente por um projeto de vida que dá sentido a vida. “O humano é vir-a-ser humano”, (CIAMPA, 1987, p. 36).

Ao nascer, o bebê caracteriza-se por uma plasticidade, um vir a ser. As alternativas de vida futuras dependem das condições objetivamente dadas, incluindo as expectativas dos pais e outras pessoas significativas internalizadas pelo sujeito.

Os grupos sociais e os significados atribuídos por estes às circunstâncias ou momentos da vida apresentam grande importância para a construção da identidade. No cotidiano, ela é formada e concretizada através dos grupos, ao mesmo tempo em que os produz a partir de sua ação. Este processo envolve a identificação, mas também a diferenciação do indivíduo em relação aos grupos aos quais participa. De maneira que a consciência de si, o si mesmo passa sempre pela consciência do outro também como ser humano. Só é possível ao homem se reconhecer humano, sendo reconhecido como ser humano por outras pessoas. “Ter uma identidade humana é ser identificado e identificar-se como humano!”, (CIAMPA, 1987, p.38).

As identidades são definidas, explicadas e legitimadas pelos significados socialmente compartilhados. Pensarmos em uma identidade isolada que não se realiza na relação com o outro é uma abstração, uma ficção. “A identidade se concretiza na atividade social” (CIAMPA, 1987, p. 86).

CIAMPA (1984,1987) expôs que a identidade se apresenta como uma narrativa ou um discurso de um personagem sobre a sua vida, sendo este o autor de sua própria história. Nos diversos momentos de vida os sujeitos se identificam e assumem diferentes personagens, que se sucedem e se alternam, os quais podem ser inclusive contraditórios. Através dos personagens a identidade se revela, mas também pode se ocultar. Além disto, os personagens se transformam na atividade, uma vez que a identidade se encontra em permanente transformação dialética, como parte do processo de vida. À medida que a identidade se modifica, novas formas de interpretar a realidade se desenvolvem, novos significados emergem, o discurso se modifica. Da mesma forma, a identidade se modifica conforme novos significados e discursos são desenvolvidos. A metamorfose ocorre geralmente de maneira lenta e gradativa, independente do sujeito ter ou não consciência desta e do processo humano, social e histórico que lhe deu origem.

Entretanto, a identidade tende a ser percebida como algo imediato e imutável. À medida que a identidade é construída historicamente nas ações e nos grupos, proposições substantivas lhe são atribuídas socialmente ao invés de preposições verbais. No cotidiano, deixa-se de falar sobre o ser enquanto atividade e suceder. Quando a identidade pressuposta é re-posta, ela tende a ser percebida como permanente e não mais como fruto de um processo contínuo de manutenção. No contexto da ideologia dominante e na ausência de uma consciência social de classe, a identidade pode passar a ser percebida como a manifestação de um ser permanente e sempre idêntico a si mesmo. Desta forma, perde-se a historicidade e se estabelece a mesmice, a não superação das contradições, o personagem se torna um fetiche que controla o ator. A metamorfose se inverte na não metamorfose.

É necessário o sujeito fazer-se ação para encontrar sua identidade humana. A vida pode ser encontrada na ação de cada membro da comunidade desempenha, nas relações sociais de vizinhança, compadrio, amizade, solidariedade, nos significados socialmente atribuídos aos fatos, nos valores de um grupo. É o sentido da atividade social que pode transformar o real e as pessoas. É através da atividade que o homem pode encontrar vida. “A identidade humana é vida! Tudo o que impede a vida impede que tenhamos uma identidade humana” (CIAMPA, 1987, p. 36).

BERGER e LUCKMANN (1999) acrescentaram importantes contribuições para a compreensão da categoria identidade. Estes autores destacaram a necessidade de compreender a sociedade com uma realidade ao mesmo tempo objetiva e subjetiva, que se manifesta através de um

processo dialético em três momentos: exteriorização, objetivação e interiorização. A sociedade, os fenômenos sociais, e cada membro individual são caracterizados por estes momentos simultaneamente. Ao mesmo tempo em que o indivíduo exterioriza seu mundo social, este também é interiorizado pelo indivíduo, enquanto uma realidade objetiva. A interiorização é a base para a compreensão dos outros indivíduos e para a apreensão do mundo enquanto realidade social dotada de sentido. A manifestação dos processos subjetivos dos outros se torna acessível objetivamente ao indivíduo, sendo dotada de sentido ao ser interiorizada. O indivíduo “assume” o mundo no qual os outros já vivem, podendo modificá-lo de maneira criativa e até mesmo recriá-lo. A partir deste processo o indivíduo participa da dialética da sociedade.

BERGER e LUCKMANN (1999) descreveram duas etapas no processo de socialização: a socialização primária e a secundária. A primeira socialização que o indivíduo passa na infância é a primária, a partir da qual o indivíduo torna-se membro da sociedade. A socialização secundária ocorre após a socialização primária correspondendo a processos que introduzem o indivíduo anteriormente socializado a novos setores do mundo objetivo de sua sociedade. A socialização primária ocorre a partir dos outros significativos¹ que o indivíduo encontra ao nascer em uma estrutura social objetiva. Os outros significativos são impostos à criança, e as definições dadas por estes a sua situação apresentam-se como a realidade objetiva. Eles servem de mediadores entre a criança e o mundo. A interiorização do mundo social pela criança é “filtrada” por estes mediadores em decorrência da localização destes na estrutura social e de suas idiossincrasias individuais. Este processo acontece em circunstâncias carregadas de alto grau de emoção. A criança interioriza os papéis e atitudes dos outros significativos, tornando-os seus. Identificando-se com os outros significativos, a criança passa a identificar a si própria. O processo de formação da identidade é a particularização na vida individual da dialética geral da sociedade.

“Implica uma dialética entre a identificação pelos outros e a auto-identificação, entre a identidade objetivamente atribuída e a identidade subjetivamente apropriada” (BERGER e LUCKMANN, 1999, p.177).

O papel dos outros significativos durante a socialização primária é fundamental, pois além da criança não escolhê-los, estes é que definem as regras do jogo. A interiorização se dá com e através da linguagem, diferenciando a identidade do indivíduo das demais pessoas. A inevitabilidade subjetiva de conteúdos presentes na socialização primária torna mais difícil a desintegração destes no decorrer da vida. O mundo dos outros significativos é percebido pela criança como sendo o único mundo existente e concebível. Esta interiorização é firmemente mais entrin-

¹ Os conceitos de *outros significativos* e *outro generalizado* utilizados pelos autores se apóiam na teoria de socialização de George Mead.

cheirada na consciência do que as interiorizações posteriores decorrentes da socialização secundária. Nesta última, a realidade pode ser percebida dentro de um contexto institucional específico, portanto em sua relatividade. Os conteúdos internalizados podem ser anulados e transformados com mais facilidade.

O estabelecimento da identidade envolve a delimitação de um lugar específico no mundo. A partir das relações com diversos outros significativos (mãe, pai, avô, avó, irmãos, etc.) a criança interioriza na consciência o outro generalizado, uma abstração referente aos papéis e atitudes concretas dos outros significativos. BERGER e LUCKMANN (1999) consideram a formação na consciência do “outro generalizado”, um momento decisivo na socialização por implicar na interiorização da sociedade e da realidade objetiva, bem como no estabelecimento subjetivo de uma identidade coerente e contínua. Entretanto, no decorrer da vida a realidade objetiva e subjetiva se relacionam constantemente sendo produzidas e reproduzidas de maneira oscilante e contínua.

Após o estabelecimento do outro generalizado na consciência do indivíduo, dá-se início a socialização secundária, um processo que nunca acaba, e jamais é total. Este se refere à aquisição do conhecimento de funções específicas relacionadas à divisão do trabalho e à distribuição social do conhecimento, a qual é determinada em sua extensão e caráter pela complexidade destes. Através da socialização secundária, o indivíduo adquire vocabulários próprios às suas funções, interiorizando campos semânticos que estruturam interpretações e condutas de rotina em sua área institucional. Ocorre a identificação subjetiva com a função e as normas adequadas a esta. Os conteúdos interiorizados durante a socialização secundária são sobrepostos aos conteúdos internalizados durante a socialização primária, os quais tendem a persistir. Para estabelecer e conservar a coerência entre os diversos conteúdos, a socialização secundária envolve procedimentos conceituais de integração entre os diferentes corpos de conhecimentos.

A realidade da vida cotidiana se mantém ao ser corporificada em rotinas presentes na institucionalização, sendo continuamente reafirmada pelas interações sociais. Os processos sociais são responsáveis pela internalização da realidade e posterior conservação desta na consciência. Os outros significativos apresentam um importante papel na reafirmação da identidade e da realidade subjetiva já internalizada pelo indivíduo. Os outros menos significativos podem ser considerados como uma espécie de coro, que reafirmam a realidade subjetiva do indivíduo em graus variados, relacionando-se dialeticamente com os outros significativos nesta reafirmação e conservação. A reafirmação e a modificação da realidade subjetiva se dá através da conversa entre as pessoas, tanto de maneira explícita como implícita. “Pode-se considerar a vida cotidiana do indivíduo em termos do funcionamento de um aparelho de conversa, que continuamente mantém, modifica e reconstrói sua realidade subjetiva.” (BERGER e LUCKMANN, 1999, p. 202).

De uma maneira geral, pode-se dizer que a realidade é mantida por pessoas que falam uma língua comum, nos diversos sentidos da palavra (de uma comunidade nacional, por especificidades de linguagem de grupos regionais, de classes, etc). A continuidade e coerência da conversa é que permite a conservação das realidades subjetivas, ou seja, são necessárias estruturas de plausibilidade, uma base social específica de manutenção, especialmente da identidade. BERGER e LUCKMANN (1999) salientaram que a identidade é um elemento chave da realidade subjetiva, mantendo uma relação dialética com a sociedade. Uma análise micro-sociológica deve ter sempre por fundamento uma compreensão macro-sociológica dos aspectos estruturais. A estrutura social determina os processos sociais envolvidos na formação e conservação da identidade. No curso das histórias sociais surgem identidades particulares. Por outro lado, as estruturas sociais históricas geram tipos de identidades, reconhecidas nas particularidades de cada identidade.

Tendo por base o enfoque sócio-histórico, um longo caminho foi percorrido para expor a relação dialética estabelecida entre algumas das principais categorias teóricas: a consciência, a atividade, a linguagem, a identidade e a ideologia. Este aprofundamento forneceu uma importante base para o entendimento da vivência da sexualidade e da reprodução entre os participantes desta pesquisa.

Os indivíduos adquirem significações e práticas sociais provenientes das gerações precedentes, incluindo aquelas relacionadas à sexualidade e à reprodução, através das atividades estabelecidas com o mundo que o cerca no decorrer de sua vida. Estas significações são particularizadas em uma diversidade de sentidos pessoais articulando-se com a construção e reconstrução permanente da identidade.

Os significados e práticas sexuais devem ser interpretados e entendidos dentro do contexto social e histórico de determinada cultura. As motivações relacionadas à sexualidade e à reprodução são construídas dialeticamente nas relações sociais concretas estabelecidas no cotidiano, sendo mediadas pela linguagem. Desta forma, os discursos e as práticas quanto à sexualidade e reprodução humanas são permeadas pelas ideologias presentes em determinada sociedade, as quais podem ser superadas no decorrer dos processos de conscientização dos indivíduos nos grupos sociais. Entretanto, no processo de transmissão cultural, o homem possui um papel ativo, a partir da possibilidade de pensar, planejar e tomar decisões sobre suas ações, incluindo aquelas relacionadas à vivência da sexualidade e a reprodução. Verifica-se, portanto, a possibilidade do indivíduo construir ativamente sua história e a história da sociedade, em conjunto com outros homens.

2.3. ADOLESCÊNCIA E PROJETO DE VIDA

Após uma breve exposição sobre o enfoque sócio-histórico, torna-se necessário explicitar e contextualizar a concepção de adolescência e projeto de vida utilizadas nesta pesquisa.

Segundo a Organização Mundial de Saúde a adolescência é delimitada como o período entre 10 e 20 anos incompletos. De maneira mais ampla, ela está inserida na categoria dos jovens, a qual é estabelecida em estudos populacionais como a faixa etária entre 10 e 24 anos. Entretanto, enquanto o início da adolescência é verificado principalmente pelo início da puberdade, a delimitação do final da adolescência é considerada bastante complexa e pouco precisa em função do seu caráter sócio histórico e cultural. Ela está relacionada a uma maior autonomia em diversos campos da vida, expresso na possibilidade de manter-se profissionalmente, na aquisição de valores pessoais, no estabelecimento de uma identidade sexual, de relações afetivas estáveis e de relações de reciprocidade com a geração precedente, familiares e membros da sociedade (BRASIL, 1993).

Considerando a adolescência uma etapa evolutiva que se distingue pela transição da infância para a fase adulta, alguns autores têm descrito a presença de algumas características comuns à adolescência, destacando a importância da reestruturação da identidade frente às mudanças biológicas, sociais, psicológicas e cognitivas vivenciadas neste período (ABERASTURY, 1981; KNOBEL, 1984; ERIKSON, 1987)

ERIKSON (1987) enfatizou que na sociedade atual, com os progressos tecnológicos, o espaço entre o início da idade escolar e a inserção em um trabalho especializado tem se ampliado, acentuando a adolescência e tornando-a mais consciente. Nesta fase, o adolescente se depara com importantes mudanças físicas, acompanhadas de uma inundação de impulsos sexuais, uma intensa capacidade de imaginação, conflitos e incertezas quanto aos seus papéis futuros como adulto no campo profissional e afetivo. Sua principal tarefa é a integração dos elementos da identidade decorrentes das fases anteriores às vivências e necessidades atuais. O jovem busca um novo sentido de continuidade e uniformidade, revendo e construindo seus próprios valores e crenças. Ao mesmo tempo, ele se depara com a possibilidade de tomar decisões quanto a atividades profissionais atuais e futuras, relacionadas à busca da independência financeira, como parte de um projeto de vida. O referencial de identidade da infância, que estava diretamente ligado à família e à escola, é agora ampliado. A percepção do adolescente se volta para a sociedade, sendo que o grupo de amigos passa a desempenhar um importante papel na busca de autonomia. O aspecto psicossocial do processo da adolescência caracteriza o que ERIKSON (1971) denomina como crise de identidade. Este é um momento fundamental, que pode envolver uma

maior vulnerabilidade do adolescente a situações de risco ou possibilitar o desenvolvimento de seus potenciais e capacidades.

Para ABERASTURY (1984) a adolescência é um momento crucial na vida do homem, dentro de um processo de desprendimento que começou com o nascimento. Para entrar no mundo dos adultos, o adolescente perde definitivamente a sua condição de criança, implicando na busca de uma nova identidade, que é construída consciente e inconscientemente. Importantes mudanças corporais, psicológicas e relacionais, referentes especialmente à relação do adolescente com seus pais e o mundo, ocorrem nesta fase. A aquisição de uma nova identidade envolve um processo lento e doloroso de elaboração do luto pela perda do corpo de criança, da identidade infantil e da relação com os pais da infância. Desta forma, o adolescente se mostraria contraditório, flutuando entre uma dependência e independência extremas, confuso, ambivalente, com alterações de humor, conflitos afetivos, desequilíbrios e instabilidades. KNOBEL (1984) denominou este processo como “a síndrome da adolescência normal”, a qual depende, em grande parte, de identificações subseqüentes a processos de elaboração de lutos, que possibilitam a fortificação do mundo interno.

Contraopondo-se à delimitação de características psicológicas específicas aos adolescentes, outros autores (ARIÈS, 1981; BECKER, 1989; TRINDADE, 1997; GÜNTHER, 1998; SANTOS, 1999; SALLAS 1999) têm enfatizado o caráter sócio-histórico da conceituação de juventude e conseqüentemente a existência de uma diversidade de formas de lidar com a adolescência em sociedades e culturas distintas e até mesmo em uma determinada sociedade. Assim como os demais períodos da vida, a adolescência se desenvolve de maneira heterogênea no cotidiano. Diante da grande variedade de situações de vida e discursos sociais sobre a juventude, os jovens constituem seus sentidos e a si próprios diversamente. Desta maneira, a categoria juventude não pode ser analisada em uma perspectiva “substancialista” que procure homogeneizar este segmento social.

BECKER (1989) enfatizou que não é possível falarmos em uma adolescência, mas em várias. Em nossa sociedade, por exemplo, os jovens provenientes de famílias com baixa renda tendem a se inserir no mercado de trabalho antes de jovens pertencentes a estratos sociais com maior poder aquisitivo. Enquanto os últimos geralmente percorrem projetos de vida de maior escolaridade, preparação e qualificação para o mercado de trabalho, prolongando assim a adolescência, os primeiros freqüentemente abandonam os estudos precocemente, para contribuir com a renda familiar a partir da atividade profissional (BECKER, 1989; TRINDADE, 1997).

Portanto, a realidade dos adolescentes só pode ser compreendida enquanto inserida no contexto sócio-econômico, cultural e histórico. Como analisou ARIÈS (1981) o conceito de adolescência em sua complexidade surgiu como parte de um processo histórico relativamente

recente, caracterizado pelo desenvolvimento do sentimento social de família e infância na sociedade moderna. Na sociedade medieval, não havia distinção entre o mundo das crianças e o mundo adulto tão logo as primeiras tivessem passado por um período inicial em que recebiam cuidados constantes de suas mães ou amas, relacionados principalmente ao longo tempo dispensado à amamentação. Após este período destacado por altos índices de mortalidade, em torno dos 7 anos, as crianças passavam a participar junto com os adultos das diversas atividades presentes na comunidade incluindo o trabalho, os jogos, as brincadeiras e o manuseio de armas.

ARIÈS (1981) destacou dois contextos de desenvolvimento do sentimento de infância ao longo dos séculos XVI e XVII. O primeiro sentimento de infância se expressou pela presença do comportamento social de “paparicação” em relação à criança no meio familiar em função de sua ingenuidade e graça, assim como da exasperação por parte de algumas pessoas, que não concordavam com a atenção dispensada a estas. No final do século XVII, este sentimento se estendia a todo o povo.

O segundo sentimento de infância teve sua origem em mudanças nas instituições escolares e nas práticas de educação orientadas por moralistas e educadores do século XVI, e principalmente do século XVII. Progressivamente a educação, que inicialmente estava dirigida à maturidade, passou a ser considerada uma forma de aperfeiçoamento moral e espiritual necessária às crianças e aos jovens, aos quais os pais deveriam encaminhar os filhos, para que os erros da infância pudessem ser corrigidos a partir de uma disciplina constante e permanente em seu dia a dia. A inserção de crianças à escola e a permanência destas em um ciclo escolar, que no final do século XVIII, correspondia a 4 ou 5 anos no mínimo, passou a prolongar a duração da infância. De forma similar, a adolescência tornou-se reconhecida socialmente, enquanto uma etapa de vida, a partir da constrição e do serviço militar no séc. XIX e fim do século XVIII. Estas mudanças que tiveram como princípio o interesse psicológico e a preocupação moral em relação à criança foram à base da educação do século XX, estendendo-se posteriormente a diversas áreas do conhecimento científico: a pediatria, a psicologia, pedagogia e outras.

Entretanto, até o século XVII as escolas eram um espaço exclusivamente masculino. Antes desta época, as meninas eram educadas para se casarem e se tornarem adultas muito cedo, mal sabendo ler e escrever. Além disto, muitas crianças não iam as escolas, independente de suas condições sociais. Desta forma, estabeleceu-se claramente uma relação entre a permanência da criança na escola e o prolongamento da infância, sendo o contrário também verdadeiro.

Somente a partir do século XVIII, que a divisão dos alunos em classes conforme a idade passou a ser valorizada e buscada, sendo verificada claramente a partir da substituição da escola única pelo sistema duplo, no qual o liceu ou o colégio passou a ser voltado para os burgueses, enquanto a escola primária foi dirigida ao povo, estabelecendo uma relação entre a organização

educacional por idade e por classe social. As importantes diferenças de condição social possibilitaram que, ainda no século XIX, pude-se perceber uma precocidade quanto à passagem para a idade adulta entre crianças que estavam trabalhando na indústria têxtil.

As mudanças sociais referentes ao surgimento do sentimento de infância na sociedade moderna acompanharam as transformações sociais referentes à valorização da intimidade da família privada em detrimento a importância das relações sociais de vizinhança, amizade e tradições da sociedade que prevalecia anteriormente. Desta forma, a criança passou a ocupar um lugar central dentro da família.

A infância e a adolescência, portanto, não podem ser analisadas sem referência ao contexto histórico, cultural e econômico. Os adolescentes se deparam com as questões pertinentes a sociedade e época da história em que vivem. Neste sentido, na sociedade atual as colocações de BECKER (1989) sobre a manutenção do sistema de produção dominante, a partir da ideologia, se destacam por se manifestarem também no âmbito das relações entre o mundo adulto e o mundo adolescente. Tendo como reforço as teorias psicológicas, os adolescentes tendem a serem percebidos pelos adultos, como seres em desenvolvimento e em conflito, os quais após passarem por uma “crise normal” deverão se adaptar a estrutura e às normas vigentes da sociedade. Estas significações sociais, presentes no discurso dos adultos e nas teorias psicológicas, caracterizam a adolescência como um período de irresponsabilidade, que se contrapõe à fase adulta, a qual é marcada pela responsabilidade. Esta dinâmica social de responsabilidade/irresponsabilidade apontada por PAULA (1992) se mantém nas relações, estando presente nos sentidos de adultos e adolescentes e compondo suas identidades. Além disto, como destacou BECKER (1989) os adolescentes se defrontam com uma sociedade complexa e contraditória, na qual dependendo de sua condição social, as oportunidades e os seus direitos podem ser negados, dificultando sua inserção no mundo adulto. Portanto, o contexto social e familiar apresenta um papel fundamental na adolescência, fornecendo significados e sentidos referentes a esta fase da vida e a base concreta para a viabilização ou não do projeto de vida.

A partir da consciência, atividade, linguagem, ideologia e identidade, categorias teóricas provenientes do enfoque sócio histórico, é possível compreender a importância da construção do projeto de vida na adolescência. A atividade social humana e o reconhecimento mútuo entre os indivíduos se encontram na base da identidade, a qual compreende um processo constante de transformação. Dinamicamente a identidade se estrutura e reestrutura no momento presente, sintetizando uma diversidade de significados e sentidos referentes a si próprio e ao mundo, a partir das atividades desenvolvidas pelo adolescente em diversos espaços sociais, tais como a família, a escola, o trabalho, a igreja, os ambientes de lazer, cultura, esporte e outros. Desta maneira, a transição do adolescente da infância para a fase adulta implica em uma permanente revisão de si

próprio em relação a seu passado, bem como em relação aos desejos, planos, expectativas e possibilidades quanto ao futuro. A partir das ações presentes, constantemente o sujeito delinea seu projeto de vida, ou seja aonde quer chegar, enquanto interpreta sua história passada.

Os planos educacionais e profissionais apresentam um papel fundamental no projeto de vida do adolescente, uma vez que a inserção no mercado de trabalho e a independência financeira permitem o ingresso no mundo adulto. Além disto, a partir da puberdade, novos sentidos são construídos em relação a seu corpo e a vivência da sexualidade. Os planos afetivos geralmente ocupam um importante papel no projeto de vida dos adolescentes, permeando as relações afetivas com outros adolescentes especialmente do sexo oposto, em um processo permanente de construção da identidade de gênero e elaboração de perspectivas futuras quanto ao casamento, à formação de uma nova família, à paternidade e à maternidade.

O projeto de vida é construído no cotidiano a partir da atividade dos adolescentes nas relações que estabelece. Assim uma diversidade de projetos pode ser desenvolvida nas diferentes realidades de vida. O pertencimento a diferentes estratos sociais, como já mencionado, envolve diferenças marcantes em relação à permanência na escola, ao momento de entrada no mercado de trabalho, ao tempo e acesso ao lazer, assim como às possibilidades de concretização dos planos quanto ao futuro. As significações sociais, que se referem ao adolescente como um ser em conflito, imaturo, associado à problemas, dificuldades e irresponsabilidade, consideradas por BECKER (1989) como parte da ideologia, podem dificultar a construção de um projeto de vida pelo adolescente, uma vez que no cotidiano este não seria reconhecido como responsável por suas ações, não adotando na sua prática, por exemplo, o sexo seguro.

As significações e sentidos, gerados nos diversos espaços sociais, quanto à atividade atual do adolescente e suas perspectivas futuras são fundamentais para a construção de sua identidade, bem como para a possibilidade de planejar e refletir sobre ações futuras, de maneira a assumir a responsabilidade sobre estas, como parte de um processo de conscientização social no qual a sua ação transforme a sociedade e não seja apenas o resultado da alienação e reprodução social.

A valorização do papel ativo do jovem e de sua capacidade de criação e construção, no sentido do desenvolvimento da sociedade em geral e de um projeto de vida pessoal, tem sido destacada nos últimos anos mundialmente e nacionalmente como fundamental às políticas públicas dirigidas à juventude.

CHAVES JUNIOR (1999) ressaltou alguns importantes marcos mundiais neste sentido: A Comemoração do Ano Internacional da Juventude em 1985; O Programa de Ação da ONU para a Juventude até o Ano 2000 e Além (Resolução 50/81 da Assembléia Final das Nações Unidas, 1995) e a Declaração de Lisboa sobre Políticas e Programas da Juventude (Conferência Mundial de Ministros Responsáveis pela Juventude, Lisboa, 1998)

A Conferência Internacional para a População e Desenvolvimento, realizada no Cairo, em 1994 e a Conferência Internacional sobre a Mulher, realizada em Beijing, em 1995 se destacaram pelo reconhecimento dos direitos referentes à saúde sexual e reprodutiva, que apresentam particular importância para jovens e adolescentes (IV CONFERÊNCIA MUNDIAL DA MULHER, 1995; BERQUÓ, 1998)

Inseridos no contexto mundial de consolidação dos direitos humanos, a Constituição Brasileira de 1988 e o Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990 estabeleceram uma base sólida para o desenvolvimento de políticas para a juventude no Brasil (PIROTTA & PIROTTA, 1999).

Em 1989 o Ministério da Saúde elaborou e implementou o PROSAD (Programa Saúde do Adolescente), que foi substituído em 1999 pela ASAJ (Área de Saúde do Adolescente e do Jovem), (BRASIL, 1989). Entretanto, em 2002, diversos municípios brasileiros ainda não implantaram programas específicos ao adolescente na área de saúde.

Em um enfoque amplo e abrangente, que não se limita à área da saúde, em 1999, o Ministério da Saúde declarou como imperativa a construção de uma agenda nacional em prol da saúde e do desenvolvimento da juventude, da qual deve participar o governo e toda a sociedade brasileira. Uma amplitude de ações dirigidas aos jovens é necessária incluindo: a participação do adolescente nas decisões da família e comunidade, o atendimento as suas necessidades de educação, saúde, lazer, esporte e cultura, a criação de condições materiais, sociais e psicológicas favoráveis a seu desenvolvimento que incluam a geração de renda em suas famílias, o cumprimento de legislações existentes referentes aos adolescentes como o código de trânsito e a proibição de compra de cigarros e álcool por menores (CANNON, *et al.*, 1999).

Entretanto, a diversidade de problemas encontrados atualmente como a evasão escolar, o uso e/ou abuso de drogas, a permanência de adolescentes na rua, a exploração do trabalho adolescente, a prostituição, a violência, o suicídio, os acidentes de trânsito, as DST/AIDS, a gravidez não planejada freqüentemente acompanha o processo de exclusão social, bem como a construção no cotidiano de significações, sentidos e ações que reproduzem o sistema social dominante.

Algumas pesquisas têm analisado como a escolaridade, a inserção no mercado de trabalho e o projeto de vida têm se desenvolvido no cotidiano de jovens pertencentes a diferentes estratos sociais (GÜNTHER, 1999; SANTOS, 1999; SALLAS, 1999).

GÜNTHER (1999) salientou que algumas situações de risco, como o uso de álcool e drogas ilícitas, dificuldades e evasão escolar, sexo sem proteção, gravidez adolescente, delinquência, violência, têm sido amplamente propagadas na sociedade como decorrentes de comportamentos adolescentes, em detrimento da valorização de fatores positivos na adolescência. Esta postura social em relação parece justificar a negligência da sociedade em relação aos adolescentes.

Em pesquisa realizada por GÜNTHER & GÜNTHER (1998) em Brasília com 335 jovens com idade média de 16 anos que freqüentavam escolas particulares, públicas, ou destinadas a jovens em situação de rua, foi investigada a percepção destes em relação ao seu futuro a partir da estrutura de oportunidade que lhes é disponível (operacionalizadas em termos do tipo de escola freqüentada). Os resultados demonstraram que os jovens percebem que não existem oportunidades iguais para todos, por estas dependerem da condição social da família a qual pertencem. Freqüentar uma escola privada e estar cursando uma série mais avançada está relacionado a maiores expectativas de completar o segundo grau e ingressar na universidade. Por outro lado, não freqüentar uma escola particular, está associado a uma menor expectativa quanto a conseguir um emprego que garanta boa qualidade de vida e a possuir uma casa própria. GÜNTHER (1999) enfatizou que a sociedade pouco ajuda os adolescentes a lidar com as novidades e transformações vivenciadas na transição para o mundo adulto. Neste processo freqüentemente os jovens vivenciam dúvida, desilusão e solidão. Apesar disto, alguns se comprometem e são bem sucedidos nesta travessia, outros parecem não ter saída, frente à falta de claros laços familiares, do apoio da sociedade, da escola e demais instituições. Desta maneira, evidencia-se a necessidade do jovem ser orientado para buscar objetivos factíveis e articular estratégias para alcançá-los.

Em pesquisa realizada em Porto Alegre, SANTOS (1999) analisou a construção e a vivência do projeto de vida entre jovens pertencentes às camadas populares e médias/altas. No primeiro grupo, os jovens pertenciam a famílias de baixa renda, geralmente não concluíram o 2º grau e trabalhavam no setor terciário. Os jovens do 2º grupo pertenciam a famílias com alto poder aquisitivo e estavam cursando a universidade. Independente da camada social que pertenciam, os jovens relataram a presença de expectativas familiares quanto a seus projetos de vida. A relação entre os jovens, sua família e o espaço público se apresentou como um espaço de construção, mas também de conflitos especialmente quanto a valores presentes no exercício da sexualidade, e nas atividades de lazer. Entretanto, ao avaliar as expectativas jovens e de suas famílias quanto aos estudos e o trabalho foram percebidas importantes diferenças na elaboração de seus projetos de vida conforme as condições sócio-econômicas. Entre os jovens das camadas médias/altas foi verificada uma grande expectativa familiar de que dessem continuidade a um projeto de prestígio e ascensão social através dos estudos. Em contrapartida, as expectativas familiares relatadas pelos jovens das camadas populares enfatizavam a necessidade do ingresso no mercado de trabalho e da contribuição com o sustento da família. Os espaços sociais de convívio dos jovens em relação, por exemplo, ao lazer, preferências musicais, esportivas, estilos de consumo, também se mostraram diferenciados de acordo com a camada social que estes pertenciam. Os jovens de camadas populares, tendo o seu tempo ocupado com o trabalho, tiveram suas opções de lazer reduzidas em relação aos demais jovens, projetando-as em momentos futuros como as

férias. A turma de bairro e os colegas de trabalho se destacaram pelo compartilhamento de sentimentos e pela possibilidade de identificação mútua.

SALLAS (1999) coordenou uma pesquisa em Curitiba que investigou a percepção dos jovens em relação ao mundo que os cerca, tendo por referência os temas da violência e cidadania. Foram verificadas as formas de sociabilidade dos jovens em diferentes espaços que compõem o cotidiano. Fizeram parte da pesquisa 900 adolescentes com idade entre 14 e 20 anos, referentes a uma amostra aleatória, com participantes de diferentes regiões da cidade e diferentes condições sociais.

Com relação à inserção no mercado de trabalho a pesquisa revelou que 50,8% dos jovens pesquisados já haviam ingressado ao mercado de trabalho. Sendo que 24,4% destes relatam que contribuía desta forma para o sustento da família. Entretanto, diferenças foram constatadas no percurso profissional dos jovens nos diversos estratos sociais. A inserção no mercado de trabalho foi mais alta nos estratos sociais mais baixos, mas os jovens pertencentes a estratos sociais mais altos, especialmente no estrato B, conseguiram permanecer no trabalho por mais tempo. Do total de jovens que ingressaram no mercado de trabalho, 42% estavam desempregados na ocasião da pesquisa. O significado do trabalho nos estratos mais altos esteve mais associado ao aprendizado para atividade que exercerão após completarem o curso superior. Eles ocupavam com mais frequência atividades de mando ou treinamento para a vida profissional, como bolsistas/ estagiários ou empregadores. Em contrapartida, para os jovens pertencentes a estratos sociais mais baixos, o trabalho veio de encontro com a necessidade de contribuir com o sustento familiar. A inserção profissional ocorreu predominantemente em empresas privadas, especialmente entre as mulheres no caso das mulheres, e em funções de baixa qualificação como autônomos no caso dos homens. Os resultados demonstraram que grande parte dos jovens estuda e trabalha concomitantemente, mas uma parcela significativa dos jovens que trabalha não está estudando (16,2%). No total de jovens pesquisados, 22% não estavam estudando, sendo que a justificativa mais frequente atribuída para abandonar a escola foi o fato de estar trabalhando (30,9% dos casos). Estes dados indicam que a inserção no mundo do trabalho implica para uma parcela dos jovens o abandono dos estudos, o que por sua vez propicia uma menor qualificação profissional e menores oportunidades de trabalho, levando a um importante risco de desemprego.

Analisando a escolaridade em relação aos estratos sociais, percebeu-se que os jovens pertencentes a estratos sociais mais altos, tinham uma maior adequação entre idade e série, sendo que os pertencentes ao estrato social A apresentavam a maior permanência no 3º grau. A defasagem entre idade e série esteve mais presente entre jovens que pertenciam a estratos mais baixos, de maneira que estes permaneceram por mais tempo no 1º grau.

2.4. DIREITOS REPRODUTIVOS E GÊNERO

Diversos caminhos foram percorridos até o momento definindo as bases para a presente pesquisa relativa ao fenômeno da gestação na adolescência. Uma análise das pesquisas relevantes sobre o tema foi realizada. As concepções de homem e de adolescência utilizadas foram apresentadas. Finalmente algumas relações entre o recorte de gênero, a saúde e os direitos reprodutivos serão apresentadas em função das importantes implicações destas ao estudo e ao fenômeno da gestação na adolescência.

Os compromissos firmados nas Conferências do Cairo em 1994 e de Beijing em 1995, entre os diversos países, quanto à promoção da saúde sexual e reprodutiva das populações, apresentam particular importância como base para a elaboração e implantação de políticas de saúde pública dirigidas a jovens e adolescentes (IV CONFERÊNCIA MUNDIAL DA MULHER, 1995; BERQUÓ, 1998).

Como analisou BERQUÓ (1998) os conceitos de saúde e direitos reprodutivos foram consagrados socialmente na Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento, no Cairo, em 1994, sendo construídos ao longo dos anos anteriores à conferência a partir das prioridades estabelecidas em movimentos de mulheres de todo o mundo. O relatório desta Conferência consolidou importantes mudanças no cenário mundial ao situar os direitos humanos como centrais às questões de população e desenvolvimento.

No âmbito dos direitos reprodutivos, a saúde reprodutiva é conceituada como:

“... um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doenças ou incapacidades, em todas as questões relacionadas ao sistema reprodutivo e às suas funções e processos. Implica, portanto, que as pessoas estejam aptas a ter uma vida sexual satisfatória e segura e que tenham a capacidade para reproduzir e a liberdade para decidir se, quando e com que frequência” (BERQUÓ, 1998 p. 26).

Esta noção de saúde reprodutiva se distingue pelo princípio da abrangência demarcado na utilização do termo “pessoas”, o qual engloba homens e mulheres de todas as idades, não se limitando somente ao período reprodutivo ou à esfera feminina. Além disto, as pessoas são consideradas como sujeitos de direitos, ativos e responsáveis por sua saúde reprodutiva. Destaca-se também a integralidade desta, a qual envolve o exercício da sexualidade com satisfação, o direito à informação e o acesso a métodos contraceptivos seguros e eficazes, a garantia ao pré-natal, ao parto e ao puerpério seguros, bem como a saúde do recém nascido (BERQUÓ, 1998).

A Conferência Internacional sobre a Mulher, realizada em Beijing, em 1995, reafirmou a relevância dos direitos reprodutivos, dando ênfase a igualdade entre homens e mulheres como uma condição necessária para o estabelecimento da democracia, do desenvolvimento e da paz.

Tal proposição abrangeu desde a igualdade de direitos, oportunidades e acesso aos recursos, até a divisão equitativa das responsabilidades familiares, bem como o estabelecimento de relações igualitárias referentes ao comportamento sexual e reprodutivo, valorizando o consentimento recíproco e a responsabilidade compartilhada.

Desta forma, os governos se comprometeram a suprimir todos os obstáculos e restrições à igualdade entre os “sexos”, bem como ao avanço e à promoção da expansão do papel da mulher. Para o cumprimento deste objetivo, considerou-se indispensável a implementação de políticas eficazes e programas de desenvolvimento efetivos, eficazes e sinérgicos que levem em conta o gênero.

A perspectiva de gênero destacada nas Conferências do Cairo, em 1994, e Beijing, em 1995, teve como precedente não apenas o movimento de mulheres, mas o crescente interesse e desenvolvimento no meio científico do conceito de gênero.

Segundo LOURO (1996) este conceito começou a ser utilizado no Brasil na década de 80, entre estudiosas feministas de meios acadêmicos, disputando espaço com “os estudos da mulher”, que tinham dificuldade em obter legitimidade no campo universitário. A distinção entre os termos sexo e gênero foi necessária no contexto da luta contra um determinismo biológico implícito ao uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”, o qual justificava as desigualdades entre homens e mulheres e definições normativas de feminilidade. O termo gênero passou a ser utilizado ao se referir à organização social da relação entre os sexos e salientar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo.

SCOTT (1990), historiadora inglesa, apresentou uma definição para a categoria gênero, que tem exercido grande influência em diferentes áreas como a história, a sociologia, a epistemologia e a saúde. Sua definição baseia-se em duas proposições e algumas subpartes: “...gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder”, (SCOTT, 1990, p. 14).

A primeira proposição da definição tem o objetivo de clarificar e especificar como é preciso pensar o efeito de gênero nas relações sociais e institucionais. Ela implica quatro elementos relacionados entre si. Segundo a autora estes elementos estão ligados entre si, nenhum deles pode operar sem o outro, mas eles não operam simultaneamente, não sendo um simples reflexo do outro.

O primeiro elemento se refere aos “...símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas (e com frequência contraditórias) - Eva e Maria como símbolos de mulher, por exemplo, dentro da tradição cristã do Ocidente...” (SCOTT, 1990, p. 14).

O segundo elemento diz respeito aos “... os conceitos normativos que põem em evidência as interpretações do sentido dos símbolos que se esforçam para limitar e conter suas possibilidades metafóricas. Estes conceitos são expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas, ou jurídicas e tomam a forma típica de uma oposição binária, que afirma de forma categórica e sem equívoco o sentido do masculino e do feminino” (SCOTT, 1990, p. 14).

Desta maneira, as afirmações normativas dominantes são declaradas como se fossem as únicas possíveis. Ideologicamente, elas são escritas, posteriormente, na história como produto de consensos sociais e não de conflitos, rejeitando ou reprimindo possibilidades alternativas, mesmo quando ocorreram confrontações abertas ao seu respeito.

A noção de fixidade e a aparência de uma permanência eterna na representação binária dos gêneros estão presentes, também, no nível político, no nível das instituições e das organizações sociais, correspondendo ao terceiro elemento que compõe a primeira proposição. Ela pode ser verificada, por exemplo, na divisão sexual do trabalho, na desigualdade de condições de trabalho e renda, na distribuição distinta de homens e mulheres na política e em instituições jurídicas.

O último elemento destacado pela autora é a identidade subjetiva: “Os historiadores devem antes de tudo examinar as maneiras pelas quais as identidades de gênero são realmente construídas e relacionar seus achados com toda uma série de atividades, de organizações e representações sociais historicamente situadas” (SCOTT, 1990, p. 15).

A teorização de gênero é apresentada na segunda proposição. “Gênero é um primeiro campo no seio do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado. O gênero não é o único campo, mas ele parece ter constituído um meio persistente e recorrente de dar eficácia à significação do poder no Ocidente, nas tradições judaico-cristãs e islâmicas (SCOTT, 1990, p. 16)”.

A autora enfatizou a “necessidade de substituir a noção de um poder social unificado, coerente e centralizado, por qualquer coisa que esteja próxima do conceito foucaultiano de poder, entendido como constelações dispersas de relações desiguais, constituídas pelos discursos nos ‘campos de forças’ sociais” (SCOTT, 1990, p. 14).

Enquanto uma nova categoria de análise, o conceito de gênero propôs uma reavaliação das premissas e critérios dos trabalhos científicos existentes.

SIQUEIRA (1997) levantou alguns pontos de discussão sobre as relações entre a categoria gênero e a psicologia, ao considerar que a ciência é uma produção humana, que não é neutra, sendo atravessada por ideologias, representações, valores e normas convencionados pela sociedade. O universo científico, inserido em um mundo marcado pela dominação masculina, é construído através e pelo olhar masculino. Em diversas áreas da psicologia o sentido do gênero

foi desconsiderado. As funções psíquicas foram estudadas considerando apenas o gênero masculino. Enfatizando posições diferentes às teorias de Piaget, Kohlberg e Freud, SIQUEIRA (1997) citou autoras como GILLIGAN (1993) e CHODOROW (1990) que desenvolveram seus estudos tendo por base a perspectiva de gênero. A primeira destas autoras verificou que a moralidade feminina, diferentemente do homem, estaria associada a uma lógica de cuidados e responsabilidade, na qual as situações são avaliadas de uma maneira mais personalizada, do que em uma lógica de direitos e justiça. A segunda autora analisou como a identidade de gênero se constrói, a partir das relações da criança com a mãe ou outra figura feminina substituta.

SIQUEIRA (1997) considerou que importantes investigações foram realizadas no Brasil em relação a socialização e aos papéis sexuais. A Fundação Carlos Chagas teve um importante papel como incentivadora de pesquisas sobre o tema, que compreendiam a escola e a família como responsáveis pela construção da subjetividade feminina marcada pela opressão. A autora mencionou a incorporação de estudos de gênero na Psicologia Social nos últimos anos, salientando a necessidade de uma construção teórica que dê conta do Gênero como componente/compositor da subjetividade. Gênero, assim como posição social e raça, originam inúmeros agenciamentos de subjetivação que atravessam o sujeito cotidianamente.

Para TRINDADE (1998) a ausência da perspectiva de gênero na psicologia tem contribuído com interesses dominantes, sustentando a partir da biologia diferenças que submetem a mulher. As teorias psicológicas freqüentemente supervalorizaram o papel da mãe na educação dos filhos, citando o pai apenas como provedor, camuflado na designação do “papel instrumental”. A partir de 1970, teve início uma perspectiva de reconhecimento da importância do pai nos cuidados da criança, a qual foi consolidada na década de 80. Conforme a pesquisadora, na literatura de psicologia do desenvolvimento da década de 60 e 70, o pai só se encontrava presente ao serem investigados os efeitos da ausência de um dos pais no desenvolvimento infantil.

Compreendendo gênero como uma construção social, diversos estudos analisaram como os papéis masculinos e femininos e as identidades de gênero se desenvolveram ao longo da história, marcados pela dominação masculina em relação à mulher. De acordo com os estudos de POSTER (1979); BADINTER (1985); ROCHA-COUTINHO (1994); GRISCI (1995) e TRINDADE (1998) pode-se verificar um processo social de “naturalização” da família moderna e normatização de “supostas naturezas masculinas e femininas imutáveis e biologicamente predeterminadas”, que desconsideram seu caráter histórico.

BADINTER (1985) analisou historicamente a ascensão do papel da mulher, concomitantemente ao surgimento da família moderna na sociedade, o qual foi caracterizado pela celebração do reinado da criança nas famílias das classes ascendentes, por volta de 1760-

1770, sendo representado pela publicação de *Émile*, em 1762, por Rousseau. Anteriormente a este período, a família estava baseada na autoridade do homem, enquanto pai e marido, representante do Rei e, por conseguinte, de Deus, no espaço familiar. O amor estava ausente enquanto valor social e familiar. A criança era tratada com frieza, indiferença, ou até mesmo como um fardo, estorvo ou motivo de medo. A família moderna teve como base a construção social do mito do amor materno. Este mito pressupõe que o amor materno é incondicional, inquestionável e “natural” a identidade feminina, sendo decorrente da gestação e do processo da criação. Ideologicamente a mãe é revestida de um poder santificado. O amor materno passou a ser considerado um investimento, mais importante que a relação homem-mulher. A relação de dominação vivida entre os gêneros foi estendida aos filhos na forma de cuidados pessoais e domésticos, aguardando retribuição na velhice ou doença através de amparo e companhia. Esta mudança social reforçada por discursos políticos, econômicos, filosóficos e educacionais concebeu um novo valor social à mulher, atribuindo-lhe a responsabilidade física e educacional por seus filhos e por tudo que acontece na esfera do lar.

Para entender a inserção dos papéis masculinos e femininos na estrutura familiar da sociedade atual, POSTER (1979) enfatizou a necessidade de compreender como as famílias se estruturaram e se modificaram ao longo da história ocidental até a atualidade. Com este objetivo, o autor se ateve à análise de quatro modelos europeus primordiais de estrutura familiar: a família burguesa de meados do século XIX, a família aristocrática dos séculos XV e XVII, a família camponesa dos séculos XVI e XVII e a família da classe trabalhadora do início da revolução industrial.

Avaliando tais modelos, POSTER (1979) destacou o desenvolvimento de um padrão claro de família na burguesia, a partir da metade do século XVIII, bastante distinto dos modelos anteriores existentes na aristocracia e no campesinato, o qual deu origem a família moderna.

A estrutura da família da burguesia europeia em meados do século XIX, é marcada claramente pela privacidade e intensidade emocional da família nuclear e pela manutenção de uma hierarquia por idade e sexo. Neste modelo, a autoridade dos pais sobre os filhos cresceu, limitando-se a estes, em oposição aos modelos familiares da aristocracia e do campesinato nos quais outras pessoas da comunidade intervinham cotidianamente nas relações familiares. Tanto no contexto da aristocracia como do campesinato, as crianças não eram consideradas o centro da família e as mulheres não desempenhavam o papel de mãe valorizado pela burguesia. Na aristocracia os cuidados das crianças ficavam por conta dos criados, por outro lado a criança se relacionava com uma ampla gama de pessoas adultas. No campesinato, as crianças eram cuidadas por suas mães e por outras pessoas da comunidade que lhe ajudavam.

Dependendo da economia capitalista, na burguesia, o ambiente de trabalho separou-se do ambiente familiar e os papéis sexuais se diferenciaram claramente. As relações de trabalho e de mercado passaram a ser marcadas pela competitividade, por interesses econômicos e pela frieza no relacionamento entre as pessoas. Em contrapartida, o lar passou a ser reconhecido com um espaço de relações íntimas, afetuosas, cordiais e emotivas. Esta separação delimitou uma clara divisão entre um espaço social da razão e ação em oposição a um espaço específico aos sentimentos. De maneira complementar, a masculinidade foi definida em torno da capacidade para sublimar, ser agressivo, racional e ativo, enquanto as características femininas passaram a ser identificadas por expressar emoções, ser fraca, irracional e passiva.

Ocupando o espaço público do trabalho e provendo o sustento da família, o homem se tornou a autoridade dominante da família e passou a ser considerado socialmente como um cidadão autônomo e livre. Em contrapartida, ficando confinada ao lar e dependente do marido, a mulher se tornou responsável por atender às necessidades do marido, cuidar da casa e dos filhos, treinando estes últimos para ocupar um lugar respeitável na sociedade.

Tendo por base o surgimento da sociedade industrial, ROCHA-COUTINHO (1994) também salientou o desenvolvimento do espaço público e o privado como dois contextos sociais distintos que passaram a se desenvolver com lógicas próprias. A afetividade passou a ser o eixo básico do mundo doméstico, enquanto que a racionalidade, a inteligência e a eficácia no exercício do poder se tornaram o eixo do mundo público. Desta maneira, passou-se a esperar do homem a produção e o sucesso profissional e da mulher a reprodução e a educação dos filhos, enquanto permanecia confinada ao espaço doméstico da família. A “natureza feminina” foi reduzida ao papel de esposa e de mãe, lhe sendo atribuídas características como: fragilidade, emotividade, dependência, passividade sexual, docilidade, comedimento, indulgência, sacrifício em relação ao outro.

Segundo ROCHA-COUTINHO (1994) a compreensão da identidade feminina através das relações de gênero remete a desvalorização social da mulher e a inferioridade a ela atribuída, a qual a considera como incapaz de entender de certos assuntos e tomar decisões sérias. Este status inferior foi disfarçado pela idéia de respeito, proteção e supervalorização de seu papel dentro do lar, de maneira que a mulher passou a viver para os outros, negando a possibilidade de ser ela mesma.

Conforme analisou POSTER (1979), mantendo a função de preservação da acumulação de capital, o casamento na burguesia no decorrer do século XIX e XX se tornou progressivamente o resultado de uma escolha dos parceiros que os vincula para sempre, frente ao amor romântico. Segundo ROCHA-COUTINHO (1994), sua presença passou a impedir a mulher de perceber a condição de opressão na qual está inserida no contexto do casamento. O

aparecimento do amor materno, do amor conjugal e do sentimento doméstico de intimidade acarretou mudanças nas prioridades de vida, bem como nas relações contratuais e subjetivas dos integrantes da família. A criança passou a ter um importante valor cultural e social, indispensável na vida cotidiana, sendo um produto desta unidade e razão de sua subsistência.

A visão do amor romântico é também associada a uma visão da mulher como um ser assexuado e, portanto, passivo sexualmente. A mulher deixa de ser a Eva pecadora para identificar-se com a imagem santificada de Maria. Neste contexto, é possível justificar a presença de uma dupla moral que diferencia a educação sexual de homens e mulheres. POSTER (1979) analisou que diferentemente do modelo presente na aristocracia e no campesinato, as mulheres na burguesia passaram a ser consideradas como assexuais, sendo que o casamento não implicava na realização sexual do casal. O amor e o casamento contrastavam com o prazer sexual vivenciado pelos homens burgueses em relações com prostitutas.

Para POSTER (1979) os diferentes modelos de estrutura da família compreendem diferentes configurações emocionais da psique. Desta maneira, a estrutura psíquica proposta por Freud, só pode ser desenvolvida no contexto da família burguesa. O contexto social de criação dos filhos na burguesia foi completamente distinto do contexto encontrado na aristocracia e campesinato. Nestes modelos de família, a criança não estava submetida de maneira tão intensa e limitada à autoridade dos pais, a uma intensa ligação afetiva com estes, bem como a cuidados constantes por parte de sua mãe. A sexualidade da criança era reconhecida socialmente, não havendo uma recriminação da masturbação infantil como na burguesia. Em contrapartida, na burguesia, a criança encontrava-se compelida a abandonar as satisfações corporais, em troca do amor parental em um contexto de grande dependência a estes.

Comparando o modelo de família da classe trabalhadora presente no início da industrialização com o modelo da família da burguesia, POSTER (1979) destacou uma distinção bastante clara entre ambos. Entretanto, ele expôs que no decorrer de dois séculos, importantes mudanças ocorreram aproximando este modelo de família ao modelo da burguesia. Inicialmente devido aos baixos salários, toda a família, incluindo crianças, tinha necessidade de trabalhar para garantir sua sobrevivência. Posteriormente, conforme os trabalhadores foram conquistando melhores condições de trabalho e salários, começou a ocorrer uma diferenciação de papéis sexuais na família até que a mulher passou a ficar limitada ao lar como no modelo da burguesia. Concomitantemente, a criança, que era criada sem a constante atenção e fiscalização da mãe, passou a ocupar a prioridade de atenção e cuidados na família.

Desta maneira, POSTER (1979) avaliou que no decorrer do século XX, o modelo de família nuclear burguesa tornou-se a estrutura familiar dominante à medida que a população trabalhadora, em sua amplitude e heterogeneidade, tendeu a seguir este modelo. Apesar das

mudanças mais recentes ocorridas na família moderna como as mudanças nos padrões sexuais entre homens e mulheres, a inserção da mulher no mercado de trabalho, a exigência de iguais condições de trabalho e a maior divisão de tarefas domésticas entre o casal, o autor enfatizou que o modelo de família burguesa não foi totalmente excluído da sociedade atual. Importantes características deste modelo se mantêm como a valorização da privacidade da família, o amor romântico como razão para o casamento, a intensa preocupação com os filhos e a intensificação das relações na família. Além disto, as hierarquias por idade e sexo podem estar presentes. A substituição de valores sociais quanto à vida em comunidade pela valorização da privacidade da vida em família, na sociedade moderna, também foi analisada por ARIÈS (1981).

Nas últimas décadas, na sociedade brasileira, as mulheres obtiveram inúmeras conquistas sociais, caracterizadas pela inserção no mundo do trabalho e a possibilidade de exercer a sexualidade com liberdade, a partir do controle da fecundidade. Estas conquistas levaram alguns homens a questionar as suas concepções sobre a masculinidade e modificar seu papel na família. A masculinidade e a feminilidade são construídas de maneira relacional, sendo referendadas mutuamente (VILLA, 1997; DOMÍNGUEZ, 1998; ARRILHA, 1999; TRINDADE, 1999; VILLA, 2001). Entretanto, estas mudanças não ocorreram de forma homogênea na sociedade, de maneira que inúmeras variações na forma de conceber o masculino e feminino coexistem atualmente.

O crescimento da participação da mulher no mercado de trabalho, não tem sido acompanhado por um crescimento, na mesma proporção, do envolvimento masculino nas atividades domésticas e de uma divisão igualitária de tarefas entre os gêneros, criando para as mulheres a dupla jornada de trabalho. Esta sobrecarga tem se tornado cada vez mais freqüente em alguns casos, sendo marcante em situações nas quais a mulher se torna “chefe de família” ao assumir sozinha a responsabilidade para com a família, em relação ao sustento financeiro, às atividades domésticas e à manutenção dos vínculos afetivos familiares (TRINDADE, 1999).

Entretanto, SARTI (1994) observou que ao assumir o papel de “chefe da família”, a mulher procura compensar a ausência de uma figura masculina na família nuclear, atribuindo autoridade a outros homens pertencentes à família entendida. Este papel masculino pode ser desempenhado por seu pai, um irmão ou até mesmo um filho mais velho. Na ausência da família nuclear tradicional e frente à instabilidade econômica em famílias pobres, as crianças passam a ser uma responsabilidade de toda a família, enquanto uma rede de sociabilidade mais ampla. A noção da família se define, para os pobres, como a presença de vínculos em uma rede de obrigações morais, que tem por base a noção de necessidade e o estabelecimento de relações caracterizadas por um contínuo dar, receber e retribuir. Diante da separação do casal e uniões conjugais subseqüentes, a prática de “circulação de crianças” tem se tornado freqüente, na qual a

mulher delega temporariamente a criação de seus filhos a outra mulher, geralmente consanguínea a esta ou pertencente a seu grupo de referência. Esta solução conciliatória é utilizada possibilitando concretamente a criação dos filhos, sem perder o vínculo destes com a mãe biológica.

A centralização da identidade feminina em torno dos papéis de esposa e mãe foi destacada em uma pesquisa realizada por GRISCI (1995) em um grupo de quinze mulheres-mães. Em grande parte das participantes pode-se observar a manutenção da repressão da sexualidade feminina e de relações de dominação masculina, demonstrando que muitas delas se consideravam mais liberadas e reconhecidas profissionalmente do que realmente eram. A maternidade definia a identidade feminina, negando o processo histórico e normatizando o papel de mãe. O corpo da mulher foi considerado a matéria-prima para a fábrica mulher-mãe, sendo vivido a serviço da reprodução de relações de dominação. A repressão da sexualidade e o pouco contato com o corpo iniciado na infância se manteve no adulto. A sexualidade foi vivenciada como negativa, de maneira que seu valor esteve vinculado a procriação. Ideologicamente “ser mulher está biológica e socialmente tão relacionado ao ser-mãe, que se caracteriza quase uma heresia, pensar a mulher-mãe como binômio de uma construção”. (GRISCI, p. 14, 1995).

A forte relação social entre a maternidade e identidade feminina também foi analisada por TRINDADE (1999). Para esta pesquisadora, no processo de socialização da mulher, a maternidade tem se constituído como condição estruturante de sua identidade. A mulher se submete socialmente à maternidade de maneira praticamente obrigatória. Sendo assim, na sociedade atual a possibilidade de uma mulher não querer ter filhos ainda é vista com estranheza. As pressões sociais quanto ao desempenho do papel de mãe são intensas, enquanto alguns homens ainda não reconhecem legalmente seus filhos.

Historicamente os estudos e as políticas referentes à saúde reprodutiva estavam dirigidos exclusivamente às mulheres refletindo e reforçando a relação entre a identidade feminina e a maternidade. Posteriormente nas discussões decorrentes das Conferências Internacionais realizadas pela Organização das Nações Unidas, especialmente na Conferência do Cairo em 1994, foi se tornando claro que a transformação nos indicadores de saúde das mulheres necessitava da modificação também do comportamento masculino em relação ao uso de preservativos e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (ARRILHA, 1999).

Por outro lado, os estudos sobre as masculinidades também vêm se destacando recentemente no meio acadêmico, como parte dos estudos de gênero, a partir do reconhecimento dos homens como cidadãos com necessidades e direitos referentes à vida sexual e reprodutiva.

O papel da reprodução na construção da (s) masculinidade (s) foi investigado em pesquisa realizada por ARRILHA (1999) na cidade de São Paulo. Foram realizados grupos

focais com homens solteiros ou casados com idades entre 20 e 44 anos pertencentes aos estratos sociais B e C. Pode-se verificar uma diversidade de padrões de masculinidades e de definições sobre o que significa ser homem, frente às transformações sociais vividas atualmente, bem como uma dificuldade entre os homens em precisá-la. Entretanto, os homens entrevistados continuavam se sentindo responsáveis pela manutenção da autoridade moral familiar, mesmo quando compartilhavam com suas esposas a responsabilidade pela manutenção financeira da família e as tarefas domésticas.

SARTI (1994) analisou que em famílias pobres, além de ocupar o papel central de provedor da família, o homem corporifica a idéia de autoridade moral, ao ser o mediador da família com o mundo externo, e o guardião da respeitabilidade familiar. Uma estrutura hierárquica e complementar de autoridades entre homem e mulher é estabelecida. Enquanto o homem é considerado o chefe da família, a mulher é considerada a chefe da casa, estando subordinada ao homem, mas sendo responsável por manter a unidade do grupo, cuidar de todos e zelar para que tudo se mantenha como o esperado dentro da casa. De maneira simbólica, a maternidade reconhece a mulher como tal e lhe confere autoridade.

Na pesquisa citada anteriormente, ARRILHA (1999) analisou que a preocupação com a reprodução entre os homens se desenvolveu no contexto das relações, diferentemente das mulheres que desenvolveram a consciência reprodutiva através de um processo de interação com seu próprio corpo. De maneira geral, os homens tenderam a considerar a saúde sexual masculina como bastante simples, estando centralizada na ereção, sem demandar novos aprendizados. Estando voltados para a conquista sexual e amorosa, eles tiveram mais facilidade de falar sobre o funcionamento do corpo feminino, apesar de considerar as mulheres e seu funcionamento como mais complexo que a si próprios. Entretanto, os homens pesquisados haviam deixado para as mulheres a liderança e o agenciamento dos processos reprodutivos, tendo se deparado algumas vezes com uma gravidez e conseqüentemente uma paternidade, a qual não haviam desejado. Nestas situações, eles se viram obrigados a assumir a responsabilidade decorrente deste papel. Este aspecto vem se mantendo socialmente nas masculinidades e expressa o grau de seriedade de um homem.

A passagem nos homens de uma vida sexual de “zoeira e irresponsabilidade” para uma vida responsável e regulada tem sido analisada detalhadamente por VILLA (1997). Em estudo realizado em Buenos Aires, o autor verificou os significados atribuídos por homens de setores populares urbanos à reprodução na construção e organização das famílias. Foram entrevistados 25 homens com idades entre 17 e 45 anos. Os resultados revelaram a presença entre a maioria dos participantes de uma necessidade de sair e se distanciar do ambiente familiar de origem de maneira precoce, frente a experiências de desproteção afetiva como abandono, violência e maus

tratos familiares. Diante da ausência de figuras de identificação masculinas neste meio, a socialização no grupo de pares se sobressaiu, de maneira que eles permaneceram “zoando” em espaços sociais caracterizados pela segregação de gênero, nos quais buscavam conseguir uma identidade pessoal masculina. Todavia a permanência nesta situação social, estava associada a fortes prescrições culturais dirigidas ao papel masculino e ao exercício de uma sexualidade impessoal, caracterizada por uma heterossexualidade irrefreável e pelo temor e depreciação das mulheres. No exercício desta sexualidade os homens percebiam supostas intenções e desejos implícitos de fecundidade por parte das mulheres, as quais poderiam torná-los dependentes destas e ameaçar sua autonomia sexual masculina. Neste contexto, os participantes se defrontaram com o dilema subjetivo entre manter uma identidade e sexualidade impessoal, partilhada com outros homens ou buscar sua identidade pessoal. Estabelecer uma identidade diferenciada de outros homens implicaria em particularizar o exercício da sexualidade ao estabelecer uma união estável e assumir o papel de provedor e a responsabilidade pelos filhos.

No âmbito doméstico, a fecundidade possibilitaria ao homem um espaço de valorização social, que legitima e re-significa o exercício de sua sexualidade, a partir de uma moralização dos comportamentos sexuais masculinos. O pesquisador concluiu que nesta relação, enquanto o homem expressava demandas de atenção e compreensão em relação a companheira, esta exerceria uma ação de domesticação e moralização do papel de marido e pai, limitando o exercício de sua sexualidade ao âmbito doméstico. Portanto, a realização pessoal na paternidade significaria uma transcendência pessoal, cultural e social em relação a uma sexualidade e identidade impessoais.

Nesta mesma pesquisa, VILLA (1997) avaliou os conhecimentos destes homens em relação à reprodução biológica e aos mecanismos de regulação da fecundidade. Diferentemente do grupo pesquisado por ARRILHA (1999), estes homens não se sentiram à vontade ao falar sobre saúde reprodutiva, referindo-se a esta como um saber das mulheres e dos médicos. Entretanto, eles demonstraram um interesse em adquirir tais conhecimentos. A diferença encontrada nas duas pesquisas, talvez possa ser atribuída a diferenças sociais quanto ao local de moradia e posição social dos homens pesquisados. Esta pesquisa foi dirigida a homens de setores populares, diferentemente da pesquisa anterior que foi realizada com homens pertencentes a estratos B e C.

Por outro lado, o pouco conhecimento sobre fertilidade e métodos contraceptivos entre estes homens de setores populares em Buenos Aires, se assemelhou aos resultados encontrados por ARRILHA (1999) na parte da pesquisa voltada para homens do setor de produção de uma fábrica no município de São Paulo. A metade dos homens pesquisados por VILLA (1997), e especialmente todos os acima de 30 anos, tinham idéias errôneas sobre a concepção e o período

fértil das mulheres. A iniciativa quanto à escolha do método contraceptivo partiu das mulheres principalmente entre os homens maiores de 25 anos casados, diferentemente dos solteiros que demonstraram mais preocupação e iniciativa em relação à regulação da fecundidade. Entre os casados pertencentes a uma faixa etária mais baixa percebeu-se a ocorrência de uma decisão compartilhada pelo casal. Todos os homens mencionaram o conhecimento de alguns métodos contraceptivos, como o anticoncepcional hormonal, o preservativo e o coito interrompido. Apenas uma minoria conhecia como a pílula funcionava no organismo feminino, além disto de maneira geral, o uso de métodos hormonais foi percebido como ineficaz, em função do esquecimento durante seu uso e dos efeitos colaterais provocados nas mulheres. Pode-se perceber uma dificuldade quanto à compreensão de que as falhas no coito interrompido levariam a uma gravidez não planejada. Desta maneira, a utilização de preservativos masculinos e do coito interrompido passou a ser uma alternativa, mesmo sendo sentida por estes como interferindo na atividade sexual. A utilização do coito interrompido principalmente entre os homens casados, também foi percebida por ARRILHA (1999).

Outra pesquisa realizada por VILLA (2001) em Buenos Aires, analisou como as concepções de masculinidade de mulheres e homens jovens vinham interferindo no processo de decisões reprodutivas e na formação das famílias. Foram entrevistados homens e mulheres pertencentes aos estratos sociais baixo e médio, que estivessem casados ou vivendo em união consensual e tivessem pelo menos um filho. As idades dos participantes do estrato baixo variaram entre 18 e 25 anos e do estrato médio de 18 a 30 anos.

Os resultados finais desta pesquisa revelaram que a gravidez foi o principal motivo para o casamento ou união consensual em 2/3 dos casos pertencentes ao estrato baixo, enquanto que no estrato médio 2/3 dos entrevistados estavam casados ou em união consensual quando esta ocorreu. A gravidez ocorreu a partir de uma decisão planejada do casal em quase a metade dos homens e mulheres do estrato médio e em um terço dos participantes do estrato baixo. Neste último grupo, o desejo da gravidez partiu inicialmente do homem, ocorrendo posteriormente um relativo acordo entre o casal. Em 1/3 dos participantes pertencentes ao estrato baixo, a gravidez não foi planejada conscientemente pelo casal, mas foi considerada por ambos como parte natural do projeto de formar uma família.

VILLA (2001) destacou a presença de expectativas relacionais mútuas quanto a um projeto reprodutivo, entre casais pertencentes ao estrato baixo, quando a gravidez ocorreu de maneira planejada explícita ou implicitamente. Neste contexto, a gravidez simbolizou uma prova de amor da mulher em resposta a uma demanda masculina explícita ou implícita, a qual foi expressa pela presença de um enamoramento, que sinalizou a legitimação do projeto reprodutivo.

Geralmente esta situação ocorreu após um curto período de convivência ou noivado (menos de um ano), sendo responsável pela constituição de um vínculo de casal estável e permanente no contexto de formação da família. A escolha do parceiro esteve vinculada a possibilidade destes desempenharem os papéis domésticos de homem e mulher, contrariamente à valorização da autonomia e capacidades individuais de decisão. A reprodução foi uma forte motivação para a inserção do homem de maneira permanente no mercado de trabalho, no sentido de cumprir o papel social de provedor com autonomia em relação ao meio familiar.

Foram percebidas expectativas femininas de encontrar um homem que lhe protegesse afetivamente, frente à possibilidade de reprodução, em decorrência de uma necessidade de se distanciar das relações conflituosas com a família de origem. Desta maneira, a união com o companheiro teve o significado de compartilhar os problemas e superar um estado de solidão, ao se sentir apoiada e compreendida em relação aos conflitos familiares.

A utilização da gravidez como um instrumento de desvinculação da família de origem e formação de um novo núcleo familiar, também, foi verificada por SARTI (1994) entre mulheres pertencentes a famílias pobres. Sua ocorrência estaria vinculada ao fato da paternidade e maternidade conferir socialmente à mulher e ao homem um estatuto de maioridade, que remete à responsabilidade por seus destinos. Além disto, a gravidez também seria utilizada por algumas mulheres como uma maneira de forçar a formação de uma família, quando o parceiro se mostra hesitante quanto à perspectiva de união do casal.

Segundo VILLA (2001), nos casos em que a gravidez ocorreu na ausência de um vínculo afetivo que simbolizasse a possibilidade de uma gravidez, a união do casal se deu em decorrência de mandatos familiares e sociais para que o homem assumisse as responsabilidades reprodutivas e de formação da família, de maneira a abandonar a vida de solteiro. Nesta situação, a união do casal foi sentida pelo homem como uma perda da liberdade.

Entre os casais do estrato médio, a gravidez tendeu a ocorrer, após bastante tempo de noivado ou convivência de casal (mais de 2 anos), como uma afirmação do vínculo afetivo já constituído, implicando na valorização das autonomias individuais e do conhecimento mútuo entre o casal. Quando a união do casal ocorreu após a gravidez, esta ocorreu no contexto de um noivado, no qual a gravidez estava explicitada como uma possibilidade em um projeto do casal.

Analisando as decisões reprodutivas entre os casais pertencentes ao estrato baixo, VILLA (2001) percebeu que as expectativas masculinas tenderam a prevalecer, controlando a tomada de decisões quanto a engravidar ou se prevenir. A atribuição de responsabilidade ao homem foi compartilhada pelo casal, acompanhada por pouca comunicação quanto ao uso dos métodos contraceptivos. Algumas mulheres tiveram um controle sobre as decisões reprodutivas maior do que as demais. Mas de maneira geral, elas apresentaram maiores dificuldades de reconhecer as

suas próprias necessidades, bem como as do parceiro, quando comparadas com as mulheres pertencentes ao estrato social médio.

Na ocorrência de conflitos e diferenças entre o casal quanto ao controle das decisões reprodutivas duas situações foram observadas: o homem manteve um relativo controle da gravidez pelo uso do coito interrompido ou da tabelinha, a responsabilidade reprodutiva foi delegada por um parceiro ao outro, tendo sido dada liberdade a este decidir quanto ao uso ou não de algum método contraceptivo.

Nos dois estratos sociais, o uso do método contraceptivo foi iniciado pelo homem no começo das relações sexuais entre o casal. No estrato baixo pode-se perceber um período curto de prevenção, caracterizado por uma descontinuidade no uso dos métodos contraceptivos antes da gravidez ocorrer. O uso inicial do preservativo geralmente foi abandonado por obstaculizar o prazer sexual e tirar a espontaneidade. Por outro lado, as mulheres freqüentemente rechaçaram o uso de métodos hormonais em função de seus efeitos colaterais.

No estrato médio, o uso do método contraceptivo ocorreu de maneira mais freqüente e permanente, sendo utilizado por mais tempo antes da gravidez. O controle sobre as decisões reprodutivas foi mais compartilhado entre o casal, implicando na comunicação entre ambos, expressão mútua de planos pessoais e no estabelecimento de um acordo. O uso do preservativo masculino se manteve por mais tempo, frente ao rechaço da mulher em usar um método hormonal, mesmo quando o homem havia manifestado insatisfação quanto ao uso deste método. Entretanto, entre as mulheres pertencentes ao estrato médio, houve uma maior utilização de métodos hormonais do que no estrato baixo.

A gravidez resultou geralmente do abandono do preservativo ou do coito interrompido por um desejo em relação à gravidez. Em poucos casos, esta foi uma consequência do rechaço masculino quanto ao uso do preservativo ou pelo abandono do uso da pílula pela mulher sem o conhecimento por parte do homem. A motivação para regular a fecundidade esteve relacionada a preocupações com a ascensão e consolidação profissional, a necessidade de conhecimento e confiança mútua entre os membros do casal e ao desejo de desfrutar a vida de casal ou noivado antes de ter um filho.

VILLA (2001) também avaliou os significados desenvolvidos pelos participantes, quanto à formação da própria família, a partir da socialização no grupo familiar. No estrato baixo, esta ocorreu em famílias nucleares, monoparentais ou estendidas. Nas famílias nucleares os participantes referiram a presença de mensagens contraditórias sobre a figura masculina. Foram relatadas críticas às características machistas dos pais e de irmãos, que demonstraram falta de interesse em relação às necessidades materiais e afetivas da família, mulher e filhos, não correspondendo a concepção de homem enquanto provedor, responsável pela família e pela

orientação dos filhos. As mulheres apresentaram uma insatisfação por terem permanecido, na família de origem, reclusas em casa desempenhando tarefas domésticas e de cuidado aos irmãos.

Entre as mulheres do estrato baixo pertencentes a famílias monoparentais ou estendidas, as figuras femininas reforçaram ainda mais a imagem negativa das figuras masculinas. Entre os homens, sua mãe e outros familiares procuraram lhe transmitir a possibilidade do desenvolvimento de qualidades masculinas positivas diferenciadas da imagem negativa de seu pai. Entretanto, subjetivamente estes homens se defrontaram com a possibilidade de repetir as qualidades negativas da figura paterna e a necessidade psíquica de se diferenciar do machismo paterno.

A reprodução representou, tanto para homens como para mulheres, uma possibilidade de diferenciação, individuação e independência em relação às famílias de origem. Para as mulheres ela possibilitou um distanciamento em relação à família de origem a partir de um reconhecimento social como mulher autônoma. Para os homens, a paternidade se apresentou como uma possibilidade de simbolizar a identidade masculina e transcender os conflitos com a figura paterna, transformando-se em um agente social que coloca um nome masculino no processo reprodutivo, ao resgatar e proteger a mulher de sua condição de filha no grupo familiar de origem, diferenciando-se das qualidades paternas incorporadas no grupo familiar.

As expectativas dos familiares nos diversos tipos de família do estrato baixo quanto ao futuro reforçaram os estereótipos de gênero. Dos homens foi esperado que trabalhassem desde jovens para contribuir com o sustento familiar, enquanto as mulheres deveriam estudar, e se manter reclusas em casa até casar. Nas famílias nucleares, as mães diferentemente dos pais demonstraram preocupação que os filhos estudassem, além de trabalhar. Nas famílias monoparentais ou estendidas ocorreram relatos de expectativas maternas de que as filhas crescessem logo e saíssem de casa, sendo auto-suficiente em relação aos homens, apesar de terem permanecido reclusas ao lar, desempenhando tarefas domésticas. Desta forma, estas filhas se sentiram não queridas e rechaçadas por suas mães.

No estrato médio, a maioria dos participantes foi socializada em famílias nucleares. O homem foi o principal provedor da família, mas muitas mães estudavam ou trabalhavam. Estas eram responsáveis, geralmente junto com o pessoal de serviço, pela realização de tarefas domésticas. Entre os homens estiveram presentes críticas quanto às qualidades machistas da figura paterna, representadas pela falta de comunicação, presença de poucos cuidados e atenção, assim com a aceitação do machismo paterno por suas mães. As mulheres revelaram com mais frequência se sentirem protegidas por pais e avós.

Houve uma maior igualdade de gênero nas expectativas dos pais quanto ao futuro dos filhos e filhas, quanto à importância dos estudos e do desenvolvimento da capacidade de decisão

individual, não sendo transmitido um discurso de papéis de gênero. Apesar disto, manteve-se a expectativa de que a filha mulher se casasse com um homem que lhe desse segurança econômica.

A formação da família para o homem foi considerada socialmente como um sinal de um de masculinidade. Mas, a valorização da individualidade no processo de socialização permitiu uma maior crítica as concepções de masculinidade. Desta maneira, os homens estiveram mais voltados para consolidar uma posição profissional e construir uma relação de casal do que transcender o vínculo paterno filial insatisfatório a partir de um projeto reprodutivo.

As pesquisas desenvolvidas por ARRILHA (1999) e VILLA (1997; 2001) revelaram que as significações sociais de gênero se apresentam de maneiras diversas nas sociedades, sendo permanentemente estruturados e reestruturados nos sentidos pessoais e nas identidades de homens e mulheres nos diversos momentos da vida. Tais sentidos apresentam grande relevância na adolescência, interferindo nos relacionamentos afetivos e sexuais, nas decisões reprodutivas entre os parceiros, no momento de formação de uma família e na ocorrência da paternidade e a maternidade.

DOMÍNGUEZ (1998) analisou as representações de adolescentes do sexo masculino, com idades entre 15 e 19 anos, em relação à paternidade e os papéis de gênero na família e as possíveis implicações destas em comportamentos frente à gravidez não planejada e o aborto. Os adolescentes entrevistados eram solteiros, pertenciam aos estratos sociais médio/alto e baixo e nunca haviam engravidado uma mulher. De maneira congruente à população pesquisada por SALLAS (1999), os adolescentes do estrato baixo, de maneira geral apresentavam um nível educativo mais baixo que os do estrato médio/alto, sendo que alguns não estavam freqüentando a escola no momento da pesquisa. A maioria dos adolescentes entrevistados estava exercendo alguma atividade profissional, com exceção de alguns participantes dos estratos médio/alto. As atividades exercidas pelos adolescentes pertencentes aos estratos médio/alto apresentavam maior qualificação e não tinham uma jornada muito extensa, sendo compatíveis com a continuidade dos estudos, o que nem sempre ocorria no estrato baixo.

A maior parte dos adolescentes considerou que as mulheres são mais hábeis para cuidar de crianças, realizar tarefas domésticas e em alguns casos, em desenvolver tarefas administrativas. A força física e o poder de decisão foram mais relacionados a características masculinas. Estas habilidades coincidiram com o modelo tradicional de gênero que atribui ao homem características como firmeza, confiança em si mesmo, valentia, competitividade independência, e à mulher características como a afetividade, expressividade, dependência e interesse em questões interpessoais. Alguns adolescentes pertencentes aos estratos sociais

médio/alto se mostraram mais críticos quanto à distinção de habilidades entre os gêneros, especialmente profissionais, contextualizando-as socialmente.

Muitos adolescentes do estrato baixo foram favoráveis a divisão tradicional de papéis, na qual o homem assume o papel de provedor e a mulher a responsabilidade quanto às tarefas domésticas e os cuidados com os filhos. Outros jovens mantiveram uma postura “compreensiva” quanto a novas formas de identidade feminina e aos direitos das mulheres em relação a sua inserção no espaço público e especialmente ao exercício de trabalhos remunerados. Entretanto, eles preferiam que a sua família se estruturasse nos moldes de uma divisão tradicional de gênero. Somente alguns adolescentes, pertencentes aos estratos médio/alto, expressaram que o homem e a mulher possuem as mesmas responsabilidades na família, sendo estes provenientes de famílias que estimulavam relações de gênero mais igualitárias.

De maneira geral, DOMÍNGUEZ (1998) analisou que os adolescentes mais novos manifestaram concepções de gênero tradicionais, contrariamente a concepções mais igualitárias presentes entre os participantes mais velhos, que foram desenvolvidas ao decorrer do tempo. As dificuldades e os conflitos quanto à modificação dos padrões tradicionais de gênero, principalmente quanto a divisão do trabalho, estariam associados ao fato de que a identidade masculina continuou sendo definida, por estes jovens, a partir do papel de provedor econômico da família, sendo justificado pela força física que a “natureza” lhes dotou.

A maior parte dos jovens já havia iniciado as relações sexuais. Todos eles declararam que não gostariam de ser pais na adolescência, apesar de desejarem ter filhos em algum momento da vida. Para a maioria deles, a decisão de ter filhos dependeria principalmente da situação econômica que se encontrassem, mas também da presença de maturidade para atender as necessidades do filho, de maneira a transmitir um aprendizado de vida e manter uma relação estável de casal que possibilitasse um apoio afetivo ao filho. A paternidade foi representada por estes como um papel ativo, que se difere do modelo tradicional. As atividades vinculadas à criança, quanto a seu cuidado e sua educação, foram percebidas como fortalecendo a comunicação, o diálogo, a confiança e o vínculo afetivo com esta.

Os jovens tiveram dificuldade de se imaginar diante de uma gravidez não planejada em função das mudanças que acarretariam em suas vidas. Posteriormente, a maioria afirmou que assumiria a gravidez. Para alguns, isto implicaria no reconhecimento do filho e o acompanhamento da gravidez sem necessariamente se casar com a parceira, para outros significaria casar e ter seu filho, enquanto para os últimos a decisão quanto a ter o filho seria tomada em conjunto com a parceira. Para todos a responsabilidade quanto à anticoncepção e a decisão de abortar deve ocorrer de maneira compartilhada pelo casal. O aborto foi relatado como aceito por alguns adolescentes em situações de violência, podendo ser considerado também

quando o homem se encontrasse impossibilitado de exercer o seu papel de provedor diante da falta de recursos econômicos.

No decorrer da apresentação de diversos estudos sobre gênero pode-se verificar a importância desta perspectiva na compreensão de temas referentes à saúde reprodutiva, entre os quais a gestação na adolescência.

Chegou-se, no momento, ao final da revisão de literatura tendo sido estabelecidas as bases da presente pesquisa. Foram abordados diversos estudos referentes à ocorrência da gestação na adolescência, as principais categorias teóricas do enfoque sócio-histórico, as concepções utilizadas referentes à adolescência e o projeto de vida e as relações entre gênero, saúde e direitos reprodutivos. Desta maneira, é possível prosseguir detalhando os diferentes passos e o resultados da pesquisa realizada.

3. A PESQUISA

3.1. PROBLEMA E OBJETIVO

Entendendo que a ocorrência da gestação na adolescência deve ser compreendida a partir do contexto de vida cotidiano dos adolescentes e dos sentidos e significados que ao longo do tempo compõe sua identidade e seus projetos de vida, algumas indagações foram levantadas no decorrer da atividade profissional da pesquisadora em um grupo de gestantes adolescentes desenvolvido em uma unidade de saúde de Curitiba dando origem a esta pesquisa.

Quais os sentidos das adolescentes e seus parceiros sobre a ocorrência da gravidez? Que projetos de vida profissionais, educacionais, afetivos e em relação ao casamento, à maternidade e à paternidade a precederam? Como as adolescentes gestantes e seus parceiros percebem a transição da infância para a fase adulta, de meninas e meninos para mulheres e homens? Em que fase da vida eles consideram que estavam antes da gravidez? Segundo os participantes o relacionamento estabelecido com sua família teria influenciado de alguma maneira para a ocorrência de sua gravidez ou da parceira? A ocorrência da gravidez estaria relacionada à presença de um projeto de vida voltado para o papel da mulher enquanto mãe e esposa? A falta de um projeto de vida educacional e profissional em direção a uma maior autonomia teria facilitando à ocorrência da gravidez? Como estas questões interferem no relacionamento dos (as) adolescentes com sua (seu) parceira (o), no desejo de ter ou não um filho e na ação de se prevenir ou não da gravidez?

Adotando o enfoque da teoria sócio-histórica, as perspectivas de gênero e de hierarquia por idade, este trabalho teve por objetivo analisar os sentidos de adolescentes gestantes e seus parceiros referentes à ocorrência da gravidez, a partir de uma reflexão sobre o contexto e o momento que a precedeu, incluindo seu projeto de vida, o relacionamento com o parceiro e com sua família.

Para atingir tal objetivo procurou-se analisar os sentidos presentes nas falas das adolescentes e seus parceiros referentes:

- Ao relacionamento com o parceiro, as expectativas suscitadas desde o momento inicial até o momento atual, bem como o processo que deu origem a gravidez.
- Ao momento de vida anterior à gravidez e a transição da infância para a fase adulta.
- Ao relacionamento com seus familiares anterior à gravidez e a educação sexual fornecida por estes.
- A situação educacional e profissional.

- Aos projetos de vida profissionais, educacionais, afetivos e em relação ao casamento, maternidade/paternidade, anteriores à gestação.
- Ao que a adolescente e o parceiro consideram que a levou a engravidar e a possível influência da relação com o parceiro e com os familiares, seus projetos de vida enquanto homens ou mulheres, e seu jeito de ser em direção a sua ocorrência.

Em um processo contínuo de reflexão crítica e construção do conhecimento, espera-se que as análises teóricas provenientes deste momento empírico contribuam com a elaboração de novas questões a serem pesquisadas em trabalhos subseqüentes.

3.2. METODOLOGIA

Optou-se pela utilização de uma metodologia qualitativa em função da pesquisa estar centrada na análise dos sentidos presentes nas falas de adolescentes e seus parceiros quanto à ocorrência da gravidez, tendo como referencial as categorias teóricas provenientes do enfoque sócio-histórico, o recorte de gênero e a compreensão de relações de hierarquia por idade.

3.2.1. Participantes

Foram entrevistados 12 adolescentes gestantes e 3 parceiros. A possibilidade de entrevistar os parceiros foi verificada entre a maioria das adolescentes, com exceção da primeira adolescente entrevistada. Mesmo assim, não foi possível entrevistar 8 parceiros. As adolescentes foram contatadas a partir de sua presença em um grupo interdisciplinar de orientação e apoio dirigido a gestantes adolescentes desenvolvido como parte do acompanhamento pré-natal na Unidade de Saúde da Mulher. Apenas uma das adolescentes e seu parceiro foram contatados na sala de espera sem terem comparecido ao grupo. A unidade de saúde pertence à Secretaria Municipal da Saúde de Curitiba e realiza o pré-natal de gestantes que moram em 17 bairros próximos ao centro da cidade, que pertencem ao Distrito Sanitário da Matriz. Este possui um número maior de moradores pertencentes a estratos sociais médios e altos em relação aos demais distritos. Nesta unidade de saúde também é realizado o pré-natal de gestantes moradoras de outros bairros da cidade, mediante o encaminhamento de outras unidades, por ser referência para o atendimento de gestações de médio e alto risco.

Buscou-se a participação de adolescentes com idades diversas, sendo que estas variaram entre 12 e 19 anos. As idades dos parceiros entrevistados estiveram entre 19 e 21 anos. Não foi estabelecido nenhum critério de escolha dos participantes em relação ao estrato social que pertenciam.

Quatro adolescentes e um parceiro foram entrevistados em uma fase inicial em que o roteiro de entrevista estava sendo analisado. Em função da grande riqueza destas entrevistas e de terem sido realizadas poucas alterações no roteiro original, optou-se por analisá-las sem distinção das demais, mesmo que algum conteúdo específico não tenha sido abordado.

A maior parte das entrevistas foi realizada no 1º semestre de 2001, sendo que algumas entrevistas foram efetuadas no 2º semestre de 2000.

3.2.2. Instrumento

Foram realizadas entrevistas clínicas semi-estruturadas. As perguntas descritas nos anexos I e II foram adotadas como referência para as entrevistas. Entretanto, para atingir os objetivos propostos pela pesquisa e facilitar a expressão por parte dos participantes, houve uma flexibilidade em relação à seqüência de apresentação das perguntas, sendo introduzidas perguntas esclarecedoras quando necessário.

Como exposto anteriormente, o roteiro das entrevistas foi avaliado inicialmente entre 4 gestantes adolescentes e 1 dos parceiros que fizeram parte da pesquisa. De maneira geral, o roteiro inicial atendeu aos objetivos da pesquisa, entretanto pequenas alterações foram realizadas de maneira a simplificar as perguntas as tornando mais claras, bem como acrescentar algumas perguntas que não haviam sido incluídas inicialmente.

As entrevistas foram compreendidas enquanto narrativas retrospectivas dos sujeitos quanto ao si mesmo e às suas vidas como proposto por BRUNER (1997). No momento das entrevistas os participantes contam sobre suas ações, interpretando-as em relação ao contexto vivido, ao modo que as ações foram realizadas e as motivações que a envolveram. O passado expresso nas entrevistas é sempre apresentado e interpretado no momento presente pelo narrador, sendo também relacionado a expectativas futuras. O si mesmo é revisado constantemente a cada momento do presente, atribuindo sentidos e significados ao seu passado e antecipando seu futuro. Diferenciando-se de uma substância ou algo estático, o si mesmo é interpretado e configurado no contexto presente de uma relação, na qual o sujeito narra sua história a alguém que enquanto cúmplice contribui com esta construção. Em uma noção distributiva, o si-mesmo “se enleia em uma rede de outros si mesmos” (BRUNER, 1997, p. 99). As narrativas apresentadas no decorrer das entrevistas se entrelaçam com as expectativas em torno da relação estabelecida com o pesquisador, de forma que não é possível compreender a presença do pesquisador como neutra. Os sentidos construídos pelos participantes devem ser entendidos no contexto desta relação. “... ‘a história de uma vida’ tal como é contada para uma pessoa

específica, é em um sentido profundo, uma produção conjunta do narrador e do espectador” (BRUNER, 1997, p.106).

Como destacou BAKHTIN (1986) o sentido das palavras está relacionado diretamente ao contexto, possibilitando uma variabilidade de significações. Toda enunciação ocorre em uma interação verbal entre um locutor e um interlocutor, envolvendo a expressão e compreensão ativa de ambos. Para compreender o tema de uma enunciação é necessário localizá-lo como parte de um processo ativo de interação, que se situa em um meio social e histórico mais amplo e compreende também elementos não verbais. Toda enunciação envolve comunicações que a precederam, assim como expectativas em relação à reação do interlocutor e aos acontecimentos futuros.

3.2.3. Procedimentos

Foram realizadas 2 entrevistas individuais com cada participante com exceção da primeira participante e de um casal que não quis participar da 2ª entrevista. As entrevistas foram realizadas na unidade de saúde, mas algumas vezes foram realizadas na casa das adolescentes, desde que houvesse privacidade em sua realização. O tempo de duração de cada entrevista variou entre 1 a 2 horas acompanhando as necessidades e características de expressão de cada participante. As entrevistas foram realizadas após o consentimento por escrito por parte do participante e de seu responsável, quando a sua idade foi igual ou inferior 18 anos, em relação à participação na pesquisa. Os participantes e seus responsáveis foram informados de que as entrevistas faziam parte de pesquisa de mestrado, que teve por objetivo compreender como a gestação na adolescência ocorre. Também foi esclarecido a estes que os resultados seriam apresentados de maneira anônima, evitando a identificação dos mesmos.

Foi ofertada para as adolescentes, respectivos parceiros e familiares a possibilidade de participarem do grupo de apoio e orientação a gestantes adolescentes desenvolvido na Unidade de Saúde da Mulher independentemente da pesquisa. Após o término das entrevistas, algumas adolescentes foram atendidas pela pesquisadora individualmente conforme as necessidades apresentadas no decorrer destas e de sua participação no grupo.

3.3. ANÁLISE E TRATAMENTO DOS DADOS

As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas literalmente. Foi realizada uma análise temática qualitativa das falas procurando destacar os núcleos de sentido relevantes ao objetivo do trabalho a partir do referencial da análise de conteúdo (MYNAIO, 1996;

BARDIN, 1977). Esta técnica não se limita a uma análise descritiva de conteúdos manifestos, mas procura realizar uma interpretação mais profunda da mensagem a partir de indicadores quanto ao contexto e as circunstâncias nas quais ela se desenvolveu. Para compreender uma fala é necessário compreender os pensamentos e motivações que estão por trás desta, interpretando e dando forma ao que é dito, conforme destacou VIGOTSKY (2000).

O processo de apresentação e análise passou por várias etapas. Inicialmente foi realizada uma leitura das entrevistas de maneira livre, procurando tomar contato com o material e com as primeiras impressões sobre este. Em seguida, após separar as falas dos participantes por temas, a pesquisadora montou um grande quadro, no qual foi possível visualizar um resumo das falas de cada participante em relação ao conjunto de temas abordados nas entrevistas e comparar as falas de cada participante em relação aos demais quanto a cada um dos temas. A partir desta ampla visualização dos dados optou-se por apresentar as falas dos participantes as distribuindo em grandes categorias estabelecidas conforme três eixos temáticos: o relacionamento familiar e o projeto de vida quanto aos estudos e a profissão, o projeto de vida quanto ao relacionamento com (o) a parceiro (a) e a possibilidade de maternidade/paternidade e os sentidos dos participantes sobre o que as levou a engravidar ou a sua parceira engravidar, no caso dos rapazes. Foi realizado um processo de categorização distinto para as falas dos participantes do sexo masculino e feminino. Uma breve síntese sobre esta categorização foi descrita na parte inicial da apresentação de resultados.

Entretanto, ao final do processo optou-se por apresentar e analisar o conjunto das falas dos participantes tendo como referência apenas a categorização destas em relação ao último tema, que incluía os sentidos destes (as) ao serem indagados especificamente sobre o que as levou a engravidar ou a sua parceira engravidar, no caso dos rapazes. Esta forma de apresentação permitiu que os sujeitos pudessem ser comparados e analisados em relação aos demais participantes do grupo sem fragmentar suas falas, de maneira a possibilitar também uma análise contextual de cada sujeito em separado.

Considerando a amplitude da entrevista e os objetivos da pesquisa, a apresentação e a análise de dados esteve focalizada em sentidos referentes a relações e situações que antecederam à gravidez, os quais se mostraram relevantes para a compreensão de sua ocorrência. Os sentidos expressos nas falas dos participantes quanto à prevenção da AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis, à situação de vida posterior à ocorrência da gravidez, e a um maior detalhamento das concepções sobre a identidade e os papéis de gênero serão apresentados e analisados em outros trabalhos.

4. RESULTADOS E ANÁLISES DOS CASOS

4.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS PARTICIPANTES

Foram entrevistados 12 gestantes adolescentes e 3 parceiros. Algumas características das adolescentes são inicialmente apresentadas na tabela 1 do anexo III, incluindo: o pseudônimo adotado para cada uma; a idade ao engravidar; a idade e o mês gestacional ao ser entrevistada; escolaridade; situação educacional e profissional; estrato social; região de moradia; idade de sua mãe ao engravidar; idade, escolaridade e situação profissional do parceiro. As características correspondentes dos parceiros entrevistados são encontradas na tabela 2 do anexo IV.

Nove participantes da pesquisa são provenientes de famílias pertencentes a estratos sociais médios² e seis de estratos sociais baixos (Amanda, Elaine, José e Renata, Willian e Ana Maria). Onze participantes moravam em bairros localizados na Regional da Matriz, que ficam próximos ao centro da cidade, nos quais a população de maneira geral possui maior poder aquisitivo. Enquanto Willian, Ana Maria, Amanda e Elaine moravam em bairros da periferia de Curitiba, sendo que a última reside em uma área de invasão.

Quatro adolescentes do sexo feminino e um do sexo masculino, Cristina, Elizabeth, Maria, Andréa e Ricardo, foram entrevistados em uma fase inicial em que o roteiro de entrevista estava sendo analisado. Em função de terem sido realizadas poucas alterações neste roteiro e da grande riqueza destas entrevistas, elas foram analisadas em conjunto com as demais.

As idades das adolescentes entrevistadas variaram de 12 anos a 19 anos, sendo que a maioria delas (9) estava entre 16 e 18 anos, conforme mostra a figura 1.

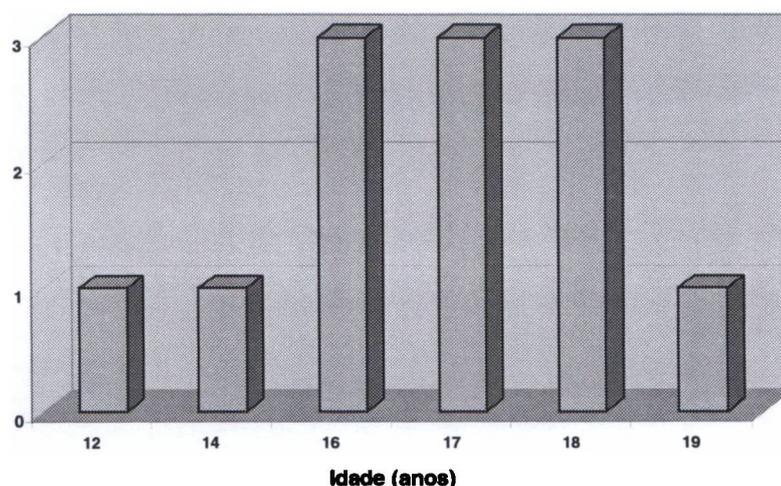


Figura 1- Frequência de idade das gestantes na entrevista

² A classificação dos participantes quanto ao estrato social ao qual pertenciam foi realizada a partir de informações sobre a sua situação profissional e a de seus familiares, assim como a escolaridade e a situação de moradia de ambos.

Na figura 2, são observadas as freqüências das idades das adolescentes ao engravidar. Neste caso elas variaram entre 12 e 18 anos. A maioria das participantes (9) engravidou com 16 anos ou mais.

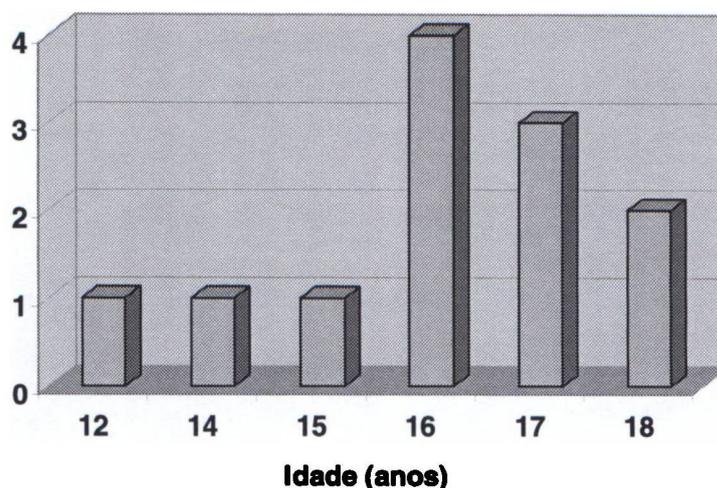


Figura 2 - Freqüência de idade das adolescentes ao engravidar

A idade dos parceiros na ocasião da entrevista variou de 18 a 23 anos. Sendo que os rapazes entrevistados tiveram 19 e 21 anos. A freqüência de idade dos parceiros pode ser observada na figura 3.

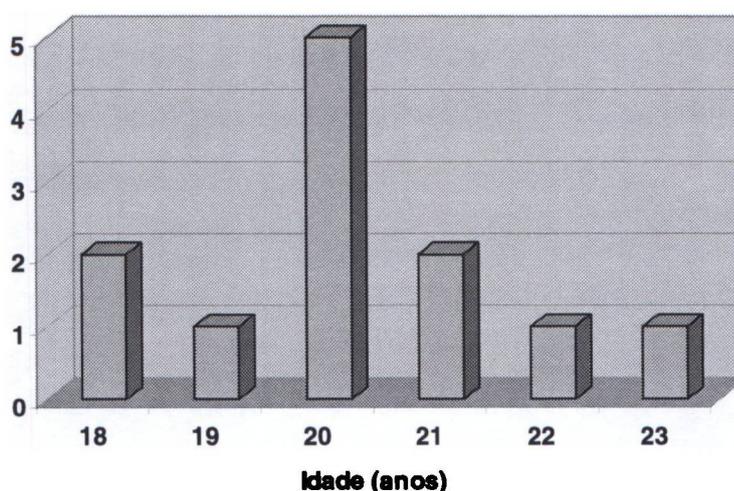


Figura 3 - Freqüência de idade dos parceiros no momento da entrevista

O grau de escolaridade das adolescentes estava distribuído basicamente entre o 1º e o 2º grau³, conforme a figura 4. Duas participantes completaram a 8ª série, enquanto outras três

³ As terminologias 1º, 2º grau e supletivo atualmente correspondem ao ensino fundamental, ensino médio e a educação de jovens e adultos, apesar disto esta terminologia foi mantida ao longo do texto por ter estado presente na literatura e ser citada pelos participantes.

cursavam a 6ª, 7ª e 8ª série. Uma adolescente concluiu o 2º grau, enquanto outras 5 freqüentavam o 1º e o 2º ano do 2º grau. Apenas uma entrevistada cursava a faculdade.

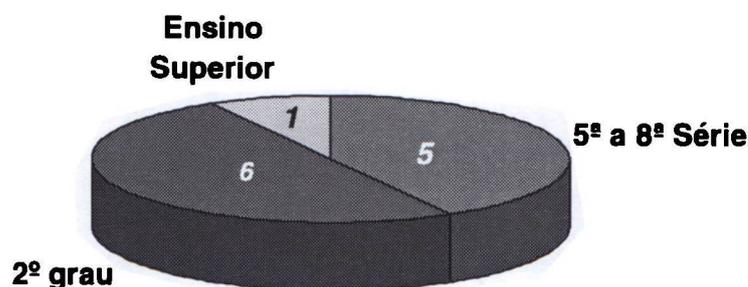


Figura 4 - Escolaridade das gestantes adolescentes

A escolaridade dos parceiros variou entre a 5ª série e o nível superior, conforme informações de oito adolescentes, como mostra a figura 5. A escolaridade da maior parte dos rapazes estava entre a 5ª e 8ª série. Um dos parceiros tinha completado o 2º grau, dois freqüentavam a universidade. Dez parceiros trabalhavam, um estava desempregado, uma adolescente não informou sobre a situação profissional do companheiro.

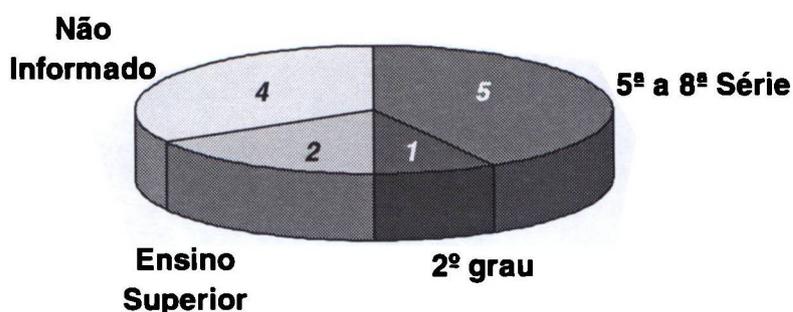


Figura 5 - Escolaridade dos parceiros

Os 3 rapazes entrevistados trabalhavam e não estavam estudando, um deles completou o 2º grau, enquanto os outros dois completaram a 7ª série, tendo interrompido a 8ª série. Apenas uma das adolescentes estava trabalhando, outras 4 já haviam trabalhado.

4.2. A CATEGORIZAÇÃO DAS FALAS DAS ADOLESCENTES POR TEMAS

Com o objetivo de enriquecer o processo de apresentação e análise dos dados, inicialmente será apresentado um breve resumo quanto à categorização inicial das falas das adolescentes em relação aos dois primeiros temas: o relacionamento familiar e o projeto de vida quanto aos estudos e a profissão; o projeto de vida quanto ao relacionamento com o parceiro. A categorização inicial realizada em relação a estes dois temas e também em relação aos sentidos sobre o que as levou a engravidar pode ser visualizada na tabela 3, que consta no anexo V.

Posteriormente são apresentadas as categorias específicas para as falas dos rapazes, seguindo os mesmos procedimentos.

4.2.1. O Relacionamento Familiar e o Projeto de Vida das Adolescentes quanto aos Estudos e a Profissão

As adolescentes foram categorizadas em dois grandes grupos. No primeiro grupo foram incluídas participantes que relataram importantes conflitos familiares, faltas de aulas, interrupção dos estudos e/ou uso de álcool e outras drogas. O segundo grupo é dirigido a participantes que relataram menos dificuldades no relacionamento com familiares, as quais quando presentes se dirigiam especificamente ao relacionamento de seus familiares com seu parceiro. Desta maneira, estas adolescentes foram reagrupadas conforme apresentassem algum atraso em relação à escolaridade e planos educacionais/profissionais pouco definidos ou não apresentassem atraso escolar, possuindo planos educacionais/profissionais mais definidos.

4.2.1.1 Adolescentes que Relataram Importantes Conflitos Familiares, Faltas de Aulas, Interrupção dos Estudos e/ou Uso de Álcool e Outras Drogas

Neste grupo está incluída a metade das adolescentes entrevistadas. Quatro participantes estavam “ficando” com o parceiro (Elaine, 12 anos; Flávia, 17 anos; Thaís, 18 anos; Cristina, 18 anos) e duas estavam morando junto com o parceiro após fugirem de casa (Renata, 14 anos; Cláudia, 17 anos). A maior parte destas participantes pertencia ao estrato social médio, com exceção de Elaine e Renata que pertenciam ao estrato social baixo.

As adolescentes relataram terem vivenciado um período difícil em suas vidas anterior à gravidez, envolvendo importantes conflitos familiares, faltas de aulas, interrupção dos estudos e/ou uso de álcool e outras drogas. Também foram narradas situações de fuga, situações de agressão dos pais para com elas e reprovações escolares.

Algumas adolescentes referiram ter passado por um período de rebeldia (Elaine, Cristina e Flávia). Elaine e Renata revelaram apanhar excessivamente dos familiares em alguns momentos. Cristina, Elaine, Cláudia e Renata apresentaram histórias de fugas da casa dos pais. Elaine e Cláudia relataram um uso marcante de álcool e outras drogas. Flávia referiu fumar e beber ao sair para se divertir.

Com exceção de Renata que considerou que estava na infância, as demais participantes se perceberam na adolescência. Algumas designaram a fase de revolta vivida anteriormente como sendo a “aborrecência”. Após terem vivido este período, Cristina relatou que estava no final da adolescência e Flávia mencionou que estava criando juízo, mas ainda era pouco responsável.

Todas as adolescentes deste grupo referiram ter planos profissionais e de estudo para o futuro. Algumas tinham mais clareza do que queriam, outras estavam indecisas, ou pouco definidas, como Thaís e Renata. Entretanto, contraditoriamente a estes planos, a maioria delas estava atrasada nos estudos, tendo em algum momento deixado de freqüentar a escola ou não se dedicado suficientemente para ser aprovada, sendo Elaine a única exceção. Thaís, Flávia, Cristina e Cláudia relataram a ocorrência de reprovações escolares como consequência de gazear e/ou terem deixado de freqüentar as aulas em determinados períodos por não querer estudar.

4.2.1.2 Adolescentes sem Relatos de Dificuldades no Relacionamento com os Familiares ou com Dificuldades Específicas em Função de seu Relacionamento com o Parceiro

As participantes deste grupo, diferentemente das participantes do grupo anterior, não apresentaram relatos de dificuldades no relacionamento com os familiares ou apresentaram dificuldades específicas em função de seu relacionamento com o parceiro. Pode-se perceber uma diferença marcante entre as adolescentes pertencentes a este grupo quanto a sua escolaridade e seus planos educacionais/profissionais. Desta forma, como descrito anteriormente, as adolescentes foram divididas em dois grupos: adolescentes com algum atraso em relação à escolaridade e planos educacionais/profissionais pouco definidos e adolescentes que não apresentaram atraso escolar, possuindo planos educacionais/profissionais mais definidos.

4.2.1.2.2 Adolescentes com Algum Atraso Escolar e Planos Educacionais/Profissionais Pouco Definidos

Neste grupo foram incluídas três adolescentes (Maria, 16 anos; Débora, 16 anos; Ana Maria, 17 anos). As duas últimas estavam morando com o parceiro e pertenciam ao estrato social

baixo, a primeira estava namorando e pertencia ao estrato social médio. Somente Maria estava estudando, mas havia reprovado um ano, tendo atrasado seu nível de escolaridade. Ela relatou que pretende completar o 2º grau e fazer faculdade, mas salientou que se não passar no primeiro vestibular não sabe se dará continuidade aos estudos.

Ana Maria e Débora não estavam estudando na ocasião da entrevista. Ambas concluíram o 1º grau e encontravam-se defasadas quanto à escolaridade correspondente às suas idades.

Débora parou de estudar quando se mudou para Curitiba e no ano seguinte começou a trabalhar. Ela referiu que antes de engravidar, pretendia voltar a estudar e completar o 2º grau e depois fazer algum curso, mas sempre ficava deixando para o próximo ano. Em relação a Ana Maria, é importante ressaltar que ela participou apenas da 1ª entrevista, fornecendo poucos dados sobre o relacionamento familiar e seus planos para o futuro.

4.2.1.2.2 Adolescentes sem Atraso Escolar e com Planos Educacionais/Profissionais mais Definidos.

No último grupo foram incluídas adolescentes sem atraso escolar e com planos educacionais/profissionais mais definidos. Todas as adolescentes estavam namorando ao engravidar, duas pertenciam ao estrato social médio (Elizabeth, 18 anos; Andréa, 19 anos) e uma ao estrato social baixo (Amanda, 16 anos). Todas apresentaram um nível de escolaridade compatível à sua idade e estavam estudando ao engravidar. Na ocasião da entrevista, Amanda freqüentava o 2º ano do 2º grau e pretendia fazer faculdade e só depois pensar em ter filhos. Andréa cursava o 2º ano da faculdade. Elizabeth completou o 2º grau e prestou vestibular pouco tempo depois de saber da gravidez, não sendo aprovada. Ela contou que pretende tentar vestibular novamente após o bebê nascer.

4.2.2. O Projeto de Vida das Adolescentes Quanto ao Relacionamento com o parceiro e a Possibilidade de Maternidade

Este tema se refere aos sentidos expressos nas falas das adolescentes sobre o histórico do relacionamento com o parceiro, a motivação para estarem juntos, as expectativas e planos quanto ao relacionamento e a maternidade/paternidade anteriormente à gravidez, bem como a maneira que as relações sexuais ocorreram quanto ao uso de métodos contraceptivos e a presença de uma negociação anterior entre o casal a este respeito. As participantes foram distribuídas conforme o tipo de relacionamento que estavam tendo com o parceiro, se estavam ficando, namorando ou morando juntos.

4.2.2 1. Adolescentes que Estavam Ficando com o Rapaz

No primeiro grupo haviam sido descritas quatro adolescentes que estavam ficando com o rapaz quando engravidaram (Elaine, 12 anos; Flávia, 17 anos; Cristina, 18 anos; Thaís, 18 anos). Todas elas estavam ficando com o parceiro há pouco tempo, não tinham nenhum compromisso e tiveram poucas relações sexuais (de 1 a 3). Com exceção de Elaine que pertencia ao estrato social baixo, as demais pertenciam ao estrato social médio.

Três adolescentes deste grupo não se preveniram em relação à gravidez, apesar de mencionarem que não a planejaram e que na ocasião não gostariam de ter engravidado. Apenas Thaís mencionou que utilizou camisinha, mas esta estourou.

A maior parte destas adolescentes referiu que não tinha expectativas futuras quanto ao relacionamento. Elas estavam apenas curtindo o momento. Entretanto, todas relataram que sentiram paixão ou gostaram do parceiro de alguma maneira. Elaine, Flávia e Cristina manifestaram uma grande valorização do relacionamento, expressa no forte desejo de ficar com o rapaz. Apesar disto, Elaine e Flávia revelaram simultaneamente sentimentos por outros rapazes. Diferentemente das demais, Cristina considerou que estava se iludindo ao ficar com o parceiro, mantendo expectativas de namorar e casar.

Flávia, Cristina e Thaís comentaram que pretendiam casar e ter filhos bem mais para frente. Flávia e Thaís salientaram que pretendiam casar somente após estarem formadas. Cristina e Thaís queriam ser independentes financeiramente e ter suas coisas antes de casarem. Contrariamente a estes planos, Cristina já havia morado com um ex-namorado e Flávia havia tentado engravidar de seu namorado anterior. Elaine também queria ter engravidado de seu parceiro anterior, sonhando muito em casar com ele logo após perder a virgindade.

Todas as adolescentes deste grupo haviam iniciado as relações sexuais em um relacionamento anterior. Duas adolescentes relataram terem bebido ao ter relação com o parceiro. Cristina contou que resolveu ter relação sexual com o parceiro por ficar se iludindo de que assim ficariam juntos por bastante tempo. Ela expôs que tinha bebido e se empolgado, desta maneira acabou não se prevenindo. Elaine explicou que o que queria realmente era ficar com o parceiro e beijá-lo, não pensava necessariamente em ter relações sexuais, só na hora percebeu a intenção dele. Ela havia bebido e tomou a iniciativa de procurá-lo, na ocasião não quis se opor a ter relação, por receio de que ele não quisesse mais ficar com ela.

4.2.2.2. Adolescentes que Estavam Morando com o Parceiro

Quatro adolescentes estavam morando com o companheiro quando engravidaram (Renata, 14 anos; Débora, 16 anos; Cláudia, 17 anos; Ana Maria, 17 anos). Apenas Cláudia pertencia ao estrato social médio, as demais pertenciam ao estrato social baixo.

Renata e Cláudia foram morar junto com o companheiro ao fugirem de casa, Renata tinha 13 anos e Cláudia estava com 16. Ao engravidar elas moravam com o companheiro há 2 meses e 5 meses respectivamente. Ambas pretendiam engravidar. Ao fugir Cláudia já namorava o rapaz há mais ou menos 2 anos, mas ele não freqüentava a sua casa. Cláudia parou de tomar pílula para engravidar. Renata fugiu com José após 8 dias que estavam namorando, em função do medo que tinha de seu pai e do sofrimento que vinha passando com ele e sua madrasta. Após fugir, ela passou a tomar pílulas apenas por insistência de sua mãe e do companheiro, mas não as tomava direito por que queria engravidar. O casal brigava freqüentemente por ciúmes, tendo ocorrido inclusive uma agressão física. Após uma discussão, Renata tomou as pílulas que faltavam da cartela com intenção de se matar, em seguida ela engravidou.

Débora e Ana Maria foram morar com seus companheiros quando estavam com 14 anos, após pouco tempo de namoro. Débora estava namorando há 6 meses, na entrevista ela considerou que foi morar junto precipitadamente. Ana Maria e Willian estavam namorando há 4 meses. Ao engravidar, as adolescentes estavam morando junto com o companheiro há 1 ano e meio e 2 anos e 7 meses respectivamente.

Renata, Débora e Ana Maria mencionaram terem iniciado as relações sexuais com o pai da criança. Entretanto, Willian, o companheiro de Ana Maria, afirmou que ela teria lhe dito que iniciou as relações com seu namorado anterior.

Ana Maria declarou ter usado camisinha, mas esta estourou. Entretanto, o seu companheiro expôs que o casal estava tentando engravidar, por isto não usavam nenhum método.

Débora revelou que estava tomando pílulas por que não queria engravidar, mas acabou engravidando por que às vezes esquecia de tomá-las. Ela soube da gravidez logo após o casal ter se separado.

Todas estas adolescentes referiram que gostaram do companheiro ao conhecê-lo e o sentimento foi crescendo com a convivência. Ana Maria e Cláudia disseram que amam o companheiro.

4.2.2.3. Adolescentes que Estavam Namorando o Parceiro

Neste grupo se encontram quatro adolescentes (Maria, 16 anos; Amanda, 16 anos; Elizabeth, 18 anos; Andréa, 19 anos). Somente Amanda pertencia ao estrato social baixo, as demais pertenciam ao estrato social médio.

Estas adolescentes estavam tendo um relacionamento bastante próximo com seus namorados, estando juntos há algum tempo. Elas relataram a presença de um sentimento que unia o casal, que foi crescendo no decorrer do tempo a medida que continuaram juntos. O namorado de Amanda freqüentemente dormia em sua casa no seu quarto, com permissão de sua mãe. Elizabeth também dormia na casa do namorado, mas em quartos separados. O namorado de Maria estava morando em sua casa junto com sua família, mas não dividia o quarto com ela. As mães de Amanda e de Maria sabiam que sua filha mantinha relações sexuais com o namorado, diferentemente das outras mães que não sabiam.

Andréa e Maria estavam namorando respectivamente há 1 ano e 1 ano e 2 meses. Maria e seu namorado tinham planos de casar e pretendiam pedir a permissão de sua mãe quando ela fizesse 18 anos. Apesar dele estar morando na casa dela com sua família, sua mãe só aceitava que casasse aos 21 anos. Andréa e seu namorado tinham planos de casar após ela se formar, mas não sabiam se agüentariam esperar. Amanda e Elizabeth estavam namorando por menos tempo, há 3 e 8 meses respectivamente. Ambas não relataram expectativas futuras quanto ao relacionamento, pretendiam casar e ter filhos apenas depois de formadas. Entretanto, Elizabeth relatou que seu namorado queria casar o mais rápido possível e o namorado de Amanda queria que ela engravidasse.

Maria, Elizabeth e Andréa iniciaram as relações sexuais com seus namorados. Maria afirmou que estava tentando engravidar, sem o conhecimento do parceiro. Elizabeth e Andréa confiaram na tabelinha. Elizabeth engravidou na 1ª relação sexual, o casal teve uma penetração inicial rápida sem camisinha por achar que ela não estava no dia fértil. Andréa e Ricardo sempre usavam camisinha, em torno de 3 vezes não usaram confiando na tabelinha. Amanda não utilizou nenhum método contraceptivo, apesar de saber do risco de gravidez e de ter achado por duas vezes, anteriormente, que estava grávida. Ela não soube dizer exatamente por que não se preveniu e referiu ter pensado que não ia acontecer.

4.3. A CATEGORIZAÇÃO DAS FALAS DOS PARCEIROS POR TEMAS

Como exposto anteriormente, nesta seção é apresentada, de maneira breve, a categorização inicial das falas dos parceiros em relação aos dois primeiros temas: o relacionamento fami-

liar e o projeto de vida quanto aos estudos e a profissão; o projeto de vida quanto ao relacionamento com a parceira. A categorização referente a estes dois temas e também em relação aos sentidos sobre o que levou a parceira a engravidar pode ser visualizada na tabela 4 do anexo VI.

Foram entrevistados apenas 3 parceiros, apesar de ter sido proposto e verificado a possibilidade de entrevistar os respectivos parceiros de 11 adolescentes. Somente a Elizabeth não foi proposto que seu parceiro participasse, por ela ter sido entrevistada no período em que o roteiro estava sendo avaliado. Ao se decidir posteriormente pela inclusão de sua entrevista na pesquisa semelhantemente as demais, optou-se por não contatar seu parceiro para a realização da entrevista em função dela ter ganhado o nenê há um tempo relativamente prolongado. As seguintes dificuldades foram encontradas impedindo a realização de entrevistas com oito parceiros. Três parceiros preferiram não participar das entrevistas, entre eles se encontram os referentes à Maria, Cláudia e Débora. Quatro adolescentes não mantinham contato com o pai da criança no momento da entrevista preferindo que este não participasse, este é o caso de Cristina, Flávia, Elaine e Amanda. Finalmente, fomos informados por Thaís que o pai de seu filho não mora em Curitiba não podendo comparecer a entrevista.

Os resultados das entrevistas incluem os parceiros de Andréa, Renata e Ana Maria (respectivamente Ricardo, José e Willian). Entretanto, as falas de Willian não abrangeram a totalidade dos temas em função deste ter participado apenas da 1ª entrevista. Desta forma, a inclusão de suas falas quanto a determinados assuntos em alguns grupos não deve ser compreendida de maneira afirmativa, mas como uma possibilidade.

4.3.1. O Relacionamento Familiar e o Projeto de Vida do Adolescente quanto aos Estudos e a Profissão

Ao analisar as falas dos rapazes quanto ao tema acima algumas semelhanças foram encontradas de maneira que não foram estabelecidas categorias distintas ou excludentes. As falas foram incluídas e sintetizadas em três categorias comuns a todos.

4.3.1.1. Presença de um Histórico Familiar Marcado por Separação e Dificuldades de Relacionamento entre seus Pais e de Algumas Queixas quanto à Falta de Liberdade em Relação aos Familiares.

Todos os rapazes entrevistados referiram que na ocasião da entrevista seus pais estavam separados. Os pais de Willian se separaram quando ele tinha 10 anos, ele mencionou ser esta

uma longa história, na qual sua mãe foi embora. Seu relato foi indicativo de dificuldades no relacionamento entre seus pais em sua infância, mas não temos dados claros sobre isto.

No caso de Ricardo e José foram relatadas dificuldades marcantes no relacionamento entre seus pais, acompanhadas de separação, interferindo diretamente na criação destes e no relacionamento cotidiano na época em que sua parceira engravidou.

Os pais de José se separaram quando sua mãe estava grávida dele. Ele viu seu pai apenas uma vez, não tendo sido registrado em seu nome. Sua mãe se casou novamente e José foi criado por seu padrasto desde 1 ano e 3 meses de idade. Durante sua infância, sua mãe e seu padrasto tiveram um relacionamento com freqüentes traições, discussões e agressões físicas. Em torno de 6 meses antes de José fugir, seu padrasto, que era alcoolista, passou a beber muito e gastar dinheiro com mulheres. Este fato levou a separação do casal pouco tempo após José fugir de casa, próximo a ocorrência da gravidez de Renata.

Ricardo relatou a ocorrência de separação entre seus pais após uma traição de seu pai em relação a sua mãe. As dificuldades neste relacionamento se mantinham no momento da entrevista. Após a separação sua mãe teve depressão e desabafava seus problemas com Ricardo. Apesar disto, ele referiu que parava pouco em casa e tinha pouco diálogo com sua mãe antes da gravidez. O fato de não se abrir muito com sua mãe é expresso na colocação de que tinham conversas superficiais.

De maneiras diferentes, José e Ricardo relataram insatisfação em relação a algumas atitudes de seus familiares que cerceavam sua liberdade. José expôs a ocorrência de freqüentes discussões com sua mãe, por esta não querer que ele saísse tanto para passear. Esta situação lhe estimulou a ir morar fora da casa de seus pais, o que foi concretizado ao fugir com Renata quando esta teve problemas com sua madrasta. Pouco tempo antes, José pensava em casar com sua ex-namorada e sua mãe não concordava com este projeto.

A insatisfação de Ricardo, em relação à perda de sua liberdade, estava relacionada ao fato de sua mãe não aceitar que ele fosse a casa de seu pai e encontrasse com a esposa atual deste. Por outro lado, seu pai lhe procurava querendo que ele tivesse contato com sua companheira e com seu irmão mais novo, filho do casal. Ricardo considerou esta situação complicada e expressou que gostaria de ficar mais solto, como outras pessoas, encontrando seu pai e a família dele no momento que quisesse.

Willian não relatou dificuldades no relacionamento com seus pais, mas afirmou não ter muita liberdade no dia a dia, por morar do lado de sua sogra. Ele procurava não ficar muito próximo desta, para evitar problemas no relacionamento com ela e sua companheira. Sua sogra não queria que o casal engravidasse, por isto eles não lhe falaram que a gravidez foi planejada.

4.3.1.2. O Reconhecimento de si Próprio como Pertencendo a Adolescência antes da Gravidez e a Concepção de que esta Aumentou suas Responsabilidades e os Tornou Mais Maduros Psicologicamente

Apesar de todos os participantes já estarem trabalhando anteriormente à gravidez, nenhum deles se considerava na fase adulta. Willian se percebia na adolescência e não se considerava responsável, apesar de manter sua família e estar pagando sua casa. José, que estava com 18 anos, trabalhava e morava com sua parceira, afirmou que estava passando da infância para a adolescência, pois era muito imaturo e não sabia ouvir sua companheira. Ricardo também se considerava na adolescência. Segundo todos os entrevistados, a gravidez trouxe mais responsabilidades. William passou a se sentir mais adulto, entendendo a gravidez e a paternidade como essenciais para se tornar responsável. Para Ricardo, após a gravidez ele pode ser considerado um jovem com mais responsabilidade. José relatou amadurecer com a gravidez, estando no momento entre a adolescência e a juventude.

4.3.1.3. Presença de Histórico e Planos de Futuro com Maior Ênfase na Inserção ao Mercado de Trabalho do que na Continuidade dos Estudos

Todos os rapazes entrevistados estavam trabalhando quando a adolescente engravidou, assim como no momento da entrevista. Considerando sua idade, Willian (21 anos) é o participante com maior atraso na escolaridade. Ele interrompeu seus estudos durante a 8ª série. Antes de seu trabalho atual, ele já havia trabalhado em outra cidade que morou. Não foi possível obter mais informações sobre sua história escolar nem sobre seus planos futuros, por ele não ter concluído as entrevistas.

José contou que desde a época em que trabalhava com seu pai na roça seu trabalho passou a interferir em seus estudos, chegando atrasado as aulas. Entretanto, após começar a trabalhar na oficina, seus estudos foram ainda mais prejudicados, por faltar às aulas quando precisava completar algum serviço. Na ocasião em que José fugiu com Renata ele havia se matriculado na 8ª série da escola, mas praticamente não estava comparecendo, não completando este ano.

Segundo Ricardo ele esteve atrasado em seus estudos, por não ter levado a sério durante 3 anos. Ele gazeava aulas com amigos e abandonou o colégio durante um ano. Posteriormente ele percebeu seu erro e retomou aos estudos. Quando Andréa engravidou, ele estava cursando o 3º ano do 2º grau, tendo o completado neste mesmo ano.

Tanto Ricardo como José relatam que antes de suas parceiras engravidarem, eles não faziam muitos planos para o futuro. Entretanto, ambos queriam crescer em seus próprios empre-

gos. Ricardo pensava em guardar dinheiro durante um tempo para fazer um cursinho e depois tentar vestibular, mas ele ainda não tinha certeza que curso queria fazer. José não tinha planos de estudar quando morava com sua mãe, considerando seu dinheiro suficiente para ele. Da mesma maneira ao fugir, ele pensava que seu salário seria suficiente para manter sua nova família. Somente após, ele percebeu que precisava ganhar mais, pensando em voltar a estudar dali um tempo para melhorar na profissão.

4.3.2. O Projeto de Vida dos Participantes quanto ao Relacionamento com a Parceira e a Possibilidade de Paternidade

Foram estabelecidas duas categorias quanto ao relacionamento com a parceira e os planos quanto à paternidade. Dois participantes (José, 19 anos; Willian, 21 anos) formaram um dos grupos por estarem morando com a parceira e terem desejado que a companheira engravidasse. Ricardo, foi o único representante do outro grupo, o casal estava namorando quando ela engravidou, não tendo planejado ou desejado explicitamente a gravidez.

4.3.2.1. Rapazes que Estavam Morando com a Parceira e Relataram um Desejo de que a Companheira Engravidasse

Os dois rapazes entrevistados que estavam morando junto com a companheira quando ela engravidou, relataram um desejo anterior de que esta engravidasse, como uma maneira de fortalecer o relacionamento. Entretanto algumas diferenças importantes foram encontradas.

Willian e Ana Maria estavam morando juntos há mais ou menos 1 ano e meio quando ela engravidou, segundo Willian. Após o casal ir morar em casa própria, separadamente da mãe dela, o relacionamento entre ambos melhorou muito. William referiu que ao planejarem ter um filho, ele já a amava e desejava permanecer com ela por toda sua vida. Apesar do desejo de ter um filho ter partido inicialmente dele, posteriormente ambos teriam planejado a gravidez, tendo inclusive uma gravidez anterior também planejada, na qual haviam perdido o bebê. Segundo seu relato, a gravidez poderia ser uma maneira de unir mais o casal, após um período de convivência.

José e Renata diferentemente estavam morando juntos há apenas 2 meses quando ela engravidou. Tendo ficado juntos poucas vezes, o casal fugiu praticamente sem se conhecer. Após o 2º mês que estavam juntos, eles passaram a ter importantes dificuldades de relacionamento, discutindo muito, vivenciando situações de ciúmes, desconfiança e agressões físicas. José afirmou que gostava dela ao fugir, mas amava a ex-namorada. Seu sentimento aumentou somente após a gravidez. Desde que fugiram, ele pensava que o casal poderia ficar junto ou vir a separar. Apesar

disto, ele queria ter um filho. No 2º mês, Renata começou a tomar pílula, mas não tomava corretamente por que queria engravidar. Apesar de freqüentemente José insintir com a companheira para que ela tomasse o comprimido, ele afirmou ter deixado de insistir para que ela se prevenisse por que ele ainda desejava ser pai. Posteriormente, em seguida a um desentendimento entre o casal, Renata ingeriu todos os comprimidos de anticoncepcional, que faltavam, com o objetivo de se matar. José comprou outra cartela, mas Renata perdeu-a. A gravidez ocorreu antes dele comprar uma terceira cartela.

4.3.2.2. O Casal Estava Namorando, Não Tendo Planejado e/ou Desejado Explicitamente a Gravidez

Entre os rapazes entrevistados, apenas Ricardo foi incluído neste grupo. O casal estava namorando há 1 ano e 3 meses e mantinha um bom relacionamento quando Andréa engravidou. A gravidez ocorreu sem ter sido planejada e de maneira inesperada, pois segundo o rapaz o casal sempre se prevenia usando o preservativo masculino. A gravidez ocorreu em uma das poucas vezes em que este não foi utilizado, ao estarem confiando na tabelinha.

4.4. OS SENTIDOS DOS PARTICIPANTES QUANTO A OCORRÊNCIA DA GRAVIDEZ

Os resultados são apresentados e analisados a seguir a partir da categorização dos participantes em pequenos grupos, conforme os sentidos referidos por estes ao serem indagados especificamente sobre o que as levou a engravidar ou a sua parceira engravidar, no caso dos rapazes. Esta pergunta foi realizada no início da primeira entrevista, sendo repetida no final da segunda. Neste momento, solicitou-se ao participante que respondesse a pergunta tendo como referência tudo o que havia relatado anteriormente. Posteriormente este foi indagado sobre uma possível influencia do relacionamento com o (a) parceiro (a), do relacionamento com seus familiares e do seu jeito de ser para a ocorrência da gravidez. Da mesma maneira, questionou-se sobre a contribuição dos seus planos para o futuro em relação à gravidez e/ou à tentativa de preveni-la.

As falas dos participantes foram agrupadas conforme estes tenham relatado se queriam ou não ter um filho naquele momento. Os últimos foram distribuídos em 5 subgrupos englobando os seguintes motivos atribuídos a gravidez: o namorado queria que a adolescente engravidasse; a adolescente teve a relação sexual sem se prevenir e sem pensar nas conseqüências; a adolescente esqueceu de tomar a pílula; o casal confiou na tabelinha, houve uma falha no uso da camisinha.

Desta forma, as relações e contradições presentes nos sentidos apresentados no decorrer das entrevistas foram examinadas no contexto de vida de cada participante, mas também foram analisadas em relação aos sentidos dos demais participantes do grupo em que este foi incluído.

É importante destacar que os textos entre parênteses presentes nas falas dos participantes foram acrescentados pela pesquisadora, para esclarecer alguns conteúdos que poderiam não ficar claros para o leitor, entretanto o sentido exposto no momento da entrevista foi sempre mantido.

4.4.1. A Gravidez ocorreu em Função do Desejo de Ter um Filho

Um quarto das adolescentes (Renata, 14 anos; Maria, 16 anos; Cláudia, 17 anos) e dois terços dos rapazes (José, 19 anos; Willian, 21 anos) entrevistados referiram que a gravidez ocorreu em função de terem desejado ter um filho. A maioria destes participantes estava morando junto com a (o) companheira (o) na ocasião da gravidez, apenas Maria estava namorando ao engravidar. Apesar de Willian afirmar que ele e sua companheira (Ana Maria, 17 anos) haviam planejado a gravidez, ela foi incluída entre os participantes que referiram que não queriam engravidar por ter atribuído a ocorrência da gravidez a um acidente em relação ao uso da camisinha.

O desejo de ter um filho e o cuidado anterior de crianças

Alguns adolescentes deste grupo relataram que sempre desejaram ter um filho, mesmo antes do relacionamento com o companheiro (a). Esta situação foi relatada por Cláudia, em relação a si própria e seu companheiro, e também por José, o qual referiu que o contato com seus primos foi desenvolvendo a curiosidade de ser pai. Maria cuidava de seu irmão mais novo e pensava em ter um filho mais para frente, para dar carinho. Alguns autores citaram anteriormente a experiência de cuidado de crianças entre gestantes adolescentes (PAIVA, *et al.* 1998) e a expectativa entre estas de que a educação de crianças seja mais fácil do que consideram adolescentes não gestantes. Este resultado se assemelha a colocação de José de que, ao desejar que a companheira engravidasse, não sabia das responsabilidades de ter um filho.

O desejo de ter um filho vem de encontro com a valorização social da paternidade e maternidade na sociedade moderna (POSTER, 1979; BADINTER, 1985; VILLA, 1997). Para estes adolescentes ter um filho “seu” correspondeu a estar em uma situação de maior poder e autonomia como analisado por PAULA (1992) e SARTI (1994).

Cláudia, 17 anos

Inicialmente ao indagada sobre o que a levou engravidar, Cláudia afirmou que quis engravidar e que seu companheiro sempre quis ter um filho, podendo ter agora que estavam juntos. Ela referiu que também sempre quis ter um filho. Ao final da 2ª entrevista, Cláudia reafirmou que engravidou por vontade de ter nenê. Ela relatou ter ficado feliz por estar grávida.

“Ah, não sei, a minha vontade de ter nenê, sei lê, de ficar barrigudona assim, acho bonito, acho tão bonito”.

“Ah, o sonho dele sempre foi ter um filho, ele sempre quis ter um filho, né. Depois que ele diz que ele ficou comigo, se ele ficou comigo ...por que não ia ter um filho, e eu também gostei da idéia de ter um filho, eu também sempre quis ter um filho...”

“... às vezes a minha menstruação até atrasava e daí a gente ficava todo feliz pensando que eu estava grávida, já de repente descia e já desanimava... Até a hora em que a gente descobriu mesmo”.

Cláudia explicou que logo que o casal foi morar junto ela estava se prevenindo da gravidez, por que achava que era muito “novinha”. Depois de tanto eles conversarem ela também passou a querer.

“É por que eu achava que era muito novinha e era muito novinha também”.

“Acho que de tanto a gente conversar e ele falar que queria ter um filho, que ele quer, que ele quer... daí acho que entrou na minha cabeça que eu queria também e...”

Renata, 14 anos

Inicialmente Renata respondeu não saber dizer ao certo o que a levou a engravidar, ela disse que não estava esperando, mas que não significava que não estava planejando. Ela atribuiu a gravidez ao fato de ter tomado várias pílulas juntas com o objetivo de se matar. Posteriormente, ela atribuiu a ocorrência da gravidez diretamente ao desejo de ser mãe e ter o seu bebezinho para cuidar.

“Nem tenho resposta certa, porque nem tava esperando a gravidez... Não que eu não tenha planejado, né, não tava esperando, nem sei o que me levou... Agora a resposta mais certa foi essa, as pílulas, né”.

“Ah, a vontade de ser mãe mesmo. Ter uma coisa assim, sabendo que é meu mesmo, não é emprestado, sei lá. Eu tinha vontade assim de cuidar de uma coisa assim pequenininha, de um bebezinho”.

José, 19 anos

Ao indagado sobre o que levou Renata a engravidar, José se referiu à imaturidade de ambos. Ele explicou que inicialmente o casal queria engravidar, mas depois de tanto sua sogra insistir para que se prevenissem, ela começou a tomar a pílula. Sua sogra cobrava dele e ele cobrava dela para que tomasse o comprimido. Entretanto, Renata queria engravidar e se ele não falasse ela não tomava a pílula.

“Imaturidade. Ela é muito imatura e eu também, por saber que tem que precaver, por eu saber que tem o uso da camisinha, tem anticoncepcionais, no começo eu incentivava ela pra caramba, até toda hora chegava do serviço, [...] tome, quando eu esquecia, não incentivava ela não tomava. Esse é o problema, às vezes ela não tomava por pura safadeza, por não querer tomar ...”

“Ela queria engravidar, nisso que ocorreu a gravidez. Por que no começo nós relaxemos, não, vamos engravidar, não tem problema”.

“A gente só decidiu não ter essa gravidez por causa da minha sogra, da minha mãe que pediram, pelo amor de Deus, aí a gente...”

José explicou que a gravidez também ocorreu por imaturidade sua, por que ele acabou relaxando de insistir para ela tomar a pílula, por que eles queriam a gravidez. Ele considerou que o casal não conhecia as responsabilidades envolvidas em ter um filho, achando que por que tinham casado iam ter um filho. Ao indagado se não pensou em usar a camisinha, ele respondeu que na realidade não havia descartado totalmente a idéia de ser pai.

“Minha também, por que se eu tivesse incentivado, se eu não tivesse sempre ali em cima e se tivesse corrigindo ela, seria melhor, só que eu até relaxei...por que era uma coisa que a gente queria”.

“...daí a partir disso já não estava importando porque eu já tava querendo, já tinha, uma vez atrás tava querendo ter filho, não tinha, (descartado) totalmente a idéia de ser pai”.

“Acho que imaturidade da gente entendeu, não culpo só ela, mas como eu também, porque achava que era o momento de ter um filho, entendeu, por que a gente achava casou, já que a gente tá casado vamo ter um filho, vamo ter família, e isso não era bem assim não sabia das responsabilidades, das despesas, entendeu, depois no decorrer do tempo que a gente veio a saber de tudo, entendeu”.

José destacou que o fato de conviver com crianças na família, participando da educação e sendo carinhoso com estes influenciou seu desejo de ser pai, independente de Renata ser ou não a mãe.

“Eu sempre quis ter (filho), porque eu fui criado com meus primos, entendeu [...], fui criado com criança entendeu, e eu queria ter o meu, pra cuidar do meu, entendeu, foi isso que influenciou”.

“...se eu não tivesse esse contato todo com criança eu também não queria ter logo entendeu, e eu fui crescendo vendo meus primos crescendo e isso foi desenvolvendo a curiosidade de ser pai”.

“...porque eu queria ter o filho entendeu, as vezes não importava que não seja com ela, entendeu, mas eu queria ter [...] apesar de que já tava com ela e teria que ser com ela”.

“ela achava eu muito carinhoso com meus primos, entendeu, ela achava que seria legal ter um filho, ajudar a cuidar, participar [...] teve várias educações dos meus primos, entendeu, que eu falei essa não é legal, essa é boa, entendeu”.

Maria, 16 anos

Somente na 2ª entrevista, Maria assumiu que estava tentando engravidar e que por isto parou de tomar a pílula. Ela não contou isto para ninguém. Como não estava conseguindo engravidar, ela chegou a pensar que era infértil.

“Eu pensava (que podia engravidar por não estar me prevenindo) (riso)... Tanto que eu tentava e não tava conseguindo (emoção). E não tava conseguindo de jeito nenhum. Eu tava tentando na verdade, entendeu, mas daí eu não falei nada para ele, entendeu. Deu um ano de namoro e nada, eu pensava que não podia ficar grávida, né. [...] Daí eu pensava, ai será que eu não... será que eu não vou ficar grávida nunca, será que eu não posso ter filho. Ai eu não sei o foi que aconteceu, eu acabei ficando grávida. Acho que do meu pensamento eu acabei ficando grávida”.

Ela referiu achar que seu namorado queria que ela engravidasse naquele momento ou mais para frente, por isto que não insistiu para ela tomar a pílula

“...ele insistia, insistia (para que eu tomasse a pílula), só que ele também acabou deixando, porque acho que ele tinha vontade de eu ficar grávida”.

“Ele falou assim, ai, ai, como eu gostaria que você ficasse grávida, mas agora não, agora não. Mais para frente. Só que quando ele soube que eu fiquei grávida, ele ficou muito feliz assim, sabe. Agora ou mais para frente, acho que era o desejo dele mesmo”.

Ela explicou que teve vontade de ter um filho para cuidar, para ter alguém que ficasse com ela. Ela disse que sempre gostou muito de criança e teve vontade de ter o seu. Ela cuidou de seu irmão mais novo e sempre falava em ter seu filho mais para frente para cuidar e dar carinho. Ela achou que cuidar de seu irmão influenciou em sua vontade de ter filhos.

“Ai, não sei me deu vontade assim... de ter um filho [...] Para cuidar, para dar carinho, para ter alguém que fique comigo, né”.

“Eu sempre gostei de cuidar de bebê assim entendeu, aí eu queria cuidar do meu, do meu filho”.

“Por que quando eu cuidava do meu irmão mais novo eu tinha 12 anos, mas aí eu pensava mais para frente em ter filho”.

Willian, 21 anos

Quando indagado no início da primeira entrevista sobre o que levou sua companheira a engravidar, Willian limitou-se a confirmar que a gravidez ocorreu por terem a planejado. Posteriormente no decorrer da entrevista, ao ser indagado sobre sua vontade de ter filhos, ele referiu

que este desejo surgiu após conhecer Ana Maria, e que poderia ser uma forma de juntar mais o casal, após conviverem já há um tempo como apresentado mais adiante.

A influência do relacionamento com o parceiro na ocorrência da gravidez

O vínculo entre o casal foi relatado pelos adolescentes como tendo grande influência no desejo de engravidar, bem com em sua concretização. A paternidade e maternidade teriam por objetivo fortalecer o relacionamento do casal. Para Cláudia, o filho tornaria a vida do casal mais completa. Ela percebeu que seu companheiro queria que ela engravidasse para segurá-la. Maria expôs que a gravidez ocorreu em função do amor entre o casal e a vontade de ficar sempre junto. Willian avaliou que as pessoas têm filhos para juntar mais o casal, sendo decorrência do tempo de convivência. Ao engravidar, ele e sua companheira estavam juntos há pelo menos 1 ano e meio. Para José ter um filho, formar uma família é uma consequência de ter casado. A gravidez também foi uma confirmação para o pai dela de que eles iriam ficar juntos. Renata explicou que quis ter um filho para trazer alegria em função de estarem tendo brigas frequentes.

Cláudia, 17 anos

Segundo Cláudia, o relacionamento com o companheiro colaborou para que ela engravidasse. Ela expôs que faltava alguma coisa para tornar a vida do casal mais completa e formarem realmente uma família.

“Ah, o que eu levei a engravidar. Ah, eu acho que faltava alguma coisa entende, um neném sei lá, pra ser mais completo também, nossa vida assim, pra formar uma família mesmo”.

Maria, 16 anos

Nas duas entrevistas, Maria afirmou que o que a levou a engravidar foi o amor. O fato dela e seu namorado se gostarem muito a influenciou para engravidar, em função da vontade de que ficassem sempre juntos.

“O amor. É uma coisa boa assim sabe. Você fica junto, toda hora assim com o teu parceiro, fica bem feliz, fica juntinho. (risos)”.

“Ai, eu não sei, quando você gosta de uma pessoa, você vai lá e tá dando tudo certo e você vai lá e faz amor, e o amor dentro de você vai crescendo e você vai fazendo mais. Aí, eu acho que o meu amor e o dele acabou dando num fruto, que é o bebê”.

“Ah, da gente se gostar muito (influenciou para eu engravidar) ”.

Maria contou que ela e seu namorado não gostavam de usar camisinha, achavam estranho, não dando para sentir bem. Eles achavam que se era com amor, deveria ser natural, encostando pele com pele.

“...a gente não gosta muito de usar camisinha também, sabe. A gente acha que fica meio estranho assim. Na primeira vez que eu tive relação com ele, ele usou camisinha, eu achei que não foi legal assim, né. Não deu para sentir bem assim sabe”...

“...ele achava que se era natural era com mais amor assim, que era com mais prazer e com a camisinha não era, com o amor assim, ele queria que encostasse pele com pele entendeu, que a camisinha tava atrapalhando. Eu também achei”.

Renata, 14 anos

Renata expôs que o fato de gostar de José e de estarem brigando muito influenciou para que quisesse engravidar. Ela pensava que engravidar seria a única felicidade que teria. Ela avaliou que precisava de alguma coisa para trazer alegria, por que sua vida estava muito sofrimento. Ela expôs que poderia até ter engravidado antes.

“Eu acho que sim... (o relacionamento com o companheiro influenciou). Assim, porque tinha muito briga né, muita confusão. Daí eu acho que daí eu pensava só engravidar, era a única felicidade que eu tinha assim. Eu sempre quando ia deitar eu ficava pensando que toda a minha vida sempre foi tristeza, sempre foi triste. Daí eu pensava, quando eu lembrava de ter um nenenzinho, já parecia que acendia uma luz...”

“É, graças a Deus (engravidei) (risos) [...] Trouxe mais alegria, porque eu estava precisando de alguma coisa para trazer alegria, porque estava muito sofrimento”.

“É, e se eu soubesse que ia estar desse jeito assim, tinha engravidado antes... não tinha esperado pra sofrer”.

A influência do relacionamento com os familiares na ocorrência da gravidez

Quando indagados, a maior parte dos participantes deste grupo referiu não perceber alguma influência do relacionamento com os familiares no fato de terem engravidado. Cláudia negou qualquer relação entre a gravidez e os problemas de relacionamento com seu pai.

José e Renata analisaram que as dificuldades de relacionamento com os familiares influenciaram para que fugissem de casa. José desejava ser independente destes. Ao estar casado teria alguém para cuidar dele e a família não ficaria tão em cima. Renata confirmou que o sofrimento que passou em seu passado com seu pai e sua mãe influenciou no fato de fugir e em seguida querer ser mãe.

José, 19 anos

“porque eu queria ser independente deles, queria ter, me manter entendeu e pra mim me manter sozinho as vezes não daria, porque eu não teria quem cuidasse de mim entendeu, falei talvez eu casando, as vezes eles não iam pegar tanto no meu pé e ia largar mais eu do lado”.

A presença de um modelo social em relação à maternidade na adolescência

As mães de Renata e Maria também foram mães na adolescência, com 14 e 17 anos respectivamente. Maria negou que o fato de sua mãe ter engravidado na adolescência possa ter influenciado para ela engravidar. A ocorrência da gravidez na adolescência entre as mães de adolescentes gestantes, foi citada por PAIVA *et al.* (1998) e CORRÊA & COATES (1991).

A influência dos planos quanto ao futuro na ocorrência da gravidez

A ausência de planos educacionais e profissionais claros e objetivos foi percebida na maior parte das adolescentes deste grupo, incluindo Renata e Maria. Diferentemente, Cláudia relatou a intenção de fazer faculdade, apesar de ter atrasado seus estudos por ter reprovado dois anos e ter interrompido os estudos por um período. Ela contou que, logo que foi morar com seu companheiro, ela não queria engravidar em função dos estudos. Posteriormente, ela acabou concordando com ele quando o casal conversou e combinou que pagariam uma pessoa para cuidar da criança após o nascimento, para que ela continuasse estudando. Esta fala destaca a importância de uma rede social que possibilite a continuidade dos estudos por mães e pais adolescentes.

Ao indagada, Renata analisou que se tivesse mais planos quanto aos estudos, não teria engravidado por ser difícil conciliar o fato de ter um filho com a continuidade dos estudos. A ocorrência da gravidez em adolescentes é freqüentemente precedida pelo baixo desempenho escolar, pela interrupção dos estudos e por poucas expectativas educacionais/profissionais (FÁVERO & MELLO, 1997).

Os dois rapazes entrevistados que desejavam que sua companheira engravidasse, trabalhavam e assumiam o papel de provedor na família. Eles consideravam ter condições de manter o futuro filho, não apresentando expectativas quanto à continuidade dos estudos na época que a companheira engravidou.

Renata, 14 anos

Ela avaliou que a gravidez ocorreu a partir do plano de ser mãe e que o fato de não ter planos claros quanto a estudar colaborou para que planejasse engravidar. Se tivesse mais planos em relação aos estudos, não teria pensado em ser mãe. Ela tinha deixado de lado seus planos de ser professora.

“Ah, porque se eu pensasse assim mais de estudar, daí eu acabava tirando a atenção de ter o nenê. Mas eu tirei mais a do estudo...”

Ela também considerou que por ser uma pessoa responsável teve mais vontade de ser mãe.

“É, porque se eu pensasse que eu não era... Porque, se o nenê precisar ir no médico, e eu não sou responsável, eu não ia querer levar, né? Se precisar levar pra um lugar...”

José, 19 anos

Ao indagado José confirmou que seus planos de ter um filho influenciaram a ocorrência da gravidez, pois achava que com sua condição profissional teria como manter um filho.

“porque eu achava que eu teria as condições de ter, porque eu tava trabalhando, tinha ótima proposta de serviço, eu falei dá muito bem, se um serviço não der, vou pro outro que tem condições de manter, entendeu, foi isso que foi ajudando”.

Cláudia, 17 anos

Cláudia mencionou que tinha planos inicialmente de ser mãe mais para frente, por que tinha receio que ter um filho estragasse seus planos de estudo. Ela resolveu engravidar depois que o casal combinou de que pagariam alguém para cuidar da criança para ela poder continuar os estudos.

“É eu tinha (planos de ser mãe), mas não tão cedo, né”.

“Ah, pelo menos depois que eu terminasse meus estudos, né”.

“Eu queria (ser mãe), mas eu pensava que podia assim...até conversava com o Adriano sobre isso, ele perguntava a mesma coisa, eu falava eu pensava que eu podia estragar meus estudos, se eu tiver uma criança agora como é que eu vou estudar? Daí a gente conversou que a gente pagava alguém pra cuidar da criança e eu continuava estudando”.

O que levou estes adolescentes a desejarem ter um filho?

Para compreender o desejo destes (as) adolescentes de ter um filho, é necessário ir além dos motivos atribuídos por estes em relação à ocorrência da gravidez, entendendo os sentidos apresentados por estes sobre as relações estabelecidas no cotidiano com seu parceiro (a), com sua família e a escola, bem como seu projeto de vida educacional/profissional e quanto ao relacionamento afetivo, à paternidade e à maternidade. Com este objetivo, as falas sobre o contexto de vida de cada participante são apresentados e analisadas em separado a seguir.

Cláudia , 17 anos

Cláudia ao ser entrevistada estava no 3º mês de gestação. Ela engravidou após 5 meses que o casal estava morando junto, tendo fugido da casa dos pais para ir morar com ele. No momento da entrevista, eles estavam morando em uma casa onde sua avó morava antes, no mesmo

terreno de seus pais. Ele estava trabalhando em uma lanchonete e ela estava estudando. Seu pai tem nível universitário e está aposentado, sua mãe tem 2º grau incompleto e trabalha em um escritório. A família pertence ao estrato social médio. O companheiro de Cláudia foi convidado pessoalmente para participar da entrevista, mas ele não aceitou o convite. Ela expôs que o companheiro não gosta muito de conversar, por ser meio tímido.

Relacionamento familiar

Cláudia expôs que não é de falar muito com sua mãe, sente vergonha e acha que sua mãe não lhe deu muita liberdade para isto.

“...eu não falo muito as coisas assim, entende [...] acho que é porque ela também nem deu muita liberdade para falar. As vezes ela conversa, mais também, tenho meio vergonha de falar assim com ela tudo o que acontece”.

Segundo ela, sua mãe quer colocar as coisas na sua cabeça, se não gosta de alguma coisa fica repetindo sempre a mesma coisa, por isto Cláudia evita de falar suas coisas para ela.

“... é que daí se ela não gosta, daí ela fica martelando naquilo sempre. Sempre falando na mesma coisa... por isso que eu evito até de falar alguma coisa para ela, para ela não ficar repetindo sempre”.

Entretanto sua mãe sempre esteve do seu lado nos momentos difíceis, mas seu pai nunca foi de conversar com ela. Ela aprontava e ele não dava oi, fingia que ela não existia.

“... a minha mãe sempre foi...super, não que ela me apoiou, mas nos momentos difíceis tudo ela sempre teve do meu lado, quando eu tava internada, era sempre ela que ia me visitar, o pai não, meu pai nunca foi de ligar muito assim, de conversar comigo entende, bem fechado ele assim, eu aprontava ele não falava comigo, não me dava oi, fingia que eu não existia, pra mim ele não existia e pra ele eu não existia”.

“...eu saía ele não gostava, eu desobedecia [...] E eu saía do mesmo jeito, daí ele não falava comigo”.

Cláudia contou que nunca foi muito de se entender com seu pai, ele brigava com ela por fazer bagunça em casa.

“Ah, eu nunca tive muito, me entender muito com meu pai, eu aprontava em casa também, né [...] Ah, bagunça, muita bagunça, daí ele brigava [...] Sempre fui arteira de ficar mexendo nas coisas, aprontando”.

Cláudia disse que seu pai bebia há muitos anos, desde quando ela era ainda pequena. Quando ela nasceu ele já tomava cervejinhas, depois foi aumentando até virar alcoólatra. Na época da entrevista ele estava bebendo menos.

“Minha mãe falava que ele tomava as suas cervejinhas e tudo, mas depois foi aumentando, aumentando... aí ele virou alcólatra [...] agora ele parou um pouco”.

Histórico de uso de drogas e furtos

Ela começou a freqüentar a rua, andar com más companhias e roubar chocolate aos 12 anos. Apesar de ter roubado chocolate algumas vezes no mercado, ela nunca foi para a delegacia de menores por isto. Começou a roubar de bobeira, para comer os chocolates, enquanto gazeava aula.

“... eu comecei com 12 anos, eu acho, já gostava de sair, roubava chocolate no mercado, já, começava com estas más companhias já...”

“Não sei (por que roubava), para comer, boba, bobeira, roubava barra de chocolate para comer, gazeando aula e comendo chocolate, comecei com isso que eu me lembro... depois comecei a fumar maconha, a beber...”

Nesta época Cláudia fez amizade com algumas conhecidas do colégio e ao freqüentar a casa delas começou a cheirar benzina e depois fumar maconha. Ela parou de cheirar benzina por ter alucinações de que estava morrendo.

“Foi... ah uma menina que...conheci ela, ela fumava, as irmãs dela usava e eu ia dormir na casa dela, daí as irmãs dela, uma cheirava cola, cheirava benzina, daí ela fumava maconha [...] Daí (primeiro) foi benzina. Daí depois eu fui aprendendo a fumar... daí comecei a fumar maconha”.

“...eu tive que parar por que eu comecei assim com uns negócio errado, que eu começava a cheirar, assim começava a ter alucinação que eu morria, entende, que eu... toda vez que eu cheirava eu tinha a mesma alucinação de que eu, que meu corpo morria, assim que meu coração parava, ficava parado assim durante um tempo assim, ficava parado, e depois voltava...”

Cláudia referiu que começou a beber por volta de 14 anos, quando ia para a praia uma vez por mês e encontrava com amigos lá. Pouco tempo após, ela começou a sair com mais freqüência em Curitiba no bairro perto de sua casa, onde ficava bebendo com os amigos.

“era só lá pelos 14 anos, é quando eu ia pra praia, uma vez por mês assim. Que os meus amigos era tudo na lá, praia que eu conhecia, só saía lá, lá que eu bebia”.

“Daí começou a fase que eu comecei a conhecer as pessoas aqui de cima e comecei a andar aí [...] Ah, eu ficava bebendo, daí foi nessa época, né...”

Cláudia explicou que durante 2 anos, entre 14, 15 e 16 anos ela deixou de ir para a escola, passando a fumar maconha diariamente de manhã em casa e sair a tarde para fumar e beber vinho.

“É todo dia. Eu acordava, 1º coisa que eu pensava era fumar. Tanto que eu fumava no meu quarto, minha mãe brigava comigo, descobria, que ficava o cheiro... Que eu não ia para aula de manhã, eu acordava, fumava, dava umas bolinhas e ia fazer almoço. Daí de tarde eu lavava a louça, descansava um pouco, me arrumava e saía. Era isso todo dia, todo dia... Fumava de novo, ia tomar um vinho... daí voltava para casa e dormia. Daí no outro dia , mesma coisa”.

Ela avisava a sua mãe que estava saindo, mas não a obedecia voltando tarde. Ela não pedia para seu pai para sair e não fazia questão de falar com ele.

“Falava assim, ó tô saindo! Daí ela falava pra não voltar tarde, mas não adiantava ela falar não”.

“Eu nem pedia, não falava com ele. Falava só com a minha mãe, né [...] Ah, na época eu também até, nem fazia questão de falar com ele”.

Um pouco antes de fugir com seu namorado, Cláudia ficou 3 meses em uma casa de recuperação por que havia furtado e por receio não compareceu a audiência com o juiz. Ela referiu ter furtado roupas em lojas de departamento mais ou menos 5 vezes, até que acabaram lhe pegando.

“...eu tinha ido para uma casa de recuperação, né, um lugar onde meninas infratoras que fizeram alguma coisa ficam, que eu furtei, né. Daí, por causa que eu não fui na audiência umas duas vezes falar com o juiz, daí me levaram para lá, daí fiquei uns 3 meses [...] Ah, eu não sei, eu acho que eu ficava com medo, com receio de ir (na audiência) ”.

“ Era a segunda vez que eu tava indo lá, segunda ou terceira já, daí eles já tavam me observando já, daí que eles me pegaram. E eu nem tava com muita coisa [...] era a menina que tava comigo, daí por causa que viram ela entrar no vestiário com 2 pares de sapato e ela saiu com um só [...] nem lembro acho que uma blusinha ou um sutiên, coisinha assim pouca assim, ela que tava com mais coisa. Daí pegaram por causa do sapato e eu tava junto, né...daí fui junto”.

Ela comentou que não tinha motivo para furtar, fazia isto para ter mais roupa e influenciada pela amiga.

“não tinha motivo (para furtar), por que eu queria ter mais roupa, roupa, cara, tipo uns casaco assim caro, bonito, tudo peludos. Por que eu tinha roupa, mas não tinha condições de comprar roupa cara, daí eu queria, não sei, besteira minha. As vezes também por causa da companhia, né, que leva a gente, influi muito”.

“É foi ela, ela já tinha feito isso daí ela falou vamo lá, dá certo, né, vamo lá. Daí eu fui, começou a dar certo, comecei a fazer mais”.

Depois de ficar 3 meses sem fumar maconha na casa de recuperação, ela não voltou a usar por não sentir mais vontade.

“...daí tipo já, não sentia aquela vontade, já tinha passado assim aquele negócio, daí nem sentia vontade mais. Achei melhor, que era melhor ficar sem nada, entende. Depois que saí lá, 3 meses sem usar, acho que até me sentia melhor, entende, sem. Mas antes disso, parece que eu sentia necessidade de usar, se não me dava...um negócio ruim”.

Cláudia falou que sua mãe tinha expectativas que melhorasse de vida, não bebesse, não fumasse maconha, não andasse com más companhias. Sua mãe levou-a várias vezes à psicóloga. Ela foi internada em uma clínica 3 vezes, mesmo algumas vezes sem concordar. Em relação a seu pai, ela não soube dizer quais eram as suas expectativas, talvez achasse que ela não tivesse um futuro.

“... ela sempre quis o meu bem e esperava que eu melhorasse de vida”.

“... ela não conseguia me segurar em casa, mas ela sempre tentava me dar uns conselhos... Ah, pra mim não beber, pra não andar com essas companhias, essas coisa assim”.

“... ela não gostava (que eu fumasse maconha), ficava até triste, chorava tudo, ficava chateada, ela queria que eu parasse, procurava ajuda, também psicólogo pra mim falar, conversar [...] já fui internada por causa disso, por que ela procurava tentava me ajudar, daí ela conseguia [...] É, eu não concordava, mas as vezes acabava sendo obrigada (a internar)”.

“Ah, não sei, o que meu pai esperava de mim, não sei, nunca foi de conversar comigo. Acho que ele pensava que ia virar uma menina qualquer, sem futuro, sei lá o que ele pensava”.

Fase da vida

Cláudia avaliou que estava na adolescência antes de engravidar, não tinha preocupação com nada, era só curtir e beber.

“Ah, eu não tinha preocupação com nada, era só curtir a vida, saí, bebe, agora eu tenho uma responsabilidade, né. Não posso mais fazer o que eu fazia”.

“A fase da vida que eu (tava)... Acho que era adolescência, né”.

Estudos

Cláudia reprovou vários anos na escola. Ela explicou que foi bem até a 4ª série, depois passou a fazer muita bagunça e gazar aula, tendo reprovado 2 vezes a 5ª série. Na 8ª série, na época que fumava maconha e bebia, ela interrompeu os estudos várias vezes.

“Antes eu ia (bem), até a 4ª, né que eu não fazia bagunça, eu ia bem”.

“É eu fiz 3 vezes a 5ª série. Muita bagunça, não ia pra aula, gazeava muito, daí acabei reprovando. Daí na terceira vez que fui fazer a 5ª, daí eu fiz supletivo, fiz 5ª e 6ª, daí eu passei direto pra 7ª, da 7ª eu passei e fui pra 8ª, daí eu comecei a aprontar, né, que eu disse que comecei a beber, a fumar maconha, daí eu parei muito de estudar, daí começava a estudar por supletivo e parava, desistia, outro ano começava, parava também, foi uns 2 anos assim, sem estudar, daí que eu comecei, fiz a 8ª série lá na Casa de Recuperação no ano passado, daí esse ano tô no primeiro”.

Planos educacionais/ profissionais

Apesar de ter perdido vários anos na escola, e referir não gostar de estudar, principalmente quando não entende a matéria, Cláudia disse que antes de engravidar pretendia fazer faculdade e ainda pretende para ajudar em casa financeiramente. Seu companheiro lhe incentiva bastante.

“Ah, eu não gosto (de estudar) né, mas fazer o que, tem que [...] Quando eu entendo a matéria até que é bom, eu gosto, até que ... é bom, eu faço as coisas, mas é muito complicado as coisas...”

“Ah, eu planejava estudar, fazer uma faculdade que eu quero ainda, né... Também pra ajudar em casa, né, que só o Adriano trabalhando vai ser pouco, acho que eu vou ter de ajudar ele também,

nas despesas da casa. Vou fazer, penso em fazer biologia marinha ou essas coisas que estuda o mar ou até o céu, né, essas coisas assim. As estrelas, os planetas, não sei direito como é o nome”.

“...até o Adriano me incentiva muito a estudar, que ele quer que eu estude”.

“Ah, porque eu quero arrumar um serviço bom depois, pra mim é até mais fácil, né”.

Educação sexual

Sua mãe, nem seu pai, lhe deram orientações sobre menstruação, bem como sobre a relação sexual, ela recebeu orientações principalmente no colégio.

“...ela nunca falou de menstruação assim pra mim, a gente sabe mais no colégio, aprendi mais no colégio. Quando desceu minha menstruação, eu falei pra ela que desceu, daí ela comprou absorvente normalmente, assim”.

“A minha mãe nunca foi de conversar muito isso comigo [...] Muito menos o meu pai”

Segundo Cláudia, sua mãe devia saber que ela estava tendo relações sexuais antes de fugir, por que ela estava tomando anticoncepcional, mesmo assim ela inventava uma desculpa para sua mãe quanto a seu uso.

“acho que até antes (de fugir ela soube que tive relações sexuais) porque eu tava tomando anticoncepcional. Mas eu acho que eu falava que eu tomava anticoncepcional pra regular a menstruação, coisa assim, eu inventava uma desculpa, né. Mas não falava que eu tava tendo relação”.

“... ela (minha mãe) não esperava que eu fosse ter relação, também né”.

O Histórico do relacionamento com o parceiro

Cláudia conheceu seu companheiro na rua, ele era menino de rua. Na época ela não estava estudando, saía todo dia, bebia e fumava maconha. Eles namoraram por mais ou menos 2 anos.

“...eu saía todo dia de casa, por que eu não estava estudando, estava assim largada, assim tipo eu saía todo dia de casa e a tardezinha assim eu saía. Eu ficava, conhecia um monte de gente assim, ficava na praça...tomando um vinho”.

“(Conheci ele) na rua mesmo, que antes eu fumava maconha, né, bebia, tudo. Daí a gente se encontrou nessa [...] Daí a gente acabou se conhecendo melhor, gostando um do outro [...] Daí assim foi virando rotina, assim sempre ficando com ele... todo dia a gente se via, né”

“Ele era menino de rua. (riso) Ele morava na rua”.

No período em que ela ficou em uma casa de recuperação, por ordem do juiz, por ter furtado, seu namorado fez tratamento para o uso do álcool e voltou para o interior. Ao sair da casa de recuperação, ela ficou lhe procurando pelo centro da cidade por que gostava muito dele, mas não o encontrava. Até que um dia ele lhe telefonou e após ir visitá-lo, ela resolveu fugir de casa para morar com ele.

“Daí ele, depois que eu fui para lá (para a casa de recuperação) ele foi se tratar, né. Ele foi numa chácara, que eu não sei onde fica [...] (foi fazer tratamento) de álcool, tudo, que ele bebia. Daí (depois) ele foi para o interior, ficou uns 2 meses, 3 meses, também não sei, que ele queria, ele não queria mais ficar aqui. Nessa mesma... nessa mesma vida.”

“...daí a hora que eu saí de lá (da casa de recuperação)... Daí eu já tinha perdido o contato com ele, né procurava ele pelo centro da cidade tudo. Daí uma vez recebi um telefonema era ele, tava dizendo que tava no interior, né. E eu fui visitar ele lá, um dia assim, daí quando eu fui visitar ele, ele falou assim para mim ir morar lá com ele, daí na 2º vez que eu fui visitar ele eu já fui com uma mochila bem grandona nas costas, tinha ido pra morar. Daí falei para a minha mãe que eu ia acampar sabe, que eu gostava de acampar, já, tô indo acampar, daí ela deixou, né.. Daí eu não voltei mais”.

“Daí ele me ligou, a gente ficou morando lá e depois veio para cá. Daí ele começou a trabalhar, ele não queria mais ficar naquela vida, que tava na rua” .

Quando indagada sobre o motivo da fuga, ela respondeu que na época não pensava no que fazia, deu vontade e foi.

“Naquele tempo eu não pensava no que eu fazia. Tipo vinha na minha cabeça assim eu fazer isso, eu ia lá e fazia. Eu não pensava duas vezes, entende, me deu vontade eu fui”

Cláudia gostou de Adriano desde o 1º dia que o encontrou, do jeito que ele era, mesmo sendo pobre. Ela expôs que hoje ele mudou muito em relação ao que era.

“Ah, não, sei o jeito dele, a 1º vez que eu vi ele, tipo assim eu já gostei dele. Todo mundo falava para mim que, que eu ia ficar com um cara daquele tipo, que andava com cobertor, assim no frio, assim, aqueles carrinhos de papelão, sabe, que futuro que eu ia ter, falavam, falavam um monte, né, os carinhas assim falavam para mim. Mas eu nem ligava, eu gostava de ficar com ele, mesmo sendo pobre, mesmo sendo o que era, entende. Daí hoje em dia as pessoas que vêem assim nem acreditam assim que possa ter mudado tanto assim, que aquele cara podia mudar tanto...”

Ela contou que na época que fugiu gostava muito de Adriano, mas com a convivência aprendeu a amá-lo.

“Gosto muito dele, daí tentava achar ele nos lugares que eu pensava que ele podia estar, no centro” (antes de fugir).

“É, eu acho que amava não, gostava, mas daí eu acho que eu aprendi a amar, assim, a convivência com ele...”

Planos quanto ao relacionamento

Cláudia relatou que, antes de engravidar, ela e seu companheiro tinham expectativa de ficar juntos por muito tempo. Ficaram noivos e queriam casar, aguardavam ter dinheiro.

“Ah, eu para mim eu sempre pensei que ia ficar muito tempo junto com ele, a gente até falava que quando ficar velhinho, a gente ia estar junto ainda... E ele também, vivia falando isso.”

“... a gente até comprou aliança de noivado [...] A gente vai casar. Só que por enquanto, depois que eu ganhar o neném... que vai ser dama de honra, aqueles menininhos que vão na frente. Daí a gente não casou também porque a gente não tem dinheiro”

As relações sexuais e a gravidez

Cláudia mencionou que desde o início das relações sexuais com Adriano, ela sempre se preveniu da gravidez. Ela tomou pílula e também usou camisinha em grande parte das vezes.

“Eu já tomava (pílula). Eu conversei com a minha mãe até sobre isso, daí ela comprou tudo”.

“...nunca esqueci de tomar anticoncepcional, todo dia eu pensava nele...todo dia, não tinha como esquecer”.

“Tinha umas vezes que eu não usei (camisinha quando tomava pílula). Mas procurava usar mesmo assim”.

Ela expôs que desde o começo, logo que foram morar juntos, Adriano queria que ela engravidasse, por isto escondia o anticoncepcional dela. Ele esperava segurar assim a companheira. Entretanto, ela não queria engravidar e teve que também esconder o anticoncepcional. Depois o casal conversou e ela decidiu parar de tomar a pílula para engravidar.

“... no começo, eu tomava anticoncepcional e ele escondia. Ele queria ter um filho de qualquer jeito. Daí ele escondia, acho que tanto para me segurar também, que ele gostava de mim e tinha medo de me perder, para me segurar também, acho... Daí ele escondia daí eu comecei a tomar escondido. Escondia em cima da porta... assim. Ficava tomando, daí depois eu conversei com ele e aí decidi parar de tomar. Parei uns meses assim e depois de uns 3 meses daí eu engravidei”.

Cláudia explicou que gostaria de ter engravidado agora, por que o casal se gostava e faltava um neném para tornar a vida do casal mais completa. Eles querem ter mais filhos.

“É, eu acho bom, eu sou nova, mas... Eu queria ter um neném, né. Eu já tinha arrumado uma pessoa que eu gosto, né, e que gosta de mim, faltava uma coisa, um neném eu acho. Para ser mais completo assim (em tudo) né, a nossa vida de casal. Ter mais um neném, né, ter um nenenzinho. É o primeiro, a gente quer ter mais. Ter bastante.”

Cláudia falou para sua mãe que engravidou por que esqueceu de tomar a pílula.

“Daí para a minha mãe eu falei que eu esqueci, que a minha menstruação desceu, e que daí eu esqueci de começar tomar logo depois, daí não tinha mais como eu tomar. Daí eu fiquei um mês sem tomar e eu engravidei. Foi isso que eu falei para ela”.

O Relacionamento de sua família com seu companheiro

Seus pais conheceram seu companheiro somente após eles fugirem. Seu pai fala com Adriano, mas Cláudia acha que ele teve que aceitá-lo por não ter outro jeito.

“...ele gosta do Adriano, ele conversa tudo, comigo ele não conversa, mas com o Adriano ele conversa, sempre dá oi, tudo, conversa com ele. Acho que ele teve que aceitar, né, acho que ele não, se fosse pra ele escolher, acho que não ia escolher o Adriano, imagino eu, né, não sei, mas ele tem que aceitar, vai fazer o que. Fui eu que escolhi”.

Sua mãe dizia que não podia fazer nada, viu que ele era trabalhador e valorizou o fato de ver a filha feliz por ambos se gostarem.

“...a única coisa que ela falava é que ela não podia fazer nada já que eu fugi pra ficar com ele, né, então, viu que ele era, conheceu a família dele, viu que ele era um rapaz trabalhador, que nem diz ela, que trabalha tudo...”

“ já que já tão morando junto, já que um gosta do outro, ela perguntou isso várias vezes, então o que importa é ver eu feliz que nem diz ela”.

Análise do caso de Cláudia

O contexto de vida, relatado por Cláudia como anterior à gravidez, foi marcado pelo uso de drogas, o abandono dos estudos, conflitos no relacionamento familiar e pequenos furtos que culminaram em sua permanência na casa de recuperação um pouco antes de fugir com o namorado. Ela destacou que não se entendia com seu pai desde sua infância, o qual apresentava um histórico de alcoolismo. Segundo sua percepção, ele não aceitava suas bagunças, era indiferente e omissivo em relação à filha, não conversando com ela. Com relação a sua mãe, Cláudia percebia que ela estava a seu lado nos momentos difíceis, entretanto ela sentia vergonha de se abrir com esta, por que quando não gostava de alguma coisa, ela ficava sempre repetindo o mesmo comentário. As relações estabelecidas com pessoas que conhecia na rua, bebendo e usando drogas, apresentavam grande importância em seu cotidiano. Nesta fase, ela se considerava na adolescência, sem ter responsabilidades e só curtindo a vida. Neste contexto, ela conheceu seu namorado e pouco a pouco foi estabelecendo um relacionamento de proximidade, valorizando-o como pessoa e não por seu status social. Este relacionamento se contrapunha ao distanciamento percebido na relação com seus familiares. Segundo seu relato, durante todo o período de namoro ela se preveniu da gravidez. Apesar disto, pode-se perceber que ela estava vivendo o momento sem refletir sobre as consequências de seu estilo de vida para seu momento atual e futuro.

Pouco tempo após sair da casa de recuperação, na qual Cláudia teve a oportunidade de parar de fumar maconha e voltar a estudar, ela fugiu com seu namorado por gostar dele, mas referiu ter fugido também por fazer as coisas quando dava vontade sem pensar muito. Ao fugir, o casal passou a construir um novo modelo de vida. Ele passou a trabalhar e Cláudia voltou a frequentar a escola. Ela contou que com a convivência passou a amá-lo. Apenas dois meses após irem morar juntos, ela parou de tomar a pílula para engravidar. A idéia de ter um filho neste momento partiu do companheiro. Ela só concordou de engravidar, após combinarem que continuaria seus estudos. Segundo sua percepção, ele queria “segurá-la” com a gravidez. Ela quis engravidar a partir do desejo de tornar a vida do casal mais completa. O “casamento” completado pela gravidez pode ter representado de maneira idealizada a superação de uma realidade difícil

vivida anteriormente. Nesta nova situação de vida, Cláudia passou a se sentir uma adolescente mais responsável, vivendo a gravidez com muita alegria, acompanhando seu desenvolvimento e lendo sobre o assunto.

Apesar das mudanças vividas, alguns obstáculos no relacionamento com sua mãe permaneceram, como o sentimento de vergonha e a repetição das opiniões de sua mãe por vezes diferentes das suas. Desta forma, Cláudia e seu companheiro não contaram para sua mãe que pretendiam engravidar.

Após fugir com Adriano, apesar de ponderar inicialmente sobre a possibilidade de continuar seus estudos se engravidasse, Cláudia acabou tomando uma decisão rápida sem dar um tempo um pouco maior para refletir sobre sua vida e os diferentes caminhos possíveis frente a presença ou não da gravidez.

Renata, 14 anos

Renata estava morando com seu companheiro há menos de 2 meses quando engravidou. Ao ser entrevistada, ela estava no último mês de gestação. O casal pertencia ao estrato social baixo. Na ocasião da entrevista, eles estavam morando em uma casa alugada por sua mãe, junto desta, de seu padrasto e de sua irmã, em um bairro da Matriz. José esteve desempregado e há menos de um mês conseguiu emprego em uma elétrica de carros. A família de Renata estava os mantendo, sua mãe é doméstica, estudou até a 1ª série do 2º grau e seu padrasto é assalariado e estudou até a 4ª série. Seu pai mora no interior, tem seu emprego e também estudou apenas até a 4ª série.

Relacionamento familiar

Os pais de Renata não foram casados no civil, mas moraram juntos. Ela expôs que ainda era bebê quando eles se separaram. Quando ela e sua irmã nasceram sua mãe tinha 13 ou 14 anos. Sua mãe lhe contou que seu pai ficou sabendo do nascimento na zona. Quando chegou ao hospital, disse que ela não era sua filha. Ele freqüentava a zona direto e batia na companheira a machucando.

“Aí , ele chegou dentro do hospital, já falando que eu não era filha dele”.

“É, quando nós nascemos ele ficou sabendo dentro da zona”.

“Pelo jeito que ela coloca sim, né (machucava)”.

“Ele é tão ignorante, ainda bem que eu conheci meu pai e eu tenho confiança nela, por causa que já ter conhecido ele, né. Eles nem moraram juntos, por causa que ele... assim, ele só ia em casa assim tipo uma visita de médico... Era só na zona (que ele ficava)”.

Durante a infância Renata e sua irmã moraram por alguns períodos com os avós maternos e outros com sua mãe. Mas ela referiu ter ficado mais tempo com seus avós que com sua mãe.

“Assim, nós viemos para cá com ela quando tinha 2 anos, parece, 2 ou 3 anos. Eu não sei assim direito, daí nós ia com a vó, ficava um tempo lá, vinha para cá...”

“É, (ficava) mais (tempo) com a avó do que com a mãe”.

Renata veio a conhecer seu pai com 7 ou 8 anos quando estava na casa de sua avó paterna. Quando tinham 12 anos, Renata e sua irmã pediram para morar com seu pai.

“Eu fui conhecer meu pai eu tinha 7 anos, 7 ou era 8... Daí ele sempre ia lá na casa da minha vó no interior. Ficava mandando as coisas, assim pra estudo, roupa, boneca...”

“Daí minha mãe foi para lá passear, daí nós pedimos para ir para o pai [...] nós pedimos e ela não falou vai. Ela sentou nós duas, explicou como ia ser, como ele era e daí nós de todo jeito [...] Tinha curiosidade assim, pensava que era bom com ele, daí...”

Renata contou que quando elas foram morar com o pai, ele não sabia corrigir e conversar, quando ela e a irmã faziam alguma travessura, ele já vinha batendo. Ele batia bastante, chegou a quase enforçar sua irmã com o pé, mas a madrastra acabou interferindo não deixando que continuasse.

“Ele não sabia corrigir... O meu pai, ele, assim, ele sabia sentar e conversar, dar carinho, ele dava carinho, eu não vou falar que não, mas na hora assim que ele sabia de alguma coisa, de alguma travessura assim minha e da minha irmã, ele não sabia, ele vinha assim com quatro pedras, ele não vinha falar assim, eu quero saber primeiro o que é que vocês aprontaram. Não, ele já vinha batendo.”

“(Ele) batia (muito). A minha irmã, ele até pisou no pescoço dela para matar. Começou a esfregar o pescoço da minha irmã assim no chão... e eu empurrei ele... É, tava enforçando ela com o pé [...] Pelo jeito tava (enforçando), porque minha madrastra até, ela era ruim, só que quando ela via assim, pegava no bicho mesmo [...] que ela via que ia matar mesmo, ela tirava”.

Algumas vezes seu pai batia nelas com fio de energia, muitas vezes deu tapa no rosto, dizendo que pessoas vagabundas tinham que apanhar na cara. Renata revelou não entender seu pai, por não se considerar vagabunda como ele dizia. A relação com seu pai gerava medo, fazendo com que saíssem da escola correndo, pois tinham tempo para chegar em casa. Além de bater, o pai as ameaçava de morte.

“É, daí... Tinha vez que ele batia de fio de energia. Daí uma vez ele conversando com nós assim, tinha muitas vezes que ele dava tapa na cara. Porque ele falava assim, pessoa vagabunda tem que apanhar na cara, daí ele já descia a mão”.

“Não sei, porque nós nunca foi assim...(vagabunda). Nós tinha tanto medo dele que terminava a aula e nós tinha que sair igual umas louca, ele dava um ou dois minutos para chegar em casa, né”.

“Era o que mais falava (de ameaçar de matar). Sempre!”

Segundo Renata, elas não podiam fazer nada, quando não tinha aula tinham que vir para casa. Mal podiam conversar com meninas na escola, as amigas não podiam vir em casa, não podiam ficar de brincadeira na escola com meninos, nem namorar. Não era permitido telefonar para sua mãe que estava em Curitiba.

“... (ele batia) se soubesse que nós tava de brincadeira na escola, se nós não passasse de ano, se nós tivesse namorando, se ele descobrisse algum namoro assim escondido...”

“(Podia conversar)... era só com menina e olha lá também”.

“...aula vaga tinha que ir embora... Amiga não podia ir em casa... Não podia nada. Só estudar mesmo”.

“...muitas vezes nós apanhamo por ligar aqui para Curitiba para a casa da minha mãe”.

Ela justificou o fato de apanharem com frequência por fazerem bagunça. O filho da madrasta dedurava as travessuras que faziam na escola ao pai delas. Elas namoravam escondido e seu pai acabava sabendo.

“É. Porque nós não ia deixar de fazer bagunça, né?”

“Não podia nada e a minha madrasta tinha um filho né, da mesma idade que nós, amanhã ele faz 15 anos, daí ele que entregava bastante eu a minha irmã. Ele estudava de manhã, daí a tarde ele ficava lá junto... daí ia na escola e sabia das nossas travessuras, que nós não ia deixar de, nós mocinhas não íamos deixar de conversar com os meninos. Nós gostávamos de namorar escondido, era legal né. Daí ele descobriu, e ia falar pro meu pai. Chegava em casa e apanhava”.

Renata contou que tinha chamado seu ex-namorado para fugir com ela anteriormente, quando a madrasta ia contar do namoro para o pai dela. Ela tinha muito medo do pai machucá-la.

“...tinha chamado o meu ex-namorado para fugir, por causa de medo de apanhar, logo que o meu pai descobriu que eu tava namorando com ele, daí a minha madrasta, ficava eu vou contar para o pai de vocês. Daí nós tinha medo demais né, porque ele falava que ia bater pra machucar, né. Nesse dia eu quase fiquei aleijada também [...] por causa que o meu pai pegou uma cadeira, quando ele ia acertar a minha madrasta segurou nos pés da cadeira”.

Educação sexual

Ela explicou que sua mãe não deu orientação a ela e sua irmã, por que moraram com sua mãe apenas quando eram bem crianças. Quando moraram com seus avós maternos no interior, eles também não deram orientações. Seu pai também não dava orientações sobre sexualidade.

“Nós moramos com a mãe assim, só no tempo que nós éramos bem criança mesmo...”

“Quando nós não tava com ela, nós tava com a minha vó. E daí eles não conversavam assim com a gente”.

“(Meu pai) nem gostava que conversava...sobre esse assunto”.

Renata contou que quando fugiu era virgem e ficou envergonhada de ficar com seu parceiro no quarto. Ela não sabia como era a relação sexual, não queria tirar a roupa e nem se encostar em José. Ela não tinha informações sobre relação sexual, gravidez e métodos contraceptivos, aprendendo tudo com o companheiro.

“Aí eu sentei numa cama, ele noutra né, daí ele, eu envergonhada né, porque eu ainda era virgem, não imaginei de eu ficar sozinha no quarto com um homem...”

“...eu era tão inocente quando eu fugi com ele, que eu pensava assim que ter uma relação sexual era só ficar se esfregando, passando a mão assim um no outro e de roupa, normal né. Daí ele, não menina, tira essa roupa daí, e eu falei, eu não nem encoste em mim. Aí ele, você não veio pra cá. Você quer voltar virgem pro seu pai te pegar? Daí eu falei assim, não. Daí aconteceu, né”.

“Aprendi com ele. Ele que me contou tudo. Eu não sabia nada, nada, nada [...] ele ia contando. Cada dia ele aparecia com um assunto novo.”

Fase da vida

Renata considerou que antes de engravidar estava mais ou menos na infância, era muito criança.

“(Era) muito criança”!

“É, era mais ou menos (infância) [...] eu estava mais na fase de criança mesmo”.

Estudos

Quando fugiu Renata estava cursando a 6ª série no interior, em seguida ela veio para Curitiba e continuou os estudos no supletivo. Entretanto, pouco tempo depois ela retornou ao interior e interrompeu os estudos. Na ocasião da entrevista, Renata novamente estava em Curitiba e estudando por apostilas. Ela expôs que se arrependeu de ter mudado de cidade e ter atrasado seus estudos. Ao fugir, Renata já estava atrasada na escola por ter iniciado a 1ª série com 8 anos e ter ficado 1 ano sem estudar, em um período em que ela e sua irmã moraram com uma mulher que sua mãe pagou para que cuidasse delas.

“Daí nós viemos para cá, eu continuei estudando mas fazendo o supletivo, daí eu desisti e fui embora de novo, daí lá eu não estudei, daí eu vim para cá e agora eu tou estudando”.

“Eu mesma podia ter ficado no interior no ano passado né e ter terminado a 6ª série e esse ano eu estaria fazendo a 7ª né. Não, eu peguei deixei, pensando que gravidez era mais importante né, bom, é, é mais importante, só que eu deixei de estudar. Mas estava bem ainda no comecinho da gravidez e eu poderia ter terminado né, de ficar estudando lá”.

Planos educacionais e profissionais

Renata referiu que nunca foi de ficar fazendo planos em relação a seu futuro.

“Ah assim, eu nunca fui de ficar fazendo planos”.

Ela disse que pretendia continuar estudando até onde conseguisse. Depois falou que quando criança pensava em fazer faculdade para ser professora.

“Eu não tinha assim até a série que eu pensava em estudar, eu só pensava assim... eu vou estudando até quando (conseguisse)...

“Desde pequena, só (pensava em ser) professora [...] Pensava em ir até a faculdade. Agora eu esqueci o nome...”

Histórico do relacionamento com o parceiro

Renata conheceu José, eles começaram a ficar e fugiram após 8 dias que estavam namorando. Ela estava com 13 anos naquele momento.

“...ele ia na casa de um amigo dele né, aí eu ficava de frente da minha casa, daí ele ficava mexendo assim... Ele ficou me paquerando né, ficava pegando na minha mão, me convidando para sair, aí nos começamos a ficar. Aí depois ele me pediu em namoro na 3ª vez que nós ficamos, ele me pediu em namoro. Eu aceitei e daí 8 dias...nós fugimos”.

Renata contou que fugiu por que seu pai só dava razão para sua madrasta. Ela havia discutido com sua madrasta e estava com medo de seu pai, por que ele sempre dizia que mataria as filhas, se tivesse que vir de seu emprego em outra cidade por alguma coisa que elas tivessem feito de errado. Ela não entendia por que não podiam namorar como as outras garotas.

“Ah, eu fugi por causa que eu já não agüentava mais o meu pai. Morava com madrasta. Meu pai deixava de ouvir eu e a minha irmã pra poder dar razão pra minha madrasta. Então, já que ele preferiu ela, então ficasse com ela... Daí eu peguei... Eu fugi ...nesse dia eu tava, eu discuti com a minha madrasta. Eu cheguei, eu tava conversando com ele, né com o José, na quarta-feira né [...] daí ele falou que pretendia servir o exército, que ele ia sair da casa da mãe dele porque não agüentava mais os parentes dele, que eles bebem bastante né [...] E naquele dia ela (madrasta) tava com um monte de carta minha e da minha irmã, dos meninos mandava pra nós... Aí nós discutimos né, daí a minha madrasta falou assim, eu vou telefonar pro seu pai, e ele trabalhava em outra cidade, né?”

“... (o pai) já tinha falado né [...] eu tenho 7 anos na empresa, se eu tiver que sair do meu serviço, perder tudo os meus direitos, pra poder vir aqui por causa de gracinha de vocês, eu vou chegar aqui pra matar vocês duas. Daí eu acho que nós acreditava né, tinha aquilo em mente né, aí nós achava que ele ia matar mesmo. Daí eu peguei, com medo né, daí a minha madrasta pegou e subiu pra a casa da minha vó né, e já ir ligar pro meu pai. Esse foi o tempo que deu para mim poder conversar com o José, combinar o lugar e tudo, para poder nós fugir naquele dia né, a noite. Meu pai falava assim, vocês só vão poder namorar depois da faculdade, depois. Aí eu pensava assim, por que depois né, se por que todas as meninas pode namorar tranqüilo e por que que eu e a minha irmã não pode?”

“Se ele não tivesse fugido comigo, eu ia fugir sozinha né [...] Porque enquanto eu tava namorando com Rodrigo eu pensava em vir embora pra cá né, morar com a minha mãe, por causa do meu pai”.

Renata disse que fugiu em função do sofrimento que estava passando e por achar que ela e José iam dar certo, por que tinham um namoro com muita amizade.

“Ah, o sofrimento. E eu achava assim que nos ia dar certo né, porque nos tínhamos assim um namoro com muita amizade né, daí nos dava muito certo como namorado e como amigo, por que não como marido e mulher, né”

“Por que ...eu pensava assim comigo, eu tô aqui sofrendo, tô namorando um rapaz, pelo menos não é uma criança de 15 anos...”

Renata e José fugiram e ficaram em um hotel, no dia seguinte foram para a casa da mãe dele. Ela estava escondida quando seu pai chegou acompanhado de José e disse a ela que não a considerava mais sua filha e ele poderia fazer o que quisesse para ela.

“Daí o José chegou, eu escondida atrás no banheiro, daí ele, não Renata pode sair, o seu pai não vai fazer nada não, não vai te bater não. Daí o meu pai, falou assim, bonito, hein, o que você fez com seu pai. Daí ele, daqui pra frente, você morreu pra mim. Daí ele falou assim para o José, você daqui para frente é o meu melhor amigo, se você quiser bater nela você bate, acho que ele é até futurista, se você quiser bater nela você bate, se você quiser larga dela, você larga, o que você quiser fazer com essa vagabunda você faz, porque ela não é mais minha filha, só a tua irmã. Aí eu não respondi nada né, fiquei quieta. Aí, ele falou assim, não vou atrás de nada, não vou atrás de juiz, não vou atrás de nada, vou deixar vocês como vocês estão”.

Mais tarde seu pai mudou de idéia, e procurou a assistente social e Renata teve que ir a delegacia, onde ela insistiu que queria morar com o namorado. Seu pai queria que o rapaz ficasse preso e só mudou de idéia por que a mãe de Renata concordou que os dois ficassem juntos.

“Quando eu penso que não, foi ele atrás de assistência social, né [...] e daí na delegacia era só se o pai e a mãe aceitasse ele ficar comigo que ele não iria preso, agora se não aceitasse, ele ia, né, e se eu não quisesse ficar com ele também [...] Daí (meu pai) queria de todo jeito botar o José na cadeia. Aí, o meu pai, se fosse de gosto dele, ele teria mandado eu pra cá, pra ficar com a minha mãe. Aí eu falei, quando a minha mãe chegou lá, eu já falei, eu não quero ficar nem com a senhora, falei com a minha mãe, nem com a senhora, nem com o pai, eu quero ficar com o José [...] Daí ele pegou e falou, então vocês se virem agora para frente, quando decidiu que eu ia ficar com ele, que lavei minhas mãos por você”

Agressões físicas

Renata relatou que inicialmente o companheiro era carinhoso, mas depois ele lhe agrediu fisicamente 3 vezes, sempre por causa de ciúmes dela em relação a outras mulheres.

“...no começo ele era carinhoso assim, não era tanto igual ele tá agora, daí no meio ele já ficou mais assim, já tentou me bater umas 3 vezes, só que agora... Ele já chegou a me bater, né. Uma vez foi no rodeio, por causa que eu sou ciumenta demais, né. Ai ele chegou a me bater, telefonei pra minha mãe. Minha mãe mandou nós se acalmar lá né... Outra vez foi por causa de mulher de novo, as 3 vezes foi por causa de mulher”.

Renata se considerou responsável por José ter lhe agredido fisicamente na primeira vez. Ela revidou o arranhando.

“...eu achava assim que... Foi mais culpa minha [...] Foi à toa, assim, eu que fui, brigava assim, dava sermão nele na frente dos outros né e ele detesta isso. Daí foi quando nós brigamos né, aí ao invés de deixar ele quieto, eu ia e mexia com ele, ele mandava eu parar e eu não parava...”

“...ele veio me bater de cinta, daí eu peguei e arranhei ele inteirinho, né. Ele até não passou no quartel por causa disso, por que não pode ter cicatriz né. Peguei e fui na cara dele, eu arranhei ele todinho e foi assim, nas costas, tudo, ficou a coisa mais horrível né, horrorosa”.

A 2ª e a 3ª agressão ocorreram no mesmo dia quando ela estava com 3 para 4 meses de gestação, em uma das vezes ele lhe deu um empurrão e na outra lhe deu um tapa na cara. Na entrevista, ela enfatizou que não vai aceitar uma 4ª agressão do companheiro e que se for necessário se separa dele e fica com seu filho. Ao falar sobre uma possível separação, ela chorou e demonstrou tristeza.

“...agora eu sempre tô falando pra ele, a 4ª vez não tem. Porque se o José chegar a me encostar o dedo de novo daí eu não vou mais segurar o meu casamento não, por causa que eu vou ficar apanhando dele? Eu não sou filha dele, ele não é meu pai, né”.

“Eu tô chorando porque eu gosto bastante dele, eu não quero separar dele. Agora, assim não agora né, mas tem vezes ainda que ele fica me, eu queria que ele nunca tivesse me relado a mão”.

Renata afirmou já estar repetindo a história de agressões vivida por sua mãe, mas quer dar um basta mais cedo.

“Bem dizer (a história da mãe) já tá repetida né, por que já apanhei, já deixei me bater 3 vezes, mas eu não quero assim, a minha mãe até o ultimo dia que ela resolveu ficar junto né. Agora eu já quero mais cedo assim já dar um basta”.

Renata contou que não confia no companheiro, em função de ter percebido por duas vezes alguma coisa entre ele e sua irmã.

“Era dois quartos, mas dividido pelo guarda roupa. Aí eu falei assim, eu vou lá embaixo, esquentar a janta né pros dois beleza, a minha irmã e o José né, aí enquanto eu fui lá, ela veio aqui por cima dele (ele estava deitado), daí na hora que eu tava aparecendo aqui, eu vim de pontinha de pé, por que eu já era desconfiada...”

“(outra vez) eu vim, de pontinha de pé e na hora que eu tava abrindo a porta ele só de cueca né, aí eu tentei abrir a porta né, não conseguia, ele quase me derrubou dessa escada aqui. Daqui do começo, e eu já tava grávida né, por que foi, eu acho que foi no começo de setembro, eu já tava né, podia ter perdido. Aí ele fez de tudo, não Renata, não entra, não entra, não entra [...] (Ela) tava lá junto com ele, no outro lado. Daí a hora em que eu tentei abrir essa porta aqui, ela veio correndo pro o lado de cá.”

José negou para Renata de que tenha acontecido alguma coisa entre ele e a irmã dela. Renata se emociona e chora quando conta o que aconteceu.

“(Ele) nega. O duro é isso, o duro é isso. Ele fala assim, não, ela correu por causa que você ia começar a imaginar coisa [...] É, eu vi, não tem como negar...”

“Tá, me dá um negócio ruim, parece que entalo... Por que eu sempre fui boazinha com ele... E eu tenho que ficar agüentando”.

Os planos quanto ao relacionamento

Renata contou que quando fugiram, ela e o companheiro se gostavam, mas amavam os ex-namorados. O que fez permanecer com ele, foi o fato de já ter fugido e não ter mais como voltar atrás.

“Eu acho assim, eu já fugi com ele né, eu não tinha mais como voltar para trás. Eu ia ficar aí assim... porque no começo assim que eu fugi eu não gostava tanto dele por causa do outro ex-namorado”.

“Só que nós namorava e gostava um do outro, só que amava os outros dois, né que era a Paula e o Alexandre. É, e agora já é ao contrário.

Renata considerou ser importante ficar com o companheiro após fugir por não ser mais virgem. Sem ele ficaria solteirona e mal falada, por que quando era virgem tinha o maior valor, mas após perder a virgindade não se é nada, as pessoas passam a não ter mais respeito. Ela salientou que não custava tentar, pois ele também queria ficar com ela. Renata explicou que as pessoas da cidade pequena que morava comentam tudo sobre a vida dos outros. Mas ela expôs que a mulher não é respeitada depois que perde a virgindade mesmo em Curitiba. Ao final ela relatou que preferia estar ainda virgem. Hoje não fugiria mais.

“Então, daí eu fiz assim questão por causa que eu já tinha fugido, não tinha mais como voltar para trás. E eu queria ficar com ele porque depois todo mundo ia ficar falando né. Ah, a menina já não é mais virgem, não é nada, por que não ficou com o rapaz né? E ele também queria ficar comigo, eu pensava assim comigo, não custa nada tentar né. Por que se não eu ia ficar aí, solteirona.”

“É, ia ficar um bom tempo, ia ficar mal falada. Porque lá a minha cidade, acho que dá um bairro daqui de Curitiba. Por que todo mundo sabe da vida de todo mundo lá. Todo mundo ia ficar apontando de dedo assim, porque eles gostam de apontar de dedo, Ó aquela lá, é a filha do fulano, não é mais virgem, fugiu e em vez de ter ficado com o rapaz, não tá aí, pela mão dos outros. Daí ninguém já ia ter mais respeito né, porque a gente, se perdeu a virgindade, enquanto a gente é virgem, a gente tem aquele maior valor. Daí quando a gente já não é mais... Eu já falei para o José, eu preferia tar virgem, mesmo estando com ele né, eu preferia até tá virgem hoje. Se fosse para mim pensar em fugir agora, eu não fugiria mais”

“Ah eu acho que (é assim) em todo lugar (aqui em Curitiba também)”

Renata conclui que foi bom ter pensado no que os outros iam pensar dela, do contrário não teriam permanecido juntos. Ela acha que se tivesse ficado sozinha, não casaria novamente.

“Eu acho que não (casaria de novo). Até foi bom eu ter pensado assim, porque se eu não tivesse pensado assim, se eu não tivesse ficado preocupada com o que os outros iam falar, eu acho que eu não teria feito... como que fala... questão de ter ficado com ele”.

O Sentimento por José foi se desenvolvendo conforme conviviam juntos.

“Eu acho que assim a gente convivendo junto, dormindo junto, tem que acabar gostando, né. E, sei lá... nem eu sei como. Assim cada dia que passava assim, eu ia se aproximando mais dele, ia gostando da mesma coisa”.

Renata contou que depois que fugiu ela fazia de tudo para que o relacionamento desse certo, para se entenderem. Ela nunca queria discutir, mas quando brigavam ela chegava a pensar que não ia dar certo. Agora, após o 4º mês da gravidez, eles estão se entendendo bem, estão carinhosos um com outro, ela expôs que se soubesse teria até engravidado antes.

“Eu esperava assim que desse certo, eu fazia de tudo. Tinha vezes assim que eu tava explodindo com o José, mas eu nunca queria assim ficar discutindo, porque eu sempre quis assim conseguir dar certo com o José [...] Dar certo assim, um entender o outro, um ser bem carinhoso com o outro, igual ele tá agora”.

“Eu pensava assim no tempo que nos brigava muito, no começo né, eu pensava assim que não ia dar certo, mas depois que eu engravidei, que passou né a fase dos 4 meses, graças a Deus, da última vez que ele me bateu. Agora, se eu pudesse, eu pensava assim, já tinha fugido grávida”.

Renata referiu que logo após fugir ele queria casar com ela, ela pensava em casar mais pra frente em torno de 16 anos.

“...ele pensava, desde quando nós fugimos ele só pensa em casar comigo”.

“Eu queria (casar). Eu quero ainda [...] Quando eu fizesse uns 16, 17 anos”.

Os planos em relação a gravidez

Renata disse que gostaria mais ou menos de ter engravidado agora. Ela achou que a gravidez está sendo melhor para ela, por estar recebendo mais atenção do companheiro. Mas referiu que não gostaria de ter engravidado por ser muito nova e acabar atrasando os seus estudos e o seu futuro.

“Mais ou menos sim, mais ou menos não. Agora que eu já estou grávida né, agora está sendo melhor pra mim, porque o José tá me dando mais atenção, tá sempre assim querendo saber como eu tou. Porque antes não queria nem saber de mim não”

“Eu acho que não (é legal engravidar nova), né por causa que... Tá certo que eu não trabalho, vou ter tempo disponível pra ficar junto do nenê né, só que acaba com o futuro, por causa de como vai ficar estudando, se tiver uma prova e o nenê fica doente, eu não vou deixar de cuidar do meu filho pra ir atrás de prova. É aonde perde o ano”.

Renata expôs que a gravidez foi mais ou menos planejada. Inicialmente ela queria engravidar, mas como não estava acontecendo, ela estava desistindo passando a pensar nos estudos e em ter filhos depois dos 18 anos. Ela mudou de idéia algumas vezes, tinha momentos que queria ser mãe e outros que desistia.

“Mais ou menos. Como eu já havia te contado, quando eu queria engravidar né, não consegui, não sei porque, daí quando eu fui embora daqui de Curitiba pra o interior, daí eu cheguei lá e começaram os sintomas da gravidez” .

“(Depois) não tava mais querendo (engravidar) [...] Muito nova... comecei a pensar, meus estudos, eu já tava atrasada e eu ia atrasar mais, e foi o que aconteceu.”

“No começo (queria engravidar), daí um pouco antes de eu tomar os comprimidos, daí depois da vez que eu desisti, daí eu já pensei de novo”.

“É, eu sempre ficava passando a mão na barriga assim, imaginando eu grávida né, daí tinha vezes que eu pensava assim, ah, eu não consigo mesmo, deixa isso para lá, deixa isso para mais para frente”.

“(Pensava em ter filhos) Era assim uns 18 para cima”.

Renata e seu companheiro usaram a camisinha apenas uma vez, ela não gostou por ter sentido dor. Posteriormente, ela relatou que sentiu dor, mesmo nas vezes que não usou camisinha. Em sua fala pode-se perceber uma falta de conhecimentos sobre os órgãos reprodutivos e a relação sexual.

“É, nós usamos (camisinha) uma vez só”.

“Não sei, me machucava tudo por baixo assim. Logo no começo eu não gostava de ter relação com ele, por causa que já me doía, né... Assim parecia que tava dentro do útero, eu não sei se fica dentro do útero ou o que que é... Daí começava a doer né, parecia que tava rasgando tudo, daí eu pedia para ele parar”.

“Sempre senti doer, assim doendo (não só com a camisinha)... Depois eu percebi que não era (a camisinha)”.

Renata contou que começou a tomar pílulas por causa de sua mãe e de seu companheiro. Como ela queria engravidar, fingia para o companheiro que tomava os comprimidos, mas jogava fora.

“(Minha mãe) que quis (que tomasse a pílula). Pra mim poder não engravidar, para não passar o mesmo que ela passou” .

“(Tomava os comprimidos) por causa dele. Ele não queria que eu engravidasse agora”.

“Eu tomei (as pílulas) assim 1 semana, só que eu não tomava direito. Um dia eu tomava, dois dias não, daí três dias eu tomava, daí quatro não. Tinha vezes que eu jogava as pílulas fora, pra não tomar pra poder engravidar, daí quando eu vi que não conseguia daí eu peguei e tomei tudo de uma vez. De raiva do José...”

“Como eu queria engravidar, eu fingia, eu ia lá embaixo, lá na cozinha, em vez de eu engolir o remédio, eu só fingia perto dele, daí eu pegava e ia jogar fora”.

Renata mencionou que um dia tomou todas as pílulas que faltavam, com o objetivo de se matar, após o companheiro brigar com ela.

“Aí até uma vez, eu e o José brigamos, eu fui e tomei a cartela inteirinha de remédio, pra tentar se matar, né... Eu acho que foi até isso, por causa que antes, no comecinho que nós tinha fugido, eu não engravidava e eu não estava tomando nada, não tava usando nada. Daí eu fiz isso né, tomei tudo o anticoncepcional, aí eu acho que me deu hormônio de mais da conta, foi quando eu engravidei”.

“Queria (se matar) por que o José brigava muito comigo, eu achava que ele não gostava de mim, daí pra que... Só que eu não queria separa né, nem ele, só que todo dia, todo dia, todo dia brigando”.

Em outro momento, Renata falou que tinha vontade de ter um neném e pensando que desta maneira seguraria seu casamento, tomou as pílulas de uma vez e acabou engravidando. Quando indagada na 2ª entrevista novamente sobre o motivo pelo qual tomou todos os comprimidos juntos, ela reafirmou seu objetivo de se matar.

“Até tomei o remédio por causa de briga, né. Antes e até hoje mesmo eu sou bem ciumenta. Aí pensando que engravidando ia segurar casamento né, peguei e fiz isso daí. Acho que por causa das pílulas que (engravidei)...”

“Eu achava que com as pílulas eu ia me matar”.

Análise do Caso de Renata

Conforme o relato de Renata, a relação entre seus pais, na época de seu nascimento, envolvia um padrão desigual de gênero, marcado pelo estabelecimento de relacionamentos extra-conjugais por parte de seu pai, um histórico de violência de gênero em relação à companheira, a ocorrência da primeira gravidez de sua mãe na adolescência e posterior abandono por parte do companheiro. Apesar de ter registrado as filhas, seu pai somente teve contato com estas quando elas estavam com 8 anos de idade. Nestas circunstâncias, sua mãe assumiu a criação das filhas em alguns períodos, mas dividiu esta responsabilidade também com os avós maternos das filhas e, até mesmo, com pessoas que pagou para que cuidassem delas.

Aos 12 anos, convidadas pelo pai, Renata e sua irmã foram morar com ele. Neste momento, elas se depararam com situações que não esperavam. Seu pai não estava presente no dia a dia, sendo representado pela madrasta, com a qual se sentiam disputando a atenção e a valorização de seu pai. Neste novo contexto, as adolescentes passaram a viver uma relação com seu pai de violência de gênero e hierarquia por idade. Tendo por justificativa a educação das filhas, seu pai passou a agredi-las fisicamente, inclusive as ameaçando de morte e as impedindo de telefonar para sua mãe. Renata que se julgava ainda na infância, passou a viver este período com muito medo e vontade de ter liberdade para viver como outras meninas. O contexto vivido por ela, além de não facilitar o desenvolvimento de uma atitude reflexiva e responsável por suas ações, tirava sua autonomia, enquanto se sentia estimulada a fazer o que outras adolescentes faziam. As brincadeiras e namoros com rapazes representavam para Renata, um momento lúdico, de liberação e fuga da realidade diária em direção ao mundo “normal” dos adolescentes. Por outro lado, a possibilidade de fugir com o namorado, que viria a lhe manter financeiramente, representava a

idealização de um relacionamento amoroso entre o casal, sendo uma maneira de ganhar liberdade e fugir da situação de opressão vivida dentro de casa. Esta idealização foi complementada por saber que José também queria sair de sua casa e se tornar independente da família. Na ausência de alternativas claras, a fuga foi percebida por ela como uma saída concreta e viável, vislumbrada na criação de uma nova família.

Ao optar pela fuga, Renata se defrontou com importantes dificuldades em relação a seus familiares, especialmente quanto a seu pai que chegou a dizer que não a considerava como filha e que havia passado sua “posse” ao genro para que fizesse o que quisesse com ela, inclusive lhe bater se quisesse. Na ocasião da entrevista, Renata expressou sentidos que vinculam a valorização e o respeito à mulher à sua virgindade, considerando que se ela se separasse de José poderia ficar solteirona. Pouco tempo após fugir, Renata quis engravidar, tendo por expectativa que o bebê lhe trouxesse alegria, ajudando-a superar o sofrimento vivido e melhorando as dificuldades no relacionamento com o companheiro, referentes a suspeitas de traição, freqüentes discussões e agressões. Sua decisão se contrapôs às orientações de sua mãe e de sua sogra de que deveria postergar a gravidez. A comunicação entre estas e Renata não se estabeleceu. Neste contexto, ela demonstrou dificuldade de refletir sobre sua situação e buscar alternativas para os problemas atuais, envolvendo um planejamento para a sua vida a médio e longo prazo. Ela pareceu lidar com as dificuldades encontradas sozinha e a sua maneira, a partir de ações impulsivas, imediatas e idealizadas sob influência de fortes sentimentos. Isto pôde ser percebido no fato de ter fugido de casa, de ter idealizado a gravidez como forma de superar as dificuldades do casal e posteriormente ter tomado todas as pílulas restantes juntas, após uma briga com o companheiro para se matar ou talvez engravidar. Imersa no seu cotidiano, sem consciência do contexto social em que estava inserida e de si própria, enquanto agente de mudança, Renata permaneceu solitária em seu mundo, repetindo a história de sua mãe, apesar de não querer.

José, 19 anos

Quando Renata engravidou, José estava com 18 anos. O casal vivia em união consensual há 2 meses. Na época da entrevista, eles estavam morando com a mãe dela e seu padrasto em Curitiba, em uma casa alugada em um bairro da Matriz próximo ao centro. José havia começado a trabalhar recentemente em uma firma como eletricitista. A família pertence ao estrato social baixo.

Relacionamento familiar

José explicou que só viu seu pai uma vez, quando estava com 8 anos, sendo criado desde 1 ano e 3 meses por seu padrasto. Ele não foi registrado no nome de seu pai.

“Meu pai, não tenho idéia, eu só vi ele 1 vez na vida. Eu fui criado com padrasto né, padrasto pegou eu quando tinha 1 ano e 3 meses de idade, me criou até os 18 anos”.

Durante a gravidez do filho mais velho, sua mãe havia encontrado seu marido, o pai de José, com outra. Inicialmente ela continuou com ele, vindo posteriormente a se separar ao saber que a outra mulher estava grávida. Entretanto, na ocasião ela já estava grávida de José, mas não sabia. Após a separação, seu pai teve vários filhos com esta mulher e também com outra, mas José não tem contato com estes irmãos.

“É porque minha mãe pegou ele com outra mulher, na cama dela entendeu, aí se separaram”.

“...quando ela pegou ele, ela tava [...] quase ganhando meu irmão, entendeu, [...] daí, coisa mais ou menos assim, bem enrolada, nem eu sei mais ou menos direito, aí ela pegou meu pai e continuou com ele, perdoou entendeu, demorou pouco tempo, aí depois ela me teve só que separou grávida de mim e não sabia, quando ela veio embora ela soube que tava grávida, ela foi falar com ele, desentenderam de novo, daí ela me teve aqui no interior.”

“...só que nisso a mulher já tava grávida dele e isso ocasionou, ela já soube disso e largou dele, quando ela teve meu irmão, passou pouco tempo a mulher teve a menininha entendeu, foi a filha mais velha dele com outra mulher”.

José falou que considera seu padrasto como pai de sangue, por ter sido ele que lhe criou.

“De sangue, porque, apesar de que foi criado mal, mas foi ele que me criou, ele que me considera como filho, entendeu...”

Quando seu padrasto conheceu sua mãe, ele mentiu a ela que era viúvo, mas era casado. Durante 5 anos ele manteve as duas casas, vivendo com as duas mulheres.

“...quando ele conheceu minha mãe ele era casado, aí ele levou o irmão da mulher dele lá em casa, o irmão da mulher dele falou que ele não era casado, que era viúvo, que tinha 3 filhos pra cuidar e não sei o que [...], daí ela começou a ter um relacionamento com ele, entendeu, aí passaram pouco tempo ela soube que ele era casado”.

“...ele viveu uma base de 5 anos com as duas, aí depois ele resolveu vir morar de vez em casa, ele abandonou a outra, só de vez em quando dava aquela assistência financeira, até esses últimos dias”.

Após este período seu padrasto continuou dando assistência financeira a ela e aos 4 filhos até ela falecer a alguns anos. Ele negava ter algum relacionamento com ela, mas José não acredita nisto.

“...(até falecer eles) não tinham aquela relação entendeu entre marido e mulher, ele só mantinha a casa, cuidava dos filhos, que ele tem um filho deficiente, nisso ele cuidava da casa, ia lá dava assistência financeira pra casa, só que não tinha aquele contato”.

“...dizem que não (tinham sexo), mas eu não acredito, talvez...”

José contou que desde pequeno, ele foi criado em um ambiente de traição e discussões, considerando que este ambiente era prejudicial a ele. Ele lembra disto desde que começou a ter

uma noção da vida. As brigas começavam quando sua mãe ficava sabendo alguma coisa do companheiro em relação a outras mulheres.

“... já fui criado desde pequeno com essas discussões e suspeita de traição entendeu e nisso foi criando ambiente de discussões, até [...] (lembro disto) desde os 2 anos, que eu começava a ter uma noção de vida, entendeu ...”

“...eu fui criado e não sei como sou gente hoje né, não sou malandro, não sou um qualquer aí entendeu, porque essas brigas que tem dentro de casa prejudica muita agente” .

“É eles brigavam muito [...] porque ela ia falava, ó fulana me falou isso, que as vezes as amigas dela chegavam, o fulano tá mexendo com mulher, ele mexeu comigo [...] ela ia lá conversava com ele, conversava com as mulheres, até não agredia as mulheres, passava 6 meses amenizava a história, às vezes ele vinha aprontando devagarzinho de novo, até ela descobrir de novo já passava um ano”.

Quando José era novo, sua mãe tomava a iniciativa de agredir o companheiro para tirar satisfação quando sabia que ele estava lhe traindo. Mas quando ele revidava, ele acabava lhe machucando mais do que ela o machucava.

“...mais ela (tomava a iniciativa de agredir ele), porque ela não se conformava de ser traída, entendeu, as vezes ela ia pra cima e discutia, discutia, as vezes ela enchia muito o saco dele pra até ele vir pra cima, entendeu”.

“Quer dizer, se for falar bem a verdade, ele que começava que ele traia e ela descobria, ela queria tirar satisfação”.

“...ele machucava ela quando (eu era) pequeno, depois que eles pararam de entrar em agressão, só que discutiam muito, entendeu”.

Sua mãe e seu padrasto se agrediram fisicamente até em torno de seus 13 anos, quando ele começou a enfrentar seu padrasto.

“(Ambos se agrediam) fisicamente, até eu fui criado desde pequeno com isso, depois que eu completei uma certa idade dos meus 13 anos, que achava que por que trabalhava que já era um homem, comecei a enfrentar ele, aí ele e minha mãe viu que eu e meu irmão já tinha uma noção de vida entendeu, aí eles começaram a amenizar as brigas, começaram a conversar, mesmo assim por eles conversar, ela acalmou por ver os filhos grande ...”

Antigamente seu padrasto bebia muito. Quando José estava com mais ou menos 12 anos, sua mãe deu uma acalmada nas brigas com o companheiro e passou a incentivá-lo a participar dos Alcoólicos Anônimos e parar de beber e jogar. A partir daí, seu padrasto foi se levantando profissionalmente.

“Muito, antigamente bebia muito, e ela incentivou, levava pro AA, essas coisas, pra isso parar, daí ele parou”.

“...ela conversava pouco, tentava incentivar né, ele parar com a bebida, baralho, ficou um tempo sem beber entendeu, arrumou um emprego de novo, depois, ganhou esse acerto, foi comprando as coisas, ela foi levantando ele, entendeu, aí ele começou, daí ela lavou as mãos sobre ele”.

Ele ficou um período sem beber e foi crescendo no trabalho, até que em torno de 6 meses antes de José fugir com Renata, ele começou novamente a beber e se envolver com mulheres, perdendo tudo o que tinha.

“...ele recebeu um dinheiro de um tempo, acerto de serviço que ele tinha, aí ele investiu o dinheiro no caminhão e foi ganhando dinheiro, nesse tempo pra cá depois de 2000, começo de 2000, ele começou a virar a cabeça por causa de mulher, não sei, bebida, chegava embriagado em casa”.

“...ele tinha uma conta bancária enorme, daí começou a achar que tava ganhando muito que ia ficar ganhando aquilo lá pro resto da vida, aí começou a biscatiar, ir pra zona, entendeu, sair com mulheres, deixar minha mãe em casa, ficar 2, 3 dias pra fora falando que tava trabalhando só que tava na gandaia, a conta bancária foi diminuindo, ele foi, depois ele pegou uma crise de serviço que não tava indo bem, entendeu, dava pra manter mensal, mas não dava pra pagar aquelas farra dele, foi caindo o rendimento, depois empenhorou o caminhão, o banco tomou o caminhão, não tinha dinheiro pra mais nada, ficou desempregado...”

Em função destes fatos sua mãe resolveu se separar do companheiro. A separação ocorreu em torno de 1 a 2 meses após José e Renata fugirem. Após a separação, José passou a se desentender com sua mãe, por ela estar fazendo o que não fez na juventude, indo a bailes, namorando. Ele ficou enciumado e favoreceu a ficar em Curitiba, longe dela. Ele mencionou se sentir magoado por ela estar fazendo coisas erradas, ainda mais que é uma senhora e não uma adolescente. Ao final ele referiu estar procurando cuidar se sua vida, afinal a vida é dela.

“ouve um desentendimento comigo com ela porque ela perdeu meu pai, né, meu padrasto, eles se separaram e ela muito nova, tava com 40 anos [...] queria viver entendeu o que ela não pode viver na juventude dela [...] e eu sou muito ciumento, entendeu, eu achava que minha mãe é minha mãe, entendeu, e ela queria namorar, ela queria ir pra baile, coisa que eu gostava de fazer, mas não queria ver ela fazendo, entendeu, a gente não se deu certo nisso entendeu, favoreceu eu vir pra cá novamente entendeu, aí eu tive uma discussão com ela, a gente ficou umas duas semanas sem se falar [...] (hoje) ela tá fazendo as coisas ainda mais do modo errado, entendeu, magoa a gente, ainda mais eu que sou filho e ver minha mãe fazendo certos tipos de coisa que as vezes pô, se fosse um adolescente ainda sim, mas uma senhora e isso foi favorecendo e hoje eu tô meio chateado, mas só que ela, a vida é dela, ela tem que se virar [...] e eu vou cuidar da minha (vida)”.

Ele comentou ser demais ter que corrigir sua mãe em coisas que ela o criticava anteriormente. Ela está andando com mulheres que ele andava antes e que considera baixas moralmente. Além disto, ela tem ficado com diferentes homens, trocando de parceiro com frequência. Ele explicou que machuca e chateia ver sua mãe assim, já que ela sempre foi fiel ao padrasto dele, por isto ele tem até se afastado um pouco dela.

“...ela anda com umas pessoas que ela não gostava que eu andava por ser pessoas de outros níveis entendeu, pessoas mais baixas (moralmente), entendeu [...] aquelas mulheres que vão para um baile pra se embriagar, voltar bêbada, às vezes dormir no meio da rua, tipo assim, pessoas que não tem essa responsabilidade, pessoas que... acha sei lá, que tá vivendo, mas só que tá se prejudicando”.

“...tá que nem jovem, fica com um daí se ela acha um rapaz novo fica, se não fica não fica com ninguém, passa uns dias depois fica com outro, depois não fica com ninguém de novo, fica um

mês, dois meses sem ficar com ninguém, depois volta a ficar, entendeu, desse tipo, que nem jovem mesmo, só que a gente que é jovem a gente não via que isso é feio, tal depois a gente vê o exemplo da gente, que a gente tava fazendo errado e ela corrigia, agora é ela fazendo errado e a gente tentando corrigir já é demais, entendeu”.

“sei lá machuca porque eu fui criado desde pequeno com meu padrasto e vi ela sendo fiel pra ele entendeu, depois você uma pessoa de uma hora pra outra se largar [...] sei lá chateia”.

Ele expôs que ela se separou, por que o marido estava lhe traindo, mas a população inverte a estória dizendo que ela era prostituta.

“...apesar que, ela não teve culpa, por que ela largou do meu padrasto porque ele não tava mais sendo fiel pra ela entendeu e ela largou dele, só que o pessoal vira muito ao contrário entendeu, que ele que largou dela porque ela não prestava, já era uma prostituta, por que era isso era aquilo, entendeu...”

José comentou que, antes de fugir com Renata, freqüentemente ele e sua mãe discutiam, por que ele trabalhava e achava que deveria ter liberdade e sair quando quisesse, enquanto sua mãe queria que ele ficasse mais em casa e não casasse cedo.

“...ela achava que eu era novo, que não deveria tar saindo [...], ela achava que não teria filho naquela idade pra casar, entendeu, ela queria que tivesse em casa como todos os jovens, fica em casa, saí, mas moderado e eu não, eu queria me expandir, porque eu trabalhava e achava que devia ter minha liberdade, e isso ela não permitia, não queria, nisso a gente discutia muito, eu falava eu vou sair, ela falava não vai, entendeu, as vezes ficava mas ficava emburrado...”

José planejava casar com sua namorada anterior a Renata, a qual namorou em torno de 1 ano e meio, quando estivesse ganhando o suficiente para manter uma família, mas sua mãe e a mãe da namorada não concordavam com o casamento. O namoro terminou 1 mês antes de José conhecer Renata, após ele encontrá-la conversando com um rapaz em um lugar escuro. O namoro estava difícil em função de traições por parte dos dois.

“...eu sempre falei pra ela que eu ia arrumar um serviço e quando tivesse ganhando o suficiente pra manter uma casa, eu acharia que teria condições da gente morar juntos...”

“...quando eu resolvi noivar com a outra lá, pra comprar as coisas, ela (minha mãe) acabava falando que não tinha filho pra casar ainda”.

“... no começo foi os parentes dela que proibiu da gente tá levando um relacionamento mais a sério, porque já tava um ano e cinco meses, proposta de casamento e de noivado, né que eu queria trabalhar, ia comprar as coisas pra gente noiva, ter alguma coisa. Só que acho, não sei se os pais dela, a mãe dela, que ela só tinha a mãe, não sei se achou que a gente era muito criança, muito infantil pra querer viver junto né, com 17 anos, aí foi cortando nosso relacionamento”.

“...quando eu terminei com ela foi porque ela tava conversando com um rapaz, num lugar meio escuro, um ambiente assim meio reservado, certamente só pra pessoas que ou iam ter alguma coisa ali, ou ficar ou então... ter alguma coisa, entendeu, assim mais do que a amizade, foi onde eu me desentendi com ela...”

Educação sexual

Antes de fugir, José recebia orientações bastante distintas de seus pais quanto à sexualidade. Enquanto sua mãe falava para que ele não tivesse relações sexuais para não pegar doenças sexualmente transmissíveis, seu padrasto o incentivava a ter uma vida sexual ativa e não recusar nenhuma mulher.

“Quando solteiro minha mãe incentivava a não fazer o sexo, entendeu, ela falava o único meio de não ter filho, de não pegar, adquirir doença sexualmente transmissível, era não fazer mesmo, mas meu pai sempre incentivava, o que passar na frente você traça, mesmo que se, é novo, quando ficar mais velho não vai levantar mesmo, então não adianta mais, tem que aproveitar”.

Após fugir com Renata, tanto sua mãe como sua sogra, os incentivavam para tomar cuidado para não engravidar enquanto não estivessem estabilizados financeiramente.

“Por causa de começo de relacionamento ela achava que tinha que se estabilizar financeiramente, ter onde morar [...] minha mãe sempre falava que quem casa tem que ter casa, aí nisso ela sempre falava, não engravide, minha sogra pedia, minha mãe pedia, não engravide, não engravide, deu no que deu. Mas só que eu sempre quis, a Renata sempre quis também”.

Fase da vida

José avaliou que antes de Renata engravidar ele estava em uma fase de imaturidade e infância, passando da infância para a adolescência, em uma fase de descoberta, que queria tudo para si e nada para os outros. Na ocasião da entrevista, ele se considerava, um jovem, passando da adolescência para a juventude, por estar compreendendo e convivendo melhor com sua companheira.

“Imaturidade, né, uma coisa imatura que a gente vivia [...] Fase de infância, porque era mais criança ainda que os próprios jovens, que os próprios adultos, entendeu, hoje eu me considero um jovem, sei compreender ela e ela sabe me compreender, naquele tempo era criança mesmo, queria tudo pra si e nada pros outros, entendeu”.

“Eu tava justamente da (infância) pra adolescência, naquela fase de descoberta, entendeu, é justamente”.

Ele expôs que o adolescente não quer saber de ouvir os outros, só pensa nele. Quando passa a ouvir os outros, está amadurecendo e passando para a juventude.

“Porque adolescente não quer saber se os outros tá certo, se os outros tão errado, ele quer saber dele, dele se sentir bem, entendeu, e as vezes não tá se sentindo bem, mas no momento acha que sim”.

“...depois que você entende que você não deve falar pra também não escutar, você já tá amadurecendo, e foi isso, foi ouvindo, fui escutando ela, aprender entendeu, onde a gente a se conviver. Acho que (esta fase é) do amadurecimento, da juventude né, apesar que o jovem é imaturo também, mas sabe definir o certo e o errado”.

José afirmou que para se considerar adulto, é preciso ter sua casa e não depender financeiramente de mais ninguém.

“Eu acho que, que nem eu te falei uma casa, umas coisas pra saber que é meu, pra mim cuidar melhor, pra cuidar essa é minha mulher, esse é meu filho, essa é a minha casa e isso eu tenho que zelar entendeu. Apesar de que já venho cuidando, mas só que [...] eu acho que se tivesse a nossa casa, eu falei eu sou obrigado a levar as coisas pra dentro de casa, eu sou obrigado a pagar água, luz, o que tiver as despesas entendeu. E nessa fase de jovem você ainda depende, indiretamente, mas depende dos outros entendeu”.

Estudos

Quando conheceu Renata, José estava matriculado na 8ª série por apostilas, só para dizer que estava estudando, mas não estava freqüentando o colégio. Desde a 7ª série, José vinha encontrando dificuldades na escola em função de estar trabalhando. Inicialmente ele chegava atrasado nas aulas, depois começou a faltar aulas em função do trabalho.

“...só que eu só me matriculei e peguei a apostila pra dizer pros meus pais que eu tava estudando, mas eu não ia no colégio, era só a matrícula pra dizer que tava estudando, entendeu. Pra eles não me forçar a eu querer estudar...”

“...eu ainda cursei a 7ª série por Deus, porque eu trabalhava na roça entendeu, trabalhava, com meu pai, ajudava meu pai e eu chegava em casa sempre as 7 horas, a hora de ir pro colégio, aí sempre pegava a segunda aula, nisso, ainda os professores por eu ser esforçado, viam que eu trabalhava e tava indo pro colégio ainda, eles me ajudaram, me aprovaram, tudo, por meu esforço pessoal, entendeu. Mas depois da 8ª série eu achava que ia pra oficina, saía de lá 8 horas, 9 horas que tinha carro depois do expediente tinha que terminar, o freguês querendo o carro, e os patrões exigiam mais de mim eu exigia menos do estudo, entendeu, aí eu não ia pro colégio enquanto tava trabalhando...”

Trabalho

José relatou que a partir dos seus 9 anos seu padrasto passou a levá-lo para trabalhar na roça junto com ele, para aprender a dar valor ao dinheiro. Ele dizia que o homem diferente da mulher, tinha que trabalhar. Desde então, José sempre trabalhou. Mais tarde ele passou a vender picolé e posteriormente a trabalhar em oficina.

“...meu primeiro serviço foi levar pra roça, foi ele que teve a iniciativa de me ensinar, de me levar, ele falou você tem que sofrer pra você dar valor no dinheiro e pra dar valor na vida [...] por que ele falava filho, homem tem que se ferrar mesmo, mulher tem que ficar em casa, na maciota, entendeu”.

“...aí ele me ensinou a trabalhar com o trator pra passar veneno, pra arar a terra e nisso eu fui me dedicando mais a roça, com 12 anos eu saí, que meu pai saiu do emprego e eu não quis continuar sozinho né, por que eu ia ter que trabalhar de bóia fria, aí eu saí e fui trabalhar na oficina. Quer dizer daí eu fiquei com 12 anos, trabalhei até os 14 vendendo sorvete, picolé na rua, que lá é muito calor e vendia bastante, aí com 14 anos entrei na oficina...”

Planos profissionais/educacionais

Inicialmente, José disse que antes de fugir com Renata ele não tinha planos para seu futuro, apenas queria saber de curtir a vida. Depois ele explicou que não planejava estudar, mas pretendia melhorar na sua própria profissão para um dia poder manter sua família. Na época, ele achava que o seu dinheiro era suficiente para comprar o que precisava, sair e se divertir.

“Plano nenhum, eu só achava que era festar, curtir a vida ao máximo [...] o que eu ganhava dava pra mim me divertir, me comprar uma roupa, comprar um calçado, pra tar bonito num baile, entendeu”.

“Só trabalhar, me firmar num emprego, me cursar... aprender, abrir novos caminhos de trabalho pra ganhar um salário digno de ter uma família...”

Quando o casal fugiu, ele achava que o que ganhava seria suficiente para mantê-los, tendo percebido somente depois que teria que batalhar e voltar a estudar. Ele passou a pensar em ter um dia sua oficina própria, ser bem sucedido profissionalmente e ter sua casa para sua família.

“...eu não definia se queria estudar, se queria cursar, o que eu tava ganhando pra mim tava bom, entendeu, pra mim sozinho, depois que eu casei, que eu casei quando eu casei eu achava que o que eu ganhava dava pra manter duas pessoas entendeu, e onde não dava, aí eu comecei a querer batalhar, mas já tava tarde, entendeu, onde eu vim pra cá pra tentar me estabelecer melhor, arrumar um emprego legal, fazer curso, terminar meus estudos, né”.

“...eu visava a gente junto, ter uma casa, ter uma família, ser bem sucedido na profissão, ter uma oficina pra mim cuidar, entendeu, ter um estabelecimento meu mesmo”.

Após ir morar com Renata, José sempre a incentivava a continuar estudando. Entretanto, ela parou de freqüentar a escola, em função dos comentários sobre a vida deles e das mudanças seguidas do interior para Curitiba e vice-versa.

“...sempre mantendo (Renata) na escola, que antes desde que ela fugiu comigo ela tava estudando, eu incentivando ela estudar, apesar que depois ela abriu mão do estudo, porque ficar se misturando com as pessoas, jogavam muito, que cidade do interior as pessoas comentam muito sobre a vida da gente”.

“...depois ela parou pra vir pra cá, ela começou a estudar aqui, aí daqui nós voltamos pra lá e daí ela parou o estudo, porque ficou meio perdida”.

“...as amigas se afastaram um pouco por ser casada entendeu, os meninos, começou a mexer com ela, os adultos criticando, os professores, por pô uma menina com 13 anos casada, foram criticando e ela foi ficando sei lá, constrangida e saiu”.

“...os meninos, pô mulher casada né, já teve relação, então já é mais experiente, tudo, crescia o olho em cima dela, entendeu”.

Histórico do relacionamento

José explicou que quando conheceu Renata ele estava separado a 1 mês de sua ex-namorada com quem namorou por 1 ano e 5 meses. Por ter sofrido, ele tinha desistido de namorar, Renata foi uma exceção.

“Tinha um mês antes de conhecer a Renata, eu desisti de namorar, pintou vários convites de namorada pra mim eu recusei [...] pra não se amarrar, entendeu, porque eu achava que namorar é sofrer entendeu, você não pode ter aquela pessoa só pra você, aí nisso eu fui desgostando. Não queria ter outro relacionamento, até conhecer a Renata, ela foi a exceção”.

José e Renata fugiram poucos dias após se conhecerem e ficarem juntos. Isto ocorreu após ela ter discutido com sua madrasta, sendo que esta última tinha ido ligar para contar ao pai de Renata que havia encontrado cartas trocadas entre o casal, o que seu pai não aceitaria. Ao perceber o desejo de Renata de fugir com ele, José a convidou para que fugissem, por que ele pretendia morar sozinho e havia lhe prometido ao começar a namorar que não deixaria mais seu pai lhe bater, o que vinha acontecendo.

“Porque eu fiz uma promessa para ela entendeu, e achava que tinha que cumprir. Ela namorava com um amigo meu, e o pai dela andava espancando ela demais, o pai dela não controlava o que batia, não queria que ela namorasse. Nisso ele batia nela. O dia quando a gente começou a namorar, ficar junto, eu falei pra ela, agora você está ficando comigo, o teu pai não te encosta a mão nunca mais. Aí um dia eu discuti com a minha mãe, não sei o que nós brigamos lá em casa, [...] daí eu falei (pra Renata) é a minha mãe tá me enchendo o saco, tou acertando com o meu patrão, vou morar sozinho... é bem melhor”.

“Falei, ah vou morar sozinho, nisso ela pôs na cabeça, achava que, sei lá o que é que ela viu, que eu já tinha feito essa promessa antes para ela, ela chegou na casa dela, a madrasta dela achou uma carta [...] ela tava escrevendo para mandar para mim, achou as cartas dos ex-namorados dela, achou a carta que eu tinha entregado para ela, para começo de relacionamento né, e a madrasta dela começou a chantagear ela, sei lá, e ela perdeu a cabeça, pensou vai morar sozinho, eu vou morar com ele entendeu. E começou a discutir com a madrasta dela, a madrasta dela falou, lembra que o teu pai falou que vai te matar a próxima vez que você interromper o serviço dele, ele trabalhava (em outra cidade) né, aí [...] a madrasta dela subiu para ligar do orelhão né, pra ligar pra ele [...] nisso quando ela saiu de casa, a Renata mandou uma amiga dela me chamar em casa [...] Aí saí, fui lá falar com ela, cheguei, ela começou é, porque aconteceu isso [...] Ela falou, você lembra que você falou que o meu pai nunca ia me encostar a mão a partir do momento em que tivesse namorando com você? E eu falei lembro, daí ela ficou enrolando, fazendo aquele círculo [...] para mim convidar ela. Eu falei, olha, é o seguinte, eu não tenho nada, não tenho, mal e mal tenho a roupa que eu visto, se você quiser morar comigo... ela falou 10h tou lá na tua casa! desse jeito [...] Levei ela para o hotel [...] passei uma noite, aí saímos, aí deu uma complicação, o pai dela querendo me prender, deu o maior bafafá [...] Aí a mãe dela veio, resolveu, deixou, aí a gente resolveu ficar junto”.

Após a fuga, José e Renata inicialmente ficaram morando na casa da mãe dele, mudando-se posteriormente para Curitiba para morar com a mãe de Renata.

“Aí eu levei ela para a minha casa, aí fiquemos, minha mãe aceitou, meu padrasto sempre me deu uma força né [...] Aí a minha sogra convidou para vir passar pra cá, ver se arrumava serviço, aí

fiquei 1 mês e 20 dias e não consegui, voltei para lá. Fiquei 4 meses lá [...] (Daí) eu vim embora para cá, para tentar de novo a sorte aqui”.

José expôs que do 2º ao 6º mês que estavam morando juntos, o relacionamento com a companheira foi muito difícil, por várias vezes ele pensou que não teriam como permanecer juntos. Ele considerou que o relacionamento tinha tudo para dar errado, por terem fugido novos e sem se conhecer direito.

“Então, por que entre o 1º mês, que a gente teve relacionamento, foi ótimo, excelente né, até mas daí no 2º mês até um 5º, 6º mês de relacionamento, foi um inferno, sei lá, a gente ficava juntos, sei lá várias vezes quando eu tava aqui eu tentei ir embora, falei não dá para viver com você não”.

“Sei lá, a gente fugiu novo e por ser fugir novo a gente não se conhecia direito, não sabia os hábitos, foi tudo acumulando, tudo pra não dar certo, entendeu”.

Inicialmente ele achava que o casamento era só trabalhar, ter relação sexual e dormir, depois que ele foi entender que ela queria compartilhar com ele o dia a dia, além de ter mais carinho e atenção.

“...achava que o casamento era, eu achava que era trabalhar, chegar em casa, fazer amor e dormir, entendeu, achava que era só rotina, só que não era, a gente foi, até entender que não era desse jeito, foi onde que até não compreendeu, aí saiu tudo essas brigas e discussões, entendeu”.

“(Ela exigia) mais carinho, mais atenção, conversar, (eu) chegava do serviço virava pro lado e dormia, ela não sabia o que ela tinha passado no dia, se tinha brigado ou se não tinha, se tinha discutido com alguém ou não tinha, tudo isso envolveu, e ela se sentia muito sozinha, e queria compartilhar comigo e eu não sabia, achava que era bobera da cabeça dela...”

José relatou 2 discussões entre o casal após fugirem, nas quais ele teria agredido fisicamente sua companheira antes da gravidez. Na primeira vez ele perdeu a paciência, por perceber que Renata queria mandar nele e fazê-lo passar vergonha na frente de outra pessoa. Ele justificou o fato de bater na companheira como uma forma de colocar um limite a uma criança.

“Tinha uma moça, colega da minha sogra em casa, e nós tava brincando. Aí (Renata) começo a fazer a gente passar vergonha em casa [...] Aí a gente, eu e a mãe dela pediu e ela não parou. Ela ficava fazendo, como dizer, irritando a gente, querendo, como se diz assim, tentar envergonhar a gente pra outra pessoa, querendo ser mais do que a gente [...] Aí eu ia falar com ela, aí ela começava a encher o saco, onde eu ia ela ia atrás para me irritar [...] até que eu perdi a cabeça [...] falei você está com criança, vamos ver se isso se resolve assim, peguei a cinta e dei umas duas cintadas nela (riso), aí a gente brigou”.

“...ela começava tipo a querer mandar entendeu em mim, faz isso, faz aquilo, faz aquilo, faz aquilo, mas não pedindo, entendeu. E de voz alterada.”

Segundo José a 2ª situação de agressão ocorreu provavelmente por ciúmes de Renata em relação a ele e sua irmã. José refere ter dado um tapa no rosto da companheira por ter paviado curto, esta revidou o arranhando em várias partes do corpo.

“...na véspera de eu servir o exército, a gente teve uma discussão feia né, eu até não servi o exército por causa dela. Ela deixou marca no rosto unha, porque ela... deixa eu ver qual foi o motivo dessa briga... é eu não sei se foi por causa da irmã dela, eu não sei, o motivo, eu sei que ela até me unhou, ich me rasgou inteiro de unha [...] daí eu saí todo sangrando para fora do quarto, a sogra deu umas chinelas nela, bateu nela...”

“porque foi o seguinte, foi eu quem comecei (agressão), entendeu ela me sacaneou demais, me encheu o saco, eu sempre tenho pavio curto né...”

“eu acho que eu dei um tapa nela, e ela veio em cima, ela veio me mordeu [...] Aí começou a morder, me unhar...”

José contou que após uma brincadeira mal entendida pela irmã de Renata, ela passou a dar em cima dele, criando situações para que Renata percebesse.

“Porque a irmã dela andava dando em cima de mim para caramba”.

“...a primeira vez ela perguntou. E se uma mulher tentasse te beijar, o que você faria? [...] Ah, eu falei depende se fosse longe da tua irmã, eu podia até dar umas bicadas, mas falei brincando. Não sabia que ela ia levar para o lado sério, entendeu. Aí chegou um dia [...] ela chegou e saiu me agarrando, me puxando pelo braço, querendo me beijar [...] eu falei mas eu falei brincando, mas isso não bastou para ela”.

“Aí um certo dia [...] eu tava deitado né, debaixo das cobertas, ela deitou em cima de mim nas cobertas, eu falei some daqui que senão a tua irmã vai te pegar, só foi fechar a boca a Renata abriu a porta, eu falei não falei? Daí as duas brigaram lá e tal, daí daquela momento para cá, aí ela começou a infernização, daí uma vez também eu estava no quarto assistindo a televisão né, [...] e a irmã dela sentou do lado da cama, eu deitado assim [...] e a Renata entrou ...e eu fiquei apavorado e agora ela ver a irmã dela aqui e vai achar que tá acontecendo alguma coisa. Aí tentei tirar ela para fora e tirei ela para fora”.

Segundo José, ele e a irmã de Renata estavam apenas conversando, mas quando ele a colocou para fora do quarto, ela ficou desconfiada de que algo estava acontecendo. Ele afirmou que se soubesse que por sua atitude ocorreria este mal entendido, ele teria deixado ela entrar. José explicou que se tivesse tido algum relacionamento com a irmã de Renata, ele não teria voltado novamente para Curitiba para não passar por constrangimento.

“ E dessa vez, já tinha passado umas 2 semanas (da situação anterior), e a gente tava no quarto sozinho né, aí o raciocínio, você vê, uma pessoa sobe e vê os 2 dentro do quarto, poderia até não fazer nada né, mas ela certamente ela ia tar me cobrando. Aí eu tentei tirar ela, para fora, pra não deixar... daí ela falou eu sei que [...] ela ta lá... E agora porque que você me tirou? Até explicar para ela, até hoje ela não se convenceu que eu tentei tirar ela [...] se soubesse que ela ia causar todo aquele problema tinha deixado ela entrar, daí”.

“...se tivesse acontecido alguma coisa assim não teria vindo pra cá [...] Porque iria haver este constrangimento, entendeu”.

José referiu que o fato de ter agredido fisicamente a companheira o machuca, por ter presenciado em sua infância situações de agressão entre seus pais que prejudicam a criança. Em função disto, ele sempre falava que não iria agredir e nem trair. Ele disse não considerar humano a pessoa machucar conscientemente a quem ama. Ele afirmou que quando Renata lhe incomoda,

ele se afasta com objetivo de se controlar, receando perder o controle e lhe bater com a mão fechada.

“... e por ter essa escola dentro de casa né, eu sempre falei não agredir, não trair, não, entendeu, só que tem... chega um certo ponto em que você perde a cabeça e não sabe o que se tá fazendo já...”

“Machuca né, porque geralmente, desde quando eu era menino né, minha mãe meu pai sempre entraram em vias de fato dentro de casa”.

“...não sei o que é que dá em mim, porque às vezes, se ficar muito nervoso alterado, é que nem Renata, ela ficava me enchendo o saco, até saía de perto às vezes, até controlava, porque se fechar a mão para bater eu não paro mais, entendeu”.

“agredindo ali não é coisa também de ser humano porque se a pessoa é ciente disso não vai querer machucar a pessoa que ele ama né, ainda mais a Renata, que eu só tenho ela, praticamente, agora ela e o neném...”

A gravidez

José avaliou que se não fosse a gravidez, eles teriam se separado. Para ele o bebê passou a ser a base do relacionamento uma vez que ao fugirem eles praticamente não se conheciam, não se amavam e não tinham idéia da responsabilidade que isto envolveria.

“Se não fosse esse nenê, eu acho que a gente não taria junto, porque...”

“...ele veio, sei lá, ele foi a base do relacionamento, por que nós não namoramos, nós não tivemos nem um relacionamento, ficamos umas 3 vezes, e no decorrer disso casamos, aí pra ter um relacionamento, a gente não se conhecia, não sabia o gênero nem de um nem de outro, provavelmente isso, não ia se acertar, porque ela não gostava de mim, ela não me amava, eu também não amava ela, a gente fugiu por pura criancice, entendeu, eu sei lá o que é que deu na gente, que eu achava que ia ficar naquilo dali, fugiu, fugiu, só. Só que não é assim, a gente tem que ter responsabilidade né, principalmente, porque eu achava que fugiria com ela e ia ficar naquilo dali tal não ia mudar aquilo, só ia ter uma mulher para dormir comigo, só que não é assim”.

José falou que a criança os ilumina, e que se não fosse por ela, ele poderia ter cometido uma besteira e estar preso, por ficar muito nervoso, louco e sair do normal em alguns momentos, por exemplo, ao saber que um senhor tentou abusar sexualmente de Renata.

“...por isso que esse neném é tão bem vindo entendeu, sei lá, ele ilumina a gente para caramba. Por que se não fosse ele, já tinha largado até da mãe dele, que a gente brigava muito, seria conseqüência de a gente não prosseguir o relacionamento, se mesmo se prosseguisse [...] ia tá atrás das grades por uma besteira, porque, eu mesmo tenho juízo fraco...”

“...porque o cara tentou pegar ela a força entendeu, aí foi uma coisa que constrangeu muito ela e também a mim, aí onde a gente perde a cabeça e acaba fazendo uma loucura [...] porque eu tinha arma de fogo em casa [...] quando ela acabou de contar eu já tava pegando pra ir na casa do cara, só que ela chegou, conversou, porque se não fosse que ela falou, e meu filho? [...] e aí foi onde eu meu acalmei”.

“...me tirou fora do sério porque eu tinha a Renata como patrimônio meu, entendeu, e vem os outros querendo abusar, subiu, sei lá”.

Os planos quanto a relacionamento e os sentimentos pela parceira

No início do relacionamento ao fugir com Renata, os sentimentos de José em relação a ela, revelam-se de maneira pouco clara e contraditória. Ele falou que desde o começo ele quis ficar com ela, mas também diz que sua intenção era mostrar para os outros que conseguiu. Ele falou também que amava a ex-namorada e gostava de Renata. Mas depois enfatizou que não gostava dela, mas que com ela poderia esquecer seu antigo amor.

“Eu sempre quis ela porque, sei lá, ela... ela às vezes ela é muito meiga entendeu, sei lá, foi isso que foi fazendo eu me apegar a ela [...] desde o momento em que eu vi ela, sei lá, me encantei, ela tinha um corpo esbelto demais, nossa, lindo, e ela é muito linda, né sei lá, e eu fui me encantando. E sempre quando eu vi ela a 1º vez eu falei, essa é minha, não tem”.

“...a minha intenção acho que era só ficar com ela né, para mostrar para os outros, ó, consegui a guria”.

“Não sei [...] explicar o que que eu senti, porque eu amava a outra guria (ex-namorada) e gostava da Renata, e eu não sei porque ela era menina mais cobiçada de todo ali o bairro...”

“... eu entrei assim porque eu achava que a gente esquece um amor com outro entendeu, isso é verdade, tirei isso por mim, por que aí eu fui me apegando a ela...”

José afirmou que seu sentimento por Renata foi crescendo durante a gravidez. Entretanto ele revelou ter certeza de que estragou a vida de Renata, por ela ter fugido e casado muito cedo, sem ter tido liberdade antes. Se eles não tivessem fugido, apesar do pai dela, uma hora ela teria liberdade.

“... (quando ela engravidou) eu só gostava dela [...] depois que a barriga foi crescendo, acho que foi crescendo (o sentimento)...”

“...no decorrer assim do tempo que vai convivendo, eu tenho a pura certeza que eu estraguei a vida dela de um jeito que não tem mais conserto [...] porque ela nunca foi num baile para se divertir, não tem uma vida livre entendeu, para uma pessoa que nunca teve uma liberdade, não sabe o que é ser livre é, eu ainda tinha um curto pedaço né de liberdade, dos 15 aos 18, eu soube aproveitar um pouco né, só que eu tenho certeza, por que uma menina que logo deixa de brincar de boneca, namorou um pouco tempo, aí uns 6 meses depois já casar, não tem a noção da vida inteira, entendeu [...] eu tenho essa certeza comigo, porque se eu não tivesse, talvez ela tivesse agüentando o pai dela né, mas vivendo a vida dela, mas qualquer dia ela poderia ser livre”.

José falou que não tinha planos de formar uma família, antes de fugir com Renata, tudo aconteceu em uma semana.

“Eu não achava em constituir família né, foi uma coisa de momento, numa semana comecei a namorar e no final da semana já tava casado, né”.

Logo após fugir, José pensava tanto na possibilidade do relacionamento dar certo, assim como deles acabarem se separando. Se isto acontecesse, ele queria deixar uma casa para ela mo-

rar e lhe dar uma pensão, para que ela não precisasse voltar para a casa de seus familiares, por considerar que ao fugir ele teria dado um fim na vida dela.

“Logo a partir do momento em que a gente fugiu eu tinha uma coisa comigo né, tou fugindo, não conheço, só conheço assim de conversar [...] não sei se dá para viver com uma pessoa sem saber dela, como que é. Eu sempre tinha, posso ser humilhado, posso ser o que for, mas dela eu só vou largar o dia que tiver condições de dar uma casa, com as coisas, e ter condições de pagar um pensão para ela viver, porque, para não tar comentando que deixei ela do jeito que eu encontrei entendeu, com uma mão na frente e outra atrás [...] por que eu tinha dado fim, sei lá, na vida dela, porque a vida dela foi interrompida de um jeito...”

Segundo José, mesmo quando resolveu ter um filho com Renata, ele ainda pensava que o relacionamento entre eles poderia terminar, por que o casal brigava muito.

“quando a gente falou, vamos ter (um filho), e eu até fiquei meio assim, que ela queria, e eu fui... tentava evitar, fugir do assunto, pra não, sei lá eu não achava que ia viver, porque a gente discutia muito, brigava muito, eu falei não vai resolver, só que aí depois disso, ela veio, sempre foi despertando aquele desejo de ser pai né, daí eu falei vamos ter um filho então, não tem problema, mas sempre pensando, se ela me deixar, eu vou deixar a casa, vou deixar as coisas, quero deixar ela com o neném para ela ter a vida normal, entendeu”.

José relatou também receio de que por ser muito nova, outro homem a seduzisse, e eles acabassem se separando.

“É porque... se unir com uma pessoa de 13 anos, eu achava que ela tem uma noção bem pouca da vida. Porque eu tenho isso comigo, não existe mulher difícil, existe cantada mal cantada, se alguém conversasse com ela, seduzisse ela, que hoje em dia vários homens seduzem várias mulheres... cairia em fracasso...”

José mencionou que passou a ter a expectativa de viver junto com Renata para sempre, somente depois dela ter engravidado e ele ter sido excluído do serviço militar.

“...eu ainda tava indefinido no exército, que era sonho também, servir o exército e depois embolou tudo, o sonho de casar e ter uma família e o sonho de servir a pátria também, não batia, foi onde tudo foi dificultando, mas depois que passei essa fase do exército, que a gente decidiu ter o nenê, foi onde foi fixando a idéia de ficar junto mesmo”.

“Depois que o neném veio, por que eu sabia que depois quando a gente decidiu ter ele, foi, já tava a expectativa de só viver junto (para sempre), entendeu”.

O desejo de engravidar e o uso de métodos contraceptivos

José afirmou que a gravidez não foi planejada, mas que logo após fugirem, o casal queria ter um filho para fortalecer os laços e assegurar o relacionamento para o pai dela. Mas quando ela engravidou, o casal já havia desistido de engravidar. Sua companheira, ao fugir, sonhava em ser mãe e ter uma família.

“Não foi planejada. Quer dizer a gente no começo do casamento, quer dizer, a gente queria fortalecer os laços, a gente falou vamos ter um filho, para os outros né, que o pai dela achava que

a gente não ia viver. Aí vamos ter o filho. Insistimos, insistimos, nada, não veio. Aí desistimos, falamos, ah deixa é besteira, tira essa coisa da cabeça, um filho não segura casamento. Aí ela pegou e engravidou de repente, sem esperar”.

“...o que ela mais queria é ter um filho né, apesar de que ela já pensou em fugir e casar, pra ter o filho né. O sonho dela que a gente vem comentando, era ser mãe [...] porque ela disse que quando ela era solteira ela sempre imaginava ser mãe, casar, ter uma casa, cuidar, entendeu, ter uma família pra ela”.

Eles tentaram usar camisinha uma vez, mas ele percebeu que com a camisinha estava a machucando ao ter relação, por isto não usou mais. Algumas vezes ele praticou o coito interrompido. No 2º mês que estavam juntos, ela começou a tomar pílulas, mas após uma briga entre o casal, ela tomou todas as pílulas que restavam de uma vez só com o objetivo de se matar. Após este fato, ele comprou outra cartela, a qual Renata referiu ter perdido. O casal pensou novamente em engravidar, mas depois ele resolveu comprar novamente outra cartela. Antes disso Renata engravidou.

“No começo a gente tentou usar camisinha, mas ela tinha perdido a virgindade um pouco assim antes, tinha infecções, então não teria condições de usar camisinha. A gente tentava só que, sei lá, a camisinha tira um pouco a noção né, do corpo da outra pessoa, aí você vai tentar e acha que não tá machucando e acaba machucando. A gente preferiu não usar”.

“...a gente ficava com aquela expectativa, na hora que vai chegar ao orgasmo, tira, dá aquela amenizada, pra não jogar dentro, pra não correr o risco, e a gente fazia isso, de vez enquanto, né porque as vezes não dava, já que tá dentro deixa desse tipo entendeu...”

“Ela tentou usar anticoncepcional, nós tivemos uma briga, ela tomou quase toda cartela de anticoncepcional, para tentar se matar, achava que ia se matar. Depois peguemos, comprei outra cartela de anticoncepcional para ela, e ela sumiu com a cartela, não sei o que ela fez, entendeu... daí ela não se preveniu..., a gente até aí foi desistindo de precaver... pra ter o filho e aí depois quando a gente ia se precaver novamente, já tava grávida, já era tarde”.

José explicou que Renata tomou as pílulas por que eles tinham desentendimentos feios. Eles eram muito imaturos e José acabava partindo para a agressão física, como se desta maneira ela fosse entender o que ele queria.

“...no começo a gente teve um desentendimento feio, a gente não se suportava dentro da mesma casa, entendeu, porque ela é muito criança, e eu também por ser imaturo também, queria fazer ela entender as coisas de um jeito, e ela não entendia, e achava que na pancada ia resolver. Até eu tomar consciência disso a gente já tinha brigado várias vezes, a gente brigou umas 4, 5 vezes. Foi coisa feia mesmo, a gente não... havia discussões mas só que a maioria, e quando começava as discussões, podia saber que ia sair agressão física”.

Ao indagado se gostaria que Renata tivesse engravidado agora, José respondeu que pelo aspecto financeiro seria melhor ela ter engravidado mais para frente, mas de maneira geral, foi bom ter engravidado agora. Ele referiu que gostaria muito que ela engravidasse e que ficou muito feliz com a gravidez. Inicialmente ele estava estabilizado financeiramente, somente depois que se desestabilizou.

“(Seria melhor engravidar) depois, porque daí a gente estaria estabilizado. Mas já que veio antes, foi até melhor”.

“Foi bom ter engravidado agora, no aspecto geral”.

“(Gostaria de engravidar) pra caramba, eu fiquei super contente, feliz pra caramba”

“Eu já ...estava estabilizado financeiramente, não teria problema, só depois que eu vim para cá eu me desestabilizei geral. Agora que estou começando (a estabilizar) entendeu”.

Análise do caso de José

José se deparou em sua história familiar com um modelo de identidade masculina marcado pela vivência de relações extraconjugais, tanto no caso de seu como de seu padrasto. No primeiro caso, a traição por parte de seu pai gerou a separação deste de sua mãe, bem como a sua ausência em relação a seu papel de pai. Desta maneira, este papel foi ocupado por seu padrasto, o qual passou a ser considerado seu verdadeiro pai. Entretanto, ao casar com sua mãe, ele já tinha outra esposa e manteve posteriormente outras relações extraconjugais, o que deixava sua companheira muito nervosa gerando inúmeras discussões e situações de agressão. Seu padrasto também apresentava um histórico de alcoolismo. José foi criado em um contexto caracterizado por situações de violência de gênero em uma relação de dominação e submissão, expressa na manutenção de duas esposas por seu padrasto e posterior persistência de situações de infidelidade. A diferença de padrões de gênero entre seus pais ficou claramente manifestada na educação sexual recebida por estes. Por um lado, seu pai insistia que José tivesse relações sexuais com todas as garotas que tivesse oportunidade durante sua juventude, por outro sua mãe o aconselhava a se manter abstinente com intuito de evitar doenças sexualmente transmissíveis e a gravidez.

José relatou também algumas dificuldades no relacionamento com sua mãe relacionadas a diferentes expectativas quanto ao seu dia a dia e seu futuro. José queria sair e se divertir usufruindo o dinheiro que recebia como fruto de seu trabalho. Anteriormente ele havia planejado se casar com a ex-namorada. Tanto uma situação como outra não eram bem aceitas por sua mãe, que queria vê-lo mais em casa e achava que o filho era novo para casar. Pouco antes de fugir com Renata, José após uma discussão com sua mãe, pensou em sair de casa para poder viver sua vida com mais liberdade e ser mais independente. Além disto, nestes últimos meses seu padrasto estava bebendo bem mais e havia perdido seu dinheiro e suas economias, o que gerou maiores dificuldades no relacionamento deste com sua mãe. Neste contexto, José acabou propondo a Renata que fugissem, quando ela relatou seu medo frente às ameaças de morte de seu pai. Ao namorar Renata, José lhe prometeu que não deixaria mais que seu pai lhe agredisse. Ele se propôs a impedir uma situação de violência de gênero e de hierarquia por idade que apresentava seme-

lhanças às situações de violência vivenciadas em sua família. De alguma maneira, José pretendia superar o modelo de identidade masculina fornecido por seu pai, seu padrasto e pelo pai de Renata, deixando de lado o papel de agressor e assumindo um papel protetor da mulher. Entretanto, ele decidiu fugir com Renata subitamente, ao se sentir pressionado a cumprir com sua palavra anterior, não havendo tempo para pensar sobre sua ação e as conseqüências futuras. Ele referiu que nesta época não pensava no seu futuro e em constituir uma família. Seus planos se limitavam a melhorar em seu trabalho e curtir a vida, ao considerar seu salário suficiente para se manter. Desde novo, José tinha sido educado por seu pai para trabalhar e desempenhar o papel masculino de provedor da família. Depois de certa idade, o trabalho se tornou prioritário para ele, dificultando a continuidade dos estudos fato comum nos estratos sociais baixos. Após fugir com a namorada, José se deparou pouco a pouco com outra realidade. Ele acabou ficando desempregado, tendo de receber a ajuda financeira de sua sogra. Ao conviver com a companheira praticamente sem se conhecerem, diversas dificuldades de relacionamento surgiram. Neste momento, José passou a perceber o casamento diferentemente do que imaginava, sentindo-se despreparado e imaturo.

Em função da dificuldade de ouvir os outros e achar que as coisas deveriam ocorrer da sua forma, ele julgou que inicialmente ainda estava passando da infância para a adolescência. Depois de um tempo, com o amadurecimento propiciado pela relação, ele passou a se perceber passando da adolescência para a juventude. O tornar-se adulto estaria para ele relacionado a ter sua casa e não depender financeiramente de outras pessoas. Diante do “casamento” imprevisto, José acabou vivendo, no relacionamento com sua companheira, situações de violência de gênero/hierarquia por idade e suspeita de traição, que se assemelharam às vivências passadas na família, as quais ele não desejava repetir. Tendo agredido a companheira, José explicou que perdeu a paciência quando sua companheira estava com criancice. Nesta colocação ele se percebe como mais maduro que a companheira e em uma relação hierárquica superior a ela, assim como o pai dela se posicionava ao agredi-la com o “intuito” de educar.

Apesar de ao fugir, José considerar que gostava de Renata, mas amava a ex-namorada, ele inicialmente pensou em ter um filho, para fortalecer os laços entre o casal e confirmar especialmente ao pai dela que o casal permaneceria junto. Na entrevista, José referiu se sentir culpado por ter “estragado” a vida da companheira que perdeu a liberdade, ao deixar de viver a adolescência. Ele se sentiu também responsável socialmente, enquanto homem, por seu futuro. Neste sentido, ele afirmou sua intenção de prover seu sustento financeiro caso venham a se separar, deixando-a em uma situação de independência em relação a seus pais. Neste contexto, dar um filho a Renata e realizar seu sonho pode ter sido uma maneira de José compensar um pouco o prejuízo percebido como causado na vida de sua companheira. Apesar de José insistir diaria-

mente para que Renata tomasse a pílula, ele assumiu ter deixado de insistir em função de não ter desistido totalmente da idéia de ser pai. Mesmo querendo se prevenir, ele deixou a responsabilidade para a companheira, não utilizando por exemplo o preservativo masculino.

Pode-se perceber também uma distância entre o desejo de José e Renata e as mães de ambos que insistiam para que eles se prevenissem da gravidez.

O desejo de engravidar surgiu a partir de uma idealização da paternidade e maternidade, sendo uma forma de superar uma situação difícil vivida anteriormente e garantir a continuidade do relacionamento com a companheira. Isto ficou claro, nas falas de José de que o bebê foi a base para o relacionamento no sentido de evitar a separação do casal, assim como uma possível perda de controle de sua parte em momentos de maior nervoso.

A presença de sentidos relacionados a padrões tradicionais de gênero e de hierarquia por idade é percebida nas falas de José referente a não aceitação dos comportamentos de sua mãe e a presença de ciúmes em relação a esta após a separação do companheiro. Ele queixou-se de ter que corrigir sua mãe, que já é uma senhora e está tendo comportamentos que ele tinha quando solteiro, que são considerados socialmente inapropriados para uma mulher e mal interpretados pela população. Ao falar sobre a dificuldade de Renata continuar estudando, José contou que os outros rapazes não a respeitavam mais por não ser mais virgem. Neste relato, foram expressos valores relacionados à importância da virgindade naquele contexto social e as dificuldades em relação à continuidade dos estudos por Renata estar grávida tão nova.

Maria, 16 anos

Ao ser entrevistada, Maria estava no 3º mês de gestação. Ela morava com seus pais e 4 irmãos. A família pertence ao estrato social médio e mora em um bairro da região da Matriz. Seu pai tem nível universitário, sua mãe trabalha em vendas como autônoma em poucos dias da semana, mas inicialmente Maria a havia descrito como sendo do lar.

Ao conversar com Maria antes de suas entrevistas sobre a possibilidade de seu companheiro participar da pesquisa, ela inicialmente se mostrou interessada dizendo que ele poderia participar. Posteriormente, após as entrevistas, ela mencionou ao telefone que seu namorado preferia não participar, indagando se a entrevista dela não seria suficiente por ambos. Diante deste fato, levantou-se a hipótese de que Maria tenha preferido que seu namorado não participasse por receio de ele ficar sabendo que ela desejou engravidar, uma vez que ela omitiu este fato dele.

Relacionamento familiar

A mãe de Maria teve o 1º filho com 17 anos. Após o nascimento do filho mais velho, seus pais moraram por um tempo em cidades diferentes antes de casar. Sua mãe lhe contava que foi

difícil para ela ter que trabalhar, por isto desaconselhava a filha a engravidar nova. Maria disse que sua mãe lhe contou esta história quando ela tinha em torno de 11 ou 12 anos, mas ao engravidar ela não lembrou do que sua mãe havia lhe dito.

“...eu não sei o que aconteceu direito mas eu sei que teve um tempo que eles ficaram, eles se gostavam, o meu irmão já tinha nascido, só que eles moravam em cidades separadas. Ai só depois de um tempo que eles casaram”.

“... acho que para ela ficou meio difícil né. Só que quando ela me contou essa história eu era bem nova ainda, só que aí quando eu fiquei grávida eu nem lembrei disso”.

“Ela falava que era difícil né, para ela, ter que trabalhar também. O meu pai ganhava um salário, mas era pouquinho. Só que daí, ela falava, ah filha não faça isso, não fique grávida nova, melhor você estudar, se formar para depois ter filho. Aí não fui na conversa dela e acabei ficando grávida”.

Relacionamento da sua família com seu namorado

Antes de Maria ficar grávida, sua mãe havia convidado o namorado da filha para vir morar com a família deles, uma vez que o casalzinho se falava muito tempo por telefone e era difícil para ele vir vê-la por falta de dinheiro. Ele ficou dormindo em um quarto separado de Maria.

“...quase toda hora a gente tava se falando no telefone né, ficava mais de 40 minutos no telefone, e quase... era bem difícil da gente se encontrar, por que ele nunca (tinha) dinheiro pra vir pra casa, ela pensou nisso”.

Sua mãe lhe dizia para ficar com o namorado se gostava dele, mas que só poderiam ir morar juntos fora da casa dos pais, após os 21 anos ou após se formar. Ela achava que o rapaz gostava bastante de Maria, por isto o chamou para morar na casa com a família. Ela tinha a expectativa que a filha se formasse e depois casasse, mas não que engravidasse agora.

“... ela falava se você gosta, se você quer ficar com ele assim fica, mas eu só podia sair de casa pra morar com ele, ou depois dos 21 anos, ou quando eu me formasse e fosse trabalhar ...”

“...minha mãe acha que ele gosta bastante de mim né, tanto que ela fez com que ele fosse morar lá em casa. Mas ela esperava que a gente continuasse namorando que eu me formasse, que eu ia casar. Mas acho que ela não esperava que eu ficasse grávida”.

Fase da vida

Maria considerou que antes da gravidez estava em uma fase entre a adolescência e a fase adulta, porque tinha responsabilidades com as atividades da casa.

“...por que eu tinha responsabilidade, eu tinha que arrumar a casa, eu tinha que lavar roupa né, não como todo adolescente faz, tem uns adolescentes que não fazem isto. Mas era um pouco adolescente um pouco adulta assim”.

Maria contou que não sabe muito como é a adolescência, por que não se divertiu muito, era difícil poder sair, só estudava. Ela comentou que não podia sair por que sua mãe não lhe deixava ou por não ter dinheiro. Em um momento, referiu não gostar de sair, depois disse que gostava mas não dava certo. Ela achava ruim por que suas amigas saíam e se divertiam e ela não.

“Eu não sei muito (como é a adolescência), por que eu não me divertia muito na adolescência, eu só estudava e nunca dava pra sair, mas foi legal até”.

“Eu não saía muito assim, não gostava muito de sair né, então sempre eu pedi pra minha mãe dinheiro, ela sempre dava uma enrolada, eu não recebia mesada, eu nunca recebi mesada, sabe, foi bem difícil assim, pra sair pra me divertir, sempre ficava em casa”.

“É mais ou menos assim, as vezes ela (mãe) não deixava, as vezes ela falava não, não vai, ou era por dinheiro mesmo”.

“...eu não achava (bom) por que todas as meninas da minha idade, saíam se divertiam e eu não podia”.

Maria relatou que sua mãe trabalhava e ela tinha que cuidar da casa e do irmãozinho mais novo quando ainda era bebezinho, agora ele tem 4 anos.

“...Minha mãe sempre saía e quando eu era mais adolescente assim mesmo, ela começou a trabalhar e ficou bem difícil. Eu tinha que ficar cuidando da casa. Eu varria, lavava louça, limpava a mesa, limpava os quartos”.

“as vezes ela saía e eu tinha que ficar sozinha cuidando dele, ele era bebezinho ainda. Ele tinha uns 4 meses. A minha irmã saía com a minha mãe junto. De vez em quando tinha (que cuidar da irmã também), aí era difícil cuidar dos dois, mas sempre ficava com o mais novo. Gostava (de cuidar dele)”.

O estudo e os planos educacionais/profissionais

Antes de engravidar Maria estava cursando o 1º ano do 2º grau, ela pretendia fazer vestibular, mas não sabia para qual curso. Se não passasse na 1ª tentativa, ela não sabia se iria tentar outras vezes ou se ficaria apenas trabalhando em casa. Ela pensava em trabalhar temporariamente fora de casa por necessidade para manter a criança, mas depois ela quer trabalhar em casa.

“Eu ia terminar o colégio né, eu não sabia ainda para que eu ia fazer vestibular, ainda não sei entendeu, mas quem sabe vou fazer uma vez vestibular e se eu não passar aí eu não sei. Mas daí eu não sei se eu vou tentar de novo ou se só vou trabalhar em casa assim, não sei, porque eu só pretendo trabalhar fora por causa do bebê, mas mais para frente eu não pretendo trabalhar fora”.

“...eu era enrolada assim mesmo. Se eu tentasse (o vestibular) a primeira vez e não dava eu não sabia mesmo o que eu ia acontecer”.

Segundo Maria desde quando era criança, sua mãe queria que ela estudasse, fizesse faculdade e fosse trabalhar. Mas ela expôs que ficou difícil com a gravidez e também por ter entrado um ano atrasada no colégio e ter reprovado a 7ª série.

“Desde criança a minha mãe queria que eu estudasse, que fizesse vestibular, que eu fizesse faculdade, que eu fosse trabalhar, mas aí pelo jeito mudou, ainda mais que eu entrei um ano atrasado no colégio né (quando criança), e reprovei a 7ª série, aí ficou bem difícil”.

Maria contou que ela tem recebido de sua mãe 30 reais por mês por fazer as tarefas domésticas em casa, desde antes de engravidar. Ela queria ter um emprego para ganhar mais, procurou alguns trabalhos, mas não deu certo e desistiu. Contraditoriamente, ela disse que se não tivesse engravidado tentaria arranjar um emprego, mas em outro momento falou que não pretendia trabalhar e ajudou sua mãe a vender salgados, mas não gostou.

“... é sempre eu queria ter o meu dinheiro né, porque eu lavo louça em casa e eu ganho R\$30,00 por mês [...] Só que eu queria ter mais, queria comprar coisas né, aí eu até tentei algumas coisas, mas não deu certo. Aí eu desisti...”

“ (Se não tivesse engravidado)... ah, eu ia tentar conseguir um trabalho, alguma coisa assim... Ia trabalhar com alguma coisa para me sustentar .

“...é que eu nunca pretendi (trabalhar) Eu peguei uma coisinha assim, antes quando a minha mãe vendia salgado, quando ela não podia eu ia no lugar dela, mas era meio ruim assim. Mas eu já tentei pegar uns empregos, mas não deu certo.”

Histórico do relacionamento com o parceiro

Maria enfatizou o fato de atualmente estar feliz. Ela contou que no começo o namorado era bem “safadinho”, ia para a praia sem avisar e deixava de sair com ela para encontrar com os amigos. Após o 5º mês de namoro, ele percebeu que a amava e passou a levar o namoro a sério.

“No começo ele era bem safadinho. Ele enrolava para não me encontrar (riso), ele ia pra a praia, ia várias vezes pra praia sem me avisar sabe, mas depois do 5º mês, ele percebeu que ele gostava, que ele me amava mesmo de verdade, daí foi sério. Aí a gente sempre teve umas briguinhas como todo casal tem, mas agora a gente tá bem feliz”.

“Tinha algumas vezes que ele não tinha dinheiro para vir para cá né, isso eu sei. Mas tinha algumas vezes que ele não vinha para cá para sair com amigos assim. Pra mim eu achava que [...] os amigos dele eram mais importantes do que eu né [...] teve uma vez que fez quase um mês que a gente não se via, aí eu ficava achando, ih, aí tem coisa”.

Maria soube que estava grávida quando o casal namorava há aproximadamente 1 ano e 2 meses. Há mais ou menos dois meses, ele estava morando na casa dela e de seus familiares, mas em um quarto separado de Maria. A mãe dela havia o convidado para morar na casa com a família, porque sabia que estava difícil para o casal se encontrar. Antes disto, Maria tinha dúvidas se conseguiriam continuar namorando desta maneira.

“...ele morava na região metropolitana, [...] e ele trabalhava, só ganhava pouco, e ainda ele morava na casa da tia dele que tinha que pagar uma pensão. Ele pagava 55 reais. Ainda ele mandava dinheiro para casa do pai dele, tinha que comprar um monte de coisa para ele e não sobrava muito dinheiro para ele vir para cá. Aí eu ficava pensando né, será que vai acabar ou não vai, assim”.

“Eu queria continuar com ele né, mesmo morando lá, mas eu sabia que estava difícil né. Ele sempre tinha que fazer uma coisa ou outra e nunca dava pra gente se encontrar [...] Aí chegou um dia que a minha mãe convidou ele para morar lá em casa, porque ela sabia que tava difícil da gente se encontrar”.

“Aí ele foi morar lá em casa, a gente acabou fazendo amor e eu acabei ficando grávida”.

Planos quanto ao relacionamento

Antes de engravidar Maria e seu namorado tinham planos de se casar, mas a mãe dela só permitia o casamento depois que a filha fizesse 21 anos. Eles pretendiam tentar convencer sua mãe quando Maria fizesse 18 anos.

“... (minha mãe) falava se você gosta, se você quer ficar com ele assim fica, mas eu só podia sair de casa pra morar com ele, ou depois dos 21 anos, ou quando eu me formasse e fosse trabalhar ...”

“...aí quando eu tivesse 18, ele ia tentar convencer a minha mãe, da gente casar, e se desse certo a gente casaria e depois de algum tempo a gente queria filhos”.

Maria começou a ter relações sexuais com o namorado 6 meses após se conhecerem. Ele tinha medo que a camisinha estourasse.

“Eu era virgem. Ele também, né... Assim no começo a gente tava nervoso assim. Eu também não sabia nada e ele também não sabia nada, ai a gente... a gente fez a primeira relação ai ele falou assim ai quero mais, ai ele falou, mas eu tô com medo, mas medo de que se a gente tá usando camisinha? Ele falou assim medo que estoure a camisinha e você fique grávida. Tadinho, né. Ai a gente perdeu o medo e a gente foi embora”.

Planos quanto a gravidez

Quando indagada sobre seus planos quanto a ter filhos, inicialmente Maria disse que queria engravidar em torno dos 18 ou 19 anos. Somente no final da 2ª entrevista ao indagada sobre o que levou a engravidar, ela acabou assumindo que havia parado de tomar o anticoncepcional por que estava tentando engravidar como descrito anteriormente.

“Ah, (queria ter filho) pra frente. Eu não sei, mesmo com 18, 19 anos por aí [...] uns 9 meses ou um ano (depois de casado)”.

Inicialmente ela disse que gostaria de engravidar, mas na hora certa, de forma programada, quando tivessem uma casa e seu parceiro tivesse um emprego e dinheiro.

“... gosta, gostaria, mas acho que a gravidez sempre tem que ser programada para não acontecer nenhum problema que tá acontecendo agora.”

“Ah é que o meu parceiro demorou muito para... achar emprego né, ele ficava sempre nervoso assim, mas isso passou agora, o problema é só juntar dinheiro para comprar roupa para o bebê e essas coisas”.

“Eu gostaria de ter engravidado, só que na hora certa... Ou pra comprar um terreno e fazer uma casa, né ou comprar uma casa. Para ter uma casa própria, pra não estar dependendo da ... da residência dos outros. E também pelo trabalho e pelo dinheiro assim que é difícil também.”

Ela contou que usou pílula por 3 meses e que parou de tomar por que esquecia. Apesar de saber do risco de gravidez e dele manifestar receio dela engravidar, eles não se preveniram de outra maneira. O casal não usava camisinha, por não gostar.

“A gente não se prevenia. Não eu, eu me prevenia. Eu fiquei uns 3 meses tomando anticoncepcional né. Mas eu sempre esquecia, daí eu larguei”.

“Eu não usava a pílula, ele também não usava a camisinha, mas ele tinha medo que eu ficasse grávida”.

“Ah, ele falava que não gostava (da camisinha) e eu também não gostava muito e acabou deixando”.

Maria justificou de várias maneiras o fato de não estar se prevenindo. Ela falou que pensava que não era tão fácil engravidar e que pediu para sua mãe comprar a pílula, mas ela não comprou. Seu namorado não falou lhe nada quando ela parou de tomar os comprimidos, apenas algumas vezes tocava no assunto.

“Por que quando a gente começou eu era meio bobinha assim, eu pensava que era bem difícil a mulher engravidar, do espermatozóide entrar dentro do óvulo, eu pensei que era bem difícil. Ai a gente acabou esquecendo, era gostoso, era bom e a gente acabou esquecendo aí eu acabei ficando grávida”.

“Pedi (para minha mãe comprar a pílula), mas ela ficou brava e acabou deixando... Não sei, acho que no dia ela tava brava por alguma coisa e ela não queria saber de nada”.

“ (Ele) não falou nada. De vez em quando ele enchia um pouco o saco, assim toma, aí depois ele não falava mais”.

Análise do caso de Maria

Ao analisar o contexto de vida de Maria anterior a gravidez, sua fala de que estava entre a adolescência e a fase adulta por ter responsabilidades se destaca. Ela realizava atividades domésticas e cuidava do irmão mais novo, quase não saía e se divertia como outros adolescentes. Seu dia a dia se assemelhou ao de uma dona de casa adulta, sem usufruir uma liberdade correspondente. No aspecto afetivo, Maria relatou que gostava de seu namorado com quem tinha um relacionamento bastante próximo. Ele estava morando na casa de sua família em um quarto separado dela, ambos desejavam se casar, mas seus pais só permitiriam o casamento aos 21 anos. Por outro lado, ela demonstrou ter planos educacionais/profissionais pouco objetivos e pouco envolvimento escolar. Ela falou em fazer faculdade, mas estava atrasada nos estudos e expôs que frente aos possíveis obstáculos encontrados não sabe se irá persistir neste plano. Maria revelou certa ambigüidade quanto ao desejo de trabalhar antes de ficar grávida. Em um momento, disse

que não queria trabalhar, em outro que teve vontade de ter um emprego, mas em suas tentativas não conseguiu. Após ter o filho quer desenvolver alguma atividade profissional em casa. Ao final das entrevistas, Maria assumiu que estava tentando engravidar por amor. Ela parece ter idealizado a maternidade como uma maneira de confirmar o amor e o relacionamento entre ela e seu namorado, bem como superar este período de sua vida cotidiana, conquistando uma posição social valorizada que lhe conferiria um status de adulta.

Willian, 21 anos

William participou apenas da primeira entrevista, optando não comparecer à segunda entrevista por sua companheira não desejar ser entrevistada pela 2ª vez como descrito mais adiante na fala de Ana Maria. Quando ela engravidou Willian estava com 21 anos. Ele disse na ocasião da entrevista que eles estavam morando juntos há mais ou menos 2 anos, enquanto ela disse que fazia 3 anos e 2 meses. Ana foi bastante precisa em relação à data que o casal foi morar junto. O casal morou inicialmente na casa da mãe dela, mas depois passaram a morar em casa própria construída em um área ampla na periferia de Curitiba, no qual outros familiares também moram. Willian interrompeu os estudos quando cursava a 8ª série. O casal se mantém com o salário de Luiz, o qual trabalhava em uma firma um pouco mais de um ano antes de sua companheira engravidar. Eles podem ser incluídos em um estrato social baixo, em função da baixa renda familiar.

Relacionamento familiar

William contou que sua mãe se separou de seu pai e foi embora quando ele tinha dez anos. Uma irmã de seu pai que era casada cuidou dele e de seus irmãos na época, por que eles eram pequenos e seu pai viajava frequentemente.

Na ocasião da entrevista, seus pais não moravam em Curitiba, mas Willian mantinha mais contato com seu pai que com sua mãe. Diferentemente de sua mãe, seu pai frequentemente vinha visitá-lo. O contato por telefone com sua mãe também era pouco frequente.

“...a minha tia que cuidou de nós quando a minha mãe foi embora, né”.

“É uma longa história. Daí, então ela veio para cuidar de nós, porque nós era pequeno e meu pai tava viajando”.

Antes de Ana Maria engravidar, o pai de Willian sempre estimulava para que eles tivessem um filho. De maneira oposta, sua sogra não sabia que o casal queria engravidar. Ele acha que ela não queria que a filha engravidasse agora. Ela falava para eles se prevenirem da gravidez.

“Ah, ele sempre falava, e daí o netinho vai vir ou não vai, né? [...] Dai nós falava, eu falava tá a caminho”.

“Ah, a gente não sabe o pensamento dela (sogra). Agora não sei. Eu acho que ela não queria (a gravidez) [...] Ela falava que era pra gente se cuidar (para não engravidar)”.

Willian considerava que antes de Ana Maria engravidar ele estava na adolescência, mas que com a gravidez ele está mais adulto, por ter mais responsabilidade. Inicialmente ele comentou que não se considerava uma pessoa responsável antes da companheira engravidar. Ao ser indagado sobre esta colocação uma vez que ele trabalhava, mantinha a família e pagava a prestação de sua casa, ele analisou que era responsável, mas que faltava a gravidez para ser mais responsável e que a responsabilidade agora é bem maior.

“Sei lá eu, acho que tava na adolescência ainda”.

“Acho que eu mudei um pouco sim né, mais pra adulto agora. Tem mais responsabilidade agora com as coisas, daqui para frente”.

“Ah, trabalhava né. Mesmo assim eu acho que não era responsável”.

“Acho que essa responsabilidade de agora acho que é mais... é maior também”.

Segundo sua opinião, os adolescentes não têm responsabilidade, só querem fazer bagunça.

“Só quer saber de bagunça, essas coisarada, não tem responsabilidade com nada”.

Histórico do relacionamento com a parceira

Willian referiu se considerar “bem dizer casado”, por morar a 2 anos com a companheira. Durante o primeiro ano eles ficaram morando na casa da sua sogra, junto com esta. Posteriormente eles adquiriram uma casa pré-fabricada, a qual foi colocada no mesmo terreno desta e seus familiares, em uma área ampla na periferia de Curitiba.

Ele expôs que foi “bem ruim” morar com sua sogra. Nesta época por não ter liberdade, o casal tinha desentendimentos com frequência. O relacionamento melhorou após estes irem morar sozinhos. Willian explicou que atualmente algumas vezes eles acabam não tendo liberdade, discutindo entre si, após alguma briga com sua sogra. Para evitar estas situações eles procuram ficar mais no seu próprio canto.

“Ah, foi bem ruim (morar com a mãe dela) [...] É porque a gente não tinha liberdade, não tava na casa da gente. E até hoje as vezes a gente não tem liberdade, porque mora no mesmo terreno né. E qualquer briguinta, já tá ...”

“Agora diminui bastante (os desentendimentos). Em termos de quando a gente morava junto né”.

“Então a gente faz de tudo para não brigar. Então a gente fica mais no nosso canto para não ter essas brigas, né”.

Os planos quanto ao relacionamento e os motivos para viverem juntos

Willian explicou que o casal foi morar junto após 2 meses de namoro, por amor e vontade de ficar junto durante a vida toda.

“Ah, sei lá eu, eu queria mais é ficar junto com ela [...] Para a vida toda né, com certeza”.

“É que nem eu falei pra você né, é amor mesmo né”.

O desejo e os planos de ser pai

Willian contou que o casal estava planejando a gravidez, desde que sua companheira teve um aborto espontâneo da gravidez anterior.

“Ah, nós tava planejando já né. Desde o primeiro que foi perdido né, aí nós tentamos fazer o segundo (risos)”.

Ele afirmou que antes da 1ª gravidez o casal já não usava nenhum método contraceptivo. Eles estavam tentando engravidar a bastante tempo. Depois que ela perdeu o bebê eles usaram a camisinha poucas vezes.

“Usamos (camisinha), ...acho que usamos... poucas vezes”.

“Mas não usava direto. Usava uns tempos, depois usava... normal daí”.

Ele explicou que apesar do momento não ser bom para ela engravidar em função das dificuldades financeiras que o casal vinha passando, ele gostaria que ela tivesse engravidado agora.

“É o momento não era muito bom né, a gente tem muita dificuldade por causa das contas, porque só eu que tô trabalhando, então meu salário não dá para pagar muitas contas [...] Pago a prestação da casa que é alta. Mas vamo levando né”.

“Mesmo não sendo o melhor momento, gostaria né”.

Willian contou que a decisão de engravidar foi dos dois, mas ele que tomou a iniciativa primeiro. Inicialmente, ela não queria, mas depois ele foi a convencendo.

“Ela falou que não queria né, mas daí o tempo foi... foi fazendo a cabeça dela”.

Ele não soube dizer por que teve vontade de ter filho, dizendo ser uma vontade comum a todas as pessoas. Depois ao indagado novamente, reconheceu que nem todos têm vontade de ter filhos, mas que ele sempre teve. Posteriormente Willian clarificou que passou a ter vontade de ter filho, depois que começou a namorar Ana Maria.

“Ah, sei lá eu. Nem sei (risos). Acho que vontade todo mundo tem, né”.

“Nem todas as pessoas tem vontade né, mas eu da minha parte eu sempre tive vontade”.

Ao indagado sobre os motivos pelos quais as pessoas têm filhos, Willian expôs que deve ser para juntar mais o casal. Ele confirmou que isto deve ter ocorrido com eles, como uma vontade natural após dois anos de convívio.

“Será que é pra juntar mais o casal? Não sei. Acho que é né, deve ser”.

“Acho que sim, né. Porque a pessoa tando junto ali, tá já dois anos, acho que a vontade da pessoa é ter um filho, né do casal”.

Análise do Caso de Willian

Analisando o relato de Willian pode-se verificar que a gravidez ocorreu como resultado de um projeto reprodutivo do casal. Ele frisou que eles estavam juntos há 2 anos e que o desejo de ter um filho surgiu de maneira natural em decorrência da convivência e da vontade de ficar junto. Ele considerou inicialmente que este seria um desejo comum a todas as pessoas que casam, avaliando que poderia corresponder a um desejo de unir mais o casal. Ele revelou um relacionamento bastante próximo com a companheira, tendo o sentimento de amor crescido com a convivência. O casal superou dificuldades, principalmente em decorrência de inicialmente morarem com a mãe de Ana Maria.

Willian não completou o 1º grau e trabalha mantendo a família conforme padrões sociais do homem enquanto provedor. O desejo da paternidade predominou em seu fala, não tendo sido relatados planos quanto aos estudos. Entretanto, a inexistência deste tipo de planos não pode ser confirmada em função dele não ter participado da 2ª entrevista.

Ele destacou se considerar na adolescência, apesar de ser independente financeiramente e ter adquirido uma casa própria. Neste sentido, a paternidade parece ter possibilitado um novo status social, ao passar a se perceber como mais responsável. Apesar do casal ter sua independência, ele expôs que ele e sua companheira não têm muita liberdade com a mãe dela, a qual frequentemente interfere no dia a dia destes, orientando-os para se prevenirem da gravidez, independente do desejo destes. Desta maneira, eles não contaram a ela que planejaram a gravidez. Pode-se perceber um distanciamento e uma dificuldade de comunicação entre estes.

Análise e discussão do grupo

Foi verificado entre as entrevistas realizadas um número significativo de participantes que referiram que a gravidez ocorreu por terem desejado, correspondendo a um quarto das ado-

lescentes (3) e dois terços dos rapazes (2). Estudos anteriores já haviam apontado relatos de gestantes adolescentes que tinham desejado engravidar. Em pesquisas quantitativas que utilizaram amostras maiores, uma proporção maior de adolescentes referiu ter desejado a gravidez do que nos resultados aqui encontrados, chegando a 42% no estudo desenvolvido por PAIVA (1998) e 54,2% na pesquisa feita por CORRÊA & COATES (1992).

Na pesquisa atual, as adolescentes pertencentes a este grupo estavam com 17, 16 e 14 anos, enquanto os rapazes tinham 19 e 21 anos. Uma adolescente se destacou das demais por ter 14 anos ao engravidar e ao ser entrevistada, tendo desejado claramente a gravidez. CORRÊA & COATES (1992) haviam ressaltado, em seu estudo, o fato de 20,6% das adolescentes que relataram ter desejado engravidar estarem entre 12 e 14 anos. Segundo dados do Ministério da Saúde, no Brasil, no período de 1993 e 1997, o crescimento no número de partos entre adolescentes de 10 a 14 anos foi de 20%, sendo maior que na faixa etária de 15 a 19 anos, o qual ficou em torno de 12% como descrito anteriormente (SOUZA, 1998).

Entre a maioria dos participantes (4) do presente grupo a gravidez ocorreu a partir do desejo de engravidar no contexto de uma união consensual, somente uma adolescente estava namorando. Entretanto como analisado mais adiante, Maria apresentava um relacionamento bastante próximo com seu namorado mantendo expectativas em relação a um futuro casamento.

É importante salientar a idade que os participantes foram morar com o (a) companheiro (a). Enquanto os dois rapazes estavam com 18 anos, as adolescentes entrevistadas apresentaram idades mais baixas. Uma delas estava com 16 anos (Cláudia), enquanto as demais tinham 14 (Ana Maria) e 13 anos (Renata). Apesar de Ana Maria não pertencer ao grupo aqui apresentado, ela está sendo citada no momento por ser companheira de Willian, durante a discussão sobre este grupo outras referências serão feitas a ela. De maneira geral, estes casais namoraram pouco tempo antes de ir morar junto. Ana Maria e Willian estavam namorando há menos de 4 meses. Renata e José fugiram após 8 dias que estavam namorando. Somente Cláudia estava namorando por mais tempo (2 anos), apesar do rapaz não frequentar a sua casa e não conhecer os pais dela quando fugiram.

As duas adolescentes que haviam fugido com o companheiro engravidaram poucos meses após (2 e 5 meses respectivamente), diferentemente de Ana Maria e Willian, que segundo relato de Ana estavam juntos há 1 ano e 4 meses ao engravidar a 1ª vez e 2 anos e 8 meses na 2ª gravidez. O desejo de engravidar logo após a fuga de casa, entre alguns participantes, poderia ter a intenção de legitimar e garantir a união do casal conforme se pode perceber no relato de José, de que queria engravidar para mostrar ao pai de Renata que ficariam juntos, no relato de Cláudia de que seu companheiro queria que ela engravidasse para a segurar e de Maria, a qual expôs que seus pais somente permitiriam que casassem aos 21 anos. FÁVERO & MELLO (1997) e SARTI

(1994) haviam mencionado que a gravidez para algumas adolescentes poderia ser uma maneira de assegurar o casamento frente à resistência da família ou à insegurança quanto à continuidade do relacionamento com o namorado/noivo.

Segundo resultados encontrados por VILLA (2001), a gravidez em estratos baixos é frequentemente demandada pelo homem de maneira explícita ou implícita como uma prova de amor da mulher, diante da expressão de enamoramento do homem por esta e da sinalização deste quanto à legitimação de um projeto reprodutivo. Esta situação pode ter ocorrido no caso de Cláudia, Willian e Ana Maria, os quais relataram que o desejo de ter um filho partiu inicialmente do homem, sendo explicitado à mulher. Em relação a Maria, percebe-se que esta demanda pode ter sido expressa de maneira implícita por seu namorado. Ela contou que engravidou por amor e que seu parceiro lhe disse que queria muito ter um filho com ela mais para frente. Além disto, o casal não usava o preservativo, apesar dele saber que Maria não estava mais tomando pílulas.

A ocorrência da gravidez entre a maioria dos participantes deste grupo inseriu-se em um projeto reprodutivo que teve por base a união do casal, a qual foi marcada por uma divisão tradicional de papéis de gênero, tendo o homem assumido o papel de provedor e a mulher o papel de esposa/mãe. PAULA (1992) enfatizou que ao não perceber uma perspectiva de mudança de status social, as adolescentes de baixa renda podem perceber a união formal como um meio imediato de obter projeção social, em decorrência natural do casamento e do papel social da mulher. Este modelo se contrapõe à expectativa dirigida a jovens dos estratos médio e alto, quanto a um projeto de ascensão profissional a partir de um percurso educacional, conforme exposto por BECKER (1989); FÁVERO & MELLO (1997); GUNTHER (1998) e SALLAS (1999).

Apesar das importantes mudanças ocorridas a partir da revolução sexual, os papéis tradicionais de gênero, em que o homem assume o papel de provedor, demonstrando força, virilidade e uma sexualidade ativa, enquanto a mulher é educada para casar, ter filhos, ser passiva, tranquila e cordial, ainda podem ser encontrados entre adolescentes e na sociedade em geral, sendo reforçados com a gravidez (GRISCI, 1995; LUZ E CASTRO, 1995; DOMINGUEZ, 1998; TRINDADE & BRUNS, 1998; SIQUEIRA, 2001).

A ocorrência da união consensual em adolescentes com idade bastante jovem, como parte de um projeto de vida voltado predominantemente para o papel de mãe/esposa, parece congruente aos resultados de MORGAN *et al.* (1995) de que adolescentes gestantes apresentavam índices mais altos no item powerful other de uma escala referente ao *locus* de controle de saúde, caracterizando uma situação em que o sujeito depende mais de outras pessoas a quem atribui autoridade, para tomar decisões de saúde, do que de si própria. Estabelecendo um relacionamento com o companheiro em que a dependência para com este predomina, os planos em relação a maternidade tendem a prevalecer em relação a um projeto de autonomia.

Diversos estudos ressaltaram que a ocorrência da gravidez freqüentemente foi precedida pelo baixo desempenho escolar, pela interrupção dos estudos, por poucas expectativas educacionais/profissionais e pela presença de um projeto de vida voltado para o casamento e a maternidade (FÁVERO & MELLO, 1997). Em sua pesquisa, CORRÊA & COATES (1991) perceberam que esta situação ocorreu mais freqüentemente entre as adolescentes que desejavam engravidar do que entre as que não desejavam. Conforme os resultados apresentados por DESSER (1993), o projeto de vida enquanto mãe/esposa foi comum entre adolescentes gestantes pertencentes a famílias matrifocais de estratos operários, enquanto aquelas pertencentes a famílias nucleares de estratos operários e a estratos médios possuíam projetos voltados para uma maior independência a partir do estudo formal e a profissionalização, apesar de as primeiras encontrarem mais dificuldades objetivas para realizá-los.

Entre os participantes do grupo aqui apresentado, Maria e Cláudia pertenciam ao estrato social médio, enquanto Renata, José e Willian ao estrato baixo. O projeto de vida enquanto mãe e esposa foi observado nas 3 adolescentes, apesar de Maria e Cláudia pertencerem ao estrato médio. A construção deste projeto parece estar relacionada no caso de Cláudia, ao seu histórico de uso de drogas, permanência na rua e conflitos familiares, enquanto no caso de Maria, estaria relacionado à ausência de planos educacionais e profissionais objetivos e uma rotina voltada para as tarefas domésticas. Diante da grande competição atual vivida pelos jovens para se inserir no mercado de trabalho e na faculdade, Maria apesar de pertencer ao estrato médio, não se mostrou segura quanto a sua inserção na universidade. Tal percepção é congruente ao observado por GÜNTHER & GÜNTHER (1998). Em pesquisa realizada em Brasília, os jovens que estudavam em escolas públicas percebiam menos possibilidades de inserção na universidade e mercado de trabalho, em relação àqueles que freqüentavam uma escola privada.

Analisando a situação escolar e o projeto de vida educacional e profissional dos participantes, verifica-se que as três adolescentes estavam estudando em escolas públicas na ocasião da entrevista, estando atrasadas em relação a sua idade. Nenhuma delas estava trabalhando. Renata e Maria apresentaram poucas expectativas quanto aos estudos e especialmente quanto a ter alguma profissão. Antes de engravidar, Maria pretendia completar o 2º grau e tentar vestibular, entretanto ela afirmou não ter certeza se sua intenção persistiria caso não passasse em uma primeira tentativa. Renata referiu que nunca foi de ficar fazendo planos e que após fugir ela mudou de cidade e de escola várias vezes, pensando de estudar até onde desse. Somente Cláudia relatou de maneira mais determinada sua intenção de fazer faculdade para ter um bom trabalho, concordando em engravidar somente após combinar com o companheiro que eles pagariam alguém para cuidar da criança, de maneira que ela continuasse estudando. Entretanto, ela disse que não gostava de estudar, principalmente quando não estava entendendo a matéria. Além disto, em seu

passado, antes de fugir com o namorado, ela havia reprovado na escola duas vezes por gazear aula e ter deixado de frequentar a escola por um tempo. HOLDEN, *et al.* (1993) verificou em sua pesquisa um histórico de pior desempenho e mais faltas à escola em adolescentes gestantes do que entre adolescentes não gestantes.

De maneira oposta às adolescentes, ambos os rapazes trabalhavam e não frequentavam a escola quando a companheira engravidou, bem como na ocasião da entrevista. Eles estavam defasados quanto ao nível de escolaridade, faltando completar o último ano do 1º grau. Seus projetos de vida estavam mais voltados para o exercício profissional e o desempenho do papel de provedor na família, o qual se tem sido destacado enquanto a parte central da identidade masculina, como indicado por SARTI (1994), VILLA (1997), DOMÍNGUEZ (1998) e SIQUEIRA (2001). Esta condição também foi relatada por Cláudia e Maria, em relação a seus parceiros, os quais não foram entrevistados.

Ao desejarem que sua companheira engravidasse, os rapazes entrevistados consideravam que poderiam manter a família com seu salário, não estando naquela ocasião envolvidos com um projeto de ascensão profissional através dos estudos. Como concluído por VILLA (2001), em direção oposta, a presença de projetos de crescimento e consolidação profissional em homens pertencentes a estratos sociais médios, frequentemente é um importante motivo para a regulação da fecundidade.

Mesmo considerando estar vivendo um momento financeiro difícil por estar pagando a prestação de sua casa, Willian quis que sua companheira engravidasse naquele momento. Não foi possível obter mais informações sobre sua história escolar, nem sobre seus planos futuros, por ele não ter concluído as entrevistas.

No relato de José sobre a educação recebida por seu pai, foram constatados valores claros quanto a uma divisão tradicional de papéis de gênero, na qual o homem deveria assumir o papel de provedor, enquanto a mulher permaneceria em casa. Desta forma, na medida que ele foi se envolvendo com o trabalho seus estudos foram ficando prejudicados. Antes de fugir com Renata, José não fazia planos para seu futuro, querendo apenas melhorar em seu emprego. Somente um tempo após fugir, ele começou a pensar em voltar a estudar para melhorar na profissão e passar a ganhar mais. VILLA (2001) observou que a paternidade é uma forte motivação para a inserção permanente do homem no mercado de trabalho.

Entre as adolescentes deste grupo o desejo de engravidar foi compatível com a ausência de expectativas educacionais/profissionais objetivas como se observa em Maria e Renata ou com a perspectiva de conciliar a maternidade, a continuidade dos estudos e a aquisição de uma futura profissão, como no caso de Cláudia. Segundo MERRICK (1995), em um contexto com alternativas limitadas a gravidez pode ocupar o espaço de uma escolha profissional, sendo um caminho

normativo como verificado freqüentemente entre adolescentes negras americanas. No Brasil, FÁVERO & MELLO (1997) apontaram que em jovens sem perspectiva de êxito na educação ou na carreira, a gravidez pode ser uma maneira de conseguir auto-estima de outras pessoas e esperança de um futuro melhor. Desta maneira, os papéis tradicionais de gênero se mantêm.

No caso de Renata e Maria o desenvolvimento de um projeto de vida enquanto mãe/esposa parece ter substituído um caminho profissional, representando para Renata uma esperança de futuro frente às alternativas limitadas que havia encontrado no contexto de agressão e subordinação vivido em relação a seu pai. Estas adolescentes haviam tido como modelo em suas histórias a gravidez de suas mães na adolescência como verificado com freqüência nos estudos de PAIVA *et al.* (1998) e CÔRREA & COATES (1992).

Ao analisar os sentidos dos participantes sobre o relacionamento com sua família e momento de vida anterior à gravidez, verifica-se que sua ocorrência parece ter sido idealizada como uma forma de modificar uma situação de vida pessoal e/ou familiar pela aquisição dos papéis de mãe/pai e o status de maioridade a eles relacionados.

Tendo por base a presença da dinâmica da responsabilidade/irresponsabilidade no relacionamento entre o mundo adulto e adolescente e a teoria da resistência de ENGUITA (1989), PAULA (1992) destacou que a gravidez, entre as adolescentes pesquisadas, ocorreu como uma forma de resistência por compensação à subordinação vivida na relação com o adulto. Ela representou uma maneira não consciente da adolescente se tornar adulta precocemente, ao adquirir autoridade e poder decorrentes do papel de mãe. Desta forma, a gravidez apesar de não planejada, foi desejada em um contexto de união formal e informal. A utilização da gravidez como um instrumento de desvinculação da família de origem e formação de um novo núcleo familiar, também, foi verificada por SARTI (1994), a partir do estatuto de maioridade atribuído socialmente à paternidade e à maternidade. Entre algumas adolescentes de estratos sociais baixos, VILLA (2001) compreendeu que a gravidez também pode ser uma forma destas se distanciarem de relações conflitivas com seus familiares, sentirem-se protegidas e compreendidas afetivamente por seus companheiros, superando um estado de solidão.

As análises apresentadas acima por PAULA (1992), SARTI (1994) e VILLA (2001) podem ser claramente adaptadas a boa parte das adolescentes e rapazes participantes desta pesquisa que referiram desejar ter um filho. Seus relatos quanto à união com o (a) parceiro (a) e o desejo de maternidade/paternidade idealizavam uma situação de maior autonomia, independência e mudança de um estilo de vida anterior.

Em seu histórico, Renata e sua irmã haviam sido criadas por diferentes pessoas da família e até por pessoas para quem sua mãe pagou para cuidá-las, tendo sido caracterizada uma situação de circulação de crianças, uma prática comum nos estratos sociais baixos como exposto por

SARTI (1994). Posteriormente, a fuga de casa com o namorado e a perspectiva de maternidade expressaram claramente o desejo de sair de uma situação de subordinação e opressão vivida no relacionamento com seu pai e sua madrasta e adquirir um status de maioridade, conforme exposto por PAULA (1992) e SARTI (1994). Pode-se perceber também uma expectativa por parte de Renata de ser protegida afetivamente pelo companheiro frente à união formal e a gravidez, superando um estado de solidão anterior, ao sentir-se apoiada e compreendida por este e se distanciar de relações conflitivas com a família de origem como descrito por VILLA (2001). De maneira similar, José também estava pensando em sair de casa por estar trabalhando e ter alguns conflitos com sua mãe, uma vez que ela não concordava com suas saídas no dia a dia, tentando tolher sua liberdade de curtir a vida. A paternidade/maternidade também assumiu o significado de legitimar socialmente o relacionamento do casal, especialmente em relação ao pai de Renata como afirmou José. Ambos consideraram que amadureceram a partir da união consensual e da gravidez, se tornando mais responsáveis e adultos.

Antes de ir para a casa de recuperação e em seguida fugir com o namorado, Cláudia usava drogas rotineiramente, estava sempre na rua com os amigos, não estudava, e tinha importantes dificuldades de relacionamento com seus pais, não os aceitando enquanto figuras de autoridade. Ela se considerava na adolescência, apenas curtindo a vida. Ao fugir com o namorado, o casal passou a construir um outro modelo de vida, no qual eles pararam de usar drogas, ele passou a trabalhar assumindo o papel de provedor e ela passou a cuidar da casa e estudar. A responsabilidade da vida de casado e posteriormente a paternidade e a maternidade, as quais foram percebidas como uma forma de completar a vida do casal, lhes conferiram um status social em direção a maioridade como analisado por PAULA (1992) e SARTI (1994). O relacionamento próximo com o companheiro, completado por um filho se contrapôs ao distanciamento e a solidão vivenciados anteriormente por Cláudia, no relacionamento com seus familiares e na indiferença de seu pai em relação a ela. A permanência com o companheiro possibilitou a superação desta situação como percebido, entre mulheres provenientes de estratos baixos, em pesquisa realizada por VILLA (2001).

Ao analisar o planejamento da gravidez relatado por Willian, a gravidez se destacou como uma consequência natural da convivência do casal e do sentimento de amor entre estes. Conforme seu relato a paternidade é percebida como esperada socialmente, após o casamento. Willian salientou que mesmo trabalhando, mantendo sua esposa financeiramente e pagando a prestação de sua casa, ele considerava a si próprio como sendo adolescente e não responsável. Faltava a paternidade para ele se considerar mais responsável. Apesar de estarem morando juntos em casa própria, ele contou que o casal não tinha liberdade em relação à mãe de Ana Maria, procurando ficar mais no seu canto. A hierarquia percebida neste relacionamento se expressou

por exemplo, na atitude de não lhe contar sobre o planejamento da gravidez, uma vez que ela não gostaria que a filha engravidasse agora. Portanto, a paternidade parece legitimar a sua inserção ao mundo adulto, estando em acordo com as colocações de PAULA (1992) e VILLA (1997).

Segundo o relato de Maria, antes de engravidar ela não tinha vivido sua adolescência, não acompanhando seus amigos em momentos de diversão, por sua mãe não permitir ou não lhe dar dinheiro. No dia a dia, ela exercia as tarefas domésticas e cuidava de seu irmão mais novo como apontado por PAIVA *et al.* (1998). Em função disto, Maria sentia que estava entre a adolescência e a juventude, pois tinha mais responsabilidade que outros adolescentes. Seu namorado estava morando em sua casa com a família, entretanto eles não dividiam o mesmo quarto, apesar de terem relações sexuais e sua mãe saber disto. Eles pretendiam pedir a permissão de seus pais para casar quando ela fizesse 18 anos, por que seus pais só queriam que ela casasse aos 21 anos ou após ela se formar. Estando distante de outras adolescentes e ao permanecer grande parte do tempo em casa assumindo responsabilidades atribuídas às mães e às donas de casa, Maria vivia no cotidiano um sentimento de solidão. Ela quis engravidar, mas não falou nada para o namorado. Segundo seu relato, a gravidez ocorreu por amor e por ter cuidado de crianças, querendo ter o seu filho para dar carinho, cuidar e ter alguém que ficasse com ela. A possibilidade da maternidade foi idealizada por Maria como uma situação que lhe forneceria maior poder e autonomia, ao cuidar de seu próprio filho, auxiliando-a na superação do estado de solidão que se encontrava. Antes de engravidar, ela assumia responsabilidades pertinentes aos adultos, sem se beneficiar do status e autonomia correspondentes que permitissem, por exemplo, que ela e seu namorado se casassem. A gravidez poderia legitimar o casamento como uma forma de reparação por uma transgressão social cometida por ambos, como indicado por FÁVERO & MELLO (1997). O receio de ser infértil ao não engravidar logo em seguida que parou de tomar a pílula, pode estar relacionado ao forte desejo de ser mãe e a grande valorização deste papel no processo de construção social da identidade feminina apontada por BADINTER (1985) e GRISCI (1995).

Analisando especificamente os relatos de José e Renata verifica-se que a formação de uma nova família pode ter representado para estes a perspectiva de construir uma história diferente da história de seus familiares. Renata expôs claramente seu desejo de não repetir a história de traição e agressão vivida por sua mãe em relação a seu pai. Da mesma forma, José se propôs a não trair e não agredir, opondo-se as histórias de seu pai e de seu padrasto. Entretanto, pouco tempo após ir morar junto, o casal passou a ter importantes conflitos no relacionamento, vivendo momentos de agressão física frente à suspeitas de que José estaria traindo a companheira. A possibilidade de repetir a história de pessoas da família ou se diferenciar destas no processo de formação de uma nova família foi analisado por VILLA (2001). O autor percebeu

que, para homens de estratos baixos pertencentes a famílias monoparentais ou estendidas, a reprodução representava uma possibilidade de simbolizar a identidade masculina, transcender os conflitos com a identidade paterna e diferenciar-se da imagem negativa de seu pai, ao dar um nome a um filho e resgatar e proteger a mulher de sua condição de filha. Estes homens se deparavam subjetivamente com a possibilidade de repetir as qualidades negativas da figura paterna e a necessidade psíquica de se diferenciar do machismo paterno.

Como destacado anteriormente, José e Renata acabaram agindo em alguns momentos de maneira semelhante a seus pais, mesmo não querendo que isto acontecesse. Estando inseridos em um histórico familiar de violência de gênero e de hierarquia por idade e tendo iniciado repentinamente uma vida em comum acompanhada pela perspectiva de maternidade/paternidade, Renata e José não tiveram oportunidade de refletir sobre suas ações, repetindo padrões de relação de gênero vividos por seus familiares. A construção de uma realidade diferente de seus pais implica em um processo de reflexão e conscientização contínuo a respeito dos significados e sentidos quanto a si próprio e o mundo no decorrer das atividades e relações estabelecidas. VYGOTSKY (1994; 2000) destacou a possibilidade do homem de pensar, planejar e avaliar suas ações. LEONTIEV (1978) salientou a importância da linguagem e das atividades em grupo no desenvolvimento da consciência humana. Desta forma, as redes sociais estabelecidas na família, na escola, na vizinhança, na unidade de saúde apresentam grande relevância no sentido de contribuir ou não com o processo de conscientização destes jovens.

Ao focalizar a atenção nas relações estabelecidas pelos participantes deste grupo com sua família antes da gravidez, pode-se perceber um claro distanciamento entre os adolescentes e seus familiares, envolvendo expectativas de futuro distintas e um histórico de falta de comunicação entre estes especialmente em relação à sexualidade. Apesar dos participantes afirmarem que desejaram ter um filho, de maneira geral seus familiares, especialmente as mães, não queriam que a gravidez ocorresse, os incentivando a se prevenir. Isto aconteceu em relação a Maria, Cláudia, Ana Maria (segundo informações de Willian), José e Renata. Apenas o pai de Willian o estimulava para que tivesse um filho. Não tendo ocorrido uma verdadeira comunicação, as mensagens dos pais não foram assimiladas pelos filhos (a), permanecendo uma distância entre os sentidos pessoais de ambos, como analisado por DIAS & GOMES (2000). Em função disto, Maria, Cláudia e Ana Maria não revelaram as suas mães que engravidaram por terem desejado.

A ausência de uma comunicação franca e aberta entre pais e filhos quanto à sexualidade foi ressaltada em diversos estudos (SHOR, 1996; TRINDADE & BRUNS, 1996; FÁVERO & MELLO, 1997; TRINDADE, 1997; NUNES, 1998; DIAS & GOMES, 2000). Mesmo sabendo que seus filhos estão tendo relações sexuais, os pais freqüentemente evitam falar sobre o assunto, fazendo de conta que eles não estão tendo relações. Por outro lado, os adolescentes geralmente

não se sentem à vontade de perguntar suas dúvidas quanto à sexualidade a seus pais, com receio de ser repreendidos (TRINDADE & BRUNS, 1996). Esta situação foi percebida nos relatos de Cláudia. Antes de fugir com seu namorado, sua mãe provavelmente sabia que ela estava tendo relações sexuais por que comprava o anticoncepcional para a filha, entretanto Cláudia inventava uma desculpa para sua mãe em relação ao seu uso, não assumindo que estava tendo relações. Ela também negou ter recebido qualquer orientação de seus familiares sobre sexualidade.

FÁVERO & MELLO (1997) avaliaram que a ausência de orientações quanto à sexualidade para os filhos está relacionada frequentemente a valores, ainda presentes na sociedade, quanto à importância da virgindade das mulheres anteriormente ao casamento. Os pais não falam com suas filhas sobre este tema com receio que, a partir disto, as relações sexuais venham a se concretizar. A forte valorização da virgindade para a mulher e a permanência de uma dupla moral em relação à sexualidade, conforme destacada por ROCHA-COUTINHO (1994) e GRISCI (1995) são encontradas na educação recebida por Renata e José em suas famílias. Pode se perceber a incorporação por Renata de valores depreciativos em relação à mulher conforme ela não corresponda às expectativas sociais de virgindade antes do casamento e permanência com o marido após este, como expressas habitualmente por seu pai. Em contrapartida, José foi educado por seu pai para que tivesse relações sexuais com todas as mulheres que tivesse oportunidade enquanto jovem. A fuga de Renata e José foi vivenciada como uma transgressão social, de maneira similar à ocorrência de uma gravidez inesperada em uma filha solteira, ao denunciar abertamente o exercício de sua sexualidade como exposto por TRINDADE & BRUNS (1996). Conforme observado, por FÁVERO & MELLO (1997), os pais comumente procuram enfrentar o problema de uma maneira socialmente aceita independentemente do desejo da adolescente. No caso de Renata, seu pai queria prender José sem levar em conta o desejo da filha de morar junto com o namorado.

Diferentemente das participantes acima, Maria recebeu orientações de sua mãe em relação à prevenção da gravidez e da AIDS e começou a tomar o anticoncepcional durante o namoro por sua orientação. Entretanto, as orientações fornecidas por sua mãe não foram suficientes para que ela se prevenisse da gravidez, ao resolver engravidar ela não conversou sobre sua intenção com seu namorado, nem com sua mãe. Como ressaltado por SHOR *et al.* (1996), TRINDADE & BRUNS (1996) e FÁVERO & MELLO (1997), a educação sexual não se limita ao fornecimento de orientações quanto à utilização de métodos contraceptivos, sendo necessário que pais e filhos reflitam no dia a dia sobre valores de gênero e os afetos relacionados ao exercício da sexualidade. A comunicação entre Maria e sua mãe se mantinha em um nível superficial, sendo que Maria não se abria com esta, no seu dia a dia, sobre seu projeto de maternidade frente a importantes diferenças de expectativas de ambas.

Como analisado anteriormente, ao apresentar os sentidos das adolescentes quanto aos motivos de ocorrência da gravidez, os participantes enfatizaram a influência do relacionamento com o parceiro neste sentido. De maneira geral, os participantes deste grupo relataram a presença de um sentimento de afeição ou amor em relação ao parceiro, que foi crescendo com a convivência. Cláudia contou que ao sair da casa de recuperação gostava muito do namorado e por isto ficou lhe procurando. Após fugirem, com a convivência ela passou a amá-lo. Renata ao fugir, gostava de José, mas amava seu ex-namorado. Com o tempo, morando juntos ela passou a gostar muito dele e sentir tristeza por uma possível separação. Quando conheceu Renata, José se encantou com ela, mas ele amava sua ex-namorada e pensava que poderia esquecer um amor com outro. Maria expôs que engravidou por amor. Ana Maria explicou que inicialmente gostava de Willian, depois o sentimento foi amadurecendo, passando a amá-lo. Willian afirma sentir muito amor pela companheira.

Pode-se perceber entre os participantes uma forte valorização do amor romântico no relacionamento atual e/ou em relacionamentos anteriores. Esta realidade deve ser compreendida como parte de um contexto histórico que progressivamente incorporou o amor romântico ao casamento como analisado por POSTER (1979); BADINTER (1985); ROCHA-COUTINHO (1994). Entretanto, estes resultados podem ser compatíveis a presença de índices de romantismo significativamente mais altos em gestantes e mães adolescentes do que nas demais adolescentes, e uma maior idealização da gestação, maternidade e relações afetivas como verificado por MEDORA *et al.* (1994).

A presença do amor também foi salientada por DESSER (1993) como parte de padrões de normatização/estigmatização da sexualidade feminina exercida fora do casamento, que incluem a inocência frente à relação sexual, a cessão ao outro, a não premeditação da relação sexual, a exigüidade de parceiros e a confissão detalhada da vida sexual e afetiva da adolescente ao parceiro e esporadicamente aos familiares. Analisando o histórico sexual das adolescentes deste grupo pode-se perceber que alguns destes padrões estiveram presentes entre as adolescentes, enquanto outros foram encontrados em apenas algumas. A maior parte das adolescentes referiu a presença de um relacionamento de afeto e amor nas relações sexuais. Diferentemente, a relação sexual para Renata teve o objetivo de perder a virgindade e garantir que permanecesse com José após fugir. Boa parte das participantes iniciou as relações sexuais com o pai da criança. Apenas Cláudia afirmou ter tido relações sexuais com um namorado anterior. Ana Maria referiu ter iniciado as relações sexuais quando namorava Willian escondido de sua mãe, nesta situação o não sancionamento da sexualidade feminina ficou explícito. Entretanto, segundo Willian ela teria dito que teve um parceiro anterior a ele. Talvez em função dos parâmetros acima mencionados, Ana Maria tenha omitido este fato da pesquisadora. A inocência frente à sexualidade foi forte-

mente mencionada por Renata que contou não ter nenhum conhecimento sobre a relação sexual antes de iniciá-la. No caso de Cláudia e Maria a premeditação das relações um período após seu início parece ter ocorrido de forma mais tranqüila. Maria contou que tinham relação todas as vezes que se encontravam. Segundo Cláudia, antes de fugir ela sempre usava algum método contraceptivo durante as relações sexuais. Em pesquisa com gestantes adolescentes, DIAS & GOMES (2000) perceberam, que diferentemente do observado por DESSER (1993), estas haviam planejado e buscado ansiosamente o ato sexual, correspondendo a uma imagem de mulher que toma iniciativas quanto ao exercício de sua sexualidade.

Ao concluir a discussão sobre o grupo acima, é importante destacar mais uma vez o quanto a idealização da maternidade e paternidade ocupou um papel central nas falas destes participantes.

4.4.2. Os Participantes Referiram que não Queriam Engravidar

Dos 15 participantes entrevistados, apenas 5 referiram que queriam ter um filho naquele momento (3 adolescentes e 2 parceiros). Os demais participantes (9 adolescentes e 1 rapaz) negaram que quisessem que a gravidez ocorresse na ocasião, entretanto a maioria deles não se preveniu adequadamente da gravidez. As falas destes participantes foram categorizadas em cinco grupos, descritos a seguir, conforme os seguintes motivos atribuídos para a ocorrência da gravidez: o parceiro desejava que a adolescente engravidasse; a adolescente teve a relação sexual sem se prevenir e sem pensar nas conseqüências; adolescente esqueceu de tomar a pílula; o casal confiou na tabelinha; houve uma falha no uso da camisinha.

Em cada grande categoria também são apresentadas as falas dos participantes sobre seu projeto de vida e seu relacionamento com a família e com o parceiro anteriormente à gravidez. Desta maneira, as relações e contradições presentes nestas falas são discutidas e analisadas para compreender de maneira mais aprofundada a ocorrência da gravidez.

4.4.2.1. A gravidez teria ocorrido em função do desejo de seu parceiro de que engravidasse.

Amanda, 16 anos

Apenas Amanda foi incluída neste grupo. Ela estava no 3º mês de gestação ao ser entrevistada, tendo engravidado com 15 anos. Sua família pertence ao estrato social baixo. Ela mora com sua mãe, dois irmãos, uma cunhada com um filho pequeno, uma amiga com um filho ainda bebê

em casa própria da família em um bairro da periferia de Curitiba. Seu pai está separado de sua mãe, mas contribui mensalmente para a manutenção financeira dos filhos.

Seu companheiro não foi entrevistado, por que após Amanda engravidar, o relacionamento com o rapaz acabou e o casal deixou de se falar. Logo após ela ficar grávida, a ex-namorada dele também disse que estava grávida, apesar de ser mentira. A família de Amanda acabou brigando com o rapaz. Ela não quis mais continuar o relacionamento.

“Só que daí quando foi verdade mesmo, (riso) que era verdade, daí sei lá ele mudou assim. A outra menina apareceu grávida, que ele namorava antes... É, só que era mentira dela, ela queria para separar a gente mesmo. Ela falou que estava grávida para, sei lá, para estragar assim. Daí sei lá, aconteceu um monte de coisas assim, daí a minha família foi lá brigou um monte com ele, daí eu não quis mais. Que eu não ia me sujeitar assim”.

Ao indagada inicialmente sobre o que a levou a engravidar, Amanda falou que o namorado queria que ela engravidasse, mas ela não queria engravidar agora, ela queria engravidar, mas mais para frente. Ela não soube explicar por que aconteceu a gravidez.

“Porque aconteceu, eu não sei explicar porque, sei lá”.

“Não sei (risos). Por que quando a gente tava namorando, o Alberto, ele queria muito assim sabe ter filhos. Até uma certa vez a gente, eu pensei que estava grávida, mas era alarme falso. Aí ele ficou triste, tal assim, então ele queria, e ele sabia que eu não queria, entendeu. Não agora, queria mas não agora. Daí de repente aconteceu, assim daí mudou tudo, assim”.

Na 2ª entrevista, Amanda reafirmou o fato de não saber o que a levou a engravidar. Ela disse rapidamente que achava que a gravidez ocorreu por que queria, depois corrigiu dizendo que não queria e que não planejou a gravidez. Em seguida ela salientou que talvez a gravidez tenha ocorrido por que ele queria muito que ela engravidasse.

“Sei lá. Não sei, porque eu queria, acho que foi... Ai não sei explicar”.

“É por que eu não queria [...] É não foi nada planejado, né”

“Ah, não sei, porque ele queria muito. Talvez fosse por isso”.

A influência do relacionamento com o parceiro na ocorrência da gravidez

Ao indagada, Amanda confirmou que talvez o relacionamento com o parceiro tivesse influenciado para que ela deixasse seus planos de futuro de lado e acabasse engravidando. Ela comentou que não pensava muito nisso assim, mas como ele dizia que queria engravidar, se isto acontecesse seria mais fácil para ela por que sabia que ele estaria do seu lado dando apoio.

“Ah, eu não sei como explicar, mas tipo... por que ele falava que queria, então eu achava que ia ser mais fácil se ele... tipo se eu engravidasse assim...”

“...tipo assim, ele falava que queria, né, tipo eu já não queria. Então se eu engravidasse, não ia ser tão difícil, eu ia ter o apoio dele, ia ter ele do meu lado”.

A influência do relacionamento familiar na ocorrência da gravidez

Amanda avaliou que sua família não influenciou no fato de engravidar, por que sua mãe dizia para ela se prevenir. Apesar das orientações da mãe, Amanda mentia para ela de que se prevenia da gravidez. Ela considerou que inicialmente sua mãe acreditava no que falava, mas depois quando ela pensou que estava grávida na 1ª vez, ela deve ter desconfiado.

“Que eu tava me prevenindo... Eu falava assim (pra minha mãe), mas eu acho que ela sabia né, que eu tava... que eu tava mentindo assim. Eu falava, ah, eu tô me prevenindo”.

“Eu não sei, porque talvez, no começo ela pensasse que eu tava (me prevenindo)... mas depois eu pensei que estava grávida na primeira vez, então ela já...”

Cuidado de crianças

Quando estava com 14 anos, Amanda cuidou de 2 sobrinhas que estavam entre 1 e 2 anos de idade. Ela ajudou a cuidar também da nenezinha de uma amiga, a qual estava na ocasião da entrevista com 4 meses. Quando ela ficou grávida sua amiga estava com mais ou menos 7 meses de gestação e morava na sua casa. Amanda nega que o contato com as sobrinhas e sua amiga grávida tenha influenciado em engravidar.

“Ah cuidei das minhas sobrinhas e da menininha, do nenezinho que mora lá em casa”.

“As minhas sobrinhas eu cuidei, assim, elas já tinham um ano, elas tinham, um ou dois anos, mais ou menos”.

Pode se perceber uma grande dificuldade de Amanda explicar os possíveis motivos da gravidez, por referir que não queria engravidar, mas não estava usando nenhum método contraceptivo na ocasião. Ao ser indagada, ela chegou a dizer que talvez tenha desejado a gravidez, mas em seguida negou. Entretanto, ela salientou várias vezes o fato do namorado querer que ela engravidasse, considerando que se isto acontecesse não seria difícil para ela já que ele estaria a seu lado. As demais falas da adolescente serão apresentadas a seguir possibilitando a compreensão do contexto no qual a gravidez ocorreu.

Histórico familiar

Seus pais casaram após sua mãe engravidar, tendo seu 1º filho em torno de 15 e 16 anos. Quando Amanda estava com mais ou menos dois anos de idade, eles se separaram e o pai de Amanda passou a viver com outra mulher. Apesar disto, por um tempo seus pais mantiveram um relacionamento de casal, terminando definitivamente quando Amanda tinha em torno de 12 anos.

Atualmente seu pai vive com a outra mulher, com a qual tem 3 filhos. Amanda não referiu dificuldades no relacionamento com sua mãe ou com seu pai. Não havendo mudanças no relacionamento com seu pai após a separação.

“Faz muito tempo que eles são separados. Só que tipo, eles se separam, tipo ele tinha outra mulher, mas ele ia lá em casa, ficava com a minha mãe e voltava pra casa dele, com a mulher dele. Daí, até que um dia a minha mãe estourou assim, daí ele nunca mais foi lá em casa [...] Ele vivia com a outra e mentia pra outra que tipo, que ia viajar, que ia trabalhar e ia lá em casa...”

“É, nunca mudou nosso relacionamento assim, nosso jeito de ser um com o outro”.

Fase da vida

Amanda contou que sua vida antes da gravidez era bem diferente de agora, ela era mais alegre, conversava e saía mais.

“...era bem diferente. É como eu falei, eu saía bastante, eu era mais alegre, eu conversava mais”.

Ela considerou que antes da gravidez estava na adolescência, curtindo bastante a vida. Para ela a adolescência é uma fase legal, apesar de algumas fases ruins, pela presença de preocupaçõeszinhas, com namoro por exemplo.

“Ah, eu tava naquela fase, acho que de adolescente mesmo, de quer curtir bastante, querer sair...”

“Ser adolescente é, sei lá, é legal. Tem umas fases ruins assim na adolescência, mas sei lá, eu acho que é uma fase legal [...] Ah, não é uma coisa muito importante, tipo assim, aí aquelas preocupaçõeszinhas bobas de adolescente, aí de namoro, de sei lá”.

Os estudos e os planos educacionais/profissionais

Na ocasião da entrevista, Amanda estava cursando o 2º ano do 2º grau. Ela contou que pensava em estudar e se formar e só depois iria pensar em ter filhos. Ela não sabia bem ainda qual curso iria fazer, mas pensava em administração ou jornalismo.

“aí, eu pensava em terminar meus estudos e me formar, depois quando eu tivesse formada, já daí eu ia pensar... tipo, eu nunca pensei em ter filhos, assim”.

“É, eu queria bastante, mas não sabia bem o que (estudar na faculdade) [...] Tenho dúvida, né, administração ou jornalismo”.

Ela teve um emprego por 3 meses, mas não estava pensando muito em trabalhar no momento que engravidou.

“Pensava (em trabalhar), mas não muito. Pensava mais em estudar [...] Eu não pensava assim, quando que eu queria trabalhar”.

Histórico do relacionamento com o parceiro

Ao engravidar Amanda estava namorando há 3 meses. Ela contou que eles tinham um namoro bastante próximo. Quase todo dia ele dormia em sua casa, as pessoas comentavam que eles estavam amigados. Ela não queria engravidar, mas ele queria e ficou muito feliz quando em um momento anterior pensou que ela estava grávida. Quando se conheceram, ambos estavam namorando outras pessoas. Ele namorava outra garota há 4 anos.

“Eu estava namorando com outro rapaz, e ele com uma outra garota [...] Daí, depois que ele ficou comigo ele terminou com a namorada dele. Aí eu peguei e terminei com o meu namorado daí a gente ficou juntos. E ele todo dia, todo dia ia lá em casa, e quase todo dia ele dormia lá, todo mundo pensava que a gente estava meio amigado, até, por que era todo dia. Daí a gente saía, e tal assim, era bem divertido assim ficar com ele, a gente tinha um namoro bem legal. Só que daí ele queria ter um filho e eu falava que não queria. Daí, aquela certa vez ele ficou todo empolgado, né, pensando que eu estava grávida. Daí ele me chamava de mamãe, um monte de coisa. Daí eu falei que era alarme falso, ele ficou triste”.

Segundo Amanda ela gostava de seu namorado, mas considerou que não o amava. Eles combinavam, ele se enturmou com os amigos dela, saíam e se divertiam.

“...a gente combinava. A gente sempre saía, assim, ele era bem divertido. Ele gostava dos meus amigos. Muitos dos outros namorados assim, também não gostavam muito dos meus amigos. Ele gostava, assim, se enturmava bastante”.

“Ah, não sei. Ah... eu gostava dele [...] amar, acho que não (amava)”

Planos quanto ao relacionamento e a maternidade

Ela referiu que antes de engravidar ela queria continuar namorando, mas não tinha expectativas de casar ou morar junto com o namorado, apesar dele comentar sobre morarem juntos caso ela engravidasse. Ela pensava em casar e ter filhos só depois de formada.

“Sei lá, só continuar namorando só normalmente assim, como a gente tava”.

“É, ele perguntava pra mim o que... o que eu ia fazer se a gente (engravidasse)..., se ele ia lá pra casa ou se eu ia pra casa dele. Eu falava que eu queria que continuasse do jeito que tava. Aí ele falou, mas do jeito que tá, assim, nós dois com filho do jeito que tá? Ah, a gente vai ter que se juntar, ele falava assim. Ou você vai lá pra casa ou eu venho pra cá”.

“Se eu fosse ter, ia ser bem... mais tarde, ia terminar todos os meus estudos, primeiro, me formar ter uma vida boa assim, e depois pensar, pensar em ter filhos”.

“Ah, ter filhos depois de casar, só”.b

A gravidez e o uso de métodos contraceptivos

Amanda expôs que não gostaria de ter engravidado por que os estudos sempre foram prioridade para ela e agora vai ter que parar de estudar. Ela também mencionou que vai ter que pa-

rar de sair e se divertir. Apesar disto, ela referiu até estar gostando de estar grávida. Ela salientou que muitas pessoas falam que a gravidez entre adolescentes é uma irresponsabilidade, mas ela se considera responsável.

“Sinceramente, não (gostaria de ter engravidado), mas eu não... sei lá, eu estou gostando até... Eu preferia que não fosse agora, mas aconteceu né [...] Porque eu nunca pensei em tipo parar de estudar, sempre para mim os estudos eram prioridade assim, e eu sei que vou ter que parar agora na metade do ano, eu não queria”.

“É, e sei lá, acho que pela idade também, por causa que tipo vai interromper muitas coisas. Porque eu gosto bastante de sair, me divertir assim mesmo, não ligo muito para essas coisas assim de ter horário, eu sou responsável, eu me acho responsável, apesar de ter acontecido isto, muita gente fala que é irresponsabilidade, mas eu me acho uma pessoa bastante responsável. E tipo eu vou ter que interromper por alguns tempos assim, parar de sair, deixar de fazer algumas coisas”.

Amanda relatou que conversou com seu namorado que não queria engravidar, mas que não conversaram sobre usar algum método contraceptivo. Ele até brincava sobre como seria se ela engravidasse.

“Não, acho que não (conversamos de usar um método). Daí vinha as brincadeiras, assim né. Ah, que daí, ele falava um monte assim, vai nascer um piázinho e vai ficar brincando assim e daí você vai ter que acordar e, não sei o que lá, e de madrugada...”

Enquanto Amanda estava namorando sua menstruação atrasou 2 vezes, tendo ela e outras pessoas pensado que estava grávida. Em uma das vezes ela e seu namorado conversaram com a mãe de Amanda sobre o que fariam se ela estivesse grávida, mas foi um alarme falso.

“...teve uma vez que eu achei que tava grávida dele, mas era alarme falso. Daí a minha mãe chegou e falou pra ele, ó, ela acha que tá grávida e se ela tiver o que é que vocês vão fazer? Daí, ele falou, não, ela vai morar lá em casa. Daí a minha mãe falou, não, ela vai ficar aqui né, perto de mim, você é que vem pra cá. Daí ele falou, ela é que sabe, então. Se ela quiser ir pra lá, né, eu acho melhor ela ir pra lá, porque lá tem empregada e daí ela vai comer no horário certo e não sei o que... tipo assim, sabe”

Amanda não estava usando nenhum método contraceptivo. Ela tomou pílula e usou camisinha apenas com namorados anteriores. Ao manter relações sexuais com o pai da criança, ela não se preveniu.

“Com os outros (namorados) sim (me prevenia), mas nem sempre. Mas eram poucas vezes que eu não usava (um método contraceptivo)”.

“Quando eu estava tomando o anticoncepcional eu não usava outra coisa (camisinha), mas daí quando eu parei, tipo assim, eu, quando eu ia, eu me prevenia (com camisinha)”.

Ao indagada por que não usaram nenhum método se ela não queria engravidar, ela disse não saber o motivo, negando novamente à vontade de engravidar e dizendo que achava que a gravidez não ia acontecer. Suas colocações de que queria ter filhos só depois de formada são

bastante contraditórias em relação a sua atitude, principalmente por ter achado que estava grávida duas vezes antes de realmente estar e mesmo assim não ter se prevenido.

“Não, eu não tinha (vontade de engravidar), mas eu sabia dos riscos que estava correndo”.

“Eu achava que nunca ia acontecer. Nada haver”.

Análise e discussão do grupo

Algumas contradições emergiram claramente ao longo da análise das falas de Amanda. Ela afirmou que gostaria de engravidar apenas após estar formada e casada por dar prioridade naquele momento aos seus estudos, além de com a gravidez ter que interromper de sair e se divertir. Antes de engravidar, ela pretendia apenas continuar namorando, achava que estava na adolescência, uma fase legal, de curtir a vida.

Congruente a esta colocação verifica-se uma adequação de seu nível de escolaridade a sua idade, ela estava cursando o 2º ano do 2º grau. Mas paralelamente a este contexto, Amanda expôs que tinha ter clareza do risco de gravidez frente à ausência do uso de métodos contraceptivos. Ela havia inclusive achado que poderia ter ficado grávida há alguns meses antes quando sua menstruação estava demorando a descer, tendo conversado sobre isto com o parceiro e com sua mãe. Ela falava que se engravidasse queria continuar namorando do jeito que estava, enquanto o namorado queria morar junto. Além disto, ela contou que sua mãe havia lhe orientado várias vezes para se prevenir da gravidez, o que ela havia feito ao ter relações sexuais com namorados anteriores. Mesmo assim, Amanda não estava se prevenindo e estava omitindo este fato de sua mãe quando ela lhe perguntava. Apesar de sua mãe orientá-la quanto a sexualidade, diferentemente de outros pais que fazem de conta que a sexualidade da filha não existe como observado por FÁVERO & MELLO (1997), a comunicação entre ela e sua mãe não se estabeleceu como analisado por DIAS & GOMES (2000) entre gestantes adolescentes.

Diante desta realidade, ela teve dificuldade de expressar para a pesquisadora os motivos pelos quais não se preveniu, dizendo que achava que a gravidez nunca ia acontecer. Em seguida, ela reforçou várias vezes o fato de seu namorado querer que ela engravidasse, comentando de maneira rápida em um momento que ela talvez também quisesse engravidar, mas negando logo em seguida. O desejo de seu namorado de que engravidasse surgiu no contexto de um relacionamento bastante próximo, em que o casal saía e se divertia e tinha liberdade na família para dormir junto e ter relações sexuais, encontrando-se quase que diariamente e parecendo, inclusive, para algumas pessoas que estavam morando juntos.

Este quadro percebido nos relatos de Amanda, sugeriu que de alguma maneira ela também pode ter desejado a gravidez. Duas possibilidades podem ser levantadas. A primeira possi-

bilidade remete à apresentação e análise dos participantes do grupo anterior, no qual constatamos a ocorrência da gravidez frente a um desejo explícito de ter um filho. Neste grupo a fala de Maria dá origem a uma importante reflexão. Somente na 2ª entrevista ela assumiu para a pesquisadora que estava tentando engravidar, tendo inicialmente omitido esta informação. Situação semelhante pode ter ocorrido com Amanda, a qual não teria exposto ao final seu desejo de engravidar como Maria.

Diante do reconhecimento de uma possível avaliação social negativa sobre a ocorrência da gravidez, as adolescentes podem encobrir seu desejo de engravidar evitando julgamentos e críticas dos adultos e/ou repreensões principalmente por parte da família. A gravidez na adolescência tem sido considerada uma transgressão social como destacaram GARCIA (1985) e FÁVERO & MELLO (1997).

Como segunda hipótese, Amanda pode ter desejado a gravidez de maneira não consciente no contexto de uma relação bastante próxima com o companheiro, deixando de lado seus planos e concretizando um projeto reprodutivo apontado por seu namorado de maneira congruente às conclusões de PAULA (1992) e VILLA (2001). Este último autor, expôs que entre estratos baixos, freqüentemente a gravidez, apesar de não ser planejada conscientemente, consolida a relação, sendo uma prova de amor da mulher em resposta à demanda explícita ou implícita do homem, expressa por seu enamoramento, o qual legitima o projeto reprodutivo do casal. A ação de não se prevenir, cedendo ao desejo do companheiro pode ter sido reforçada pelo fato deste ter iniciado o namoro com ela, ao romper um namoro anterior que teve duração de 4 anos. Apesar de Amanda não relatar que desejasse casar com o companheiro neste momento, a gravidez poderia ser uma maneira de assegurar a continuidade do relacionamento frente a uma insegurança quanto a esta. SARTI (1994) destacou que frente à insegurança da continuidade do relacionamento a gravidez seria percebida como uma forma de assegurar o casamento.

Como analisado acima, não é possível descartar a presença de um desejo consciente ou não consciente de engravidar. Como afirmou PAULA (1992), a gravidez na adolescência, diferentemente da visão geral do mundo adulto, é freqüentemente desejada no contexto de união formal/informal, sendo uma maneira não consciente da adolescente se tornar adulta precocemente.

Também se pode salientar uma certa idealização do relacionamento afetivo e da maternidade expressa em sua colocação de que achava que por seu namorado querer que ela engravidasse, se isto acontecesse isto seria mais fácil por que ele estaria ao seu lado. HOLDEN *et al.* (1993) encontrou entre adolescentes gestantes expectativas de que os cuidados e educação de crianças fossem mais fáceis em relação às expectativas de adolescentes não gestantes. MEDORA *et al.* (1994) encontrou um alto índice de romantismo entre adolescentes gestantes em relação às

não gestantes, expresso como uma maior idealização do relacionamento e da maternidade. A importância do amor romântico na sociedade moderna foi analisada por POSTER (1979) e ROCHA-COUTINHO (1994).

Pouco tempo antes de engravidar, Amanda conviveu com uma amiga gestante e com o filho pequeno de sua cunhada, além de em torno dos 14 anos ter cuidado de seus sobrinhos que estavam com 1 ou 2 anos de idade. Ela não relacionou estes fatos a ocorrência da gravidez. Entretanto, PAIVA *et al.* (1998) observou que 56% das gestantes adolescentes por ela entrevistadas haviam cuidado de irmãos menores, tendo esta experiência servido de aprendizado para a maternidade.

A mãe de Amanda teve seu 1º filho com 15 ou 16 anos antes de se casar. A gravidez na adolescência também vivida pela mãe da adolescente foi destacada por CORRÊA & COATES (1991), HOLDEN, *et al.* (1993) e PAIVA, *et al.* (1998).

Contrariamente aos planos de pensar em ter um filho apenas depois de formada, Amanda acabou engravidando repetindo a história de sua mãe. Diante do ocorrido, ela comentou que terá de interromper temporariamente seus estudos para cuidar do bebê, desta forma ela se aproximou do papel tradicional de mulher enquanto mãe e esposa, como ressaltado por GRISCI (1995), TRINDADE & BRUNS (1998) e SIQUEIRA (2001) em gestantes adolescentes e se distanciou de seu projeto de autonomia e ascensão profissional a partir dos estudos.

4.4.2.2. A gravidez ocorreu ao ter a relação sexual sem se prevenir e sem pensar nas conseqüências

Três adolescentes estão incluídas neste grupo (Elaine, 12 anos; Flávia, 17 anos e Cristina, 18 anos), todas elas estavam ficando com o rapaz ao engravidar e não utilizaram nenhum método contraceptivo. Apenas Elaine pertencia ao estrato social baixo, as demais pertenciam ao estrato social médio.

Ao indagado sobre o que as levou a engravidar, elas enfatizaram o fato de não terem pensado sobre o risco e as conseqüências da gravidez antes da relação sexual, pensando apenas depois. Flávia e Cristina referiram que a gravidez ocorreu por um impulso. Flávia pensou que a gravidez seria impossível já que não havia engravidado até agora.

Cristina e Elaine salientaram que de maneira geral não costumam pensar muito sobre o que fazem. Cristina contou que não pensava que aconteceria com ela, mas somente com outras pessoas. Ambas enfatizaram que o fato de ter bebido colaborou para não ter pensado em se cuidar antes de ter a relação sexual.

Flávia, 17 anos

Inicialmente Flávia respondeu que a gravidez ocorreu por um impulso, uma coisa de férias de verão, de ter relação sexual sem ver muito as conseqüências.

“Impulso, ...aquela coisa assim de férias de verão, assim, ele pá, eu pá também... pá, pá, assim, não sei dizer assim, o que me levou foi a relação, né, (riso) ao engravidar, óbvio, mas, acho que foi o impulso, aquela coisa assim de vamos, né, depois a gente vê o que é que dá”.

“Ter a relação sem ver muito (as conseqüências)...”

Segundo Flávia, ela pensou que seria impossível engravidar, se não havia engravidado até aquele momento. Depois da relação sexual, ela falou com o parceiro brincando sobre como seria se tivesse engravidado, achando que realmente não ia acontecer. Ela considerou que pensou sobre o risco de engravidar mais depois do que antes da relação sexual.

“Pensei (nas conseqüências). Só que eu falei, ah (riso).... é impossível [...] Porque foi assim... pensei, pensei assim, puts, vai que eu engravidado, ah, daí, pensei ah, não, não engravidei até agora, não vou engravidar nunca, eu pensava assim”.

“(Na hora) eu falei... vai fundo... eu falei... vai fundo... azar”.

“...depois (da relação sexual), eu falei, Eduardo, vai que eu engravidado. Ainda eu falei brincando, eu aborto, eu falei brincando, que eu achava que eu não ia mesmo”.

“É, (pensei) mais depois do que antes, claro. Como acontece normalmente”.

Flávia pensava que poderia ser infértil por não ter engravidado de seu parceiro anterior com quem teve relações seis meses sem se prevenir, confirmando ao indagada que de alguma maneira poderia desejar ficar grávida para confirmar a sua fertilidade. Entretanto, ela negou que esta idéia tenha passado em sua cabeça antes de engravidar. Frente ao comentário da pesquisadora de que a gravidez provou que ela era fértil, ela respondeu:

“Provou! (risos) Graças a Deus eu engravidei”.

“Em todos os sentidos (fiquei aliviada)”.

Cristina, 18 anos

Inicialmente Cristina respondeu que a gravidez ocorreu por um impulso, ela não esperava ficar grávida tão cedo, não pensava que aconteceria com ela, só com outras pessoas.

“Não sei....Foi um impulso.”

“Ah... Não pensei que fosse engravidar assim tão cedo. Acontece de uma hora para outra, levei um susto. Mas não esperava”.

“Ah, que eu assim nunca pensei, pensei que fosse acontecer só com as outras, com as minhas amigas, com parentes, mas nunca ia acontecer comigo, daí aconteceu”.

Na 2ª entrevista, Cristina reforçou a importância de não ter pensado sobre a possibilidade da gravidez, como motivo para sua ocorrência. Ela enfatizou que não costuma pensar muito, que sempre pensa muito rápido.

“Não sou de ficar pensando, pensando muito assim”.

“Não sei. É que eu sempre penso tudo rápido”.

Elaine, 12 anos

Nas duas entrevistas, Elaine enfatizou que tinha bebido, queria ficar com o rapaz e a relação sexual aconteceu sem esperar. Desta maneira, ela só pensou depois do ocorrido. Se tivesse pensado um pouco mais, poderia ter usado um método contraceptivo ou não ter tido relação. Ela achou que a bebida colaborou para não pensar em se cuidar.

“Bom... Foi, sei lá... É que no dia eu tinha tomado um pouco, né. No dia em que eu engravidei, eu estava meio assim, e tinha um cara que eu queria muito ficar com ele, nossa sabe... E tipo ele, a gente já tinha marcado de se encontrar. Aí foi quando a gente se encontrou, e também já estava um pouco bêbada... Daí aconteceu, daí depois que eu parei para pensar, nossa, podia ter engravidado, eu não pensei antes, pensei depois, nossa podia ter engravidado, né, será que eu não engravidei? Nossa ... (pensei) muito”.

“Então foi o que eu falei né, eu gostava dele, daí eu fiquei com ele, já tinha ficado algumas vezes, até que um dia eu bebi e até, eu peguei e fui né, e quando eu vi já tava acontecendo, depois que eu fui pensar, mas eu nem pensei que naquele dia ia acontecer nem nada”

“ (Faltou) ter pensado um pouquinho mais, (se tivesse) pensado até eu podia não ter ido ou ter usado (um) método”.

“...o fato de não ter me cuidado foi mais a bebida que colaborou, que eu não pensei em me cuidar porque eu já tava bêbada, já naquele dia”.

Ela salientou que não costuma pensar antes de fazer alguma coisa e na hora não deu muita importância para o risco de engravidar, pensou mais em ficar com ele do que em si própria. Elaine afirmou que se fosse uma pessoa que pensasse mais antes de fazer as coisas, poderia ter prevenido a gravidez.

“Na verdade tudo o que eu faço eu nunca penso, eu penso só depois que eu já fiz. Ah, eu nem dei importância de verdade, né, assim eu nem fiquei muito preocupada... Exatamente, pensei mais nele do que em mim”.

“É, tipo assim, eu vou lá e faço alguma coisa lá e depois eu paro pra pensar um pouco e nem é tanto pensamento assim, não olha credo, se for tipo sair, a minha mãe não deixa eu sair, se eu for pra sair, eu não penso que a minha mãe não deixou, eu saio, aí depois que eu chego em casa eu penso, aí eu não devia ter saído minha mãe falou que não, mas azar agora eu já saí e pronto”.

“Ah, acho que isso influenciou, porque tipo assim se eu não fosse, assim, fosse que nem aquela pessoa que até pra chupar uma bala pensa, será que vou chupar essa bala, pode me dar dor de barriga, eu não, eu cato a bala ali e não quero nem saber se deu dor de barriga deu, se eu não fosse assim, pensasse um pouquinho mais, isso não teria acontecido [...] Tanto é que agora, né eu tô de barriga de não pensar nas conseqüências”.

A influência do relacionamento com o parceiro quanto a ocorrência da gravidez

As adolescentes deste grupo citaram que de alguma maneira o amor, o gostar ou a paixão colaboraram para que engravidassem. Elaine explicou que somente teve relação sexual com o parceiro por que gostou muito dele. Flávia referiu ter transado por amor, sendo que foi a atração física e a vontade de ter relação que a levaram a engravidar. Ela analisou também que se sentia segura e protegida com o parceiro, sentindo-se mais tranqüila e não se preocupando tanto em se prevenir da gravidez. Para Cristina, o fato de ter se apaixonado e se iludido pensando que iriam ficar juntos, namorar e casar pode ter facilitado a ocorrência da gravidez.

Flávia, 17 anos

Flávia atribuiu a ocorrência da gravidez à atração física, à vontade de ter relação sexual e ao amor.

“O que me levou a engravidar, foi atração física, né, muita força de vontade [...] Ai, eu vou ter que explicar, assim. Ó força de vontade, pelo seguinte eu queria, ele queria e nós queria e pronto foi, entendeu?”

“Só que eu penso, eu acho, ... que eu transei por amor. Acabei engravidando por amor também”.

Ela referiu não ter usado nenhum método contraceptivo por afobação, para não interromper o clima na hora da relação. O fato de ser muito afoita, ir com muita sede ao pote e não ter muita paciência influenciou para não se prevenir e engravidar. Ela disse que se colocasse a camisinha iria perder o “tesão” e a vontade de ter relação sexual.

“Essa coisa de ser, muito afoita, assim sabe ... com muita sede ao pote que dizem, sabe aquela coisa muito... ansiedade, ansiosa. Eu acho que eu sou muito assim, eu acho que influenciou de não ter paciência, imagine até ele por a camisinha eu ia perder... o tesão”.

“Eu ia perder o tesão, entende, por a camisinha eu já perdi todo o tesão, entende. Quer que eu fale palavrão? Até ele por a camisinha já ia perder a vontade de fazer, daí não ia ter... Imagine que absurdo. Eu tava lá no pique... ah, não! que eu vou pedir (a camisinha) ”.

Ela avaliou que a paixão e a vontade de ficar junto com o parceiro influenciaram na gravidez por ele lhe passar segurança e proteção. Ao indagada, confirmou que se sentia mais tranqüila, não se preocupando tanto em se prevenir da gravidez. Entretanto ela negou ter vontade de engravidar.

“Eu sentia...eu sentia muito segura, muito segura, protegida do lado dele. Eu gostava muito de ficar junto dele”.

“Vontade de engravidar realmente, não (tinha)”.

Elaine, 12 anos

Elaine considerou que o fato de gostar do parceiro influenciou para que tivesse relação sexual com ele e acabar engravidando.

“...eu gostava dele porque se não gostasse dele, se não tivesse tido aquela... eu não teria ido com ele pra cama na realidade, daí eu só fui porque gostava muito dele e daí foi isso, influenciou (na gravidez)”.

A influência do relacionamento familiar na ocorrência da gravidez

As três adolescentes negaram alguma influência do relacionamento familiar na ocorrência da gravidez.

Elaine, 12 anos

Elaine analisou que sua mãe não influenciou no fato de ter engravidado, inclusive por que ela lhe dava conselhos para se cuidar. Entretanto, posteriormente ela avaliou que após sua mãe passar a lhe bater com cinta, ela foi deixando de ter medo dela e de obedecê-la, pensando que se quisesse bater que batesse.

“Olha, eu acho que não porque minha mãe sempre me dava conselhos, né, [...] por ela eu não teria engravidado, daí eu acho que isso não influenciou em nada”.

“Tipo assim, minha mãe fez, de alguma forma, que eu não ficasse com medo mais dela, não sentir medo, daí ela ia lá, e se antes ela falasse não faça isso que eu vou te bater e eu quisesse muito fazer, eu tinha medo dela, não ia fazer isso se não minha mãe vai me bater, daí agora não, se minha mãe falar, se me bateu, me bateu”.

“Daí minha vó nunca tinha me batido (de cinta), nossa daí minha mãe já começou a me bater, eu comecei a não ter medo, minha vó não me batia e eu tinha medo da minha vó, entendeu, minha mãe foi me batendo e eu fui perdendo o medo dela”.

A experiência anterior de cuidado de crianças

Apenas uma das adolescentes deste grupo contou que cuidou dos irmãos mais novos, não relacionando este fato à ocorrência da gravidez.

Cristina, 18 anos

Cristina contou que quando mais nova ajudou sua mãe a cuidar de dois irmãos mais novos, principalmente do último que é mais novo que ela 6 anos. Ao indagada, ela negou que cuidar dos irmãos possa ter despertado alguma vontade de ter filhos.

“Ficava cuidando. Ensinava o nenê a andar, colocar fralda, dar papinha, bastante coisa, dar banho”.

Antes de ela engravidar, seus pais iam adotar uma criança, mas não deu certo.

“O meu pai o sonho dele é ter muito filho. Por ele teria uns 12, 13. E eles iam adota um e não deu certo. Criança em casa pra ele é sempre uma alegria”.

Segundo Cristina, apesar de seu pai gostar muito de criança, ele nunca manifestou algum desejo de que ela engravidasse. Ela também nunca pensou se o sonho de seu pai de ter tantos filhos poderia ter influenciado no fato dela engravidar.

Para ampliar a compreensão sobre a ocorrência da gravidez entre as adolescentes deste grupo, suas falas sobre o momento de vida anterior a gravidez, o relacionamento com a família e com o parceiro e seus projetos de vida serão apresentadas a seguir.

Flávia, 17 anos

Na ocasião da entrevista, Flávia estava no 5º mês de gestação. Ela morava com sua mãe e seu irmão em um apartamento alugado em região pertencente à Matriz. Seu parceiro não foi entrevistado por que ele não mora em Curitiba, além disto após ela lhe contar pessoalmente sobre a gravidez, eles não se falaram mais. Ela justificou a falta de contato pelo fato dele estar sem telefone em casa.

Histórico do relacionamento familiar

Os pais de Flávia são separados, ao que ela refere como “graças a Deus”. A separação ocorreu há 6 anos por seu pai trair sua mãe. Ambos possuem nível superior e trabalham na profissão.

“Graças a Deus (são separados). Minha mãe sempre foi super fiel, meu pai que era galinha, coitada da nova namorada dele”.

“Meu pai traiu a minha mãe. Minha mãe não agüentou mais...”

Flávia referiu ter dificuldades com seu pai desde que sua mãe ficou grávida dela. Sua mãe tomava pílula anticoncepcional, seus pais estavam morando juntos e casaram durante sua gravidez. Por volta de 13 a 14 anos, Flávia soube por sua mãe e outras pessoas, que seu pai batia na sua mãe durante a sua gravidez. Ela nunca conversou com seu pai sobre isto, e diz que ele é um grosso, estúpido e ignorante.

“Sempre foi assim...É uma coisa que vem desde o útero. Minha mãe me contou pra mim que meu (pai) batia em mim quando tava grávida, é batia na minha mãe quando tava grávida de mim. É meu pai é grosso, é estúpido. É grosso, ignorante. Batia na minha mãe, então”.

“(Batia) muito. Pelo que ela...não é só ela que me falou, teve gente que viu”.

Ao comentar que morou com seu pai, Flávia fez sinal de vomitar e depois deu risada. Indagada sobre seus sentimentos, ela referiu odiar seu pai.

“Não (gosto mesmo dele) , odeio (ele)”.

Flávia afirmou que a relação com sua mãe é ótima, elas são muito ligadas e conversam muito.

“Ótima. Eu posso dizer que eu e minha mãe assim, a gente teve uma bom relacionamento já antes dessa vida, em outra encarnação. A gente é muito ligada”.

“(Conversamos) Muito, muito. Nossa sempre, sempre foi assim, sempre”.

Entretanto, no ano anterior a gravidez sua mãe encaminhou Flávia e seu irmão para morar com o pai e os avós em Santa Catarina, em função de ela ter deixado de frequentar as aulas e perdido o ano. Sua mãe trabalhava o dia todo e só soube disto no final do ano, quando Flávia reprovou de ano. Ela justificou as dificuldades com sua mãe nesta época, como sendo sua culpa por sair todas as noites e nunca conversar com sua mãe.

“(Ela) ficou sabendo só no fim do ano, que eu tive que contar (que não estava indo para o colégio) [...] Tanto que, por causa disso, ela me mandou para Santa Catarina para morar com o meu pai”.

“Mas essa época, aí é culpa minha [...] É por que é assim, ela trabalhava muito, quando ela chegava eu saía. Daí que entrava eu, eu podia ficar em casa conversando com a minha mãe, eu saía com as minhas amiga [...] A gente ficava lá fora no condomínio... A gente ficava namorando [...], a gente namorava com os piás tudo amigos, né”.

Flávia contou ter chorado muito e sentido muita falta de sua mãe. Mesmo assim ficou o ano todo na cidade de seu pai para não interromper os estudos. Ela achou que a experiência foi positiva para passar a dar valor a sua mãe. Atualmente elas se entendem bem, uma dá conselho para a outra.

“(Chorava) muito. Nossa! Porque a minha mãe, assim é muito especial”.

“Ai, quando eu fiquei longe da minha mãe, putz, foi a pior coisa que me aconteceu. E a melhor foi o bebê”.

“...foi bom a gente ficar um tempão longe uma da outra que daí a gente dá valor sabe”.

“Passou esse ano, nossa a gente voltou... eu e minha mãe, a gente tem essas discussõezinhas, mas ela mesmo, ela pede conselho pra mim. Desde o ano passado já quando ela ia para SC, a gente conversava, ela pedia conselho pra mim e eu pra ela”.

Inicialmente Flávia não queria falar sobre seu pai e a família dele, por ter mágoa e chorar ao falar sobre este assunto. Na seqüência, ela expôs ser muito chato, por que seu pai e seu avô vivem no século passado. Seu avô não sabia que ela estava grávida e, segundo ela, ao saber ele dirá que a culpa é do rapaz e que ela é uma “piranha” por não ter casado.

“Prefiro não falar dessa (parte da família) [...] Tenho mágoa. Muita mágoa daquele lado”.

“Não (quero falar), senão eu choro (risadinha)”

“É uma coisa muito chata. É por que eu vou falar então. É que eles são muito ignorantes, só querem saber deles, meu vô se ficar sabendo que eu tou grávida, ele vai colocar nossa a culpa no Eduardo, dizer que eu sou uma piranha que não casei, essas coisas entendeu? Eles vivem no século passado”.

Segundo Flávia ela já tentou se entender com seu pai, mas ele não quer, ele sempre acha ruim qualquer namorado que ela arranja.

“Meu pai é um idiota. Eu tenho muita mágoa dele nesse sentido, por que eu já tentei, sabe ficar tudo bem com ele, mas ele não quer, tudo bem. Minha consciência tá tranqüila. Porque ele pensa assim, qualquer namorado que eu arranje, ele acha que vai tá ruim”.

“Sempre (foi assim). Eu namorei com um cara que era super certinho, ele achou que era maconheiro... ele nossa trabalhava, ele estudava, usava roupa... era riquinho assim, sabe. Esses playboyzinho assim e ele teimou que o cara era maconheiro [...] É orgulho, porque é filha dele, não pode”.

Flávia descreveu que ao morar em SC, ela e seu pai brigavam muito e se falavam pouco. Ela e seu irmão tiveram mais contato com os avós.

“(Brigávamos) muito. Ele falava que eu colocava o meu irmão contra ele, sendo que meu irmão tem as coisas contra ele, meu irmão ele que tem a opinião dele”.

“Ele nem parava em casa, quem mais ficou comigo foi minha avó e meu avô. Pra eles eu devo muita coisa. Agora pra ele não. A responsabilidade que eu criei foi tudo graças a eles, não foi o meu pai, o meu pai não faz nada de bom, só fez eu e meu irmão, de bom”.

Flávia expôs que ao voltar para Curitiba, seu pai comentou que ela iria “dar para bandido”. Ela referiu que ele não tem nada de valor e acaba a machucando por não saber a verdade e ficar julgando as pessoas se achando perfeito.

“Ele falou pra minha mãe que eu ia me mudar para Curitiba para dar para os bandidos. Sabe, orra! Eu só tive dois homens na minha vida. Só transei com esse meu namorado e o Eduardo. Foram os dois únicos homens da minha vida, agora meu pai que não entende bosta nenhuma da minha vida”.

“Machuca. Ele não sabe das coisas da verdade. E fica julgando...Não tem nada. Não tem nada. Ele não tem nada de valor, que se dê valor. Ele não reconhece um erro, se acha perfeito, chegou a falar isso”.

Flávia expôs que seu pai teve uma filha, a qual não assumiu. Ela questionou a moral de seu pai em relação a esta sua atitude.

“Tem, tem uma aí que diz que teve antes de mim, mas não assumiu. Vê que moral que ele tem pra falar de mim, né”.

“Só que não quis assumir. Quem que é ele pra falar? O Eduardo pelo menos vai assumir”.

Ela narrou que, quando tinha 6 anos de idade, seu pai rasgou e esfregou uma prova em sua cara por ter tirado nota baixa. Ela contou que ficou com uma espécie de trauma de estudos. Várias vezes seu pai lhe deu bronca. O tratamento com seu irmão era diferente.

“...com seis anos eu era pequenininha, meu pai esfregava a minha prova na minha cara. Porque eu tirava nota baixa no colégio, ele esfregava, por isso até que eu não me acerto muito com estudo. Ficou uma espécie de trauma em mim. Por que era sempre assim. Teve uma vez que eu tirei uma nota vermelha, ele... era para anotar e trazer assinada pelos pais, ele pegou aquela prova e rasgou, eu tive que falar para a minha professora que meu pai rasgou a prova na minha cara, esfregando na minha cara. Então pra mim aquilo era humilhante, sabe. E com o meu irmão, o tratamento já era diferente, entendeu...”

“Se você não ia bem na escola ele vinha dando bronca”.

Flávia também se queixou de seu pai não pagar pensão alimentícia a ela e seu irmão, contribuindo muito pouco financeiramente.

“E meu pai não paga pensão, tá devendo pensão sabe. A gente tem uma vida boa, eu não posso me queixar da minha vida [...] Só que eu não acho certo o meu pai está muito mais melhor do que a gente, muito melhor e a gente aqui as vezes faltando uma coisa ou outra. A gente tem o básico, mas só o básico não é bom”.

Em apenas um momento, depois de desabafar e se queixar bastante em relação a seu pai, ela disse que algumas vezes acha que tem que amá-lo e sente remorso. Mas em seguida, Flávia afirmou que ele não merece consideração e que ela sente mágoa pelo que ele fez. Ela quer que com seu filho seja diferente.

“Minha mãe é a minha única amiga. Ele não... Ele é né, tem que amar ele as vezes”.

“De vez em quando eu sinto remorso, assim, sabe dele. Mas ele não merece a minha consideração. Ele não foi um pai para mim. Um pai, por isso que eu quero o Eduardo perto do meu filho, por que eu quero um pai para o meu filho. Não quero que o meu filho sinta mágoa pelo pai dele como eu sinto pelo meu. Eu não quero”.

A vontade de engravidar do namorado anterior

Quando estava com 15 anos, mais ou menos 1 ano e meio antes de ficar com Eduardo e engravidar, Flávia namorou outro rapaz durante 8 meses. Ela iniciou as relações sexuais com ele, mantendo-as durante 6 meses sem se prevenir da gravidez e da AIDS. Ela contou que queria muito engravidar de seu ex-namorado. Pouco tempo após o início das relações sexuais, ela pas-

sou a ficar com muito medo de ser infértil por não estar engravidando, chegando inclusive a chorar. Somente ela tinha vontade de engravidar, seu ex-namorado já tinha uma filha e morava com outra mulher. Entretanto, ele falou que assumiria a gravidez.

“(Tinha) muita, muita vontade (de engravidar). Não com o Eduardo [...] Era com o meu namorado, que eu gostava muito dele, eu queria engravidar dele”.

“E eu assim tava (tentando engravidar)... e a gente também transou um monte de vezes sem camisinha... todas as vezes durante esses 8 meses, tirando os 2 (meses) que eu segurei, que ele foi a minha 1º vez, esse meu namorado...”

“...eu não engravidava, não engravidava de jeito nenhum. Aí eu achava que não podia ter filho [...] chegava a chorar”.

“Porque a minha tia estava tentando ser mãe [...] Ela estava tentando engravidar. Daí eu já achei que ela também não podia engravidar. Daí a minha tia, daí tem uma tia minha que ela realmente não pode engravidar mesmo, daí eu achei que eu puxei porque minha mãe disse que eu tenho o gênio das duas juntas [...] Daí eu pensei, ah, taí, aí juntou tudo. Eu arranjo sarna para se coçar aonde tiver”.

“Só eu (queria), acho. Porque ele já tinha uma filha também, ele já era meio que casado”.

Flávia não soube dizer de onde vinha a vontade de engravidar. Mas contou que se sentia inútil por não poder engravidar. As pessoas diziam que ser mãe era maravilhoso e ela também queria sentir isto.

“Que eu era inútil, assim. Que eu não servia para nada”.

“Eu queria, eu tava preocupada, porque diziam que a sensação de ser mãe era maravilhosa, e eu queria também sentir, queria ter um filho meu”.

“É por isso assim... e por tudo também... tanto que eu tô feliz agora”.

Fase da vida

Flávia expôs que um ano antes da gravidez ela estava numa fase muito irresponsável, foi criando juízo no último ano, mas ainda era um pouco irresponsável.

“Louca. (riso) Irresponsável... É. Um pouco. Eu acho que um ano antes de engravidar eu era muito mais irresponsável... irresponsável. Aí eu fui tomando juízo neste ano, mas acabei engravidando. Mas antes eu era um pouco irresponsável”.

“Ah, eu digo assim no sentido de que eu saía muito, nem ligava pra estudo, tava me preocupando com outras coisas, ao invés de me preocupar com estudo. Isso um ano atrás, isso ainda em 99, e em 2000 eu estudei bastante, eu me preocupei mais com o estudo, mas mesmo assim eu era ainda um pouco... ainda tinha outras preocupações [...] No sentido de estudo, tipo, de deixar as coisas pra última hora, pra fazer, entendeu. Agora não, agora tô praticamente na marra aprendendo...”

Ela considerou que nesta fase estava na “aborrecência”, uma fase chata, na qual o adolescente é rebelde, acha que é o dono da verdade, que pode tudo e se irrita muito fácil com as pessoas.

“Aborrecência. (risos). Aquela coisa que o adolescente acha ruim tudo que querem pra ele. Aquela fase que falam que o jovem é rebelde”.

“Ah, a gente se irrita muito fácil com as pessoas. Acha que é dono de si, mas sendo que não é verdade. A gente acha que já descobriu tudo, mas não é verdade, a gente acha que sabe tudo, mas não é verdade. E tipo tudo assim a gente cria uma ilusão. Em torno de tudo a gente acha que pode, mas não é. Que pode tudo, que sabe tudo, que ninguém tem que dizer nada. Se dizer já ouve”.

“...ah é muito chato”.

Estudos

Flávia reprovou o 1º ano do 2º grau por gazar aula e depois parar de ir a escola. Ela refe-riu que tinha preguiça de ir para a aula, ficando com o namorado em casa ou indo passear com as amigas. Anteriormente ela havia reprovado a 4ª série, ela justificou que nesta época não estava acompanhando a turma, por ser muito nova e estar adiantada.

“Eu reprovei a quarta série, normal, por causa que eu tava adiantada e reprovei o primeiro ano (do 2º grau), por... nessa fase que eu falei pra você da adolescência em 99, que eu morava na região metropolitana, que eu era muito, muito rebelde”.

“Eu já faltava bastante, gazeava bastante aula no começo, depois de julho eu não fui mais para o colégio [...] (Tinha) preguiça. (Ficava em casa) com o namorado [...] Ficava, saía com ele, com as minhas amigas...”

Quando Flávia foi morar com seu pai, ela foi bem na escola. Ela precisava ir bem para voltar para Curitiba.

“Arrasei menina. Tirei 100 na penúltima. Apavorei [...] É. Porque eu tinha que tirar nota boa pra ir embora de lá, pra provar que eu melhorei. Pra poder voltar para Curitiba”.

Planos educacionais/profissionais

Flávia contou que antes de engravidar tinha planos de ser publicitária, e ainda pretende.

“Ser publicitária. Que eu pretendo ainda. Eu não vou parar não (de estudar)”.

“Por que é a minha paixão. Minha paixão é a publicidade. Por que a minha mãe e o meu pai são publicitários, fui criada no meio publicitário, então eu...”

Antes de engravidar ela pretendia trabalhar, por isto voltou mais cedo da praia. Ela queria ganhar experiência e ter seu dinheiro para poder sair, comprar seu cigarro, não depender de ninguém.

“Inclusive eu vim antes da praia (risos) porque eu tinha emprego aqui, que minha mãe tinha conseguido para mim...Para ser recepcionista. Já é um começo, né para quem nunca trabalhou na vida”.

“Pra ganhar experiência e também pra ter dinheiro. Porque eu tinha meu vício, que era o cigarro, gostava de sair com as minhas amigas então, eu não queria depender de ninguém”.

Histórico do relacionamento com o parceiro

Apesar de ter falado bastante sobre o relacionamento com o pai da criança, inicialmente Flávia disse que não gosta muito de falar sobre ele.

“Ichi! Tá bom, vai fundo! (riso) Eu não gosto muito de falar sobre ele...”

Flávia conheceu Eduardo nas férias de verão e ficaram juntos. Mas as famílias já se conheciam a tempo. Ele é vizinho de seus avós na praia. Ela havia concluído o ano escolar na cidade do seu pai e recém voltado a morar com sua mãe em Curitiba.

“(Conheci ele) em janeiro mesmo. Foi tudo assim, tum”.

“... é que a gente se conhece há muito tempo, a família dele...”

Flávia contou que apesar de se conhecerem, no começo eles não conversavam. Um dia sua avó, seu irmão, a madrasta dele, ela e ele estavam conversando, até que todos saíram e lhes deixaram sozinhos de propósito. Eles começaram a conversar e ela o achou legal. A partir deste dia, ele começou a ir a sua casa até que pediu para ficar com ela.

“A gente nunca tinha conversado, não era muito de dar bola, sabe. Nem eu nem ele”.

“Aí ele sentou assim e a gente começou a conversar, bater um papo legal, daí eu vi que ele era bem legal [...] daí ele foi lá em casa e a gente começou, eu, meu irmão e a minha vó, tomamos caipirinha, aí começamos a jogar cartas... daí ele pediu para ficar comigo...”

Flávia enfatizou o interesse dele por ela e que ela não dava o braço a torcer de que estava apaixonada, até lhe tratando mal. Ela reforçou que não gostaria dele à toa, ele estava o tempo todo atrás dela, demonstrava ciúmes e não estava interessado apenas em transar por transar.

“Ele dava beijo na minha mão [...] Me deu um cordãozinho, falou que era para não esquecer dele [...] Aí ele ficava assim olhando para mim também, sabe, ele ficava compenetrado, assim olhando para mim, parado, eu ficava tirando sarro dele, falava, quer um foto? Para de me olhar assim, eu não gosto! Tratava mal ele um pouco [...] por que eu não queria dar o braço a torcer e a minha vó, ah, tá apaixonada pelo Eduardo, e eu, não, vó, capaz, só tô querendo curtir, não sei o quê, o orgulho ferido (risos)”.

“...eu não ia gostar dele à toa. Ele demonstrava ciúme, toda hora. Eu não demonstrava ciúme, ele demonstrava, ele corria atrás de mim toda hora, ele ia lá, toda hora. Ele que me procurava, e se fosse só transar por transar, falando assim, primeira vez que a gente já tinha transado ele já tinha me mandado pro espaço, mas não, assim, ele nossa...”

Flávia achou que no começo sentia paixão por Eduardo, e que agora grávida não tem como esquecer dele. Mas ela comentou que seu coração é enorme por que também tinha atração por um menino do colégio que estudou, e por seu ex-namorado, com quem terminou o namoro em 2000.

“Bom, eu não sei assim... acho que no começo era paixão, aquela coisa, agora com o filho dele como é que eu vou esquecer o cara? Assim, não sei, antes de eu saber que eu estava grávida eu já gostava dele”.

“...olha só como é que eu sou, eu não sei como é, eu acho que meu coração é enorme, né, porque eu sentia atração por esse menino, que eu falei para você que estava apaixonada entre aspas, e por meu ex-namorado, né...”

Planos quanto ao relacionamento afetivo, casamento e maternidade

Flávia referiu que não esperava nada do relacionamento com o parceiro, era só curtição. Eles falaram brincando sobre casamento, mas ela afirmou que não esperava nada sério sobre isto. Eles haviam combinado de se ver novamente em Curitiba, ele viria visitá-la, mas ela não sabe dizer quais eram suas expectativas neste sentido.

“Nada. Sem futuro mesmo, eu tava esperando assim que fosse só uma curtição”.

“A gente brincou até que ia casar... eu falei assim, Eduardo, vamos casar e ele falou, vamos, claro que vamos. Não sei, eu falei brincando [...] Eu acho que isso foi brincadeira (dele) sim [...] Pelo menos da minha parte não (era sério)”.

“A gente tinha combinado de se encontrar em Curitiba, pra gente sair e tal... Não sei dizer, as minhas expectativas quanto a isso”.

Segundo Flávia pouco antes de engravidar, ela tinha expectativas de estudar, mas também de sair, se divertir muito, sair com bastante caras. Ela fumava e bebia, agora não pode. Sempre que podia ela ia dançar nos finais de semana. Ela comentou que seria bom ter um namorado, até o momento que encontrasse a pessoa certa.

“Bom, estudar, né, esse ano, sair bastante com as minhas amigas [...] até, quando eu cheguei de viagem, que eu já tava grávida, cheguei da praia, eu saí com a minha amiga aí na night, tomei bastante cerveja, fumei bastante cigarro, que eu fumava e bebia, agora já não faço mais isso. Então é uma mudança imensa... Então, antes eu imaginava sair muito, me divertir, ter a minha vida, assim sair com bastante caras”.

“Ia... quase todo fim de semana (em danceteria). Quando a situação deixava [...] Adorava dançar”.

“...claro que é bom ter um namorado. Até encontrar a pessoa certíssima pra mim, né”.

Ela considerou que o normal seria casar e pensar em ter filho só depois de formada.

“Isso, é, normal. É o natural né. Seria, digamos normal”.

“Estudar, me formar, aí que eu ia pensar... (em filho)”.

O uso dos métodos contraceptivos e a gravidez

Flávia contou que antes de saber da gravidez ela não gostaria de engravidar, mas atualmente pode dizer que gostaria, está bem assim, se sente feliz e não dá mais para voltar atrás.

“ se você me fizesse essa pergunta antes de eu saber se eu estava grávida ou não, antes de eu ter certeza, eu diria que não. Mas agora com... ah não tem comparação... eu assim não sei, eu acho que tá, pra mim tá bom. Que acho que agora gostaria... não adianta dizer que não, porque é uma coisa que não volta. E eu tenho que... eu tô super feliz, tou bem, graças a Deus, todo mundo tá me paparicando... Até o pai da criança me paparicou”.

Flávia declarou não ter planejado a gravidez e atribuiu a gravidez ao fato de ter se enganado em relação ao seu dia fértil. Ela referiu ser engraçado por ter tido aula de sexualidade na escola, entretanto acha que não prestou atenção na aula e lembrou da informação errada da amiga. Ela tinha anotações sobre a tabelinha em seu caderno, mas não estava com elas nas férias de verão.

“Não (planejei a gravidez). (risos) Definitivamente não”.

“E foi até engraçado, assim, por que eu tinha tomado cuidado, eu não sabia do meu período fértil, que eu não sabia que era 10 dias depois, e olha que eu estudei sexualidade no ano passado. Pra mim, eu acho até que a maioria, eu acho, é minha opinião, né, que é isso o que acontece com as meninas, a maioria das vezes é essa falta de informação sobre tabelinha. Por que eu... porque para mim, eu não entendia nada disso, para mim era 3 dias antes, 3 dias depois... da menstruação... o período fértil. É por que uma amiga minha tinha dito isso para mim, daí eu fiz as contas, falei ah não é”.

“Acho que eu não prestei a atenção na aula! (riso)”.

Flávia contou que teve 3 relações sexuais com Eduardo. Ela achou que engravidou na 2ª. Seu relato demonstrou pouco cuidado quanto à prevenção da gravidez. Ela disse que na 1ª relação tomou cuidado utilizando o coito interrompido, apesar de saber que não é 100% seguro.

“... eu tomei cuidado... (com o) coito interrompido. Sendo que não é 100% seguro, mas eu já tava crente que daria... Já tava crente que não ia engravidar nisso... É. Bem irresponsável”.

Na 2ª relação, ela referiu não ter se preocupado e não ter se prevenindo nem com o coito interrompido, na hora resolveu não se prevenir. Ela justificou sua atitude por achar que não era o dia fértil e também por achar que não engravidaria. Na hora veio a idéia de que não poderia ter filho, pois se não engravidou em 6 meses com o ex-namorado, não engravidaria em 1 mês

“Bom depois, assim, na 2º vez, bem naquele dia na 2º vez que é bem o período fértil, eu resolvi , ah, azar, (riso) e foi [...] ”.

“Achei que não era (o dia fértil). Ah, não vai ter problema”.

“Veio (a idéia) de que eu não podia ter filho [...] Se seis meses eu não engravidei, por que eu vou engravidar em um? Foi esse o meu pensamento”

Depois de ter a 2ª relação, Flávia e seu parceiro conversaram sobre o risco de engravidar, e ela disse brincando que se acontecesse abortaria. Após esta conversa o casal não se preveniu novamente.

“Só que eu falei , ah, eu aborto, por que eu achava que não ia (engravidar)”.

“Não (nos prevenimos novamente), tanto que a gente transou, tanto que a gente transou sem camisinha de novo”.

Análise do caso de Flávia

No decorrer dos seus relatos, Flávia expressou com clareza uma grande mágoa por seu pai, dizendo o odiar em função de seus comportamentos passados e atuais. Diferentemente ela mencionou um relacionamento bastante próximo com sua mãe. Ela contou que seus pais se separaram em função de seu pai ter tido relações extraconjugais. Além disto, quando sua mãe estava grávida, ela teria sofrido agressões por parte dele, o que a adolescente veio a saber em torno dos seus 13 ou 14 anos. Ela se queixou que durante sua infância, quando não ia bem na escola, ele já vinha dando bronca diferentemente do tratamento dirigido ao seu irmão.

Durante sua adolescência, seu pai, assim como seu avô, freqüentemente expressaram valores tradicionais de gênero atribuindo adjetivos pejorativos a ela por comportamentos não condizentes ao que estes esperavam. Flávia supôs que ao saber da gravidez, seu avô diria que ela seria uma “piranha” por não ser casada. Por outro lado, segundo sua mãe, seu pai teria comentado que ela voltaria para Curitiba para “dar para bandido”. Além disto, seu pai mantinha uma atitude repressora, criticando todos os rapazes que a filha namorava. Durante a entrevista, ela questionou a autoridade e modelo de comportamento fornecido por seu pai, o qual não pagava a pensão alimentícia para ela e seu irmão e não havia assumido a paternidade de um filho.

Flávia considerou que por volta de seus 15 anos ela era muito irresponsável, não ligando para os estudos. Neste ano, ela gazeou várias aulas e depois parou de ir a escola, sem contar para sua mãe, para ficar em casa com o namorado ou ir passear. Ela atribuiu tais vivências como sendo inerentes a aborrecência, uma fase na qual o jovem é rebelde, acha que é o dono da verdade e se irrita facilmente com o que as pessoas dizem. Este comentário demonstra que ela não interpretou seu comportamento como parte de seu contexto de vida, apesar das críticas realizadas a seu pai, por adotar uma posição de dono da verdade, discriminar e desrespeitar as mulheres, manter uma dupla moral quanto à sexualidade e não cumprir seu papel de pai.

Ela relatou também que neste período, ela manteve relações sexuais por 6 meses com seu namorado da época sem se prevenir, por que queria engravidar, apesar dele morar com outra mulher. Como não estava engravidando, ela começou a achar que era infértil chorando algumas vezes por isto. Frente a esta possibilidade, ela se sentia inútil. Ela explicou que queria engravidar por que as pessoas falavam que era maravilhoso ser mãe.

A gravidez ocorreu nas férias de verão logo após Flávia voltar a morar com sua mãe. Naquele ano, ela havia sofrido muito por ficar longe de sua mãe e brigar muito com seu pai. Apesar de se considerar ainda um pouco irresponsável, por ter ainda outras preocupações além do estudo, ela referiu ter durante este ano passado a tomar juízo, tendo melhorado nos estudos. Ela pretendia, inclusive, começar a trabalhar para não depender de ninguém e poder fazer o que gostava.

Ela narrou que ficou com o rapaz e estava apaixonada por ele, mas não expressou seus sentimentos, tratando-o inclusive de maneira oposta a estes. O casal pretendia se ver outras vezes após as férias, mas ela expôs para a pesquisadora que sua expectativa era de apenas curtir o momento, apesar de ter brincado com ele sobre a possibilidade de casarem. Em seu relato, ela revelou demonstrar um grande interesse pelo rapaz e uma forte idealização da relação, a qual foi expressa na paixão, na forte atração sexual e no relato de se sentir protegida e segura ao se lado, não se preocupando tanto em se prevenir. Entretanto, a expressão de seus sentimentos, de maneira contraditória para ele e a preocupação de afirmar a presença de sentimentos dele para com ela, e não apenas a existência de um interesse sexual, parecem encobrir sua necessidade de afeto e a insegurança correspondentes ao exercício de sua identidade de mulher, desenvolvida frente a modelos masculinos e femininos vivenciados na relação com seus pais e fornecidos especialmente por seu pai.

Flávia deu várias explicações a ocorrência da gravidez e ao fato de não ter se prevenido da gravidez. Ela teria ocorrido por impulso, não tendo pensado nas conseqüências. Na primeira relação sexual, eles utilizaram o coito interrompido, apesar dela saber que não era 100% seguro. Ela referiu ter achado que não era seu dia fértil, mas havia feito os cálculos erroneamente apesar de ter aprendido recentemente sobre a tabelinha na escola. Ao mesmo tempo, ela disse que achava que não engravidaria se não tinha engravidado do ex-namorando, pensando que poderia ser infértil. Ela também contou que antes de ter a 3ª relação sexual, o casal conversou sobre a possibilidade de engravidar e ela brincou que abortaria, ao que o parceiro estranhou sua colocação. Mesmo assim, eles não se preveniram na última relação. Diante de tais situações, pode-se levantar a hipótese de que além de Flávia não ter assimilado corretamente os conhecimentos oferecidos na escola sobre a tabelinha, ela pode ter desejado engravidar de maneira não consciente.

Flávia mencionou que pretendia fazer faculdade de publicidade e só depois casar e pensar em ter filhos. Entretanto, a maternidade, de maneira idealizada e supervalorizada, parece ter ocupado um papel central na sua identidade enquanto mulher, contrapondo-se a sentimentos de inutilidade frente à possibilidade de infertilidade e ao sofrimento de morar com seu pai e ficar longe de sua mãe, o que ela considerou ser a pior coisa que lhe aconteceu na vida. Além disto, Flávia

expôs claramente a expectativa de que seu filho tenha uma vivência em relação a seu pai diferente da sua, re-significando a vivência da paternidade e a identidade masculina.

Cristina, 18 anos

Cristina estava no 7º mês de gestação ao ser realizada a entrevista. Quando engravidou estava morando com sua avó no interior. Ao terminar o ano, ela voltou para a casa de seus pais em Curitiba e pouco tempo depois descobriu que estava grávida. Na ocasião da entrevista, ela estava morando com seus pais e seus irmãos em uma casa na região da Matriz. Ela é a única filha. Seus pais têm nível superior e trabalham como autônomos. O parceiro de Cristina não mora em Curitiba e ela não lhe contou que estava grávida, em função disto ele não foi convidado para participar da pesquisa.

No final da 1ª entrevista com Cristina, sua mãe bateu na porta e disse a pesquisadora, expressando desagrado, que não agüentava mais esperar e estava deixando dinheiro para a filha voltar para casa sozinha, não querendo nem conversar com ela. Entretanto, tendo escutado Cristina ficou nervosa e preferiu ir embora por receio que sua mãe ficasse brava. Na 2ª entrevista, ela respondeu as perguntas de maneira mais sucinta, não demonstrando motivação em participar. Pode-se perceber em seu relato a presença de uma certa culpa em relação a seu comportamento na adolescência e a gravidez atual, por considerar ter sido uma decepção para sua família. Além disto, sua mãe não estaria aceitando bem a sua gravidez.

“É a primeira coisa é susto. O que todo mundo vai fala, eu falava assim, sempre fui a decepção da família, e agora mais uma decepção. A minha mãe, eu acho assim, ela não aceita muito as coisas, ela tá aceitando por aceitar”.

Histórico do relacionamento familiar

Cristina afirmou que seus pais são legais, são liberais, mas também colocam limites, sempre conversam quando tem um problema.

“Ah, eles são... são legais, são liberais, mas a gente tem limite, e daí eles cobram os limites. É... eles conversam, quando tem algum problema conversam, nunca deixam para trás quando tem alguma coisa assim”.

Ela explicou que foi a mais revoltada dos filhos, fugiu de casa várias vezes e discutia com sua mãe, fazendo coisas ao contrário para deixar ela brava e nervosa. Ela achou que entre os 14 e 15 anos estava na fase da “aborrecência”.

“...e eu sempre fui a mais, digamos assim, revoltada de todos os filhos, eu fugi de casa umas 6, 7 vezes, que eu discutia muito com a minha mãe, acho que é a fase da aborrecência, dos 14 aos 15 anos, eu não me entendia com a minha mãe e nem falava com ela direito, daí sempre quis fazer as coisas ao contrário só pra deixar ela brava, nervosa.”

Posteriormente ela justificou os desentendimentos em função do jeito de sua mãe mandar, o qual ela não gostava, por achar que sempre via defeito em tudo.

“Ah. O jeito dela mandar. Daí eu não gostava. Daí a gente brigava”.

“É, não sei se ela que tava achando defeito em tudo ou se era eu que... que achava que ela achava defeito em tudo”.

Seu pai não interferia, por não saber para quem dar apoio, porque se desse apoio a uma, a outra poderia ficar brava.

“Ele não sabia para quem dar apoio se ele desse apoio para mim, minha mãe ia ficar brava, mas se ele desse apoio mais a minha mãe quem ia ficar brava ia ser eu. Daí ele não interferia muito”.

Cristina contou que conforme sua mãe orientava, ela tentava fazer boas amizades, mas não conseguia e acabava fazendo amizade com as alunas mais bagunceiras do colégio, as que não estudavam, e não tinha como deixar de ser amiga delas. Ela analisou que era muito agitada, por isto procurava pessoas agitadas que gostavam de fazer coisas como ela.

“Eu procurava fazer as melhores amizades, mas nunca conseguia, as minhas amizades sempre foram as piores, as baderneiras do colégio, as bagunceiras, as que não estudavam, eram sempre as minhas amigas, mas eu achava que eu não devia me desfazer delas, só por que elas eram daquele jeito, acho que pra ser amigo tem que entender o lado da amiga. Daí, comecei fazer amizade, e a minha mãe não gosto, ela falou procura amizade igual do teu irmão mais velho, procura fazer amizade boa, só, eu procurava, mas nunca conseguia. Daí eu não podia, não olha pros outros amigos como se fossem passado, tinha que olha como se fossem amigos, não conseguia”.

“Eu não sei. Eu acho que eu sou agitada demais para ficar com pessoa que não gosta de tá andando, não gosta de tá fazendo coisa, eu procurava as amizades agitadas”.

Quando sua mãe tentava lhe separar das amigas, Cristina dizia que iria ficar mais amiga delas. Atualmente ela percebe que sua mãe queria lhe proteger, por que estas amigas passaram a usar drogas. Sua mãe também não queria que Cristina tivesse amizade com uma delas, que apesar de não usar drogas, a acolheu em sua casa quando fugiu.

“...daí a minha mãe sempre tentou separa, e aí eu falava assim, só por que ela que separa, aí é que eu vou ficar mais amiga”.

“...eu acho que ela sempre procurava me protege, que hoje eu vejo, que as amizades que eu tinha não presta, por que todas as meninas, que eu achava ser amigas, assim eu nunca me droguei, e hoje todas elas são drogadas...”

“...mas uma única (amiga) assim que nunca usou drogas, por que a minha mãe ficou braba com ela, por que quando eu fugi de casa, eu me escondi lá na casa dela, a mãe dela deixou, daí a minha mãe chama ela de traidora...”

A mãe de Cristina sabia que ela havia iniciado a sua vida sexual, pois ela morou com um ex-namorado, de quem se separou em torno de 3 a 4 meses antes de engravidar. Na época sua mãe queria que ela se casasse.

“...eu ia casar, minha mãe queria que eu casasse, daí eu fui morar na casa do meu namorado, daí não deu certo e eu voltei pra casa da minha mãe”.

Fase da vida

Cristina achou que um pouco antes de engravidar estava no final da adolescência, criando juízo. Queria trabalhar para ter seu dinheiro, ser independente logo, ter sua casa rápido.

“Acho que é final da adolescência”.

“É a fase que cria juízo, já tá mais querendo construir a própria vida, não dependendo do pai e da mãe, eu desde os 14 anos [...] eu pensava assim, eu já vou trabalhar, por que eu já quero ter meu dinheiro, quero ter minhas coisas, eu acho assim que trabalhando, eu não tenho muita noção de trabalho assim, mas eu achava que eu já ia conseguir ter minha casa rápido, tudo que eu quero, eu sei que não é fácil. O fulano fala, vai luta pra conseguir as tuas coisas, aí eu falo, se vai demora não vai valer a pena, eu quero rápido, não quero demora”.

Estudos

Ao ser entrevistada, Cristina estava atrasada nos estudos, ela tinha 18 anos e estava terminando a 8ª série no supletivo. Ela contou que perdeu um ano quando mudou para a casa de sua avó no interior e não transferiu os estudos. Antes disso, ela havia reprovado a 6ª e a 7ª série por gazea aula. Posteriormente, ela reprovou novamente a 7ª série por fugir de casa algumas vezes e ter parado de freqüentar as aulas. Ela não soube dizer por que gazeava aula, talvez para acompanhar os amigos.

“Eu tava fazendo a 8ª série, aí eu parei fui para o interior, daí eles não conseguiram transferir, aí eu fiquei sem estudar...”

“Na 6ª eu reprovei de bobeira, reprovei por causa das amizades. Eu gazeava muito pra gente ir na casa das amigas, pra gente ir no shopping ou em outro lugar”.

“Na 7ª, eu reprovei de novo, eu gazeava também, daí na 7ª eu comecei a fugir de casa, aí perdi muito tempo da escola, aí que eu saía, uma vez eu fiquei quase um mês fora de casa sem ir pro colégio, daí eu resolvi que eu queria ficar em casa, por que eu não tava afim de ir pra aula, mas daí reprovei.

“Não sei. As amizades. Ia pelos amigos mesmo. Gazeavam e eu também gazeava junto”.

Planos educacionais/profissionais

Desde que percebeu que tinha dom, Cristina pretendia ser atriz. Ela também gostava de tocar instrumentos e cantar.

“Ah eu sempre, meu primeiro sonho era ser médica, daí eu desisti, por que eu fiz um teatrinho no colégio, aí todo mundo começou a falar que eu tinha dom e daí eu também percebi que eu tinha dom, aí comecei procura teatro, procura fazer, aí meu sonho era ser atriz, daí sempre gostava de canta, de ser atriz e cantora, tocava, eu sei tocar todos, qualquer instrumento eu toco de ouvido,

sem precisa de aula, de nada, aí eu achava que ia ser mais atriz, eu tava procurando me achar no meio de televisão”.

Ela contou que quando estava no interior estava fazendo curso de teatro, mas era difícil de pagar e ainda se manter financeiramente. Voltando a Curitiba ela iria trabalhar e sua mãe iria pagar um curso para ela.

“...se eu continuasse em Curitiba eu ia ter que trabalhar, aí a minha mãe ia pagar um curso de teatro pra mim. Daí lá no interior, eu tava fazendo um, eu pagava, daí tava muito difícil por que eu tinha que pagar, eu tinha que comprar coisa pra mim, e paga o teatro e a conta de telefone...”

Cristina contou que pretendia fazer faculdade de artes cênicas e que seus pais lhe apoiavam no que queria.

“Eu ia fazer faculdade de artes cênicas”.

“O que eu pretendia fazer. Eles apoiavam [...] Ah, sempre tavam correndo atrás, para ver o que eu queria. Sempre tavam ajudando”.

Histórico do relacionamento com o parceiro

Cristina relatou que o relacionamento com o parceiro foi muito rápido. Foi uma coisa de momento, eles ficaram juntos e logo tiveram relações sexuais. Em seguida, ocorreu um desencontro no qual ele a esperou e ela não compareceu. Depois disto ela tentou falar com ele por telefone, mas não conseguiu, por que ele não lhe atendeu. Desta maneira o relacionamento acabou.

“Agente se conheceu aonde eu trabalhava na loja”.

“...eu e as meninas a gente saía sempre a noite, daí ele, a gente convidou ele pra ir na danceteria, daí de lá a gente ficou, daí ele ligou de novo, pediu meu telefone, daí falou, a gente nem falou no namoro, a gente foi ficando”.

“Foi assim de momento, agente se conheceu numa semana, e na outra a gente já tinha transado”.

“...depois a gente tinha se combinado de se encontrar num lugar, eu não apareci, eu acho que ele apareceu, daí a gente nunca mais se falou”.

“Ele telefonou na loja e deixou recado pra mim [...] Daí, eu não pude ir, por que fiz um horário de almoço muito grande e tive que ficar até 7:30, 8:00 horas trabalhando [...] Daí eu não fui, daí ele ficou esperando, daí ele não foi lá, ele achou que, sei lá ele achou que eu não queria mais. Não ligou mais”.

“...aí eu tentei entrar em contato com ele, e ele mandava o irmão dele dizer que ele não tava em casa. Daí eu parei de ligar ...”

Para Cristina, o que lhe atraiu para ficar com ele foi sua preocupação com ela, ele estava sempre lhe procurando.

“A não sei, a preocupação dele em me vê e sempre ligando lá na loja, na casa da minha vó, eu morava com a minha vó, vivia ligando para saber se eu tava, a não sei.”

Planos quanto ao relacionamento afetivo, o casamento e a maternidade

Cristina contou que quando ela conhece alguém, ela se apaixona a 1ª vista e se ilude que vai namorar bastante tempo e casar.

“Ah, eu penso assim, eu vejo uma pessoa, paixão a primeira vista, daí eu fico me iludindo, iludindo acho que vai dá tudo certo, acho que a gente vai namora bastante tempo, vai casar e daí nunca dá como eu penso, daí sempre acaba antes”.

Ela expôs que queria casar em torno de 25 anos, após ter suas coisas, sua casa, seu carro. Ao indagada sobre sua colocação anterior de que conhecia a pessoa se apaixonava, e pensava em namorar e casar, ela explicou que pensava que teria um namoro bem longo.

“Ah eu queria casar, eu queria casar, mas já ter a minha casa, antes de casar já ter a minha casa , o meu carro, as minhas coisas”.

“Eu queria casar com 25 anos”.

“Mas eu achava que ia ser um namoro longo assim. A bem, bem longo, assim demorado, pra ver se é isto mesmo que quer mesmo”.

Cristina explicou que gostaria de ter filhos somente depois de casada.

“No futuro sim. Depois que estivesse casada”.

A gravidez e o uso de métodos contraceptivos

Ao indagada sobre como decidiu ter relação com o parceiro, Cristina se referiu à expectativa de ficar bastante tempo junto e estar se iludindo, bem como ao fato de ter bebido um pouco e ter se empolgado.

“Ah, eu achava assim que a gente ia ficar junto bastante tempo, daí fiquei me iludindo, daí eu pensei assim, ah, se eu transa com ele, a gente vai fica bastante tempo junto, daí. Eu fico me iludindo muito”

“Ah, a gente tava lá na casa de uma amiga dele lá, tava o irmão dele, numa festinha lá, daí, a gente tava... bebeu um pouco também, daí eu me empolguei, ele também daí”.

Ela afirmou que eles não usaram nenhum método contraceptivo, nem camisinha, mas ela sabia que podia engravidar. Quanto ao motivo pelo qual não se preveniu, ela disse inicialmente não saber, mas em seguida respondeu ter sido por empolgação e que só pensou que poderia ter engravidado depois das duas relações sexuais.

“Empolgação”.

“Depois passou (pela cabeça que podia ter engravidado)... Depois que a gente transou... Depois das duas vezes”.

Posteriormente Cristina contou que após a 1ª relação sexual o parceiro conversou com ela sobre a possibilidade de engravidar, mesmo assim eles não se preveniram na 2ª relação. Ela respondeu que se ele assumisse ela também assumiria. Apesar de não ter se prevenido, Cristina afirmou que não gostaria de ter engravidado, por ter outros planos.

“...ele falou, uma vez, ele falou imagine depois você fica grávida e eu vou fazer o que?”

“Ah, a primeira hora tudo, ah não tem problema, eu falei se você assumi eu também assumo. Aí quando eu descobri que eu tava grávida, eu pensava assim, se o pai da criança não vai assumir, por que é que eu tenho que assumir? aí depois, não sei veio outro sentimento e aí eu pensei diferente”.

“(Não gostaria de ter engravidado), por que eu tinha outros planos”.

Análise do caso de Cristina

Cristina relatou ter sido a mais revoltada dos filhos. Ela considerou ter passado pela “aborrecência” em torno dos 14 e 15 anos, tendo fugido de casa várias vezes e discutido com sua mãe, fazendo sempre o contrário do que ela dizia. Ela achava que sua mãe colocava defeito em tudo. Cristina contou que fazia amizade com as alunas que não estudavam. Sua mãe queria que ela tivesse outras amigas, mas quanto mais sua mãe falava mais ela continuava a amizade com elas. Atualmente, ela referiu entender sua mãe, por que muitas destas amigas passaram a usar drogas. Cristina reprovou de ano várias vezes por gazar aula e deixar de freqüentar as aulas. Ao ir morar com sua avó no interior, ela interrompeu a 8ª série estando bastante atrasada em relação a sua idade. Na ocasião da gravidez, ela se considerava no final da adolescência, por estar criando juízo, querendo ter um trabalho, seu dinheiro e sua casa rapidamente. Ela estava trabalhando em uma loja e fazendo um curso de teatro, por ter planos de ser atriz. Cristina pretendia fazer faculdade de artes cênicas e recebia apoio de seus pais neste sentido.

Ao conhecer o pai da criança, foi tudo muito rápido, eles ficaram juntos, tiveram duas relações sexuais e logo se separaram após um desencontro. Desde então o casal não teve mais contato, ela não lhe contou que está grávida. Cristina expôs que ao conhecê-lo, ela se apaixonou e ficou se iludindo de que iam namorar bastante tempo e depois casar, como sempre acontece. Ela queria namorar bastante tempo e casar em torno dos 25 anos, após ter sua casa, seu carro, suas coisas.

Cristina referiu ter pensado que se tivessem relações sexuais eles ficariam bastante tempo juntos. Na primeira relação, eles tinham ido a uma festa, ela bebeu um pouco e se empolgou. Inicialmente ela não soube explicar por que não usou um método contraceptivo, atribuindo em seguida a empolgação e dizendo que só pensou que poderia ter engravidado depois de ter as duas

relações sexuais. Entretanto, entre uma e outra relação, o casal havia conversado sobre a possibilidade de gravidez e, neste momento, ela respondeu que se ele assumisse a gravidez, ela também assumiria. Apesar disto o casal não se preveniu.

Levando em conta esta última colocação e seu contexto de vida anterior pode-se levantar a hipótese de que Cristina tivesse desejo engravidar não conscientemente. Ela apresentava um plano profissional claro de ser atriz, mas estava encontrando dificuldades para realizá-lo. Estava sendo difícil pagar o seu curso teatro e demoraria bastante tempo para ela poder entrar na faculdade de artes cênicas. Sentindo-se no final da adolescência, ela relatou a presença de um forte desejo de se tornar independente, ter sua casa, suas coisas, além de ter a expectativa de namorar e casar com o rapaz. Desta maneira, a gravidez pode ter se representado não conscientemente uma maneira imediata de se tornar adulta, a qual seria legitimada pelo fato do parceiro assumir a gravidez e o relacionamento, já que ele sempre estava ligando e lhe procurando. Assim, Cristina poderia romper com seu passado “rebelde” e adquirir um novo status social a partir do papel de mãe.

Elaine, 12 anos

Na ocasião da entrevista, Elaine estava no 3º mês de gestação. Ela estava morando com sua mãe, seu padrasto e 2 irmãos mais novos em uma área de invasão na periferia de Curitiba. Ela engravidou logo após voltar da casa da sua avó paterna aonde morou por alguns meses.

Após a gravidez, Elaine conversou somente uma vez com o parceiro quando contou que estava grávida, posteriormente apenas seus pais conversaram com ele. Em alguns momentos ele disse aos pais dela que assumiria a criança, em outros ele questionou a paternidade dizendo que queria fazer o teste de DNA. Desta forma, sua família não quer mais que ela lhe procure.

O local de moradia

Elaine contou que não gosta do lugar onde mora por que tem muita violência e mortes principalmente por causa de drogas. A polícia entra pouco no local por medo dos bandidos ou por outros motivos. Às vezes ocorrem tiroteios com a polícia ou mesmo entre os bandidos. Sua família está apertada financeiramente por que está construindo uma casa para morarem em outro local.

“Não (gosto) do lugar, que lá tem muita morte. É assim, matam muito, tem muita violência lá, mas tipo gosto das pessoas, tudo mais. Mas do lugar não, tem muito marginal lá. Todo mundo que foge da cadeia o primeiro lugar é lá que vai, né. E a polícia entra lá, tipo assim, mas é meio... porque a polícia fica meio assim, porque é lá que estão os maiores bandidos, daí fica meio... assim com medo de entrar, sei lá se é com medo ou alguma coisa parecida”.

“...a maioria (morre) é por causa de droga. Tipo eu vou lá e me envolvo. Aí de repente eu fico devendo um dinheiro lá porque eu comprei uma droga e não paguei. Aí eles me dão, ó amanhã, você paga o dinheiro senão você morre. Se não dá o dinheiro morre”.

“ Têm tiroteio direto, com os bandidos marginais e com a polícia, ou entre eles mesmo...”

Histórico do relacionamento familiar

Elaine é a única filha dos seus pais. Posteriormente sua mãe teve mais uma filha de outro relacionamento e um filho com o companheiro atual. Seu pai teve 3 filhos com uma outra mulher após Elaine. Ela não o considera como seu pai. Ela encontra algumas vezes seus irmãos por parte de pai quando vai à casa de sua avó paterna, mas não os considera como irmãos, mas como amigos que vê de vez em quando.

“Tipo assim, só (os vejo) quando eu vou para a casa da minha vó no interior, quando eles estão lá. Eu vejo, mas não é aquele contato assim, eu também evito, né, porque... sei lá, para mim eu não considero ele como pai, então...”

“Ah, sei lá, na verdade não (considero como irmãos). Por que sei lá, eu não tenho muito contato, também nem faço questão, né. Não vou dizer que não gosto deles porque para mim eles... são igual amigos que você vê uma vez ou outra”.

Quando sua mãe engravidou de Elaine, seus pais namoravam. Ela estava com 14 anos e ele deixou-a sozinha. Apesar de registrar a filha, nunca mais lhe deu nada.

“Pelo o que ela me fala e tudo, no começo ele falava que nossa que ele amava ela, que foi tudo assim, que era maravilhoso, depois que ele ficou sabendo que ela tava grávida ele já não quis mais nada com ela, aí já terminaram o namoro, já...”

“Ele assumiu que era meu pai, registrou, só que depois também, foi só o que ele fez”.

Elaine contou que quando pequena foi criada meio largada, revezando entre a casa dos familiares, mãe, avós, tia. Elaine foi morar com sua avó paterna quando esta se mudou para o interior. Ela permaneceu com a avó do pré até a 2ª série e contou que foi legal.

“Ficava na casa de uma tia minha ali, ficava com minha mãe, que minha mãe saía muito, era muito andeira, saía demais com as minhas primas e eu ficava sozinha, era meio largada ia de um lugar pra outro, assim”.

“É quando eu era criança, é porque antes minha vó paterna morava numa vila aqui daí ela [...] eu ficava um pouco na casa dela, um pouco na casa da minha vó mãe da minha mãe, um pouco na minha tia, pulando de casa em casa, daí minha vó (paterna) se mudou pro interior”.

“Morava com ela (avó paterna), no começo ela era bem mais legal, também eu não era do jeito que eu sou”.

Elaine viu seu pai a última vez há 2 anos quando esteve na casa de sua avó paterna nas férias. Ela disse que não conversou com ele, para ela é como se ele fosse um estranho. Ela referiu

inicialmente que não tem nenhum sentimento por seu pai. Depois disse sentir algumas vezes raiva, outras vezes tristeza, por saber que não tem ele como pai, mas depois pensa que deste jeito é melhor não ter.

“...eu não chamava ele de pai nem nada, era a mesma coisa que fosse um estranho. Porque na realidade é, só fez mesmo porque...”

“Olha, pra ser bem sincera nada, não tenho sentimento nenhum por ele”.

“Ai sei lá se eu sinto raiva, as vezes sim, as vezes não, porque todas as minhas amigas falam ai, eu saí com meu pai não sei o que, um padrasto não é a mesma coisa, não tem aquela intimidade como tem com o pai, daí sei lá, as vezes eu fico triste por saber assim que eu não tenho um pai verdadeiro, mas daí eu pensei é melhor não ter do que ter o que eu tenho”.

Quando triste ou com raiva, Elaine procura esquecer o assunto.

“Ah, eu não faço nada, na verdade, tipo, eu tento esquecer, vou dormir, saio vou dar uma volta”.

“Esqueço, não fico com aquele pensamento”.

Segundo Elaine, sua mãe não conversa muito com ela sobre seu pai, mas às vezes ela fala que ele é um cafajeste e que está pensando em pedir pensão alimentícia a ele. Elaine desaconselha sua mãe neste sentido, por ele não ter condições financeiras e gastar o dinheiro que ganha em bebida.

“Ah, ela fala que ele tinha que ajudar, que ele é um cafajeste, só soube fazer mesmo, porque assumir não...”

“...ela fala que ela quer pensão, que ela vai começar a pedir pensão, mas eu falo, pedir você pode até pedir, simplesmente ele vai preso por que não tem onde cair morto, bem dizer”.

“Pelo que eu fiquei sabendo, mas eu não tenho certeza, e também a família dele passa fome, se ele ganha alguma coisa deve gastar em bebida porque ele bebe né”.

Sua mãe foi morar com seu companheiro quando Elaine tinha 6 para 7 anos. Em torno dos 8 anos ela também foi morar com eles. Ela mencionou que foi legal e aos poucos ela e seu padrasto foram se apegando um ao outro.

“Ah, foi bem legal, tudo, foi legal assim. No começo eu não chamava ele de pai, também já chegando falar de pai, daí eu comecei, ele começou a brincar comigo assim... comecei a conhecer os amigos dele, ele começou a conversar mais comigo, ah, foi assim, a gente foi se apegando um ao outro, né”.

Segundo Elaine, mais tarde ela começou a desobedecer, ficar revoltada e fugir, após conhecer as drogas, ver as pessoas morrendo em seu bairro pela violência e ver um revólver pela 1ª vez.

“...eu era bem, uma cabeça bem de criança, aí depois quando eu fui morar lá (no bairro) eu comecei a ver, comecei a conhecer drogas assim, e ver as pessoas morrendo assim, morrendo de

tiro, vi um revólver pela primeira vez, quando nunca tinha visto, meu pai tinha até um inclusive, um guardado em casa por que lá era tão perigoso...”

Ela expôs também que começou a fugir influenciada pela conversa dos amigos que diziam para não dar bola para os pais, passando a ver o outro lado.

“...eu comecei tipo assim dizer aquele papo de que amigo, a gente tem que, não dá bola pros pais, por causa de amigo né. Aí vamos ali, vamos, não sei o que, daí começaram a me levar pro mau caminho e tal, falar vamos fazer isso e vamos fazer aquilo, aí eu comecei a ver o outro lado, não só aquele lado”.

Ela explicou que fugiu de casa umas duas ou 3 vezes por não gostar que, ao discutir com sua mãe, ela a humilhava na frente dos amigos. Além disto, quando se desentendiam ou ela tinha feito alguma coisa errada, voltando para casa depois do combinado por exemplo, sua mãe ficava a comparando com suas primas.

“...é que eu discutia com a minha mãe e minha mãe começava a falar um monte pra mim, aí eu não gostava, já não gostava, me humilhava na frente dos meus amigos, eu pegava e saía de casa, é por que eu ia pra escola aí, na volta da escola eu já não chegava em casa, ia pra casa de uma amiga [...] Aí eles vinham atrás de mim e me achavam”.

“Tipo assim eu fazia alguma coisa errada, que não podia, tipo assim... Na maioria das vezes eu saía, falava ó mãe, amanhã eu volto e não voltava, voltava no outro dia, não no prazo combinado”.

“Algumas é porque eu tinha discutido com ela simplesmente e daí ela começava a falar que eu não prestava, não sei o que, que as minhas primas eram tudo diferente, vivia me comparando e eu não gosto que faça isso, porque todo mundo tem seus defeitos e quando eu tenho uma coisa boa ela não fala é mesmo você foi melhor que tua prima, ela só fala assim, ui credo a tua prima é melhor que você, quando eu apronto, né. Daí eu ficava revoltada com isso, pegava e fugia”.

Após apanhar e sua mãe falar que ia lhe deixar de castigo, Elaine também fugia para se vingar e mostrar que com ela ninguém mexia.

“As vezes é porque eu apanhava uma surra e minha mãe falava bem assim que ia me deixar de castigo, que não sei o que, daí pela surra eu nem ligava, por que eu prefiro até hoje que me batam do que comecem a falar e não parem mais, daí minha mãe ficava assim, daí no outro dia pra eu me vingar dela, pra ver como comigo ninguém mexe, eu fugia”.

Segundo Elaine sua mãe lhe batia poucas vezes, mas usava a cinta deixando marcas. Atualmente ela não tem mais lhe batido.

“...ela quase nunca bate, agora ela nem me bate, mas antes ela vai se agüentando, se agüentando e aí, ela quase não bate, mas quando ela bate também...”

“(Batia) ah, mais de cinta...Toda vez que ela batia ficava marca”.

Elaine contou que quando brigava com sua mãe, inicialmente seu padrasto apenas dizia para ela melhorar. Posteriormente seu padrasto passou a agir de maneira diferente. Em certa ocasião, ele presenciou uma discussão entre Elaine e um vizinho, o qual queria contar a ele sobre

uma carta enviada por Elaine a um rapaz com quem estava ficando. Ela havia ameaçado o vizinho de que ele morreria se contasse ao pai dela e havia lhe mostrado para um “cara da pesada” do bairro. Diante do ocorrido, o padrasto disse a mãe de Elaine que escolhesse entre ele e a filha.

“...quando eu brigava com a minha mãe, assim, que minha mãe brigava comigo e eu tinha essas revoltas mas, ele só falava que eu tinha que melhorar, só isso, não falava mais nada”.

“Foi por que tipo assim, eu fiz uma carta pro Beto, eu ia entregar pra ele, a gente tinha ficado junto já né... aí eu peguei entreguei a carta na mão do Beto e meu vizinho viu, aí meu vizinho falou, é vou contar pro teu pai, não sei o que [...] cadê teu pai ele já falou brabo [...] aí eu falei não interessa onde tá o meu pai, você é um filho da mãe, você é um vagabundo que não vai falar nada, porque se você falar alguma coisa você morre, eu falei assim, daí eu subi lá pra cima. Aí eu descí com um cara bem da pesada que mata qualquer um sem piedade, passei do lado, nem tinha falado nada pra ele, falei bem assim ô aquele cara que eu acho bonito, mostrei pra ele, até apontei pro cara ver, mas que o cara já ia ficar com medo, ela deve ter falado alguma coisa”.

“Aí tá, aí né, nisso, meu pai acordou com aquelas baixarias toda e foi lá ver o que tava acontecendo, eu olhei bem na cara dele, ele perguntou o que tá acontecendo e eu nada. Daí ele foi lá e falou com o cara, com esse meu vizinho, daí ele contou a história pra ele, pro meu pai”.

“...daí meu pai bem assim, é por que daí ele falou, que era pra minha mãe escolher entre eu ou ele, se você ficar eu não fico, vou embora, vou mandar tua mãe escolher, aí meu pai ia para a capoeira, que ele joga capoeira, aí ele foi...”

Após o ocorrido, Elaine pegou as suas coisas e foi para a casa do Beto, o rapaz com quem estava ficando e gostava muito dele, para se despedir por que estava com intenção de fugir de casa, apesar de não ter claro aonde iria. Chegando lá ela acabou tendo a sua 1ª relação sexual.

“...eu fui na casa dele, né, por que eu tinha brigado com o meu pai, antes eu tinha tido uma discussão e aí eu estava decidida que naquele dia ia fugir de casa. Aí eu fui na casa do Beto, já que eu nunca mais vou ver ele, vou dar um tchau para ele, né... Daí a gente começou a conversar, tá, a gente jogou videogame. Daí ele ligou uma musica, daí eu comecei a escutar musica, daí a gente começou a se beijar lá e tal. Daí de repente, quando eu vi já estava acontecendo, né, daí...”

Depois disto Elaine contou para sua mãe em segredo que havia perdido a virgindade. Entretanto, sua mãe logo em seguida contou para o padrasto. Ao saber disto, novamente seu padrasto falou para a mãe de Elaine que escolhesse entre a sua permanência ou da filha em casa. Desta maneira, a mãe dela lhe enviou para a casa da avó paterna no interior praticamente obrigada.

“...na realidade eu fui quase obrigada. É porque eu tinha tido uma relação com um cara. Eu era virgem. Daí minha mãe descobriu, ou melhor, eu contei para a minha mãe. Minha mãe, ela me jurou que não ia falar para o meu pai. Aí ela acabou falando, ela falou para mim que não ia poder esconder, ela foi lá e falou. Aí ele falou que não me queria mais em casa, que era para minha mãe escolher, entre eu ou ele. Daí eu peguei e fui para lá, né”.

“Aí não, ela ligou pra minha vó do interior e falou se eu podia ir pra lá, a minha vó falou que podia, minha madrinha, filha da minha vó também falou, passei um dia na casa dela, enquanto isso minha mãe pegou o histórico na escola e pegou um monte de coisa e eu fui pra lá...”

Segundo Elaine sua mãe dizia que era sua amiga e que era para a filha lhe contar quando iniciasse as relações sexuais, que ela não contaria para ninguém.

“...ela sempre falava se você for pra cama com alguém me fale, né, se tiver relação com alguém me fale, não vou contar pra ninguém, eu sou bem tua amiga, ela sempre falava, por isso que eu resolvi falar, minha mãe deve ser minha amiga...”

“...não pensei que ia ser desse jeito já contar e ela já falar para o meu pai. Pensei que ela ia ser mais minha amiga, tanto é que agora eu demorei, eu contei primeiro para a minha prima, [...] que eu achava que eu estava grávida, e depois de um tempo que eu fui contar para ela, depois que eu já tinha certeza...”

Elaine comentou que ficou muito magoada, triste e revoltada por sua mãe não ter guardado segredo e contado para o padrasto. Ao ir para a casa da sua avó, ela ficou um tempo sem atender sua mãe ao telefone, até o dia que sua avó contou que sua mãe estava chorando no telefone.

“Ah, sei lá, eu fiquei muito magoada com ela”.

“Pra mim foi muito triste, nossa, esse dia eu me revoltei né, minha mãe tudo também, minha mãe falou que não ia contar né, nossa, que aquilo lá era um segredo, que eu falei se eu podia contar com ela, ela falou, não, não vou contar, o que você quiser, não vou falar pra ninguém, aí eu contei pra ela e ela foi lá e contou pro meu pai né, a primeira coisa que ela fez quando ele chegou em casa foi isso né. Aí ele falou, começou se revoltar... Daí eu falei bem assim pra minha mãe, não, deixa mãe, você vai escolher ele, então tá bom você não vai mais me ver”.

“Depois que tava na casa da minha vó, minha mãe sempre ligava lá, daí eu falava alô, daí minha mãe falava quem fala, minha mãe falava alô, quem fala, e daí eu desligava o telefone na cara dela, eu não atendia mais o telefone [...] (até) que minha vó falou que ela tava chorando no telefone, pra eu falar com ela, aí eu comecei a falar com minha mãe”.

Segundo Elaine, sua avó não a tratava muito bem. Ela não se sentia à vontade, então começou a ser rebelde, desobedecer, experimentou várias drogas e passou a usar maconha com frequência. Elaine não gostou que sua avó não queria que ela saísse da mesma maneira que saía aqui em Curitiba. Ela saía do mesmo jeito e sua avó não podia fazer nada, se batesse era pior, aí que ela não obedecia.

“... nos primeiros dias que eu cheguei lá... ela me tratava super bem aí eu comecei a falar, tipo assim em casa também eu falava, ô mãe vou ali, na casa da minha amiga, pegava e assim, minha vó começou implicar muito com isso, não queria deixar eu sair na casa de amigos e em parte nenhuma”.

“Aí lá, minha vó já não me tratava muito bem assim, sabe, era uma coisa muito chata, não me sentia a vontade. Daí eu comecei a sair, não obedecer, ser bem rebelde, né. Aí foi quando eu comecei a entrar nas drogas, tudo, só experimentei. Maconha era freqüente. Agora... o resto assim...”

“O que ela podia fazer, não podia fazer nada [...] se ela me batesse, ela sabia que era pior, uma vez ela me bateu né. Nossa, aquele dia eu fiquei acho que até umas 2 horas da madrugada na rua daí que ela foi me achar, eu falei que eu não ia voltar pra casa e o que ela ia poder fazer”.

Uso de álcool e outras drogas

Elaine expôs que experimentou vários tipos de droga, cocaína, crack, mas o que usou mesmo foi maconha. Começou a usar quando estava morando na casa de sua avó, acompanhada de amigos.

“E cocaína, heroína e... pentro (crack). Que eu experimentei. Na realidade... Na realidade, que eu experimentei assim, mas que eu fumava assim mesmo era a maconha. O resto só usei para experimentar, né, sei lá, de curiosidade, acho que todo mundo...”

“Com alguns amigos, nunca sozinha. Sempre com alguém, acompanhada...”

Ela explicou que quando engravidou já tinha parado de fumar maconha. Às vezes ela tem vontade de fumar, mas pensa que pode fazer mal para a criança, então não usa. Ela referiu ter mais vontade de usar quando está nervosa, mas atualmente não está com preocupações. Ela expôs que o prazer na hora que usa a maconha é bom, a pessoa fica relaxada e esquece os problemas.

“...eu já tinha parado (quando engravidei), fazia um tempinho que eu tinha parado. As vezes eu penso sabe, será que eu fumo? ah, porque me dá vontade de fumar assim [...] Só que daí eu penso, imagine eu uso e acontece alguma coisa e daí...”

“...por que a maconha deixa você relaxado, daí você pensa, está com aqueles problemas tudo, que não consegue, querer esquecer assim, você acaba pensando assim, mas... daí você pensa também que não pode, tudo...”

“Então é mais quando, você tá... que dá mais vontade é quando você está nervosa, mas agora eu não estou nervosa, com preocupação assim...”

Elaine contou que após seus 10 anos ela começou a tomar uns golinhos de cerveja que seu padrasto lhe dava. Depois ela começou a gostar de cerveja e comprar uma latinha de vez em quando ou uma garrafa de champanhe ao voltar do colégio. Algumas vezes ela bebia em casa escondido de sua mãe e depois dormia.

“Ah, assim na rua mesmo, porque meu pai, ele tomava, daí eu pedia, aí pai me dá um golinho, comecei assim...”

“Daí eu comecei a gostar de cerveja, aí comecei a sair, as vezes eu ganhava dinheiro e ia lá e comprava uma latinha pra mim...aí eu não me contentava com aquela lá e ia lá comprava mais uma.”

“Na rua, na rua, comprava as vezes vindo do colégio, eu passava no bar, comprava também vindo do colégio, já comprei assim uma garrafa de champanhe, eu e minha amiga descia bebendo, e ela bebia o mínimo e eu já bebia mais”.

“...eu bebia assim, daí eu via que não tava legal, que beber te dá sono bastante, daí eu ia dormir, aí eu acordava assim ou então minha mãe me acordava daí eu já tava mais ou menos...”

Ela referiu ter bebido algumas vezes para ficar bêbada e que quando está com raiva ou com problemas, ao beber, não pensa, fica viajando, dá risada, parece que está em outro mundo.

“ Antes, eu não bebia porque gostava, eu bebia para ficar bêbada mesmo”.

“A sei lá, as vezes quando tava com raiva, né, ia lá beber e quando você bebe assim, você fica, nossa, sei lá se você bebe uma quantidade grande, né, você não pensa, você não tá nem aí, fica viajando, assim”.

“Ah, você fica assim, sei lá, você vê uma pessoa começa a dar risada da cara dela, você olha você vê dois assim, você fecha o olho parece que você tá em outro mundo, você não fica pensando daí nos problemas assim”.

Quando estava no interior em uma ocasião brigou com sua avó, comprou uma garrafa de vinho e ficou tomando sentada na calçada na rua, permanecendo “chapadona” até sua avó vir lhe buscar.

“...porque esse dia eu tinha brigado com ela, sabe, com a minha vó e eu saí, simplesmente saí e pronto. Aí eu fui lá, comprei o vinho, bebi e fiquei lá chapadona na rua lá, e ela foi me buscar, minhas amigas foram e falaram pra ela que eu tava caída lá na rua, não tava caída, tava sentada no meio da rua e não tava nem aí se um carro passasse lá naquela hora eu nem ia ver”.

Os estudos e os planos educacionais/profissionais

Elaine contou que antes de engravidar ela não pensava no futuro, só queria saber de zoar. Agora já pensa no filho e em trabalhar, antes não pensava nisso.

“Ah, eu não pensava no meu futuro, não pensava, acho que agora eu penso mais do que antes. Antes nossa, eu só queria saber de zoar, tipo assim se eu fosse numa festa não queria saber, nossa mas no futuro eu posso me arrepender de ter ido nessa festa, não, eu vou nessa festa e pronto! Não tinha esse negócio de pensar no futuro, agora não, agora eu já penso, falo bem assim, não vou andar descalço porque posso pegar uma doença, meu filho pode nascer com problema e já penso mais no futuro assim, já penso ah não! Quero fazer isso porque quando eu for mais velha vou poder comprar roupa pra ele, antes não. Eu falava nem quero trabalhar, porque eu vou trabalhar, minha mãe me sustenta. Agora não...”

Apesar de dizer que pensava em apenas zoar e de seu histórico de rebeldia e fugas, Elaine vinha acompanhando bem os estudos, nunca tendo reprovado. Ela mencionou que queria e ainda quer fazer faculdade, para ser advogada ou detetive. Sua mãe dizia que ela deveria ser médica ou dentista.

“Não queria, eu quero (fazer faculdade)”.

“Ai, eu acho, eu queria ser uma advogada ou então um detetive, alguma coisa assim”.

“...desde quando minha mãe falava pra mim ser médica, eu falava que ia ser policial ou advogada, detetive, sempre assim, minha mãe, a não você vai ser médica, minha mãe você vai ser médica e pronto ou então vai ser dentista, ela já falava assim que eu ia ser e pronto, até hoje ela fala as vezes, de vem em quando assim...”

Os sentimentos e os planos quanto ao rapaz com que se relacionou anteriormente

Elaine contou que após ter sua primeira relação sexual com Beto, ela pensava em casar com ele e também que poderiam trabalhar juntos.

“Eu pensei mais depois que tive a relação com o Beto né, que daí eu pensava só nele, eu pensava só com ele, entendeu, antes eu não pensava”.

“Eu pensei bem que podia estar grávida, mesmo depois de o meu pai saber, eu estava louca para engravidar...”

“...uma vez eu até tava sonhando acordada, quando fica meio desligada assim, daí passou pela minha cabeça que eu e o Beto tava casado né, tinha um monte de filho assim, nós estávamos vivendo feliz”.

“Ah, eu pensava assim tipo que eu podia ser policial e o Beto ser meu ajudante assim, entendeu, nós dois trabalhar juntos assim”.

Ela explicou que queria casar com o Beto, por que as pessoas aceitam normalmente quando a mulher tem um companheiro fixo, mas se ela fica com vários rapazes, as pessoas já falam que é galinha.

“Ah, sei lá, eu penso assim, é porque antes de engravidar, nossa, eu ficava com um monte de gente, não ficar tipo dá assim, mas fica com um ali outro lá, outro cá, daí sei lá você fica mal falada, né, assim, aí você pensa se eu tiver alguém fixo assim, que é meu, aquele que ninguém coloca a mão, aí, já não fica tão mal falada, nem fica mal falada, porque daí você tá casada ou tá namorando, se eles vêem você se beijando ali vai ser normal né, Não é uma coisa que se vê e ui, credo aquela menina é uma galinha, tá beijando o piá, não, se você souber que tá namorando daí ó, já vai ser bem normal né, se você não tiver (namorando) daí ele já pensam outra coisa”.

Ela contou que sempre pensou em casar com o Beto e até hoje pensa nele, mas depois que voltou para Curitiba, ela soube que ele já era casado e acabou ficando desanimada. Ela mencionou que isto foi muito ruim para ela, já que o ama e não pode tê-lo, por que já é casado e tem filho. Ela disse que não consegue esquecê-lo até hoje, lembra dele todos os dias e às vezes fica triste e chora.

“Pensei, até hoje eu penso (nele) ainda”.

“Sempre (pensei em casar), só depois que eu vim pra cá que eu desanimei né, que eu fiquei sabendo que ele era casado”.

“Ah, sei lá, para mim é ruim, né. Saber que eu (amo), eu gosto mas não posso ter. Ele está em outra cidade, às vezes ele vem para cá, né... Só que tipo assim, sabendo que ele é casado, que ele já tem um filho, imagine também eu penso, imagine a mulher dele, o filho dele, também... Eu não gostaria que eu tivesse com meu marido e alguém fosse lá e ficasse com o meu marido”.

“Muito triste, às vezes eu choro. Assim minha mãe pergunta, por que você está chorando? Ah, por nada”.

“...eu lembro dele todo dia. Eu vejo a foto dele, que eu ganhei uma foto da irmã dele... Mas que eu choro assim é de vez em quando, né. Sei lá, eu começo a pensar nele, pensar que eu não posso

ter. Não tem, nem possibilidades, eu posso ficar com ele, assim mas não pensar que ele possa ser meu namorado”.

“Gostar (de esquecer) eu gostaria, mas eu não consigo. Já tentei várias vezes, já tentei mentir para mim mesma que não gostava dele e falava eu não gosto dele, mas...”

“Ah, sei lá, eu quero e não quero (esquecer). Que eu gosto tanto dele que as vezes eu não penso em esquecer. Entendeu, eu nem penso nisso”.

Educação sexual

Após Elaine perder a virgindade, sua mãe dizia que ela podia namorar, mas primeiro devia trazer o rapaz em casa para os pais o conhecerem.

“...depois que eu fiquei com o Beto, eu falei, eu perguntei pra ela se eu podia arrumar um namorado, aí ela falou, não, você pode, mas você vai ter que trazer ele aqui, primeiro pra mim e seu pai conhecer e se teu pai aprovar ele, tudo bem, ela falava assim daí”.

Ela lhe dizia para tomar consciência e não ter relações sexuais, mas também dizia que compraria a pílula se a filha quisesse. Entretanto, Elaine pensava que se contasse para sua mãe novamente que teria relação sexual, sua mãe não concordaria. Ela referiu não confiar em sua mãe depois do que ela fez quando soube que a filha perdeu a virgindade.

“Ah, ela pensava, ela falava pra mim que não mais pra acontecer isso tudo, que era pra mim tomar consciência, né [...] Pra não fazer (sexo) porque eu podia engravidar”.

“...ela falava, justamente ela me falou que ela comprava comprimido se eu quisesse, tudo, só que eu penso assim por que que na realidade é isso, ela falou isso, mas eu falava mãe eu vou ter relação sexual com um cara, né, tô ficando com ele. Ela ia falar, mas nem pensar...”

“Eu não tinha confiança porque eu pensava assim, se ela já pisou na bola comigo uma vez, duas...”

Histórico do relacionamento com o parceiro

Quando Elaine conheceu o pai da criança e ficou com ele, ela havia voltado da casa de sua avó do interior para Curitiba por volta de um mês antes. Nesta época ela ficou sabendo que Beto, o rapaz ao qual amava era casado, como descrito anteriormente. Após ficar com o pai da criança, ela contou que seu amor pelo parceiro anterior permanecia, mas que ela estava começando a gostar deste.

“...o Beto eu amo, mas eu tô começando a gostar do Gustavo, a sei lá Gustavo daqui, o Gustavo dali, sei lá”.

Ela expôs que desde a 1ª vez que encontrou o pai da criança, ela tomou a iniciativa e foi jogando certinho para que ficassem juntos.

“...ele é amigo do meu primo, eu fui na casa da minha tia. Aí vi ele, eu achei ele bonito, eu cheguei assim bem cara-de-pau, cheguei nele, como é o teu nome? daí ele falou. Aí eu bem assim, ah, bonito nome e não sei o que... aí nós começamos a conversar assim, veio um monte de amigos, começou a ter mais intimidade, assim. Aí até que um dia eu cheguei e falei, eu queria saber se você não quer ficar comigo, né sei lá, daí ele bem assim, quantos anos você tem? Eu falei 12. Nossa, você é muito novinha e eu disse, idade não é documento, fui jogando, eu que fui, nem foi ele, fiquei jogando certinho na cabeça dele assim, até que ele falou, ah, tá bom, né. Daí a gente ficou junto uma vez”.

Quanto ao que lhe atraiu e motivou para ficar junto, Elaine diz que gostou dele por ele ser simpático e brincalhão, dar risada, levar tudo na brincadeira.

“... eu fui conversar com ele, nossa, muito legal, aí eu comecei a gostar dele, né, sei lá, daí eu acabei querendo ficar com ele assim. Ele é bem simpático, eu também achei ele bem bonito... De ser brincalhão também, tipo assim, tipo não leva quase nada a sério. Ele é bem brincalhão, assim, ele fala, gosta de dar risada... tirar da cara dos outros, leva tudo na brincadeira, assim”.

Planos quanto ao relacionamento com o parceiro

Elaine contou que tinha pensando que poderia até transar com ele, mas o que ela queria realmente era ficar junto, beijar. Ela não levava a sério o relacionamento, não esperava nada, não esperava namorar, sabia que para ambos era só “zoação”.

“...já tinha passado pela minha cabeça que até poderia (transar com ele). Mas, não... mais o que eu queria era ficar com ele, beijar... Sei lá, eu na realidade não esperava nada. Eu sabia que para ele só era zoação também... tipo assim... ficar ali mas não levar a sério. Só ficar, por ficar”.

“Zoação assim, você não está levando a sério, você está ficando ali só por que deu vontade, não que você quer uma coisa séria”.

Ela queria ficar com ele por que gostou dele e deu vontade de ficar, mas não havia um sentimento mais forte. Ela sabia que assim ele ia querer ficar com ela novamente, entretanto ela negou a expectativa de que ficando juntos ele passasse a gostar dela. Para ela o desejo dele ficar com ela novamente, estaria desvinculado de passar a gostar dela.

“(Gostava) mais ou menos (dele). Eu estava gostando assim, mas não chegava a ter um sentimento mais forte”.

“Eu pensei, não, vou ficar com ele de novo, porque eu gosto dele, eu sei que ele vai querer ficar comigo, né. Daí tipo assim, mas não por que eu falei, eu vou ficar com ele, quem sabe ele goste de mim, alguma coisa assim.”

A gravidez e o uso de métodos contraceptivos

Ao indagada anteriormente sobre o que levou a engravidar, Elaine comentou que quando engravidou ela queria muito ficar com o parceiro e foi encontrá-lo. Entretanto, ela não tinha intenção de ter relação sexual com ele naquele momento. Ela tinha bebido e chegou nele para conversar, como nenhum homem é de ferro a relação aconteceu.

“...eu fui para a casa da minha tia, justo para se encontrar com ele de novo, mas eu queria só conversar com ele. Aí foi que eu bebi, aí quando eu bebo assim, que eu bebi exageradamente, bebi, aí eu já fiquei meio alegre assim como dizem, eu já cheguei nele e aí já foi direto. Claro que nenhum homem é de ferro... né”.

“É que ele estava passando na rua e eu chamei, e ele veio conversar comigo. Aí minhas amigas já se afastaram, né, não iam ficar junto ali de vela, foi cada uma para um lado e eu fiquei sozinha. Aí ele bem assim, vem comigo e eu pensei, aonde?. Daí ele falou, vem comigo e eu peguei e fui, né. Aí eu vi o que é que ele estava querendo...”

Ao indagada se tinha bebido muito, ela respondeu que estava um pouco meio virada, fazendo as coisas e pensando só depois que fez.

“É mais ou menos, não muito, eu chegava tipo assim, minha cabeça ficou um pouco meio virada, tipo assim, se você me chamasse pra ir num lugar eu ia, depois quando eu já tava lá é que eu ia pensar onde que eu tava, entendeu assim, tava meio aérea assim sabe, que se você me convidasse ah, vamo ali ser atropelada pelo carro eu ia ali com você, aí quando eu já tava tipo ali que eu me ligava que você tinha me convidado pra fazer uma coisa que...”

Posteriormente, Elaine referiu que no momento de ter relação sexual ela pensou na possibilidade de engravidar, mas não deu importância a este fato e também achou que não engravidaria se não tinha engravidado antes. Ela disse também que na realidade nunca pensa no que faz, só pensa depois que acontece. Na hora só pensou nele, ou seja em ficar com ele.

“Ah, sei lá, se eu engravidar eu engravidei eu pensei bem assim, porque eu sabia que eu podia (engravidar), só que daí eu pensei acho que eu não vou né, porque não aconteceu antes, porque iria acontecer agora”.

“Daí eu falei, eu pensei, tipo passou pela minha cabeça de engravidar, e eu pensei assim se eu engravidar eu engravidei... Daí... fazer o que. É, mas não dei muita importância. Ai, meu Deus, será que vai engravidar? Não, ...eu fiquei bem. Na verdade tudo o que eu faço eu nunca penso, eu penso só depois que eu já fiz. Ah, eu nem dei importância de verdade, né, assim eu nem fiquei muito preocupada... Exatamente, pensei mais nele do que em mim”.

Ela avaliou rapidamente se teria ou não relação. Pensou que não teria nada a perder, nem a virgindade. Ao contrário, teria a possibilidade de ficar mais vezes com ele e poderia perdê-lo se não tivesse relação.

“Era tipo assim num terreno baldio... Aí ele me levou lá e eu fiquei, ai meu Deus, será que eu vou ou será que eu não vou? eu pensei, ah, o que eu tenho a perder? Aí eu peguei e fui. Daí aconteceu tudo assim...”

“Daí eu pensei também, ah, o que eu tenho a perder, né? A virgindade? Eu não sou mais virgem mesmo”.

“Eu pensei, (que podia engravidar) ah... É que na minha cabeça quando eu estou... É que eu já tava querendo ficar com ele faz tempo e eu tinha ficado e sabia que podia ter chance de ficar mais vezes. Aí eu pensei, imagine se eu negar alguma coisa agora ele não vai querer mais nada, ou alguma coisa parecida, eu pensei bem assim. Aí eu falei...sei lá”.

Na hora de ter relação sexual, Elaine e seu parceiro não conversaram sobre o uso da camisinha ou de algum outro método.

“Não, não conseguimos conversar nada, a gente só chegou ali...”

Apesar de não ter se prevenido, Elaine expressou firmemente que não gostaria de ter engravidado do parceiro. Ela explicou que deveria ter aproveitado um pouco mais, pois é muito jovem, não se desenvolveu direito e já tem alguém dependendo dela.

“Não, não queria (ter engravidado). Foi muito inesperado. Ele que eu não queria”.

“Ah, sei lá, eu acho que sou muito jovem ainda, tinha que aproveitar um pouquinho mais, né. Enfim aconteceu tudo muito rápido, nem... se desenvolvi direito e já estou tendo um outro serzinho que... Agora vai depender de mim, tudo”.

Entretanto na 2ª entrevista, ela contou que na hora da relação sexual chegou a pensar rapidamente que se engravidasse ele poderia querer ficar com ela. Ela gostava dele, não como de seu parceiro anterior, mas poderia gostar dele. Ela pensou mais intensamente que poderia ficar junto, namorar, casar, depois que soube que estava grávida, mesmo assim não pensou tanto como com o parceiro anterior.

“Ah, num ponto eu cheguei (a ter vontade de engravidar), por que tipo assim, não, eu pensei comigo, agora eu já não penso mais, mas se eu engravidar, é claro ele pode querer ficar comigo, né. Daí eu pensei é, mas se ele não quiser, mas daí foi um pensamento muito rápido que não, tipo assim..”

“Eu gostei dele, não foi como o Beto, mas eu pensei bem assim, ah, mas dá pra eu ficar com ele, se eu engravidasse, aí eu ia poder gostar...”

“...foi mais depois que meu pai e minha mãe já sabia, que eles queriam que eu ficasse com o Gustavo de todo o jeito, daí né”.

“Mas com o Beto foi bem mais forte, bem mais pensado assim”.

Ela explicou o fato de não ter falado na 1ª entrevista que pensou em engravidar, por ter sido um pensamento muito rápido. Ela pensou mais em ficar com ele, após a relação se estivesse grávida.

“...é que foi uma coisa muito rápida assim, tipo eu não pensei, na realidade foi um pensamento, imagina se eu engravidado, né, quem sabe nós pode ficar juntos, mas nada mais, depois eu comecei a pensar”.

“Depois que aconteceu eu pensei mais, aí imagina se eu ficar grávida, ficar com ele tudo”.

Análise do caso de Elaine

O histórico de Elaine foi marcado pela ausência de seu pai durante sua criação e por ter sido criada “meio largada”, sendo cuidada durante a infância por diversas pessoas de sua família, inclusive sua mãe, de maneira alternada, conforme a prática freqüente de circulação de crianças nos estratos sociais baixos destacada por SARTI (1994) .

Seu pai rompeu o relacionamento amoroso com sua mãe quando esta ficou grávida aos 14 anos, apenas registrando a filha e não exercendo posteriormente seu papel de pai. Apesar de ter um contato esporádico com seu pai, Elaine não o considera como pai, negando algum sentimento por ele, e referindo sentir às vezes raiva ou tristeza por sua ausência. Nestes momentos, ela procura esquecer destes sentimentos fazendo alguma coisa.

Após ir morar aos 8 anos com sua mãe, seu padrasto e seus irmãos por parte de mãe em uma área de invasão na periferia de Curitiba, ela passou a desobedecer sua mãe, ficar revoltada e fugir influenciada pelos amigos que a incentivaram a não dar atenção ao que seus pais diziam, assim como pelo conhecimento da violência e das drogas no bairro em que morava. Ela referiu fugir quando ao discutir com sua mãe, esta lhe humilhava na frente dos outros, a comparava com suas primas e algumas vezes além de lhe bater com cinta, a ameaçava de colocar de castigo, o que ela não aceitava.

Tais dificuldades culminaram na mudança de Elaine para a casa de sua avó paterna no interior, em função da pressão por parte de seu padrasto para que ela saísse de casa. Isto ocorreu após uma discussão dela com o vizinho, em que ela fez de conta que o “ameaçou de morte”, por que ele queria contar para seu padrasto que ela estava ficando com um rapaz e após seu padrasto que Elaine havia perdido a virgindade, apesar de sua mãe ter lhe prometido guardar segredo.

Com a mudança para a casa da avó, Elaine ficou muito magoada e triste com sua mãe, passando a não obedecer sua avó e a fumar maconha freqüentemente, além de fazer um uso excessivo do álcool em alguns momentos.

Apesar destas dificuldades e de suas colocações de que antes de engravidar ela não pensava no futuro e só queria saber de “zoar”, ela se manteve regularmente nos estudos sem reprovar de ano. Elaine pretendia fazer faculdade e fazer direito ou ser detetive. Ela comentou que este desejo se contrapunha ao de sua mãe, que dizia a ela que tinha que fazer odontologia ou medicina. Verifica-se aqui, uma situação de hierarquia estabelecida entre sua mãe e Elaine. Entretanto, seu projeto de vida de profissionalização e seu bom desempenho escolar, não foram suficientes para evitar a ocorrência da gravidez, na medida em que outros contextos de sua vida, entre eles o relacionamento familiar, se destacavam no seu dia a dia. Por outro lado, o desejo de fazer faculdade, entre adolescentes de estratos sociais baixos, encontra freqüentemente importantes

obstáculos relacionados à necessidade de trabalhar para sustentar a si próprio e até mesmo ajudar a família. Neste contexto, as adolescentes muitas vezes optam por um caminho de união formal ou informal com o parceiro como uma maneira de alcançar uma projeção social mais rapidamente. A possibilidade de casar e ter filhos esteve presente de maneira significativa em seu relato como destacado mais abaixo.

Ao analisar o relato de sua vida, pode-se verificar um histórico marcado por conflitos com figuras familiares de autoridade (padrasto/mãe) e uma forte vivência de abandono decorrentes de sua história pessoal, assim como do próprio contexto social em que ela vivia. De diferentes maneiras e de forma idealizada, Elaine parece ter procurado fugir desta realidade, incluindo as tentativas de esquecer seu passado e seus sentimentos para com seu pai no dia a dia. Ela afirmou que tinha vontade de usar drogas quando estava nervosa e que ao usá-la ficava relaxada. De forma parecida, ela expôs que ao beber ficava viajando, não pensando nos problemas.

Além disto, ela relatou uma idealização bastante intensa do relacionamento com o rapaz com quem perdeu a virgindade e da possibilidade de casamento e maternidade. Ela referiu amá-lo e não conseguir esquecê-lo, diferentemente do que acontecia em relação a seu passado e principalmente seu pai. Após ter relação sexual com ele, ela foi morar com sua avó e por diversas vezes sonhou em estar grávida e casar com ele. Este sonho se apresentou claramente como uma forma de superação de uma situação de vida difícil. Ela justificou seu desejo também em função de valores sociais de gênero pejorativos dirigidos aos comportamentos afetivo-sexuais das adolescentes. Ao voltar da casa de sua avó, Elaine ficou sabendo que este rapaz era casado o que lhe deixou muito triste. Logo em seguida, ela conheceu o pai da criança passando a gostar deste e idealizar fortemente a possibilidade de ficar com ele e curtir o momento, mesmo na ausência de um sentimento maior por este. Seu jeito brincalhão lhe atraiu distanciando-a de sentimentos de abandono, solidão, tristeza e revolta. Ela tomou a iniciativa de procurá-lo e havia bebido um pouco, mas não pensava necessariamente em ter relações sexuais. Frente a esta possibilidade concreta, ela não quis se recusar a ter relação sexual para garantir a continuidade do relacionamento, ao considerar que não teria nada a perder. Ela chegou a pensar rapidamente sobre a possibilidade de gravidez, achando que talvez fosse uma maneira de ficarem juntos. Ela expôs também que no momento não houve tempo para o casal conversar sobre o uso do preservativo. Ao indagada sobre o que a teria levado a engravidar, Elaine explicou que a gravidez ocorreu por que ela só pensou depois que a relação sexual ocorreu, na hora ela não deu muita importância para a possibilidade de engravidar. Ela enfatizou que normalmente ela só pensa depois que faz alguma coisa. Conforme seu relato o fato de ter bebido também colaborou para que não pensasse no que estava fazendo.

A gravidez ocorreu frente à dificuldade de Elaine em lidar com seus sentimentos e as condições atuais de vida. Ela parece buscar maneiras idealizadas de resolver seus problemas no dia a dia, sem conseguir refletir sobre seu passado e seus sentimentos e construir um projeto de vida de autonomia, que supere a hierarquia e a dinâmica de responsabilidade/irresponsabilidade presentes no relacionamento familiar. A falta do estabelecimento de um vínculo de confiança entre Elaine e seus familiares também parece colaborar para que ela não reflita sobre seu projeto de vida e se previna da gravidez. As mensagens emitidas por sua mãe quanto a sua sexualidade foram contraditórias, em alguns momentos ela enfatizou que a filha não tivesse relações sexuais, em outro que lhe avisasse se fosse ter relações sexuais para que ela comprasse pílulas, entretanto Elaine já não confiava em sua mãe em função dos fatos ocorridos anteriormente. Pode-se perceber claramente a presença de obstáculos na comunicação entre mãe e filha quanto a este tema.

De maneira geral, a história de Elaine acabou se aproximando de alguma maneira da história de sua mãe, que engravidou aos 14 anos, sendo “abandonada” pelo pai da criança. Além de ter engravidado aos 12 anos, Elaine talvez não possa contar com a presença do pai da criança no decorrer da educação de seu filho.

Analise e discussão do grupo

As adolescentes deste grupo estavam ficando com o parceiro ao engravidar e atribuíram a ocorrência desta ao fato de não terem pensado sobre as conseqüências tendo relação sexual sem se prevenir, apesar de que não gostariam de ter engravidado naquela época. Elas expuseram que pensaram sobre a gravidez depois que tinham tido a relação sexual. Cristina inclusive, expressou ter levado um susto ao saber da gravidez por não esperar que acontecesse tão cedo e pensar que aconteceria apenas com outras adolescentes.

Flávia e Cristina mencionaram que a gravidez ocorreu por um impulso. Flávia contou que foi uma coisa de férias de verão, de ter a relação sexual sem pensar nas conseqüências, pensando só depois. Cristina e Elaine salientaram que de maneira geral não costumam pensar muito sobre o que fazem. Cristina mencionou que sempre pensa muito rápido e Elaine que nunca pensa antes do que faz, e que se pensasse mais antes de fazer as coisas, poderia ter prevenido a gravidez. Ambas tinham bebido um pouco e acharam que isto colaborou para não ter pensado em se cuidar na hora da relação sexual.

Tais colocações se mostram congruentes com os resultados encontrados por TRINDADE & BRUNS (1996) e TRINDADE (1997) em que frente à gravidez os (as) adolescentes apresentaram surpresa e espanto, tendo a idéia de que esta ocorreria com outros adolescentes, mas não consigo próprio. Estando envolvidos no dia a dia com seu fazer presente, estes não teriam refletido sobre o risco de gravidez. Em uma perspectiva fenomenológica, as autoras interpretaram que

o modo de existência destes adolescentes estaria marcado pela inautenticidade, ao não se sentirem responsáveis pelo seu modo de ser, seu corpo e a gravidez.

MORGAN *et al.* (1995) também ressaltaram a falta de percepção entre adolescentes gestantes enquanto responsáveis por sua saúde. Em uma escala de *Locus* de Controle de Saúde, estas adolescentes obtiveram pontuações mais altas no item “powerful other” (outro com poder), atribuindo sua saúde ao poder de outras pessoas. Desta maneira, os autores interpretaram que elas se apresentavam como mais dependentes de figuras de autoridade e suscetíveis a pressão de seus pares do que adolescentes não gestantes.

Ao não tomarem iniciativas no sentido de se prevenir da gravidez, de alguma maneira as adolescentes deste grupo delegaram ao parceiro a responsabilidade quanto a condução da relação sexual e a prevenção ou não da gravidez. Flávia estava bastante envolvida pela paixão e o desejo de ficar e curtir a relação, não querendo interromper o clima, para colocar o preservativo. Além disto, ela referiu se sentir protegida e segura ao lado do parceiro. Elaine expôs que pensou mais nele do que nela, pensando que se não tivesse relação sexual naquele momento, ele poderia não querer ficar mais com ela. Cristina disse estar se iludindo pensando que se tivessem relação sexual iam ficar bastante tempo juntos.

Entretanto, ao analisarmos com um pouco mais de atenção como a gravidez ocorreu e o contexto de relações estabelecidas pela adolescente, seu projeto e momento de vida anterior à gravidez, algumas relações e contradições são observadas gerando novas interpretações sobre o ocorrido.

Todas as adolescentes deste grupo relataram que haviam passado por um período de rebeldia anterior à gravidez envolvendo conflitos familiares, fugas de casa, gazetas de aulas, interrupção dos estudos, reprovações escolares e/ou uso de álcool e outras drogas. Flávia e Cristina consideraram que haviam estado na “aborrecência”, um conceito do senso comum que associa a idéia de crise, rebeldia e irresponsabilidade como características inerentes à adolescência. Neste contexto, estas adolescentes demonstraram uma forte idealização do relacionamento com o parceiro, expresso na paixão, na ilusão de que iriam namorar e até casar ou na grande vontade de ficar com este. Apesar delas terem ficado com o parceiro sem nenhum compromisso, elas mantinham uma importante valorização do amor romântico destacada como significativa entre adolescentes gestantes por MEDORA *et al.*(1994) e analisada historicamente por POSTER (1979) e ROCHA-COUTINHO (1994).

Cristina enfatizou a ocorrência de freqüentes fugas de casa, reprovações e discussões com sua mãe por não gostar do jeito dela mandar e ver defeito em tudo. Além disto, sua mãe se queixava da filha manter amizades com colegas do colégio que não queriam saber de estudar e freqüentemente gazeavam aula. Entretanto, Cristina expôs a dificuldade de romper com estas

amizadas. Ela revelou também um forte desejo de se tornar independente rapidamente, ter seu dinheiro e suas coisas, principalmente um pouco antes de engravidar, quando já se considerava no final da adolescência. É importante destacar que Cristina revelou que pensava que a gravidez não ia acontecer com ela, mas só com outras adolescentes e que havia bebido na 1ª relação sexual com o parceiro. Entretanto, antes de ter a 2ª relação sexual, o casal conversou sobre a possibilidade de engravidar e ela lhe disse que se ele assumisse a gravidez ela também assumiria. Mesmo assim, ao ter a relação sexual o casal não se preveniu da gravidez. Cristina referiu também que estava se iludindo de que se tivessem relações sexuais eles ficariam bastante tempo juntos. Portanto, pode-se levantar a hipótese da presença de um desejo não consciente de engravidar e adquirir maioridade, superando as dificuldades vivenciadas na hierarquia mãe/filha e na dinâmica da responsabilidade/irresponsabilidade analisada por PAULA (1992). A gravidez também pode ter sido uma forma de assegurar o relacionamento com o parceiro como exposto por SARTI (1994).

A dificuldade de se submeter à autoridade dos pais e o desejo de adquirir maioridade através da maternidade, também pode ter estado presente em Elaine e Flávia, sendo reforçado pela história do relacionamento familiar. Ambas as adolescentes apresentaram um histórico de importantes dificuldades no relacionamento com seus pais, os quais não apresentava na percepção destas um modelo positivo de paternidade.

Flávia se queixou fortemente de seu pai, relatando inclusive sentir ódio deste em função de suas atitudes. Ela soube que ele havia agredido sua mãe fisicamente durante sua gestação, além de manter posteriormente relações extraconjugais, o que levou à separação do casal. Ela relatou que desde a sua infância, seu pai foi uma pessoa grosseira e dona da verdade, mantendo posturas atitudes repressivas provenientes de valores machistas quanto a comportamentos apropriados para as mulheres e a ela especialmente como filha, especialmente durante sua adolescência. Além disto, ele não vem cumprindo suas funções enquanto pai, não fornecendo pensão alimentícia, além de não ter assumido a paternidade de uma filha que teve fora do contexto do casamento. Durante um período anterior a gravidez, Flávia havia gazeado aulas e depois interrompido seus estudos sem comunicar sua mãe. Ela tentou engravidar de seu namorado, justificando que queria ter um filho seu por que as pessoas contavam que a maternidade era maravilhosa. Frente à dificuldade de engravidar, ela chegou a achar que era infértil, se sentindo inútil e chorando bastante. Os sentidos expressos por ela refletem a grande valorização social da maternidade na sociedade atual, que foi analisada por BADINTER (1985), ROCHA-COUTINHO (1994) e GRISCI (1995) .

Ao engravidar Flávia, considerava que estava em um período da vida em que havia criado juízo, apesar de ainda ser um pouco responsável. Ao conhecer o pai da criança, ela ficou

com ele sem compromisso, mas demonstrou uma grande idealização deste relacionamento em termos da paixão e atração física envolvidas. Ela contou que ele lhe passava proteção e segurança e isto facilitou que engravidasse. Apesar de ter referido que engravidou por impulso, pensando nas conseqüências só depois da gravidez, ela e o parceiro chegaram a conversar sobre o que aconteceria se engravidasse antes de ter a última relação sexual, mas não se preveniram mesmo assim. Ela justificou este comportamento por achar que não engravidaria em função desta não ter acontecido durante os 6 meses que teve relação com o seu ex-namorado. Ao indagada, ela confirmou que a gravidez poderia ser uma maneira de provar sua fertilidade.

Na história de Elaine, pode-se constatar que ela foi criada alternadamente por várias pessoas da família conforme a prática de circulação de crianças, mencionada por SARTI (1994), como comum em estratos sociais baixos. Diante desta vivência, que também foi marcada pela ausência de seu pai durante sua criação e posteriores conflitos com seu padrasto, que culminaram na mudança para a casa de sua avó, Elaine parece ter idealizado a maternidade e o casamento com o rapaz com quem teria perdido a virgindade, enquanto estava na casa de sua avó, como uma forma de superação de sentimentos frente a uma realidade difícil. Sonhando com uma nova realidade e fazendo por um tempo uso de maconha e algumas vezes de álcool, ela evitava pensar sobre seu passado e problemas atuais. Logo após voltar para a casa de sua mãe e saber que o rapaz a quem amava era casado, ela conheceu o pai de seu filho, desejando muito ficar com ele e idealizando este relacionamento. Ela teve uma postura ativa para que ficassem juntos, mas não pretendia necessariamente ter relações sexuais com ele naquele momento. Entretanto, quando ele quis ter relação, Elaine achou que, se não aceitasse, ele poderia não ficar mais com ela. Ela mencionou que pensou mais nele do que nela. Apesar dela, ter tomado iniciativa para ficar com o rapaz e curtir aquele momento, ela negou a intenção de ter relação sexual, se diferenciando das adolescentes observadas por DIAS & GOMES (2000) que apresentaram expectativas claras quanto a um encontro sexual prazeroso, tendo planejado e buscado ansiosamente o ato sexual.

Durante a análise do caso de Elaine, também foi constatada a gravidez de sua mãe aos 14 anos, o que vem de encontro com os estudos que apontam que uma parte das mães de adolescentes gestantes também foi mãe na adolescência, como pesquisado por CORRÊA & COATES (1991) e PAIVA, *et al.* (1998).

Todas as adolescentes deste grupo disseram que planejavam continuar seus estudos e fazer faculdade e que pretendiam pensar em ter filhos somente depois. Mas, apenas Elaine apresentava adequação do seu nível de escolaridade a sua idade. Entretanto apesar disto, no anterior gravidez, ela havia sonhado muito em engravidar e casar com o rapaz que havia ficado anteriormente. Cristina e Flávia apresentaram um histórico anterior de gazejar aulas e ter reprovado de ano, tendo isto ocorrido várias vezes no caso de Cristina. FÁVERO & MELLO (1997) e

HOLDEN *et al.*(1993) salientaram a presença freqüente entre gestantes adolescentes de um histórico anterior de pior desempenho escolar e mais faltas às aulas.

Ao analisar as orientações quanto à sexualidade fornecidas pelas mães das adolescentes deste grupo, percebe-se que estas não foram efetivadas no sentido de prevenir a gravidez como verificado freqüentemente entre adolescentes gestantes por DIAS e GOMES (2000). A mãe de Elaine passou mensagens contraditórias a ela, sendo que em alguns momentos enfatizou para que não tivesse relações sexuais e, em outros momentos, disse para que lhe avisasse para comprar o anticoncepcional, mas Elaine não lhe avisou por não confiar em sua mãe. As mães de Flávia e de Cristina sabiam que as filhas haviam iniciado as relações sexuais, sendo que a primeira insistiu para que Flávia se prevenisse, mas mesmo assim ela não seguiu sua orientação.

Cristina foi a única adolescente que referiu ter cuidado do irmão mais novo, ele era seis anos mais novo que ela. Além disto, seus pais tinham sete filhos e seu pai gostaria de ter mais filhos, tanto que o casal pretendia adotar uma criança um pouco antes de Cristina ser entrevistada. Ao indagada ela considerou que o gosto de seu pai por crianças e o fato de ter cuidado do irmão mais novo não influenciou em ter engravidado. Entretanto, a relação entre gestação na adolescência e o cuidado anterior de crianças foi destacada por PAIVA *et al.* (1998).

4.4.2.3. A gravidez ocorreu em função da adolescente esquecer de tomar a pílula

Débora, 16 anos

Somente Débora faz parte deste grupo. Ela e seu companheiro estavam morando juntos há 1 ano e meio quando ela engravidou. Entretanto, ao saber da gravidez eles tinham recém separado. Ao ser entrevistada, Débora estava no 8º mês de gestação e morava na casa onde estava trabalhando como babá. Ela pertencia ao estrato social baixo.

Na ocasião da entrevista, o pai da criança estava lhe ajudando financeiramente em algumas coisas que precisasse. Ele foi convidado a participar da pesquisa mas não compareceu após duas tentativas. A entrevista havia sido marcada por telefone. Posteriormente, Débora informou que ele preferiu não participar.

Ao engravidar, ela estava tomando pílulas por que planejava ter filhos somente mais para frente, diferentemente de outras adolescentes que não queriam engravidar, mas não se preveniam. Entretanto, às vezes ela esquecia de tomar o comprimido e quando isto acontecia, ela não pensava muito sobre o risco de gravidez, achando que não iria acontecer, apesar de ter sido informada que se esquecesse poderia engravidar. Esta colocação de alguma maneira se assemelha aos comentários de outras adolescentes que não se preveniram, pois ambas referiram não terem pensado muito sobre os riscos do seu comportamento.

Sobre o que a levou a engravidar, inicialmente Débora respondeu ser a irresponsabilidade, por não ter tomado a pílula de maneira correta.

“A irresponsabilidade (riso)” [...] Porque os métodos para se cuidar eu conhecia. Eu me cuidava, mas não levava muito ali, né”.

“É, eu tomava pílula, né mas não certinho. Às vezes eu falhava tal... Mas se tivesse feito direitinho, quem sabe eu não estivesse grávida”.

Apesar de Débora estar tomando a pílula ao engravidar, na 2ª entrevista ela explicou que quando esquecia de tomar o comprimido, ela não pensava muito no risco da gravidez e achava que não ia acontecer. Ela comentou que assim como em relação a AIDS, a pessoa ao pensar que não vai acontecer, não se previne e acaba acontecendo.

“Eu acho que não ter... não sei assim, não ter pensado muito... tipo assim, eu tomava comprimido, mas às vezes eu falhava. Sabe as vezes eu pensava assim, ah, depois que tinha esquecido, a isso não vou engravidar, tipo pensei, ah, não vai acontecer comigo. E foi indo, eu acho que tipo assim, eu não pensava muito no assunto assim, me cuidava, mas quando esquecia assim eu não pensava muito”.

“É, que nem com a AIDS, todo mundo pensa, às vezes não usa camisinha, pensando isso não vai acontecer comigo, as pessoas acho que não pensam muito também, que nem com a AIDS, né muita gente não pensa assim, e acaba às vezes acontecendo. Que eu não pensava até por esse lado da AIDS, hoje eu penso mais, né”.

A influência de seus planos para o futuro em relação a prevenção da gravidez

Ao indagada, Débora confirmou que seus planos de ter filhos somente mais para frente contribuíram para que tomasse a pílula. Ao final, ela avaliou que se o companheiro tivesse ajudado a lembrar de tomar os comprimidos, ela poderia não ter engravidado.

“É, eu acho, se ele também fizesse a parte dele. Podia não ter acontecido isso”.

O cuidado de crianças anterior à gravidez

Ela contou que quando voltou para Curitiba há mais ou menos dois anos atrás, ela ajudou a cuidar bastante de sua irmã recém-nascida. Ela afirmou que na época não teve vontade de ter neném, considerando que isto não influenciou para que engravidasse.

“Sei lá, ajudava a fazer mamá, quando ela começou a mamar na mamadeira, trocar fralda, dava banho...”

“Não dava vontade de ter neném”.

A seguir o relacionamento de Débora com sua família, com seu companheiro, bem como seu momento e seu projeto de vida anterior à gravidez serão apresentados, possibilitando uma análise mais ampla da ocorrência da gravidez.

Histórico do relacionamento familiar

Os pais de Débora se separaram quando ela era criança, na ocasião ela foi morar com seus tios e os filhos deles adolescentes, em outra cidade. Seu irmão, um ano mais novo, ficou com sua mãe. Ela não lembrou bem com que idade foi morar com os tios, falou em ter 6 anos para menos, mas disse que foi bom morar com eles. Ela sempre teve contato com sua mãe que ia lhe visitar.

“A gente sempre, eu sempre me dei bem, assim tanto com a minha mãe, como com o meu padrasto, meus tios que me criaram, sempre foi... sempre, nunca tivemos assim muitas intrigas, assim tipo... sempre foi, sempre tive uma convivência legal com eles”.

“...ela (mãe) sempre ia para lá (me ver)”.

Débora não soube dizer bem como foi o relacionamento da sua mãe com seu pai, bem como quando e por que eles se separaram. Ela era pequena e não lembra dele. Ela nunca perguntou para sua mãe sobre isto e ela não costuma comentar por iniciativa própria.

“Eu não sei (quando separaram). Devia ser bem pequenininha, né”.

“..não tenho muita idéia de como foi , eu nunca perguntei e ela também não fala”.

“Não me lembro (do meu pai)”.

Quando Débora estava com 14 anos ela veio morar com sua mãe em Curitiba. Ela resolveu passar um tempo aqui, mas não soube explicar o motivo pelo qual quis vir, apenas falou que tinha vontade de ficar mais perto dela. Posteriormente, ela contou que sua mãe estava grávida e ganhou nenê logo após ela chegar.

“Porque... não sei, porque eu queria ficar para cá um pouco, não era definitivo assim de ficar aqui”.

“Eu tinha vontade de ficar mais perto dela...”

“Quando eu tava querendo vir, ela tava pertinho de ganhar o neném”.

Seus tios a tratavam como filha, eles não queriam que ela viesse para cá, por isto ficaram um pouco chateados com ela. A partir desta época, eles se encontraram pouco, não procurando saber muito dela.

“...eles não queriam que eu saísse de lá, queriam que eu ficasse lá. E aí como eu quis ir, eles ficaram meio chateados assim”.

“Então eles não procuravam muito saber (de mim)”.

“..não se via porque eles não vinham para cá, era difícil eles virem pra cá e eu também não fui mais pra lá”.

“Acho que (me tratavam) mais como filha, né [...] (Eles) sempre falavam (como se fosse filha deles)”.

“Creio que sim, acho que ficaram chateados mais por causa disso (por a tratarem como filha)”.

Fase da vida

Débora explicou que a fase que estava antes de engravidar era difícil porque ela e seu companheiro não estavam se entendendo muito bem e tudo que ela queria era que ficassem bem. Mas ela considerou que era uma fase menos difícil que a atual

“É, (veja, era difícil até aquele ponto, né. Era difícil assim, porque tudo que eu queria era ficar junto, era isso, era aquilo. Era difícil mas não tão difícil como hoje”.

Ela avaliou que sua vida antes de engravidar era boa, ela tinha preocupações somente consigo, depois da gravidez tudo mudou por que a preocupação passou a ser só com a criança.

“Era... era boa, né.. Não tinha muita... se tinha preocupação era assim... tuas preocupações são outras, depois que a gente engravida muda tudo, que a preocupação é só com a criança. Tipo, é comida, é roupa, é escola, é educação... e antes disso a gente só se preocupa com a gente mesmo, só com a gente, não tem nada mais que isso para se preocupar”.

Débora achou que ao engravidar estava na adolescência, mas também estava um pouco mais para frente, na fase adulta, por estar casada.

“Eu acho que na adolescência e um pouco mais para frente, né? Por que se a gente só namorasse seria na adolescência, mas a gente já era casado ali, vivia junto, era um pouco mais”.

“É meio que obrigada tando na fase adulta, pelo fato da gente estar casado, então era...”

Estudos

Débora interrompeu o 1º ano do 2º grau quando se mudou para Curitiba. Ela pretendia recomeçar os estudos no ano seguinte, mas acabou deixando para o próximo ano. Depois ela começou a trabalhar e foi deixando para começar mais tarde, sempre no outro ano.

“Parei pela mudança né, primeiro, quando eu vim, que eu morava com os meus tios e vim para cá, daí parei daí eu não voltei a estudar. Daí fiquei, ficou para eu voltar no começo do ano pra iniciar desde o começo... e acabei não voltando”.

“Aí eu comecei a trabalhar, daí não fui atrás dos papéis também que tinha ficado lá pra começar a estudar aqui, acabei não voltando a não estudar aqui, deixando... deixando. Ah, (riso) deixa para o ano que vem...”

Trabalho

Inicialmente Débora trabalhou em um restaurante e depois passou a trabalhar na casa de uma família como babá.

“Trabalhei lá daí quando eles fecharam o restaurante, daí acho que eu fiquei um mês mais ou menos sem trabalhar até que eu comecei a trabalhar lá”.

Planos educacionais/profissionais

Antes de engravidar Débora tinha planos de voltar a estudar e fazer alguma coisa depois do 2º grau, mas não tinha pensado bem ainda sobre o que ia fazer. Ela comentou não ter idéia sobre isto e achar difícil pensar sobre o que fazer, não tendo pensado sobre que profissão gostaria de ter no futuro.

“Planos... era continuar estudando né, trabalhando... fazer alguma coisa assim depois que terminasse o 2º grau, não pensava direito ainda o que ia fazer...”

“Não entendo assim muito, não tinha muita idéia assim do que, por que é tão difícil pensar né, no que fazer”.

“Não, não pensava assim em que ainda (gostaria de trabalhar)”.

Relacionamento com o parceiro

Débora contou que foi tudo muito rápido e precipitado, eles namoravam há 6 meses, ela estava com 15 anos e eles foram morar juntos. Quando moravam juntos há 1 ano e 6 meses, eles se separaram e uma semana após souberam que ela estava grávida. Quando se separaram, ela não pensava que estava grávida.

“A gente se conheceu, a gente namorou, mas foi tudo muito rápido, assim. A gente namorou pouco tempo e a gente já foi morar junto, foi tudo muito precipitado, assim, sabe? E a gente ficou morando junto 1 ano e meio, aí começou a surgir muita briga... Por que... não sei, não é muito fácil levar um casamento também... Então é muito complicado também. Aí a gente achou melhor separar. Mas a gente separou, aí... uma semana eu tava grávida”.

“Aí como não veio, esperei, esperei e não veio, eu vi que tava grávida. Mas aí a gente não voltou. A gente voltou a ficar junto, mas não a morar junto”.

Débora não soube dizer bem o que lhe motivou a ir morar junto com o namorado. Ela contou que o casal estava se vendo todos os dias quando ele a convidou para ir morar junto com ele. Eles ainda pensaram durante uma semana até ela ir. Ela analisou que a decisão de morar junto foi precipitada, por não se conhecerem ainda bem.

“...de repente a gente já estava se vendo todos os dias, todos os dias a gente ficava junto e... não sei. Daí ele tipo deu a idéia de a gente ir morar junto, ficar junto... e eu concordei”.

“...a gente ficou ainda uma semana ainda assim pensando, né até ir”.

“Porque é meio complicado né, a gente não deu muito tempo assim para se conhecer melhor, daí já foi morar junto, morando junto já estamos todo dia ali junto, já é diferente, né. Você já é meio, fica meio que obrigado a se conhecer de uma vez assim, né... Tá todo dia junto, tem que dividir tudo... Fica mais difícil”.

Débora contou que no final do relacionamento o companheiro passou a sair do trabalho e ficar no bar, voltando tarde para casa. Antes eles saíam sempre juntos. Até um determinado momento, ela tinha expectativa que ele melhorasse, mas depois ela viu que não dava para ficar mais junto. A iniciativa de separação partiu de Débora, inicialmente ele não aceitou, mas depois ele acabou também querendo.

“É, a gente se dava bem assim, a gente sempre saía juntos, ele começou assim mais no final né, sair sozinho, depois que ele saía do serviço ele já saía tarde, mais no final assim que ele começou a ficar mais pro lado dele e eu mais pro meu lado. Mas antes disso assim, era direto, a gente saía junto, a gente só ficava junto assim...”

“Porque aí ele saía, eu ficava em casa... Saía, depois do serviço dele, ficava no bar do lado, só voltava de madrugada lá pelas 2h...”

“No começo (ele) não (aceitou a separação), mas depois acabou ficando assim, acabou ele também querendo”.

Débora contou também que o companheiro era bastante ciumento, ela não podia nem olhar para o lado quando saíam. Ela se considera ciumenta, mas não como ele.

“Ele era (riso). Bastante (ciumento) [...] Se a gente saía junto assim, você não podia olhar para o lado e ele achava ruim”.

“Eu era (ciumenta), mas não assim né, dessa forma. Eu levava mais, deixava mais à vontade”.

Ela relatou que a separação ocorreu de maneira mais ou menos repentina. Os problemas surgiram em função dele gastar muito dinheiro com besteiras e acabarem pagando as contas somente com o dinheiro dela. Ela tinha expectativa que juntos guardassem dinheiro, pra ter uma casa só deles.

“Dentro de um mês assim, eu já comecei a sentir que não dava mais para agüentar”.

“Não sei te dizer ao certo assim o que foi que aconteceu. Começaram a surgir muitos problemas assim... de... falta de dinheiro, ele começou a gastar muito dinheiro. Sabe, só eu trabalhava, não, a gente trabalhava, mas eu trabalhava, só o meu dinheiro dava para as contas, ele gastava muito dinheiro. Então eu achava que não estava valendo a pena a gente ficar junto porque... Eu não sei, tava, começou a se desgastar muito...”

“...eu esperava outras atitudes dele, não né... a gente já morava em casa alugada, eu esperava que a gente né pudesse guardar mais dinheiro, para poder ter alguma coisa da gente, né. E ele já não pensava assim, pensava em gastar, já gastava dinheiro”.

“(Ele gastava o dinheiro) só em besteira, só em besteira, não tinha muita cabeça...”

Débora considerou que ela ficou tempo morando junto com o companheiro, motivada pelo amor, por gostar muito dele e de sua companhia. Ao indagada sobre se amava ele, ela considerou ser difícil dizer se o amava.

“Acho que o amor. (riso) Eu gostava demais dele. Tanto é que eu fiquei um ano e meio com ele. Por que ele sempre foi assim, meio sem cabeça né, desajuizado. Gastava muito dinheiro à toa e tal, mas eu sempre ali, achando que uma hora ele iria melhorar (riso), mas... Não foi o que aconteceu...”

“Ah, não sei, (gostava de) tudo assim... tudo entre aspas né, da companhia, de tar com ele, disso (riso)”.

“Se amava eu não sei, porque é difícil saber se você ama alguém, até que ponto é esse amor...”

Planos quanto ao relacionamento afetivo e a maternidade

O casal pensava em casar mais para frente quando estivessem mais estabilizados na vida. Não tinham planos de ter filho agora, queriam ter bem mais para frente quando tivessem mais estabilidade.

“É, mais pra a frente a gente pensava (em casar) [...] Ah não sei, assim que a gente estabilizasse mais a vida”.

“Entre eu e ele, entre financeiro também, de dinheiro, tudo [...] Assim que visse que ia dar certo mesmo, que valia a pena a gente casar no papel tudo”.

“(Queriam ter filho) Bem, (riso) mais para frente!”

Débora enfatizou que não gostaria de ter engravidado agora por não ter preparo psicológico e financeiro para ter uma gravidez e um filho.

“A principio não (gostaria de ter engravidado), melhor seria se tivesse engravidado mais tarde, né.... Com mais condições de ficar grávida ”

“Porque eu acho que quando você engravida muito cedo, você não tem muito preparo, né... nem psicológico, nem financeiro pra agüentar uma gravidez, um filho, uma responsabilidade tão grande...”

Ela disse que na época que engravidou ainda tinha expectativa que o relacionamento desse certo e ficasse junto com o companheiro.

“Eu esperava tudo de bom né, que a gente ficasse junto mais tempo que desse certo”.

“...antes de acabar o que a gente espera é que dê certo, né, de que a gente sempre fique junto”.

As relações sexuais e o uso de métodos contraceptivos

Débora perdeu a virgindade com seu companheiro, um pouco antes de irem morar junto. Ela referiu não ter decidido iniciar as relações sexuais, simplesmente aconteceu.

“Foi pouca coisa antes da gente morar junto (que começou a ter relações sexuais)”.

“Não... nem passou assim decidir (riso)... Foi assim, aconteceu”.

Logo no começo ela foi ao médico e começou a tomar pílulas. Foi uma decisão pessoal e não do casal. Da mesma maneira, a responsabilidade de tomar os comprimidos diariamente era exclusivamente sua. Ela pegou o anticoncepcional na unidade de saúde. Lá ela foi orientada que não podia esquecer de tomar, neste caso teria risco de engravidar. Como às vezes ela esquecia de tomar, acabou engravidando. O casal tinha parado de usar camisinha, quando ela passou a tomar a pílula.

“Eu decidi (usar pílula) sozinha [...] Foi logo no começo eu fui até o ginecologista e tudo para tomar pílula (no postinho)”.

“Ah, sim, falaram (que se esquecesse de tomar poderia engravidar)”.

“Eu não me lembro, como é que foi... ah, não lembro quantas vezes eu esqueci...”

“...não era muitas vezes assim que eu esquecia, era difícil eu esquecer”.

“Era por minha conta, ele não... (lembrava para eu tomar a pílula)”

“A gente relaxou na camisinha, porque eu tomava comprimido. Não foi nada decidido assim”.

Análise e discussão do grupo

Débora contou que seus pais são separados e ela não lembra de seu pai. Ela foi criada por seus tios em outra cidade desde pequena, mas sempre teve contato com sua mãe, tendo um bom relacionamento com ambos. Ao analisar sua história, pode-se verificar uma mudança importante em sua vida ao voltar a morar em Curitiba, com sua mãe, aos 14 anos, contrariando o desejo dos tios por quem foi criada. Até então, ela estava estudando, encontrando adequação no nível de escolaridade em relação a sua idade. Ao vir para Curitiba, ela interrompeu os estudos e não voltou mais a estudar. Inicialmente ela havia deixado para recomeçar os estudos no próximo ano, mas ela começou a trabalhar deixando os estudos para depois. Alguns autores têm frisado a interrupção dos estudos em adolescentes após a inserção ao mercado de trabalho, especialmente nos estratos baixos (BECKER, 1989; SALLAS, 1999).

Débora não soube dizer exatamente por que resolveu vir para Curitiba, apenas disse que gostaria de estar mais perto de sua mãe. Mas posteriormente, ela comentou que sua mãe estava grávida e logo ganharia bebê. Desta maneira, ela ajudou a cuidar de sua irmã recém-nascida. Mais uma vez verificou-se a experiência de cuidado de crianças anterior a gravidez apontada por PAIVA, *et al.* (1998). Débora negou alguma influência desta experiência na ocorrência de sua gravidez.

Pouco tempo após vir a Curitiba, ela conheceu o pai da criança e após 6 meses de namoro, eles resolveram ir morar junto. O casal estava bastante próximo se encontrando

diariamente, então ele a convidou para ir morar junto e ela aceitou. Entretanto, na entrevista, ela referiu achar que a decisão foi precipitada por se conhecerem pouco. Débora contou que no começo o casal saía sempre junto, mas no final do relacionamento ele começou a sair do trabalho e ficar no bar bebendo com os amigos, além de estar muito ciumento. O relacionamento também ficou difícil por que ela acabava pagando as contas da casa sozinha, enquanto ele gastava seu dinheiro mais com besteiras. Os problemas aumentaram e de maneira repentina ela resolveu se separar por não estar mais agüentando, mas ela não sabia que já estava grávida. Ela expôs que ficou tempo morando com o companheiro por gostar muito dele e ter expectativa de que o relacionamento ia melhorar.

Débora tomava pílulas, mas explicou que algumas vezes acabava esquecendo. Nestas ocasiões, ela não costumava pensar muito nisto, achando que não ia engravidar, apesar de ter sido informada na unidade de saúde sobre os riscos ao esquecer de tomar o anticoncepcional. Ela contou que a iniciativa de começar a tomar comprimidos e a responsabilidade de lembrar de tomar a pílula no dia a dia foi exclusivamente sua.

Em relação a seus planos anteriores a gravidez, Débora mencionou que pretendia casar com o companheiro mais para frente quando o casal estivesse mais estabilizado financeiramente e quanto ao relacionamento. Ela também pretendia ter filhos bem mais adiante. Ao indagada, ela expôs que pretendia voltar a estudar, completar o 2º grau e depois fazer algum curso, mas não sabia o que. Ela disse considerar difícil pensar sobre estes planos. Esta colocação expressa de maneira resumida sua história. Após mudar para Curitiba, Débora acabou deixando seus estudos de lado afastando-se de um projeto de vida de crescimento educacional e profissional. Ela foi morar com o companheiro, assumindo o papel de esposa e permanecendo bastante envolvida afetivamente, isto pode ser percebido no seu relato de que gostava muito do parceiro, queria se entender com ele e casar quando estivessem mais estabilizados. Seu papel de esposa a levou a se sentir entre a adolescência e a fase adulta. Entretanto, no decorrer do tempo o casal passou a encontrar dificuldades no relacionamento. Apesar disto, Débora não deu o devido valor aos momentos em que esquecia de tomar a pílula, achando simplesmente que não ia engravidar e não utilizando outro método contraceptivo de maneira associada. Ela enfatizou o fato de não pensar sobre o risco de gravidez nestes momentos, considerando ter sido este um comportamento irresponsável. Algumas interpretações podem ser feitas diante desta situação.

O companheiro de Débora lhe delegou a responsabilidade da prevenção da gravidez, o que ela assumiu sozinha. Estando envolvida com seu dia a dia e com o desejo de que o relacionamento melhorasse, ela não refletiu claramente sobre os riscos com relação à gravidez. Pode se pensar que talvez não conscientemente ela possa ter desejado engravidar como uma maneira de fortalecer o relacionamento do casal, ou que seu papel de esposa, sua vida afetiva e a

inserção no mercado de trabalho estavam se sobressaindo no seu cotidiano, reforçando um projeto de vida enquanto mãe/esposa em oposição ao planejamento e o seguimento de um caminho de crescimento educacional e profissional. Como destacado por FÁVERO & MELLO (1997) frente à ausência de perspectivas de êxito educacional e profissional, a gravidez pode significar uma forma de alcançar auto-estima. PAULA (1992) também reforçou que a união formal em estratos sociais baixos, é um meio imediato de fornecer projeção social entre adolescentes dos estratos sociais baixos a partir dos papéis sociais de esposa e mãe.

4.4.2.4. A gravidez ocorreu em função dos adolescentes terem confiado na tabelinha

Neste grupo estão incluídas duas adolescentes e o marido de uma destas (Elizabeth, 18 anos; Andréa, 19 anos e Ricardo, 21 anos). As duas adolescentes estavam namorando ao engravidar, mantendo um relacionamento bastante próximo com o parceiro. Todos estes participantes pertenciam ao estrato social médio.

Eles referiram que a gravidez ocorreu por terem se enganado em relação à tabelinha. Ricardo e Andréa sempre usavam camisinha, mas aquele dia não usaram confiando na tabelinha. Elizabeth e seu namorado tiveram uma penetração sexual rápida antes de colocar o preservativo, confiando que ela não estava em seu dia fértil.

Elizabeth, 18 anos

Ao indagada sobre o que a levou a engravidar, inicialmente Elizabeth respondeu que a gravidez foi uma surpresa, por que eles usaram camisinha. Entretanto, confiando na tabelinha, eles a colocaram após uma rápida penetração.

“A agente usou precaução, quando nós tivemos relacionamento sexual agente usou camisinha, tudo, né, então a gente tinha uma idéia, agente não era leigo, assim, mas aconteceu, foi uma coisa assim que foi surpresa tal, e acabou acontecendo, mas agente sabia dos riscos, a partir do sexo é uma consequência uma gravidez. Dizer que esperava, não esperava”.

“A gente colocou (a camisinha) na hora errada, mesmo [...] a gente já tinha tido um contato (penetração sexual), depois agente tirou e colocou (a camisinha), mas foi um contato super rápido assim...”

Andréa, 19 anos

Andréa atribuiu a ocorrência da gravidez a uma não prevenção, por achar que não estava no dia fértil. Ela salientou que havia aprendido a tabelinha na escola, sem ter recebido uma orientação de um ginecologista.

“De repente uma não prevenção, né. Na verdade eu achava que tava tudo certo, eu achava que naquele dia não (estava fértil), hoje não tem problema (riso), aí a gente não usou preservativo nada porque eu achava assim nos meus cálculos tava certo. Então...”

“Acho que era o quinto dia assim depois do último dia de menstruação. Aí eu tinha o cálculo de 14 dias assim no meio, aí três dias antes e três dias depois, mas isso coisa que eu aprendi na escola assim, não que uma ginecologista veio e me disse: ó é assim”.

“Então acho que foi isso assim de ter confiado em uma coisa que eu não tinha certeza”.

Ricardo, 21 anos

Inicialmente Ricardo considerou que a gravidez ocorreu um pouco por falta de responsabilidade, porque eles sempre faziam “tudo certinho”, sempre se preveniam. Naquele dia, o casal se descuidou por não utilizar o preservativo ao confiar na tabelinha. Ele afirmou que sua namorada sempre se cuidava em relação à tabelinha e ele confiava nela. Eles não esperavam a gravidez, ela foi um deslize. Ricardo enfatizou que o casal conversava bem aberto, sempre usavam camisinha e acompanhavam os esquemas da tabelinha.

“Um pouco assim foi da nossa parte um pouco falta de responsabilidade assim né, porque a gente sempre fez tudo certinho né, desde que quando a gente começou a namorar, e teve a 1ª relação assim a gente sempre fez tudo certinho né, e daí sempre acontece em horas desfavoráveis assim né, que a gente deixou acontecer assim esse deslize, mas a gente também nem imaginava que ia acontecer, tanto que ela se cuidava bastante assim né, entendeu, então eu confiei assim, não eu, eu não tô jogando nela né, mas eu confiei bastante nela assim e só que aconteceu, né”.

“É a gente não usou assim (a camisinha) e daí tanto eu como ela, a gente pensava que essa tabelinha tava meio certa, assim né, entendeu, só que (não tava certo)... “

“...a gente em todas as relações nossa a gente usava camisinha, sempre tava né, eu acompanhava tudo sobre esses esquemas de tabelinha, ela sempre tava em conversa, a gente conversava bem aberto assim, bastante coisa, a gente sempre conversou assim sobre tudo bem aberto, assim né, não tinha nenhuma restrição de conversa assim. Mas, né foi um deslize mesmo”.

Ao final da 2ª entrevista Ricardo salientou que realmente eles vacilaram, não fizeram certo como deveria ser. Foi um descuido dos dois.

“...eu acho que não adianta dizer que a gente tava certinho [...] a gente vacilou mesmo entendeu, poderia ter feito o negócio certo, como em qualquer lugar, como te disse tá escrito e tinha que fazer, entendeu, A gente foi, por que que ela engravidou acho que foi por causa disso mesmo, foi descuido dos dois assim”.

Segundo Ricardo, o casal não pretendia ter relação sexual naquele momento e ela acabou engravidando. Ele expôs achar que a vacilada, o descuido, foram ruins, mas que o fato de terem estado juntos naquele momento, dando origem a uma criança foi bom.

“...ali na hora assim foi um negócio que a gente não tava pensando né assim em fazer, porque a gente tava fazendo uma outra coisa, aconteceu assim bem de inesperado assim e além de acontecer inesperado né, aconteceu de ela engravidar assim. Então até por sinal assim foi na parte ruim foi essa, foi uma vacilada, foi um descuido mesmo, a gente sempre fez tudo certo, só que

numa hora a gente se descuidou. E a outra assim foi uma parte boa, porque a gente tava bem ali na hora entendeu e... e desse ato assim agora ela ficou grávida, entendeu vai vir uma coisa boa pra gente assim. Eu penso assim, eu acho que a criança e o ato que a gente fez ali na hora tá super legal assim, né e a coisa ruim foi isso mesmo, o nosso vacilo assim mesmo”.

A influência dos planos em relação ao futuro na prevenção da gravidez

Tanto Andréa como Elizabeth acharam que seus planos de futuro influenciaram para que se prevenissem utilizando a camisinha e/ou a tabelinha.

A influência do relacionamento com o parceiro em relação à ocorrência da gravidez

Os três participantes analisaram que de alguma maneira o relacionamento com o parceiro influenciou na ocorrência da gravidez. Andréa e Elizabeth afirmaram que deixaram de pensar no amanhã ao estarem envolvidas com o momento.

Elizabeth salientou o fato do momento ser gostoso e romântico, despertando vontade e curiosidade. Além disto, seu namorado queria muito ter relações sexuais com ela, pressionando-a constantemente, ao que ela acabou cedendo.

Andréa achou que o fato de terem um bom relacionamento, tendo inclusive planos de casar mais para frente, facilitou para não pensarem muito nas conseqüências, pois sabiam que se engravidassem ficariam juntos. Ela estava influenciada por seus sentimento e por fazer alguma coisa boa para ambos.

Ricardo avaliou que o fato de estarem bem fez com que permanecessem juntos tendo relações, até que acabaram engravidando. A gravidez acabou confirmando a relação do casal.

Elizabeth, 18 anos

Elizabeth considerou que os planos de seu namorado de transar influenciaram para que ela engravidasse. Ele queria transar o mais rápido possível, foi a primeira relação sexual de ambos. Como estava namorando e envolvidos, ele acabava a pressionando para ter relação sexual logo, apesar de não fazer parte de seus planos ter um filho agora. Elizabeth referiu ter sido mais influenciada pelo desejo dele que pelo seu. Ela referiu ter cedido em função da vontade do corpo, a curiosidade do momento e ao fato de estar romântico e gostoso.

“Bom, pra ele o plano de vida era transa o mais rápido possível, né (riso). Acho que pra todo adolescente, é, menino principalmente né. Ah, a primeira experiência, eu acho que ele fico testando umas 5 camisinhas antes [...] Então, eu acho que pra ele, os planos dele era fazer sexo o mais rápido possível. E como ele também tava envolvido, ele tava namorando, ele achava que tinha que acontecer logo, ele ficava olhando os lugares, ficava me pressionando, não em tal lugar já tem tudo preparado entendeu, então pra ele tava nos planos a relação sexual, mas o filho não”.

“(Fui influenciada) mais pelo desejo dele [...] A vontade, a curiosidade, eu acho, e o momento né, aquele momento que tava gostoso, que tava romântico lá, que você, que eu não consegui me segura, acho que foi isto”.

Elizabeth explicou que as amigas, e inclusive uma tia, comentavam que o sexo era bom, isto despertava sua curiosidade, fazendo com que a emoção, que não tem freio, falasse mais alto que a razão. Ela e uma amiga eram as únicas entre as amigas do colégio e das primas dela que eram virgens.

“A vontade, o corpo sabe, a vontade, a curiosidade de saber como, e ainda mais quando você tem amigas, e as amigas ficam dizendo, ah é bom, é bom, é bom, e você tem curiosidade de saber que tão bom que é isso. Por mais que você não queira, por mais, você, aquele negócio da razão fala que não, mais né a emoção não tem freio”.

“Eu acho que eu era, eu e mais uma amiga éramos as únicas virgens. Do pessoal de BH né, do colégio aqui, das minhas primas, então, e a minha prima tinha acabado de iniciar a relação sexual dela [...] daí ela começava a fala, daí ela contava que ia no motel, daí falava como era o motel, como era, como era bonito, não sei o que, era gostoso, então agente ficava curiosa também”.

Elizabeth achou que tomou a decisão errada de iniciar as relações sexuais, por não ter certeza do que queria e ter pensado só no momento, faltando pensar no amanhã. Ela explicou que tinha planos para o futuro, mas não pensou no dia seguinte.

“(A decisão) de ter relação ou não né, foi difícil de tomar decisão, e eu ainda tomei decisão errada, eu achei [...] eu acho que deveria ter certeza do que eu queria, e não se preocupa com o que os outros vão pensar, ou se preocupar com o momento, mas se preocupa com o que eu queria não só no momento, mas depois, pensa no depois, isto que falto, eu acho talvez. E depois como é que fica, depois como é que vou ficar, eu acho que isto faltou”.

“...falto eu me preocupa com o amanhã, não com dez anos, não com...”

Andréa, 19 anos

Andréa analisou que o fato de ter um bom relacionamento com seu namorado e planejarem casar pode ter influenciado para não pensarem muito nas conseqüências, por que sabiam que se engravidasse ficariam juntos.

“...não sei dizer se influenciou assim ou não, o nosso relacionamento. A gente tinha um relacionamento super bom assim, a gente sabia que que ia casar, tudo, de repente pode ter influenciado porque a gente tinha uma idéia de ficar junto mesmo, então, de repente naquele momento, já que a gente vai ficar junto mesmo, então aconteça o que acontecer a gente vai estar junto. De repente influenciou nesse sentido de não pensar muito nas conseqüências porque a gente sabia que ia estar junto. Uma coisa assim”.

Andréa avaliou que se tivesse agido conforme seu jeito de ser, a gravidez não teria acontecido por ter se prevenido, mas ela pensou mais naquele momento e em fazer alguma coisa boa para ela e para ele.

“Eu acho que se eu tivesse agido pelo meu jeito de ser... não teria acontecido assim. De repente foi uma hora de sei lá... antes do jeito que eu pensava assim, eu acho que não era para ter acontecido”.

“Porque deve ter sido isso assim, de ter pensado mais no momento ali, ai vou fazer, não sei. Vou fazer uma coisa que vai fazer bem para mim e para ele, então vou fazer”.

Ricardo, 21 anos

Ricardo considerou que o relacionamento com Andréa influenciou para que a gravidez ocorresse, por que estavam se entendendo bem entre si e entre as famílias, e se não fosse assim não estariam juntos na ocasião. Como estavam se dando super bem e não havia nenhuma restrição, estavam tendo relação sexual e acabou acontecendo.

“...eu acho que sim, por que se eu por acaso tivesse namorando com ela e a gente não tivesse se dando bem, assim né, entendeu, tipo em tudo né, eu e ela, eu e a família dela, ela com a minha família, e os nossos jeitos de ser assim, acho que se a gente não tivesse se dando bem, a gente não teria ido mais pra frente sabe, a gente teria acabado assim”.

“...como a gente começou a namorar [...], e daí como a gente tava se dando super bem né, e não tinha nenhuma restrição, daí foi isso que foi influenciando, a gente foi ficando bem, a gente foi fazendo sexo e aconteceu”.

Ele contou que está feliz com a gravidez, não tendo por que se arrepender. Ele gosta de criança e sua namorada engravidou na época em que eles mais estavam se dando bem. A gravidez veio confirmar a relação.

“...tipo eu fiquei feliz porque eu acho assim o que você faz você não tem o que se arrepender, não é nem de se arrepender entendeu, se você tava vivendo a tua vida e aconteceu né e tudo aquilo que eu já te falei, eu gosto de criança, já tive contato, entendeu e na hora que aconteceu isso a gente tava, assim tava no tempo que a gente tava mais se dando bem assim entendeu, tava bem jóia, então foi aquilo dali que foi pra selar mesmo assim né”.

A influência do relacionamento familiar em relação a ocorrência da gravidez

Tanto Andréa como Ricardo avaliaram que o relacionamento com suas famílias pode ter influenciado para que ela engravidasse. Entretanto, seus relatos foram diferentes e até mesmo contrários. Andréa avaliou que a gravidez pode ter sido um escape inconsciente para sair de casa em função dela e seu pai estarem brigando muito. Por outro lado, ela considerou que o relacionamento familiar também o influenciou para se prevenir da gravidez. Seus pais a estimulavam para que estudasse fosse independente e somente depois casasse, não fazendo como sua mãe que engravidou aos 18 anos e parou de estudar. Por outro lado, Ricardo salientou que o fato deles estarem se entendendo também entre as famílias, propiciou que o casal permanecesse junto e acabasse engravidando.

Andréa, 19 anos

Andréa expôs que até uma pessoa lhe perguntar se teria engravidado de propósito para sair de casa, ela nunca havia pensado nisto achando que a gravidez teria acontecido por acaso.

Diante deste comentário, ela avaliou que se isto aconteceu foi de maneira inconsciente, sendo um escape para sair do tumulto que estava vivendo por estar brigando muito com seu pai. Esta seria a única saída. Naquele dia algo teria feito ela pensar que não haveria problema. Ela teria se desligado, pensando só no momento. Se acontecesse alguma coisa eles assumiriam.

“... não sei explicar assim. Até então que alguém me perguntou isso, nunca tinha me passado pela cabeça que eu pudesse ter feito de propósito. Pra mim aconteceu mesmo por acaso. Então quando me perguntaram, você nem fez de propósito isso né? Eu falei, não, por quê? Ah, porque você tipo assim, você e o teu pai só brigavam nesses últimos tempos, nem se... não conviviam mais. Então foi mais um escape assim, mas não um escape que eu disse, vou fazer isso para escapar. Mas de repente naquele dia assim alguma coisa me fez dizer que não tinha problema né, e aconteceu e...”

“Estar ali naquele momento assim e não pensar na minha família. Pensar só no momento e se acontecer a gente assume. Não ter muito... não pensar muito no que podia acontecer...”

“Eu não sei se foi por isso, mas se foi, foi inconscientemente né. Não pensando, ah, vou engravidar, que eu saio de casa”.

“Sair da minha casa assim né. Não sair da minha casa, escapar daquele tumulto que estava a vida assim né. Você viu a única saída era aquilo assim. Então...”

“Talvez realmente eu tenha engravidado para poder conviver com a minha família melhor assim. Para poder se dar bem assim, porque nos últimos tempos a gente só vinha brigando mesmo assim”.

Ela avaliou que o relacionamento familiar a influenciou para se prevenir da gravidez. Seu pai sempre lhe dizia que deveria se formar para ser independente e não fazer como sua mãe que engravidou com 18 anos e parou de estudar e trabalhar ficando dependente dele.

“Acho que sim. Acho que justamente pelo que meu pai sempre pregou em casa. Acho que com certeza”.

Ricardo, 21 anos

Segundo Ricardo, o fato do relacionamento de ambos os parceiros com seus familiares estar sendo bom também influenciou para que Andréa engravidasse. No começo foi difícil e Ricardo pensou até que talvez não desse para continuar com ela, por que seu pai não deixava sua filha acompanhar as saídas e passeios que estava acostumado. Mas, depois o relacionamento com os familiares melhorou e a gravidez acabou acontecendo.

“...porque foi bem legal assim, por que acho que a minha família gostou muito dela entendeu, a família dela também me recepcionou bem, assim né... Desde o começo, assim o modo de dizer, no começo assim não me conheciam né, então até se adaptar comigo, saber o que eu era, aí só que daí tava tudo fácil né, entendeu, tava bem, nada assim largado, mas tudo bem certinho né com os pais dela tal, não tinham muito aqueles problemas assim, né, então tava tudo certo assim, daí eu acho que isso influenciou em tudo, né.

“...eu tinha bastante assim tipo saídas, compromissos, coisas de praia assim bastante, e eu sempre quis ir, sempre levar ela, por que era minha namorada tal e ele (pai dela) sempre cortava assim,

daí nesse começo fui me desgastando assim. Eu até não tava pensando muito na gente, tava pensava mais que o nosso relacionamento não ia dar certo mais por causa do pai dela assim né, que desse jeito assim pra mim ficava muito difícil né, assim viver com uma pessoa assim né, sendo desse jeito o pai dela assim. Mas aí depois foi indo, daí ele já foi soltando, foi vendo que né, no começo assim nenhum pai solta né, aí depois foi indo, foi indo, e ficou tudo bem e foi aquilo que te falei ficou muito bem e daí aconteceu”.

Modelos sociais em relação a maternidade/paternidade na adolescência e a experiência anterior de cuidado de crianças

Andréa, 19 anos

Andréa acabou engravidando aos 19 anos, apesar de relatar que queria se formar e só depois ter filhos, fazendo diferente de sua mãe que engravidou aos 18 anos e parou de estudar.

Elizabeth, 18 anos

Elizabeth acompanhou, de longe, há 4 anos a gravidez de uma amiga que estava com 14 anos. Ela acompanhou também a gravidez e criação de filhos de duas tias de uma amiga, sendo que uma delas era adolescente, tinha 19 anos, e a outra era mais velha. Ela não estabeleceu nenhuma relação entre este fato e a ocorrência de sua gravidez, por que naquela época ela não se imaginava grávida.

“..eu tive uma amiga que engravidou com 14 anos, então acompanhei a gestação dela... Era próxima, só que ela morava em outra cidade né. A gente era bem amigas, só que a gente se correspondia só ou telefonava”.

“... e com as tias de uma amiga minha também acompanhei a criação dos filhos delas, mas também não muito próximo. (Ajudei a cuidar) muito pouco [...] Eu sempre ficava muito na casa delas né, na casa dessa minha amiga, então a gente conviveu. Isso faz uns dois anos”.

“...sentia bem longe dessa situação, nunca imaginei que estaria na mesma situação”.

Ricardo, 21 anos

Ricardo teve três amigos próximos que tiveram filhos antes de sua namorada engravidar.

“ Eu tenho três amigos que andavam comigo sempre e também eles já são pais, os três assim, então foi indo por fileirinha, foram eles três e depois eu agora. (riso)

Ricardo relatou que por ter tido bastante contato com seu irmão quando criança, tendo ajudado a cuidar dele, ele já gostaria de ser pai, apesar de não tão cedo. Posteriormente ele expôs não considerar ser tão cedo para ele, mas mais para sua namorada.

“Pra mim tipo é uma coisa nova assim né, mas eu tô gostando assim porque eu já tive bastante contato com criança assim né, cuidei do meu irmão desde quando ele nasceu assim. Então tipo a gente já namorava, namorava não tão bastante tempo assim né, só que daí quando a gente soube, a gente fez tudo junto, tudo certinho e eu tô gostando, assim né, por que eu já gostaria de ser pai

já não tão cedo agora assim né, depende não é tão cedo, pra mim não é tão cedo, talvez pra ela sim. Mas eu tô achando legal assim”.

Para compreender melhor a ocorrência da gravidez neste grupo, as falas referentes ao relacionamento com a família e com o parceiro, o momento e o projeto de vida anterior a esta serão apresentadas a seguir.

Elizabeth, 18 anos

Ao ser entrevistada, Elizabeth estava no 8º mês de gestação. Sua família pertence ao estrato social médio. Na ocasião da entrevista, ela estava morando na casa do namorado, junto com a avó dele em bairro da região da Matriz. Seu namorado estava cursando faculdade. Ele não foi convidado para participar da entrevista por Elizabeth ter sido entrevistada no início da pesquisa, na fase em que o roteiro de entrevista estava sendo avaliado, como relatado anteriormente. Em função disto, o relacionamento dela com sua família também foi pouco investigado. Entretanto, suas falas apontaram diversos caminhos para a compreensão da ocorrência de sua gravidez sendo apresentadas a seguir.

Relacionamento Familiar

Ela justificou a frustração e decepção de seus pais frente à gravidez, em função da expectativa anterior destes de que ela desse certo, se formasse e fosse uma boa profissional. Eles gostavam da idéia da filha fazer faculdade de direito.

“Esperavam que eu ia dar certo, minha mãe, meus pais assim, acho que foi mais por este motivo assim, a frustração deles foi por que eles sempre imaginavam que eu ia dar certo, por que eu sempre fui uma pessoa que sempre tive maturidade nessa parte do meu futuro e com tudo isto, então eles sempre acharam, não vai dar certo, essa era a expectativa”.

“...que eu fosse me formar, que eu fosse ser uma boa profissional”.

Fase da vida

Elizabeth considerou que antes de engravidar ela era adolescente, sendo esta uma fase maravilhosa, a qual aproveitou muito, tendo bastante liberdade. Sua vida atual é diferente.

“Eu era adolescente [...] Ah, é muito bom, é (uma fase) maravilhosa”.

“...eu tive uma boa adolescência, por que eu sempre tive liberdade né de, fazer, o que eu, de sair, de ter meus amigos, sempre tive muitos amigos assim, quando eu morei, eu morei em BH né, eu vim pra cá este ano, então nossa eu aproveitei muito minha adolescência lá”.

Estudos e planos em relação ao futuro

Ao engravidar Elizabeth estava fazendo cursinho, pouco tempo após prestou vestibular, mas não passou. Ela queria ser juíza, ter estabilidade financeira e conjugal, ser independente totalmente e só depois ter filho.

“Eu queria ser uma advogada (riso), não uma juíza, uma juíza, eu queria ter estabilidade financeira, queria ter uma estabilidade conjugal também, uma coisa assim independente, não depende de ninguém, eu acho que eu queria ter um filho no momento que eu fosse independente totalmente, é isso”.

Ela explicou que ter estabilidade conjugal é ter certeza que o parceiro combina com ela, e que cresceriam juntos.

“Assim, você ter certeza do seu parceiro, se o parceiro combina com você, você fala assim, você combina as coisas com teu parceiro ele te ouve, ele te entende, vocês crescem juntos, uma relação assim que você cresça, não você regrida”.

Elizabeth contou que sempre teve vontade de ser livre, viajar, conhecer coisas diferentes, mas também ter estabilidade e equilíbrio.

“Eu sempre tive vontade de ser livre assim, de viajar bastante, de conhecer coisa diferente, de ter uma estabilidade, estabilidade em tudo na vida, um equilíbrio”.

Relacionamento com o parceiro

Quando engravidou Elizabeth estava namorando em torno de 8 meses. Ela referiu que o relacionamento teve altos e baixos por ela estar mais compromissada com o vestibular que ele. Entretanto, o sentimento que tinham entre si compensava e o namoro se tornou sério e bastante próximo, inclusive entre as famílias.

“A gente se conheceu no cursinho, agente estudava junto na mesma sala e nós éramos amigos no começo, e depois surgiu um sentimento tal, mas foi um relacionamento muito difícil, por que na época eu tava mais preocupada com me prepara para o vestibular mesmo e ele não queria, ele é uma pessoa mais descompromissada, então foi um relacionamento da altos e baixos”.

“É, então nossa a gente teve muitas brigas assim, mas compensava assim o sentimento, eu gostava dele, e gosto dele, aí ficou um relacionamento muito próximo assim da gente se vê todo dia, e também nossas famílias, bastante com a minha família e eu muito com a dele, a gente se apego bastante, então todo fim de semana eu tava na casa dele, dormia bastante na casa dele, era um namoro muito sério...”

Elizabeth mencionou que o que motivava a estar com seu namorado era a sua companhia e o fato de ser carinhoso e atencioso. Mas acha que gostava dele, sentia um carinho, mas não era amor.

“...ah, não sei explicar muito bem (o que motivava a estar junto), por ele assim, não sei, pela companhia, que ele sempre foi uma pessoa muito carinhosa, muito atenciosa, então por isto, eu acho”.

“Eu acho que eu gostava dele, mas eu acho que eu não tinha amor, é um carinho, eu acho que eu sentia carinho”.

Planos quanto ao relacionamento afetivo, casamento e maternidade

Elizabeth não tinha expectativas quanto a casamento, ela estava vivendo mais o presente, e envolvida com o vestibular, enquanto seu namorado falava em casar.

“Eu não esperava assim, a não sei, eu não esperava nada, sabe eu sou uma pessoa que muito do presente assim, o que acontece agora tal, eu não esperava, ele falava pra gente casar e casamento, sempre sugeriu, não sei o que, namorasse pra casar, no momento sim. Eu falava, ah sim, tal mas, eu não esperava mesmo que fosse acontece mesmo assim desta forma, que tivesse que fica junto, não ficamos junto só por causa do filho né, mas tivesse que começa assim por um filho”

“...eu não tava muito preocupada com o namoro também na época, eu tava mais preocupada com o meu vestibular, mais com o meu futuro profissional. Então por isto que eu não tinha muita expectativa no lado sentimental, no lado do namoro”.

Ela explicou que seu namorado passou a freqüentar a igreja evangélica junto com ela e a pensar em namorar para casar como as pessoas da igreja. Ele não tinha uma data definida, mas queria casar o mais rápido possível. Apesar de querer casar, seu namorado não queria filhos no momento atual.

“..e aí ele começou a freqüentar junto comigo, ele falava não a gente tem que ser como essas pessoas namorar pra casar, não sei se hoje, acho que hoje ele não pensaria”.

“...por ele a gente casava quanto o mais rápido possível, né [...] Não tinha uma data determinada, mas queria casar... logo”.

“Já não, ele não queria (filho) de jeito nenhum agora”.

Elizabeth esperava se casar dali uns 10 anos, depois de formada. Em sua opinião, casar é mais difícil do que ser mãe, por ser necessário uma adaptação do casal.

“...nossa acho que daqui uns 10 anos (riso) eu queria me casar. É por que eu acho que casamento é muito mais difícil que ser mãe, eu acho que mãe, você a responsabilidade de criar um filho é uma coisa, é você se entregar pro teu filho, você tá com ele desde criança, sabe a personalidade, conhece ele de cabo a rabo, e o marido não, o marido é mais complicado, ele ah, tem mais, de ele ser um homem formado, já com bagagem de família, de uma criação diferente as vezes né, então eu acho que é uma coisa muito ruim no começo, a adaptação assim eu acho que é muito difícil”.

Elizabeth expôs que não gostaria de ter engravidado agora. Mas ela contou que sempre sonhou em ser mãe, quando fosse independente. Ela queria ter um filho somente após o casamento. Segundo seu ponto de vista esta vontade é comum a todas as mulheres desde meninas.

“Não gostaria de ter engravidado agora. Não, de jeito nenhum”

“Eu sempre tive o sonho de ser mãe, acho que toda mulher tem, toda menina tem, toda adolescente tem, eu sempre quis um filho assim, só que é aquilo que eu te falei quando eu fosse independente, mas já que veio antes”.

“ Depois do casamento... uma coisa normal”.

Elizabeth relatou que desde os 12 anos de idade ela tinha uma expectativa muito grande de que chegasse logo a fase que fosse independente, em torno dos 28 anos e se tornasse mãe. Por já gostar da idéia de ser mãe foi mais fácil de se adaptar a gravidez.

“...tinha uma expectativa muito grande, ansiava muito (por ser mãe), mas não no momento, mas ficava imaginando o momento depois, que chegasse logo, só que não tão cedo, mas logo digo nos meus 28 anos. Que eu chegasse logo na fase que eu tivesse formada e independente”.

“É (tinha) uma vontade forte, só que pra que aquilo como você falou, que chegasse o momento que eu tivesse independente. Não que chegasse na minha situação como veio. Mas é por isto que eu me conformei rápido, por que era uma coisa que eu já esperava, eu já gostava da idéia de ser mãe”.

O início das relações sexuais

Para Elizabeth, a constância, a proximidade, as tentações e as vontades do corpo a motivaram a iniciar as relações sexuais, além da pressão do companheiro.

“Eu acho que é a constância assim, agente se ver muito, agente dormi, não juntos, mas dormi na mesma casa, e aí começa a acontecer, uma tentação aqui, uma tentação ali, um beijo mais forte, é né, vai surgindo estas vontades assim, mas vontade do corpo, não da cabeça”.

Ela contou que começou a ter relações sexuais pela vontade do corpo, mas também pela pressão do companheiro que estava insistindo. Por estar em dúvida, inicialmente ela ficou recuando até não resistir.

“Eu acho que um pouco dos dois (por vontade do corpo e a pressão do companheiro), por que quando a pessoa fica pressionando muito, muito, muito, você se sente até...”

“...eu ia me recuando, a gente fico nisto uns 3 meses assim antes de ter relação [...] eu sempre ficava na retaguarda. Daí eu acabei não resistindo”.

Ela referiu não ter certeza se queria ter iniciado as relações sexuais, por não saber se ele era a pessoa certa no sentido de gostar da pessoa, de se entregar. Posteriormente ela disse que não estava preparada para ter relações sexuais, foi uma coisa de momento, mas na verdade ela não queria. Se pudesse voltar atrás, ela preferia não ter iniciado as relações sexuais, mesmo usando corretamente o método contraceptivo.

“...aí que surgiu, a vontade de ter um relacionamento sexual, mas sei lá se era uma coisa que eu queria, não tenho certeza absoluta... E nem se era ele mesmo o parceiro certo, assim... No sentido de companheiro, de gosta tal da pessoa... de namora, de me entrega, assim... é, de ter relação”.

“Por que eu não tava preparada assim, eu não queria, eu não queria na verdade, antes assim quando agente conversava eu não queria, mas foi mesmo um negócio de momento”.

“Com certeza... Era melhor não ter tido (relação sexual)”.

Elizabeth contou que ela foi influenciada pela igreja evangélica que freqüentava, no sentido de sonhar em casar virgem. A perda da virgindade foi horrível, por parecer um pecado. Naquele momento ela pensou que amava ele, mas depois viu que não era amor. Ela queria ter tido certeza que era a pessoa e o momento certo, tendo segurança do seu sentimento, mas não foi o que ocorreu.

“...por que eu frequentava uma igreja evangélica, que eu frequento até hoje né, então lá as coisas eram muito rigorosas, as pessoas só namoravam pra casar, e é por isto que eu tinha o sonho de casar virgem, por Deus assim sabe sempre fui muito temente, por isto que foi tudo a gravidez, a perda da virgindade pra mim foi horrível, por que parecia, por que foi um pecado né...”

“Tinha uma idéia de uma coisa mais segura, de uma coisa mais, né, sei lá... com a pessoa certa, com o momento certo. A pessoa que eu tivesse certeza, falasse assim era isso, tivesse certeza, certeza, certeza, é isto... mesmo que fosse antes do casamento... De que ele é a pessoa certeza, de que ia ser um momento seguro”.

“...por mais que no momento eu pensasse que eu até amasse ele, mas depois eu vi que não era amor, então eu acho que isto não é uma segurança de sentimento, né, eu queria ter uma segurança assim, não, eu amo esta pessoa mesmo tal, e ela me ama né, uma segurança assim”.

Elizabeth contou que apesar de ter sentido prazer, não se entregou 100% por que se sentia culpada. Ela achava que Deus esperava que ela casasse virgem. Ela afirmou que na ocasião da entrevista não sentia mais uma culpa tão forte, apesar desta estar presente. Isto lhe deixava triste, apesar de considerar que Deus já lhe perdoou.

“...foi bom assim, eu até senti prazer né, ótimo, bom é um prazer, mas foi ruim por causa da culpa, por que eu não me entreguei 100% por que eu tava, me sentia culpada de me entregar 100%”.

“Eu achava que Deus esperava que eu fosse casar virgem (riso). Eu até penso até hoje né [...] Aí, eu fiquei em relação a ele, de que eu pequei em relação a ele. Ah, eu tenho (isso comigo, uma certa culpa)”.

“... no começo era muito forte né (a culpa). Mas eu acho que depois, você tem um certo perdão, você tem chance ao perdão, eu acho, eu não acredito nesse negócio de ser punido o resto da vida, principalmente por Deus assim. Então eu acho que eu já acertei as contas, digamos assim com Deus. Eu acho que Deus me perdoou, eu acho que sim, pelo meu ponto de vista, pelo meu sentimento”.

“Ah, eu tenho culpa assim de ter transado [...] Ai é, eu acho que não é forte, mas é presente, eu acho que é presente [...] Me deixa mal assim, me deixa triste, né”.

O uso dos métodos contraceptivos e a gravidez

Elizabeth teve duas relações sexuais com o namorado e achou que engravidou na primeira vez. Antes de ter iniciado as relações sexuais o casal sempre conversava sobre o uso de métodos contraceptivos. Ambos tinham medo de engravidar.

“Ah, sim, não foi no momento que a gente foi ter relação, só que antes sempre conversava sobre isto”.

“Ele tinha muito medo também de engravidar, tudo, das conseqüências né, e eu também tinha muito medo, que eu sabia que é uma mudança, né”.

Ela relatou não ter usado a pílula por não ter intenção de ter relação no momento.

“Não, não, por que eu não tinha intenção né de ter relação agora (riso) agora, não naquele tempo”.

Elizabeth disse que por ela ser virgem, ela e o companheiro não queriam ter a primeira penetração com camisinha, por isto a colocaram um pouco antes dele ejacular.

“...na nossa primeira relação eu era virgem, ainda né quando engravidei, então agente pensou que não tivesse problema, só que agente não queria ter a primeira penetração com camisinha, né, pelo fato de eu ser virgem tudo, né então ele penetrou, consegui penetra com a ereção tudo tal, e daí na hora que ele foi gozar ele colocou a camisinha... É, nessa hora acho que no momento que penetrou acho que deve ter ...”

Ela estava acompanhando pela tabelinha e pensava que não estava no período fértil, mas mesmo assim usou o preservativo masculino. Ela referiu ter tido uma penetração e ter colocado a camisinha logo em seguida, por saber que era possível engravidar utilizando o coito interrompido.

“...era mais a tabelinha que tava me dando segurança, eu achava assim que não ia ter problema algum... pelo método da tabelinha”.

“...pelo fato de eu ter ficado (tido relação) 3 dias depois de eu menstrua [...] eu achava que não tava no período fértil, mas achava que, vamos usar a camisinha do mesmo jeito”.

“Eu tinha amigas que engravidaram também, assim tirando né, interrompendo o coito, eu tive duas amigas que aconteceu isto, então já estava mais ou menos ciente, que acontecia, por isso que a gente só teve uma penetração, ele já colocou a camisinha”.

Elizabeth expôs que a idéia de ter a 1ª penetração sem camisinha foi sua, ela queria que fosse uma coisa natural. As pessoas falavam que era ruim com camisinha, por curiosidade ela queria sentir como era ter relação sexual sem usá-la. Na 2ª relação sexual, o casal usou a camisinha desde o começo.

“Era uma idéia minha. Ah, eu achava por que com camisinha, tem uma coisa assim artificial, eu queria que fosse um pouco natural assim”.

“É por que todo mundo falou que era ruim a camisinha, ah é ruim, é ruim, é ruim, eu queria saber como era a primeira vez sem, como era senti sem e daí continua a relação com camisinha.

“Mais pela curiosidade. É não tanto pela primeira vez”.

“...na 2ª vez foi de camisinha e foi certo mesmo. Foi desde o começo”.

Análise do caso de Elizabeth

Algumas contradições podem ser claramente observadas no relato de Elizabeth. Ela expôs que desejava fazer faculdade de direito, ser juíza e ter um filho somente após ser independente financeiramente e ter uma estabilidade conjugal. Entretanto, ela revelou que, desde seus 12 anos, tinha uma grande expectativa que o tempo passasse rápido para que se tornasse independente e fosse mãe logo. Apesar de não desejar ser pai neste momento, seu namorado, queria casar o quanto antes.

Ela contou que se considerava na adolescência ao engravidar e que havia aproveitado bastante esta fase. O casal estava namorando há 8 meses tendo encontrado algumas dificuldades no relacionamento, em função de diferenças de envolvimento em relação aos estudos. Apesar disto, com o tempo eles foram ficando bastante próximos e Elizabeth chegou a achar que o amava. Ela referiu um importante conflito entre sua curiosidade, seu desejo e a pressão de seu namorado para iniciar a relação sexual e o pensamento de que deveria se manter virgem até o casamento. Este conflito foi reforçado por sua participação em dois grupos sociais distintos. Enquanto na igreja evangélica em que participava as pessoas valorizavam a virgindade e consideravam que deveriam namorar para casar, todas as suas amigas haviam iniciado as relações sexuais e falavam bem do sexo. Além disto, pode-se perceber uma forte valorização do relacionamento afetivo com o namorado, sendo que naquele momento ela achava que o amava e o clima era bastante romântico.

Após resistir por um tempo às pressões de seu namorado para iniciar as relações sexuais em função de seus valores morais, ela acabou cedendo. Elizabeth expôs que deve ter engravidado na primeira relação sexual. Neste dia, eles resolveram ter uma rápida penetração sem a camisinha, antes de colocá-la, pela curiosidade de sentir como era e para que fosse mais natural. Entretanto, pode-se perceber uma ambivalência em sua ação ao comentar que estava confiando na tabelinha, mas ao mesmo tempo resolveu colocar logo o preservativo masculino por saber que era possível engravidar ao utilizar o coito interrompido. Ela explicou que não estava tomando pílula por não ter programado o início das relações sexuais naquele momento.

Elizabeth afirmou também que preferia ter esperado para ter relações sexuais, mesmo se tivesse se prevenido corretamente, por não ter certeza do que queria naquele momento. Ela

valorizou a necessidade de ter certeza do que sentia pelo parceiro. Ao ter relações sexuais, ela se sentiu bastante culpada, não conseguindo se entregar como gostaria. Ela informou sentir ainda um pouco de culpa, apesar de considerar que Deus já a perdoou.

Como Elizabeth participou da pesquisa no momento inicial de avaliação do roteiro de entrevista foi pouco indagado a ela sobre seu relacionamento familiar. Ela apenas comentou a frustração de seus pais frente à gravidez em função da expectativa destes de que ela fizesse faculdade e se tornasse uma boa profissional.

Andréa, 19 anos

Ao ser entrevistada, Andréa estava no 6º mês de gestação. A família dela e de seu parceiro pertenciam ao estrato social médio. Seu pai possui nível universitário e sua mãe 2º grau completo. Ela e seu namorado casaram após a gravidez e estão morando em imóvel alugado na região da Matriz. Ele tem 2º grau completo e trabalha.

Relacionamento familiar

Andréa expôs que sempre conviveu bem com sua mãe, mas elas tinham algumas discussões em função de seu jeito “ruim”, por achar que estava sempre certa, estourar muito fácil e não admitir a opinião dos outros. Ela relatou que também sempre se relacionou bem com seu pai, apesar de terem tido alguns atritos por ela achar que ele a proibia demais para fazer o que queria.

“A gente sempre conviveu bem na minha casa, a gente sempre se deu bem, mas sempre tinha os atritos assim com o meu pai, justamente por causa dessas coisas que eu já falei, que ele sempre me proibiu muito, então a gente sempre brigava por alguma coisa, sempre se confrontava assim, agora normal assim, a gente sempre se deu muito bem assim. Sempre conversava bastante. Com a minha mãe também, a gente tinha umas discussões assim e como eu sou muito ruim assim, eu digo porque eu sou ruim mesmo, então a gente sempre brigava assim, nas discussões assim de casa. Mas a gente sempre se deu bem assim. Os únicos problemas que tinha era com o meu pai que eu achava que ele me proibia demais as coisas e eu queria me libertar um pouco e ele não deixava”.

“Não é ser ruim, é ser assim, estourar muito fácil assim, não admitir muito as coisas. Você tem que ter um ponto que você aceita um pouco que te fale alguma coisa, eu não aceito nada assim, eu já acho que a minha opinião é a certa e vou até o final com ela”.

Andréa contou que sua mãe engravidou com 18 anos, antes de casar. O mesmo ocorreu com suas tias. Ela comentou que foi difícil para sua mãe, em função do marido ser ciumento e a ter proibido de continuar os estudos para cuidar dos filhos.

“É a minha mãe assim, engravidou né, antes de casar (com 18 anos). Todas as minha tias engravidaram antes de casar”.

“Eu acho que foi difícil para ela assim, ela sempre conta que no começo meu pai era muito ciumento, por que não sei o que, por que na verdade mais foi ele que proibiu ela de ir para a escola, porque agora ela tinha que cuidar do filho, porque não sei o que. Ela fala que assim no começo para eles foi bem difícil, que eles quase se separaram, e tal, mas ela casou mesmo porque tava grávida assim”.

Andréa considerou que seu pai e sua mãe atualmente esperam que ela como mulher seja independente, estude, trabalhe, seja ativa e só depois pense em casar e ter filhos, diferente do que aconteceu com sua mãe, a qual ficou dependente do companheiro. Em função disto, sua mãe ficou chocada quando soube que a filha estava grávida.

“Eu acho que o meu pai espera justamente isso assim que a mulher realmente tome partido assim, faça cuide da vida assim independente do homem, porque ele dá até o exemplo da minha mãe assim. Até falei que ela parou de estudar no segundo grau, ela terminou o segundo grau, mas parou assim, então parou a vida dela, ela não fez nada. E ele acha que ela devia ter continuado, agora ele fala que ela devia ter continuado, porque antes ele proibiu sair de casa. Então ele acha que podia ter sido diferente, que a mulher tem que ser mais ativa mesmo, tem que trabalhar, tem que buscar, e acho que a mesma coisa pro homem. E a minha mãe também agora, ela se vê totalmente dependente do meu pai né, mas acho que até ela acostumou com essa situação assim. Mas ela também acha que a mulher tem que trabalhar, tem que ir em frente”.

“Que eu me formasse antes de tudo, tivesse assim estabilizada na vida, encaminhada e só depois fosse pensar em casar ou ter filhos”.

“Até quando eu contei para ela, ela ficou chocada porque ela não queria que acontecesse comigo a mesma coisa que aconteceu com ela, nunca pensou isso, e ficou assim em estado de choque”.

Ela disse que seus pais não queriam que casasse com Ricardo, por ele não ter muito estudo. Seu pai esperava que casasse com alguém que tivesse mais estudo e pudesse lhe dar um futuro melhor.

“Eu acho que até nem queriam assim, que a gente (casasse)... Eu acho por que o Ricardo não é muito, não tem muito estudo, não tem muito recurso assim de vida tal. Eu acho que o meu pai queria uma coisa melhor assim, pra a filha dele. Eu acho que ele queria que eu casasse com alguém que pudesse me dar uma vida melhor assim. Meu pai não tinha idéia...”

“...ele falava assim que não queria que a gente ficasse junto, não que não queria, que não valia a pena. Ele tentava me mostrar que não valia a pena ficar junto. Que ele não tinha nada”.

Fase da vida

Andréa avaliou que ao engravidar ela era jovem, estando na transição entre a adolescência e a fase adulta, por ter consciência do que queria para a sua vida.

“Eu acho que eu era, sei lá, jovem. Não sei, não era mais adolescente assim, já sabia, acho que já tinha, a partir do momento que você já tem assim consciência do que você quer para a tua vida, acho que você já tá tomando um rumo adulto assim. Então já tava meio em transição assim (da adolescência para a fase adulta)”.

Andréa revelou que esta fase foi bem difícil para ela, em função dos atritos e brigas freqüentes que tinha com seu pai, por querer viver a vida, fazer o que outros jovens faziam e ele impedir. Ele via perigo em tudo e às vezes não deixava nem ir na casa de sua avó.

“Para mim não foi uma coisa muito fácil assim, porque eu tinha muito atrito com o meu pai assim, porque ele era bem assim de segurar em casa. Então você tá querendo viver a vida e tem alguém te impedindo assim. Não é viver a vida assim, sei lá, sair fazendo tudo o que você quer, você quer sair, você quer fazer umas coisas que jovens fazem e meu pai cortava tudo isso assim. Então essa fase era uma fase bem difícil para mim assim. A gente sempre brigava”.

“Então o meu pai enfrentou uma dificuldade comigo e eu uma com o meu pai, porque ele não tava adaptado a liberar um filho assim né, para sair para o mundo né. Por que na verdade a minha mãe sempre falava para ele que a gente cria os filhos para o mundo, é difícil entender isso, mas é a realidade”.

“... (meu pai não deixava) sair para dançar assim com os amigos, por que eu estudava em um colégio particular, então todo final de semana alguém fazia alguma coisa e meu pai nunca me deixava ir junto assim ou quando eu pedia para ir para a praia sozinha ele nunca deixava, ou sei lá, assim “n” coisas eu posso citar assim que ele proibia”.

“Acho que ele via perigo em tudo assim. As vezes até ir sei lá, sair pra ir na casa da avó, ele não deixava. Ai, mas pai porque? Aí ele inventava um motivo ridículo assim, sabe que era o que me deixava mais indignada, porque não tinha motivo para não permitir assim”.

Educação sexual

Andréa contou que o fato de ter relações sexuais com o namorado era meio escondido em sua casa. Seu pai imaginava, mas nunca falava diretamente. Algumas vezes ele ameaçava que se ela engravidasse, ele a colocaria para fora de casa. Inicialmente ela não se sentia bem, por ter que mentir em casa sobre estar tendo relações sexuais, mas depois ela passou a não se sentir mais mal por ser uma coisa que lhe fazia bem.

“... até o momento da gravidez assim né... eu acho que imaginavam assim, mas os pais nunca tem certeza do que tá acontecendo assim. Então era uma coisa meio que escondida assim. Meu pai não sabia... sabia, acho que sabia, mas não era aquela coisa... divulgada. A gente não comentava sobre isso nada assim, e até meu pai sempre falava que, quando as vezes eu pedia para sair a noite, alguma coisa assim, ele vinha, é porque se você engravidar te mando para fora de casa, tipo ameaçando pra com medo do que acontecesse. Mas acho que não... foi sempre tudo camuflado”.

“Eu me sentia meio mal assim, porque nunca fui de mentir na minha casa assim, e aquilo ali eu tinha que mentir, porque eu não ia chegar e contar para todo mundo né uma coisa assim... Mas assim, foi a partir daí que eu comecei a mentir na minha casa. Aí isso me fazia... me fazia... não me fazia mal, porque eu tava mentindo por uma coisa que tava me fazendo bem, né”.

Os estudos e os planos educacionais/profissionais

Ao engravidar, Andréa estava no 2º ano da faculdade. Mesmo com a gravidez ela continuou estudando. Antes de namorar Ricardo, ela não tinha idéia de casar, só pensava em se formar e ter uma vida independente e morar sozinha. Ela dizia que nunca ia acontecer com ela de engravidar desta forma, por isto quando soube foi um baque.

“Eu acho que antes do Ricardo, eu não sabia nem o que eu imaginava, só pensava em faculdade em me formar, em ter a minha vida e ser independente. Eu sempre falei muito assim disso, até quando aconteceu de eu engravidar, foi como se, foi como se fosse um golpe do destino, porque eu sempre dizia que isso nunca ia acontecer comigo, por que eu era uma pessoa super responsável, era daquelas de falar tudo assim, não porque vou ser super independente do meu marido, porque não sei o que, porque primeiro eu vou me formar, na verdade sou eu que vou comandar a minha casa (riso), e então pra mim quando aconteceu isso assim foi um baque. Mas a minha idéia de vida assim era que eu ia ser independente, até podia nem casar assim. Não tinha idéia de casar, ah, vou estudar e de repente acho um marido e caso. Eu não tinha nem idéia de casar, eu pensava vou estudar, eu vou ser independente, eu vou morar sozinha, eu vou ter a minha vida”.

Após conhecer Ricardo, Andréa começou a pensar em casar, mas manteve a idéia de se formar e ser independente.

“Ai depois do Ricardo a gente começou a pensar em casar e, daí mudou totalmente minha vida, mas mesmo assim minha idéia era me formar e ser independente assim”.

Relacionamento com o parceiro

Andréa referiu que seu namorado era diferente de outros rapazes, eles se conheceram, se gostaram e o amor foi crescendo. Ela enfatizou o fato do sentimento ser recíproco.

“Não sei, eu acho que o jeito dele assim. Sei lá, era diferente dos outros, tive um namorado só assim sério, mas foi diferente conhecer ele, e o jeito que a gente se conheceu, o jeito que foi tudo acontecendo assim, a gente foi se gostando, foi crescendo aquele amor assim, acho que foi isso que fazia a gente pensar em casar. E acho que pela parte dele também, dele mostrar alguma coisa em troca assim né, sei lá, mostrar que também queria... estar junto assim”.

Quando Andréa engravidou, ela e Ricardo estavam namorando há 1 ano. Ela relatou que desde o começo foi sempre tudo bem, até mesmo ao desconfiar e saber da gravidez. Somente foi difícil com seu pai que lhe segurava e não deixava o casal fazer o que queria.

“Quando a gente se conheceu assim, era tudo mil maravilhas (riso) [...] Desde o começo assim foi tudo sempre tudo bem, só que o meu pai foi sempre meio carrasco assim, então ele meio que me segurava um pouco assim, e a gente não fazia tudo que a gente queria. Mas assim com o Ricardo foi tudo certo, mesmo quando a gente teve a idéia de eu estar grávida, alguma coisa. Lógico sempre tinha aquelas brigas assim que tem normalmente, aquelas discussões assim. Mas mesmo quando a gente pensou que eu estava grávida e quando a gente teve certeza, por isso a gente não brigou assim”.

Após o início do namoro, o relacionamento com seu pai piorou por que ele passou a lhe segurar ainda mais por medo de que engravidasse. Em função disto, ela e seu namorado brigavam, ele não fazia mais o que estava acostumado por ela não poder acompanhá-lo. Andréa se sentia mal, meio triste por não poderem fazer juntos as coisas que queriam.

“Piorou. Porque daí ele segurava mais ainda justamente porque aumentou o medo, ele não tinha medo do perigo, ele tinha medo de que eu engravidasse, daí o problema era outro. Aí muitas brigas que eu tive com o Ricardo assim foi por causa que o meu pai me proibia de fazer, de sair mesmo a noite assim. E o Ricardo antes de me conhecer ele fazia muitas coisas assim. Ele ia para a praia direto, ele tinha... só era assim, piá né, ele e os amigos tavam toda vida fazendo alguma

coisa. E ele se viu numa situação terrível. Parou a vida dele assim, quando tava comigo, porque meu pai não deixava e eu também não queria que ele fizesse sozinho né, essas coisas, assim sair, assim viajar. E acho que piorou a situação até depois que a gente começou a namorar. Na minha casa piorou assim”.

“Muitas vezes eu me sentia mal assim, porque ele já tinha feito tanta coisa na vida e eu ainda tava ali parada assim. A vida dele sempre foi muito diferente da minha. Me sentia meio, meio triste assim, por não poder fazer junto com ele as coisas que ele queria e as coisas que eu também queria, que eu sempre quis”.

Andréa se sentia meio que em uma guerra, na qual Ricardo e seu pai faziam críticas diferentes. Enquanto Ricardo insistia para que fizessem o que queria, seu pai colocava obstáculos. Ela queria ter um namoro diferente e melhor, mas seu pai era o empecilho. Ela sempre colocava a culpa nele.

“Eu acho que porque eu tava no meio assim, o Ricardo queria fazer as coisas e o meu pai me proibia. Então se o Ricardo não fosse fazer as coisas comigo, ele não podia fazer (risos) porque eu não queria. Então ele me cobrava porque ele queria fazer, ele queria sair, porque o meu pai era assim? E porque não sei o que? E eu cobrava do meu pai. Então sempre a gente sempre brigava, porque eu ia, pai quero fazer tal coisa, quero não sei o que. Então ficava uma situação muito complicada mesmo porque era o Ricardo me pedindo e eu pedindo para o meu pai. O Ricardo insistindo para que a gente, e não era sempre, mas que fosse uma vez por mês assim, era sempre o mesmo problema assim. Então eu tava no meio assim, era o Ricardo de uma lado e o meu pai de outro. O Ricardo me criticando de uma forma e o meu pai criticando de outra forma, então tava meio numa guerra, assim”.

“Eu me sentia mal assim, porque realmente eu queria estar fazendo as coisas junto com ele, queria ter um outro namoro assim, mas eu não podia por causa do meu pai. Era o meu pai que impedia assim. De repente meu pai era um empecilho na nossa vida, não no sentido né, mas tava evitando que a gente pudesse ter um namoro diferente assim, podia ter sido bem melhor”.

“Eu achava sempre que a culpa era do meu pai. (risos) A gente não fazia as coisas porque era ele que não deixava”.

Planos quanto ao casamento e a maternidade

Antes de engravidar, o casal tinha planos de casar provavelmente depois que ela terminasse a faculdade. Mas ela não sabe se iam conseguir esperar. Eles não planejavam ter filhos logo, somente depois de um tempo de casados.

“A gente tinha (planos de casar), eu e ele, sempre conversava assim que a gente ia casar, mas que ia demorar um pouco ainda, pra a gente casar. Mas a gente tinha planos já de casar”.

“Acho que depois da faculdade. Eu não sei se a gente ia conseguir esperar... até lá, mas o plano era acabar a faculdade antes e depois casar”.

“A gente queria ter filhos, sabia que de repente a gente casasse, teria filhos, mas não tinha aquela idéia, ai eu tenho muita vontade de ser mãe, eu preciso ter filhos, e vamos fazer assim, depois que a gente casar vamos esperar um ano e vamos engravidar. Não tinha muito, nada planejado assim”.

Andréa afirmou que não gostaria de ter engravidado agora, por ter recém entrado na faculdade. Ela queria ter filhos só depois de formada.

“Eu acho que não (gostaria de engravidar) agora né, acho que não era o momento certo assim para engravidar agora. Acho que justamente por eu ter acabado de entrar na faculdade né, só passei o primeiro ano. Então, tinha que... a minha idéia assim era ter acabado a faculdade e depois, só depois pensar em casar e ter filhos ainda mais além. Mas já que aconteceu a gente”.

As relações sexuais e o uso de métodos contraceptivos

Andréa começou a ter relações sexuais com o namorado aos 6 meses que estavam juntos. Ela contou que foi do jeito que queria com envolvimento e amor.

“Antes dele eu não tinha tido relação sexual, né. Aí até a gente demorou uns seis meses assim para ter a primeira relação, e foi bem bom assim, gostei bastante. Do jeito que aconteceu assim, porque eu sempre falava para ele que o dia que fosse acontecer eu não queria uma coisa muito... assim... sei lá queria que tivesse mais envolvimento assim, que fosse um coisa com amor assim. Então acho que desde a primeira vez a gente sempre se tratava bem assim, nessas horas, e acho que foi bom assim, foi bem bom”.

No começo, ela tinha muito medo de engravidar. Ela referiu que não gostava da idéia de tomar anticoncepcional e eles tinham consciência que deveriam usar sempre a camisinha.

“Desde o começo assim a gente sempre conversava bastante sobre isso assim, do dia que fosse acontecer e tal, mas a gente sempre deixava claro que a gente ia usar a camisinha assim, eu acho que tanto da parte dele quanto da minha, tinha uma certa consciência que tinha que usar a camisinha”.

“Eu até falava para ele que eu não queria tomar anticoncepcional. Não sei porque mas eu tinha uma, mantinha uma certa distância assim por, eu não queria. Aí, a gente só com camisinha”.

Entretanto, no dia que ela engravidou eles tinham decidido que não iam usar a camisinha. Andréa achava que não estava no seu dia fértil. Esta foi a 2ª ou 3ª vez que não se preveniram.

“Até no dia, nesse dia a gente foi no mercado, compramos camisinha (riso). Aí fomos para casa, aí a gente foi assistir filme assim tal, aí então não vamos usar. Eu tava, tava ali né, e a gente decidiu assim na hora que não ia usar, que não ia ter problema. Que eu realmente achava que não tava (fértil)...”

“Não, não foi a primeira vez (que não usaram camisinha). Eu acho que essa foi assim uma das primeiras vezes, segunda ou terceira vez”.

Pode-se perceber algumas contradições e informações erradas quanto ao uso da tabelinha nos relatos de Andréa. Inicialmente ela disse que seu ciclo era regulado, depois expôs que variava entre 23 e 25 dias. Ela contava de maneira errada o período do ciclo menstrual assim como seu dia fértil, tendo fornecido duas informações diferentes sobre a maneira de contá-lo.

“Eu acho que o meu ciclo era regulado. Não, não era regulado, mas vinha sempre na mesma média assim”.

“Era uns 23 dias. Era bem curtinho. Por isso que eu também não tinha muita idéia do meio do ciclo. 23 ou 25 dias [...] É, a partir do último dia da menstruação, dali uns 23 dias viria a outra novamente”.

“Eu contava (o dia fértil) no meio do ciclo, 11º dia, daí eu contava uns três dias antes e três dias depois”.

“(dia fértil) Eu contava (14 dias) do último dia da menstruação”.

Andréa mencionou que seu namorado tinha vontade de ter uma relação sexual sem camisinha, talvez por ter a idéia que alguma coisa ainda os estava separando.

“...antes de saber a diferença o Ricardo sempre falava assim para a gente fazer alguma vez sem camisinha. Porque não sei, de repente aquela idéia de alguma coisa ainda separa, sei lá. Aí a gente resolveu fazer sem a camisinha”.

“Eu pensava também (em não usar camisinha), mas era sempre, se ele dissesse, vamos usar a camisinha, a gente usaria. Né, eu sempre, antes ele já havia pedido algumas vezes e eu dizia não, vamos usar camisinha, porque eu não sei como é que tá, às vezes eu nem sabia como é que tava, então, mas tinha uma vontade, mas eu ainda prevenia assim, aí naquele dia nós dois decidimos e...”

Análise do caso de Andréa

Antes de conhecer seu namorado, os planos de Andréa estavam focalizados na vida profissional e em ser independente não incluindo necessariamente o casamento. Ao conhecê-lo sua vida e seus planos se modificaram à medida que o amor foi crescendo. O casal manteve um relacionamento bastante próximo e valorizado por ambos. Segundo seu relato, eles pretendiam se casar depois que ela estivesse formada, mas ela não sabia se iriam agüentar esperar. Ela se julgava uma jovem, que estava na transição da adolescência para a fase adulta, por já saber o que queria da vida. Apesar disto, Andréa enfatizou que vivia uma fase bastante difícil em função de ter vários atritos com seu pai que não a deixava viver a vida e fazer o que os outros jovens faziam. Ela se sentia meio que em uma guerra por que seu namorado insistia para fazerem o que queria, enquanto seu pai colocava obstáculos. Seu pai era um empecilho para que vivesse um namoro melhor e diferente.

Andréa começou a ter relações sexuais com Ricardo, mas não podia falar para sua família. O casal mantinha um bom diálogo entre si, combinando de usar sempre a camisinha. Ela não gostava de usar pílulas. Entretanto, algumas vezes eles resolveram não usar o preservativo, confiando na tabelinha. Segundo Andréa, o desejo de ter a relação sexual sem a camisinha partiu de seu namorado por achar que uma coisa ainda estava os separando, ela concordou. Andréa estava confiando na tabelinha, mas demonstrou falhas no cálculo do dia fértil.

Ao avaliar o que a levou a engravidar, Andréa enfatizou além da falha em relação ao uso da tabelinha, a possibilidade de ter engravidado mesmo que inconscientemente para escapar do tumulto que estava vivendo por estar brigando muito com seu pai. Naquele momento ela teria pensado só no relacionamento e em fazer uma coisa pelos dois, não pensando nas conseqüências.

O fato de se gostarem e pensarem em casar pode ter facilitado a gravidez não os deixando tão preocupados em se prevenir, se acontecesse eles assumiriam. Diante desta situação, pode se levantar a possibilidade de um desejo mesmo que não consciente de ficar grávida como uma forma de conquistar autonomia sobre sua vida e assumir abertamente a sua sexualidade que até então era tão vigiada. Além disto, apesar da forte vivência de proximidade entre o casal e do desejo de casarem, seu pai não se mostrava favorável a este relacionamento, achando que a filha deveria casar com alguém que tivesse mais estudos e pudesse lhe dar uma vida melhor. Neste contexto, Andréa acabou engravidando na adolescência fora do casamento como sua mãe. Mas diferentemente desta, ela tem recebido apoio de seus pais e do namorado, com quem se casou após a gravidez, para dar continuidade a faculdade e não se manter dependente do marido.

Ricardo, 21 anos

Quando sua namorada engravidou, Ricardo estava com 20 anos. Ele morava com sua mãe, em um apartamento em um bairro da região da Matriz, próximo ao centro, no qual boa parte dos moradores possui boas condições de vida. Seus pais estavam separados há aproximadamente 6 anos. Sua família pertencia ao estrato social médio. Ele completou o 2º grau, estava trabalhando no comércio e com seu salário se mantinha, comprando suas roupas, pagando seus estudos e passeios. Sua mãe fornecia sua alimentação, moradia e roupa lavada.

Relacionamento familiar

Ricardo contou que antes de Andréa ficar grávida, ele ficava muito tempo fora de casa e por isto tinha pouco diálogo com sua mãe. Ele era o filho que mais ouvia os seus problemas e ela sabia tudo que ele estava fazendo. Ao mesmo tempo ele informou que era um diálogo legal, mas que eles falavam só sobre coisas materiais e a separação dela, mas não falavam sobre si próprios.

“...eu tinha pouco diálogo assim com a minha mãe, se bem que eu sou o filho que mais conversa com ela, desde os problemas dela, até os meus assim, ela sabia bastante o que eu fazia, sabia que eu era bagunceiro, que eu saía bastante assim e tal, mas ela sabia tudo que eu tava fazendo né. A gente não conversava muito, a gente tinha o diálogo legal, mas não era aquele 100%”.

“Mas é que eu ficava bastante tempo fora, por que trabalhava o dia inteiro, daí eu voltava daí ia pro colégio a noite. Só chegava à noite às vezes ela tava dormindo, então a gente não tinha muito diálogo. E daí e quando eu tinha tempo de falar com ela, a gente só conversava sobre coisas tipo materiais, coisas certas ali assim, coisa de dinheiro, coisa da separação dela e tal, mas não conversava sobre a gente”.

Depois da gravidez a relação com sua mãe melhorou 100%, ele passou a pedir conselhos a ela e conversar outros assuntos, sobre família, etc.

“E agora melhorou assim 100%, [...] eu já converso coisas que não é mais o que a gente conversava, coisas que eram, que dependendo da coisa era meio inútil assim né, agora a gente já

conversa sobre outras coisas, sobre família. Então eu vou lá às vezes pedir conselho, que eu não fazia nada antes. Então agora eu se dou super bem com a minha mãe”.

Ricardo afirmou que tinha liberdade para sair, viajar, quando quisesse, mas sua mãe não o deixava totalmente largado, ela sempre queria saber onde estava e pedia para que telefonasse contando se estava tudo bem. Quando ele não dava notícias, eles acabavam brigando.

“Ela me deixava fazer (o que queria), ela sabia que eu era responsável mas não deixava tão solto”.

“... ela não era daquelas pessoas que eu precisava pedir pra ela pra mim fazer as coisas, entendeu. Se eu ia pra praia eu só dizia, oi, mãe estou indo para a praia e tal, entendeu [...] ela só deixava, tá, você vai pra onde, ah mas lá você tem certeza de que lá é bom, você vai tomar cuidado. Então ela sempre tinha uma precaução, me ligue, converse, veja como é que tá, me diga onde você está porque se precisar eu tenho um telefone, entendeu... ela sempre queria tar na cola assim...”

“É a gente brigava às vezes por que às vezes eu ia pra praia e eu sumia, não dava (notícias). Tipo eu ia passar um feriado, digamos um carnaval, daí eu ficava todos os dias fora e nem. Acabava ficando por lá, tava tão bom que eu nem ligava, tal. E por outras coisas assim também, né.

Mãe e filho também discutiam quando ele estava com a cabeça quente. Além disto, com a separação do marido sua mãe sempre tinha depressão e desabafava apenas com Ricardo.

“... as vezes eu chegava de cabeça quente, e qualquer coisinha a gente discutia e a minha mãe também sempre foi problemática, assim nesse negócio assim de separação, ela tinha depressão assim e tal, então era bem complicado assim. E eu era a pessoa que mais conversava com ela, então ela se desabafava bastante comigo e era a única pessoa que ela conversava...”

Ricardo relatou que sua mãe ficou muito magoada com a separação do marido. No início foi bem difícil, sua mãe não queria que os filhos tivessem contato com a outra mulher de seu pai, reclamando que estariam a abandonando se o encontrassem. Por outro lado, ela queria que os filhos pedissem dinheiro a ele quando não pagava a pensão alimentícia.

“É com a separação assim e tal, tipo que ela ficou muito magoada assim com isso e às vezes assim eu precisava falar com meu pai, pedir um dinheiro às vezes pra ele ou tava passando pelo centro e ia lá no escritório dele [...] Daí ela achava que a gente tava abandonando ela, que eu já tava indo lá na casa dele. Que ela nunca queria que a gente tivesse contato com a outra mulher do meu pai, assim né, então ela ficou meio assim na hora. E daí às vezes ela mandava tipo a gente fazer, não mandava a gente fazer outras coisas assim de, ó teu pai não tá pagando, por que vocês não vão lá e cobram ele, falam que é pra vocês mesmos? Era bem complicado esse período de, agora ela tá bem melhor assim...”

Ricardo revelou que inicialmente ficou chocado com a separação de seus pais e a traição de seu pai para com sua mãe, preferindo não conversar muito com ele. Posteriormente, ele ficou mais bravo ainda ao saber que a mulher de seu pai estava grávida. Foi complicado também, por que enquanto sua mãe não queria que os filhos encontrassem seu pai, ele sempre lhes procurava querendo que tivessem contato com sua mulher e a criança.

“... daí tipo no começo [...] eu fiquei chocado assim né, com o que aconteceu, então eu não queria falar muito com ele assim né, e eu só, o que eu senti foi só isso, eu só não queria ter muito contato

com o meu pai no começo, mas não queria ir tipo atrás dele para brigar com ele nada, bater isso. Aí depois que eu soube que ela tava grávida, assim a mulher, daí que eu fiquei mais bravo ainda assim né, tipo porque foi uma traição feia mesmo que o meu pai fez com a minha mãe assim né”.

“Então e é bem complicado, que a minha mãe assim tipo, ela nossa não queria que a gente nem chegue perto (do meu pai) né, e o meu pai é outro sentido, às vezes ele me localiza assim sem a minha mãe saber né, [...] então ele quer fazer a gente ficar ter contato assim com a outra mulher, com a outra criança, então tipo é um querendo que a gente não tenha contato e outro querendo...”

Segundo Ricardo, sua mãe não se importava tanto que ele tivesse contato com sua irmã, mas ele só a viu duas vezes, confundindo inclusive sua idade na ocasião da entrevista. Apesar de expor que a criança não tem nada haver com os problemas dos adultos, ele acabou não a considerando muito como irmã em função de ser uma situação difícil. Ele demonstrou insatisfação por sua mãe não querer que ele tenha contato com o pai, desejando estar mais solto, para poder encontrá-los de maneira semelhante a outras famílias de pais separados.

“Eles são separados acho que uns 6, 7 anos, entendeu. Aí eu acho que ela deve ter, eu não sei ela (irmã) deve ter uns 3 pra 4 anos entendeu, eu achava que é dois, é que eu não sei mesmo, eu vi ela 2 vezes”.

“E é difícil assim, ela é minha irmã né, mas tipo a gente não se considera muito né”.

“... a criança a gente descarta, porque a criança não tem nada haver com isso né [...] O problema são os adultos ali mesmo né. Eu já tenho vivências assim de pessoas que são separadas assim e que se conversam assim né. Eu gostaria que fosse mais solto assim entendeu, [...] ela (minha mãe) não quer assim entendeu, que a gente teja lá (na casa da outra mulher) e ela vai se sentir mal [...] Eu gostaria que fosse mais ou menos assim, que fosse solto sabe, ninguém ficar me dando ordem para mim não fazer, não ir, não sei o que, entendeu. Eu acho que se meu pai me convidasse para ir almoçar na casa dele eu gostaria de ir, né”.

Após a separação, Ricardo passou a ter pouco contato com seu pai, procurando-o algumas vezes quando precisa de favores. Mas, seu pai vem visitar ele e seu irmão em alguns finais de semana.

“... eu só tinha contato com ele de vez em quando assim. Eu nunca procurava, só às vezes quando precisava de favores, assim né, daí eu procurava ele né, porque daí. Mas ele vem as vezes sábado e domingo visitar a gente, ele dá uma passada pra conversar né, pra ver como é que tá”.

Educação sexual

Ele explicou que algumas vezes, quando sua mãe estava bem e não tinham brigado, eles conversavam sobre suas saídas, namoradas e relação sexual. De maneira natural sua mãe lhe dava orientações para que usasse camisinha, se prevenisse da AIDS e das drogas, a partir de algum filme que estavam assistindo ou quando conversavam após uma noite que ele havia saído.

“Mais quando a gente tava bem assim, tava passando uma semana legal, não tinha nenhuma briga, tava tudo certinho com ela, que ela também sempre teve problemas, então daí a gente conversava. Quando eu acordava num sábado, num domingo e ela perguntava onde eu tinha ido né, daí a gente conversava assim tudo já ia falando...”

“...a minha mãe (orientava) bem pouco assim sabe [...] quando a gente tava vendo um filme assim e daí aparecia uma cena, alguma coisa, ela fazia alguma brincadeira e daí nisso ela poderia tocar na minha vida mesmo [...] e às vezes não tanto no filme a gente tava conversando ela perguntava aquele mesmo exemplo, você saiu ontem, onde é que você foi, você se cuidou, daí a gente ia brincando, se soltando e...”

“...é orientação básica assim entendeu, esse negócio de camisinha, de você sempre se cuidar, que hoje em dia, no tempo dela não era assim esse negócio de doenças assim né, agora tem muito esse negócio de drogas, tem coisa AIDS esse negócio, então sempre pra se cuidar. Não fazer nada, quer fazer faz, mas faz o negócio certo”.

Fase da vida

Ricardo referiu que antes da namorada engravidar, ele estava na adolescência, apesar de trabalhar e ser independente, tendo curtido bastante esta fase. Ele demonstrou dificuldade em diferenciar a adolescência da fase adulta, dizendo que poderia ser considerado adulto, mas ainda se considerava jovem por ter ainda uma cabeça um pouco de adolescente, apesar de mais responsável. A fase adulta estaria associada a mais idade, maturidade, experiência, responsabilidade e menos diversões.

“...digamos assim eu sempre fui independente, eu sempre trabalhei assim...”

“...eu tava na adolescência ainda”.

“...a minha adolescência eu curti bastante, desde sair, desde namora, desde tudo assim né, e agora depois da adolescência eu acho que essa fase agora assim, né, eu ainda sou adolescente, né mas agora sou um adolescente mais responsável”.

“...que pra mim uma pessoa adulta, eu considero uma pessoa já mais de idade assim entendeu. Por que eu posso ser considerado adulto também, mas eu sou jovem ainda né, daí eu acho que até a gente sendo jovem assim a gente quer fazer né, tem ainda um pouco de cabeça mesmo de adolescente assim né”.

“...eu me considero um adolescente entendeu, então eu gosto de ir pra praia, eu faço várias coisas que um adulto não faria assim né, e não é pela questão de esporte ou divertir assim né, mas acho que um adulto já é uma pessoa madura mesmo assim né, bem mais experiente, mais madura mais, então tipo vive pra alguém ou vive para ele mesmo no trabalho essas coisas né, uma pessoa bem mais responsável [...] Tipo (o adulto) vai pra uma praia um pouco menos e essas coisas assim de se divertir né, faz com menos frequência...”

Estudo

Ricardo relatou que durante 3 anos ele ficava muito na rua, gazeava aula com a “galera” e chegou a parar de estudar. Depois, de um ano para outro, ele mudou totalmente, percebeu seus erros e completou seus estudos. Quando a namorada ficou grávida, ele estava cursando o 3º ano do 2º grau.

“...teve um tempo assim da minha juventude que eu perdi bastante assim tipo, esse negócio de galerinha aí né, eu tipo gazeava bastante aula, então teve 3 anos assim meu que foi bem ruim assim, eu só ficava matando, desisti de um ano, tal então esse período aí, ela (minha mãe) se

incomodou bastante, assim né [...] Depois, agora assim ela viu que mudou totalmente, eu mudei assim de um ano pra outro assim radical, né. Eu também consegui ver os meus erros e tal e fui indo, fui e, não, agora eu vou acabar os estudos, primeiro lugar, acabei os estudos, e daí modifiquei de como eu era assim...”

Planos profissionais/educacionais

Ele enfatizou que não fazia muitos planos para o seu futuro antes da gravidez de Andréa. Ele pretendia continuar trabalhando onde estava, ir melhorando no próprio emprego e guardar dinheiro durante o próximo ano para fazer cursinho e entrar na faculdade, para ter um trabalho mais estável. Entretanto, ele não sabia exatamente que curso gostaria de fazer.

“É por que eu não fazia muito plano assim mesmo pra dizer a verdade, eu só ia vivendo assim e né...”

“...eu imaginava basicamente assim estudar, estudar bastante, prestar alguma faculdade alguma coisa e trabalhar, né. Não tinha muito... eu pensava assim mais pra frente queria ter um trabalho, queria estar estável, mas eu não pensava muito longe assim, eu não sabia muito o que eu queria direito”.

“...eu pensava em continuar onde eu estava trabalhando, assim né, onde eu estivesse trabalhando, mas sempre procurando o melhor, fazendo um curso ou alguma coisa assim pra melhorar [...] de aperfeiçoamento, assim né, computação, digitação, essas coisas, às vezes é importante”.

“...agora mesmo assim eu ia dar um tempo esse ano assim para esperar juntar mais um dinheiro pra poder o ano que vem pagar um (cursinho)...”

Histórico do relacionamento com a parceira

Ricardo contou que quando Andréa engravidou o casal estava namorando há 1 ano e 3 meses e sempre se entendia bem. Eles eram recebidos tanto pela família dele como a dela. Entretanto, ele salientou que o pai dela sempre cuidava da filha por medo que acontecesse alguma coisa. Segundo Ricardo, a família passou a gostar dele por que ele sempre conversava com o pai dela, era responsável e fazia tudo certinho, buscando e a deixando em casa bem.

“...a gente começou a namorar né, daí a gente ficou bastante tempo, daí a gente teve algumas relações tal, sempre se dando bem, né. A minha família é bem aberta, recebia ela na minha casa, tudo certinho, o pai dela também me recebia assim né, só que o pai dela era mais tipo mais medroso pra que acontecesse alguma coisa assim né, sempre cuidava da filha assim né. Então e eu acho que eu sou novo, mas eu tenho bastante responsabilidade assim né. Tipo eu saía com ela e trazia de volta, fazia tudo certinho, não deixava ela fazer nada de bebida, nada de nada, daí chegava lá e deixava ela em casa tudo certinho, conversava com os pais, sempre foi, nosso relacionamento foi bem legal assim. Aí o pessoal começou a gostar de mim tal né...”

Ricardo explicou que o pai de Andréa a reprimia muito, por medo dela perder a virgindade, ele queria que ela fizesse tudo certinho. Se seus pais a pegassem com uma camisinha, por exemplo, seria um negócio de outro mundo.

“...ela sempre foi reprimida assim pela família assim né, de ficar em casa, estudiosa tal né...”

“Acho que ele (o pai dela) tinha medo em 1º lugar disso... (que ela perdesse a virgindade), assim acho que ele gostaria de criar assim os filhos deles, quando chegasse... depois de formado, quando tivessem toda a responsabilidade, o dinheiro deles e quisessem fazer alguma coisa, aí ele apoiaria assim né, mas enquanto sendo jovem, essas coisas, ele queria ser bem, queria deixar eles fazerem tudo certinho”.

“...se os pais dela pegassem, os pais no sentido do pai [...] se pegasse assim (uma camisinha) ia ser aquilo dali, ia ser um negócio de outro mundo entendeu, então ele não queria que ela tivesse nada assim... de pensamento ruim, assim sabe, então ele proibia total assim”.

Ele achava bem chato e complicado que com facilidade o pai de Andréa não permitia que a filha se expressasse, dizendo que fosse para seu quarto. Além disto, quando sua esposa engravidou e eles casaram, ele não permitiu que ela continuasse seus estudos e trabalhasse. Segundo Ricardo, atualmente a mãe de Andréa praticamente não existe. Ela não completou o 2º grau, por que ficou presa em casa cuidando dos filhos, agora não interfere em nada e as decisões são sempre do marido.

“...ele era bem complicado mesmo sabe, eu achava bem chato, ela não podia vir e falar nada assim que o pai dela ou tipo já trancasse, vai pro quarto, não quero conversa, entendeu. Não deixava ela se expressar assim. E ele era um homem assim que aconteceu basicamente a mesma coisa com a mãe dela né, a mãe dela engravidou e ele quis assumir tudo, falou que ia assumir fez tudo isso, entendeu. E não deixou mais a mãe dela estudar, não deixou a mãe dela trabalhar”.

“A mãe dela é uma pessoa bem inteligente, bem jóia assim, só que ela ficou presa dentro de casa cuidando dos filhos, você entendeu... e hoje o que acontecesse, hoje ela é uma pessoa assim que não teve uma formação, nada, tipo nem acabou o 2º grau, e daí ela vive dele, as decisões são todas dele. Se ela vai conversar com a mãe que é uma mulher e entende o que tá acontecendo, a mãe dela fala, olha eu não vou poder te dar essa resposta, tem que ir lá falar com o teu pai pra ver se pode ou não pode. Acho isso é uma coisa incrível assim, então a mãe dela não existe, a mãe dela tá ali e tal, é uma pessoa que não interfere em nada, não interferia, por que agora não interfere em mais nada mesmo, né”.

Ricardo ponderou que o pai de Andréa não precisaria reprimir a filha tanto, mas conversar a orientando para se cuidar, afinal ela está com 18 anos, tem uma cabeça jóia, sempre foi certinha, está na faculdade e tem acesso a várias informações.

“...eu acho assim que se não é pra liberar entendeu, mas se ele tivesse uma conversa com ela, ó falando você tem que se cuidar por causa disso, daquilo, daquilo, acho que ela taria até mais né... só que ela é uma menina certinha, sempre foi certa. Ela não precisava que o pai reprimisse ela assim pra ela saber das coisas né. Por que hoje em dia você pode ler, quem tá numa faculdade sabe bastante coisa, estuda várias coisas né, então não precisava ter um... Ela tinha uma cabeça bem jóia né, ela tinha 18 anos, mas ela sabia bastante das coisas assim então”.

Ricardo enfatizou também que ele sempre foi legal, se preocupando com ela. Eles deixaram de iniciar as relações sexuais por ela não estar preparada e outras vezes por não ter camisinha. O excesso de repressão do pai dela, gerou brigas entre eles e estragou o relacionamento deles especialmente no começo.

“...com ela (eu) sempre fui legal, no começo assim ela não tava preparada entendeu, e a gente deixou várias vezes de fazer uma relação que ela não estava preparada, porque na hora a gente não tinha uma camisinha, entendeu, poderia ser qualquer outro que só pensasse nele assim né, então assim tipo estragou muito o pai dela assim no começo, a gente até brigou bastante assim, eu e ela e eu e o pai dela assim”.

Planos quanto ao relacionamento afetivo, casamento e paternidade

Ricardo mencionou que pretendia casar e ter filhos mais para frente. Entretanto, ele falou que assumiu por que aconteceu, e também por que já queria ser pai. Posteriormente, ele enfatizou que casou por achar que o certo era assumir. Ele disse que pensava em ter filhos mais para frente, em torno de 25 anos, e que sua namorada pensava em se formar e só depois ia pensar em montar uma família.

“Eu pretendia ter filhos, casar, assim tudo, mas não seria pra agora, assim já né. Mas, como aconteceu assim daí e como eu já queria também, eu resolvi assumir tudo certinho, né. Não porque eu queria também, ser pai ou casar, porque eu acho que é o certo, daí eu assumi e a agora a gente tá ficando juntos”.

“...não tinha uma idéia (quando ter filhos), pensava que era mais tarde assim, lá por, mais tarde assim uns 25 por aí...”

“Eu acho que do jeito da Andréa assim, ela pensava mais tipo em se fazer primeiro. Ela sempre foi estudiosa assim então ela tava indo certinha, ela tentou vestibular uma vez e não passou, daí tentou agora e passou, né o ano passado [...] Então eu acho que ela pensava basicamente nisso, em primeiro se formar pra depois pensar em alguma coisa de montar uma família, uma coisa assim né”.

O uso dos métodos contraceptivos e a ocorrência da gravidez

Ricardo contou que eles tiveram a 1ª relação sexual depois do 5º mês de namoro por ela ser virgem, ser nova e o pai dela reprimir muito.

“...a gente nunca tinha tido relação, tanto porque ela era insegura nesse sentido, ela era virgem em primeiro lugar, segundo ela era nova e terceiro tinha o pai dela que... total, total assim né, complicado e depois assim, digamos do 6º mês, 5º mês que a gente começou a ter relação assim”.

Ele contou que desde a 1ª relação sexual, o casal sempre conversou e usou o preservativo. Eles tinham a concepção de que deviam usar sempre a camisinha e se não tivessem deveriam comprar, do contrário seria complicado.

“...a primeira (relação sexual) foi bem mais certo assim, foi usando preservativo, foi tudo certinho né, não teve problema nenhum assim, depois que a gente fez relação, antes de fazer a gente conversou, depois de fazer a gente conversou também e depois dali assim pra frente a gente teve mais assim né, não uma atrás da outras mas sempre né, mas tudo com preservativo, tudo certinho”.

“...a gente tem a concepção de que tem que usar e se tem ali e tá ali do lado, você já tá indo fazer um ato sexual que é uma coisa assim que tipo, nossa vocês estão tão bem que tão indo fazer um ato, então por que não dar um minuto e tirar a camisinha de dentro da carteira, não vai ter inibição

nenhuma, assim né. Então se tá ali, usa, se não tem, eu acho que você tem que comprar, daí se não der mesmo daí né, eu acho que... é complicado assim”.

Ricardo expôs que ele e sua namorada sempre se cuidavam, a gravidez foi um deslize, não tendo sido planejada.

“Não tava programado assim. A gente sempre se cuidou assim tudo certinho, daí foi só um deslize assim mesmo, a gente não tava programado assim”.

Ao indagado se gostaria que a gravidez tivesse acontecido, Ricardo deu uma resposta neutra, se referindo a gravidez como algo que era para acontecer. Ele enfatizou a importância de assumir a responsabilidade pelo que fez, além de gostar da namorada e saber que vai gostar de seu filho.

“Pra ser bem sincero assim, eu acho que o que acontece assim, tem que acontecer. Eu não tenho uma opinião assim pra dizer nada contra e nada a favor. Se está acontecendo é porque é pra acontecer, então né. Não porque, também só porque aconteceu eu tô aceitando, entendeu, se não tivesse acontecido né a gente estaria vivendo normal assim, mas como aconteceu assim eu assumi toda a responsabilidade assim, que eu acho que né, o que você faz você tem que assumir. E pela questão em segundo lugar que eu gosto bastante dela, gosto de criança e vou gostar do meu filho com certeza”.

Mais ou menos 3 ou 4 vezes, o casal teve relações sexuais sem usar a camisinha, confiando na tabelinha. Ricardo mencionou que ao engravidar ela deveria estar entrando no período fértil.

“Daí eu acho que a gente, assim em números, deve ter sido 3 ou 4 assim vezes que a gente fez sem camisinha assim né. Mas é tudo isso, a gente com aquele esquema da tabela na cabeça assim né [...] E neste dia mesmo que a gente não usou, acho que tava acabando assim sabe este período, ela já tava entrando no período fértil, e daí que aconteceu...”

Ele contou que a primeira vez que o casal não usou a camisinha, eles resolveram em conjunto não usar, por que queriam experimentar como era sem e ela não estava no dia fértil.

“...foi um negócio que a gente entre aspas sabia que tava seguro pra fazer na hora e a gente quis experimentar assim, então não teve, eu não forcei ninguém e nem ela me forçou de maneira alguma a gente sempre fez tudo junto, até hoje a gente tá fazendo tudo junto”.

“...a 1º vez que a gente fez sem camisinha não foi por não ter mesmo, foi por a gente querer fazer assim, a gente até conversou sobre isso e ela falou que ela tava num período não fértil e a gente podia fazer tranquilo né e a gente quis fazer uma coisa nova né, daí a gente fez, tal e não teve problema nenhum...”

Ele expôs que no dia que ela engravidou, eles não tinham o preservativo e o casal chegou a conversar sobre se ela estaria no dia fértil. Ele poderia ter ido comprar a camisinha, mas como estavam embalados, apesar de terem conversado, não pensaram e acabaram indo pelo impulso tendo relação sexual sem o preservativo.

“E quando aconteceu a gravidez a gente tava na casa dela e também não tinha (camisinha) entendeu, até tanto que naquela hora assim se eu quisesse eu conseguiria, eu podia sair de casa e ir numa farmácia né, como a gente já fez várias vezes, tanto à noite como de dia, assim a gente fez isso, mas naquela hora vai no impulso, você tá ali, já embalado e daí você nem pensa, né”.

“A gente conversou sobre digamos a gravidez ali na hora assim né, a gente conversou. Eu ainda perguntei pra ela o que você achava e ela achava, eu não sei, ela falava assim, e eu falava, bom... Então daí tipo ninguém... eu não tenho como te dizer assim certinho como foi a conversa, mas eu não encostei ela na parede nem ela em mim, foi a gente deixou que nem apagar uma palavra no quadro, foi na hora, a gente tava conversando ali, os dois não falaram nada, continuaram e os dois aceitaram e foi embora, daí aconteceu. Mas é até engraçado porque a gente sempre se cuidava tudo certinho, conversava bastante sobre isso e foi bem no impulso mesmo assim né”.

No decorrer da entrevista, Ricardo afirmou que acabava não se preocupando tanto, se precisava ou não usar a camisinha, por que confiava em sua namorada por saber que ela era bem certinha e estava dando tudo certo. Ele não acompanhava a tabelinha tão bem quanto ela, mas quando ela falava que estava no período fértil, eles não tinham relação. Ele confiou nela, mas não a culpou pela gravidez.

“...eu vou ser bem sincero, eu não tava me preocupando assim em algumas dessas vezes entendeu, porque pelo tempo que eu conhecia ela, eu sabia que ela era muito certa, ela é uma menina bem certinha, entendeu. Então se a gente já fez com camisinha, a gente fez sem camisinha e nunca tinha dado nada e ela era sempre certa assim e eu confiei nela”.

“Porque quando ela não podia a gente parava, ela falava [...] que eu falo que conhecia a tabelinha dela mas não era tão profundo que nem ela mesmo, o corpo dela e essas coisas assim...”

“Mas não que porque aconteceu ela seja culpada, nossa... bem, antes disso, não tem nada haver... Só a questão de que eu sempre deixava na mão dela porque sempre deu certo...”

Análise do Caso de Ricardo

Algumas situações no contexto de vida de Ricardo são relevantes para uma análise da ocorrência da gravidez de sua namorada. Dois fatos marcaram sua história familiar e pessoal. No âmbito das relações familiares, Ricardo ficou chocado com a separação de seus pais e especialmente com a traição de seu pai em relação a sua mãe. Posteriormente, ele passou a viver situações bastante complicadas em função de sua mãe não querer que ele e seu irmão tivessem contato com a atual esposa de seu pai. Por outro lado, este procurava de diversas maneiras aproximar os filhos da 2ª esposa e da irmã mais nova. Ricardo demonstrou insatisfação com esta situação, expressando que gostaria de ficar livre para encontrar seu pai como em outras famílias nas quais os pais se separaram. Desta forma, apesar de Ricardo gostar de criança, ele acabou tendo pouco contato com a irmã, praticamente não a considerando como irmã.

Diante da situação ocorrida, sua mãe esteve com depressão, desabafando com ele com alguma frequência sobre os problemas referentes à separação. Se por um lado, Ricardo expôs

que tinha conversas legais com sua mãe, por outro ele disse que eles conversavam pouco por ele ficar muito tempo fora de casa, limitando-se a assuntos superficiais e questões materiais. Apesar de algumas vezes eles conversarem sobre suas saídas, seu namoro e sua mãe lhe dar orientações sobre a sexualidade, estas não foram suficientes para evitar a ocorrência da gravidez. Além disto, ele salientou que somente após a gravidez ele passou a conversar mais abertamente com sua mãe e a lhe pedir conselhos. Parecia haver alguns obstáculos na comunicação entre estes, talvez influenciado pelos problemas de relacionamento entre seus pais, a depressão de sua mãe e a dificuldade de aceitação por parte dela de um vínculo entre os filhos e o pai destes.

Em sua história pessoal, ele relatou a ocorrência de um período em que ficava muito na rua, gazeava aula com a “galerinha” e chegou a interromper seus estudos. Este momento parece ter influenciado bastante sua postura atual. Ele referiu que sua mãe se preocupou bastante com isto, mas após um tempo ele amadureceu e corrigiu seus erros. Contrariamente aquele momento, ele demonstrou atualmente uma grande preocupação em ser responsável que se manifestou com frequência na expressão de que “fez tudo certinho”. Esta postura também está presente em seu relacionamento com Andréa, contrapondo-se à atitude de seu pai que teria feito uma traição feia em relação à esposa e portanto não “fez tudo certinho”.

Neste contexto de vida, Ricardo conheceu Andréa estabelecendo no decorrer do tempo uma relação de bastante proximidade e respeito na qual o casal se entendia bem. Apesar das dificuldades iniciais com o pai dela, o qual colocava muitos limites para a filha, ele considerou que com o tempo os obstáculos foram diminuindo em função deste ir adquirindo confiança em Ricardo por ele se mostrar legal e responsável.

A valorização da responsabilidade e do respeito esteve presente em suas falas sobre a relação sexual do casal, o uso dos métodos contraceptivos e a ocorrência da gravidez. Ele relatou ter sempre respeitado muito a namorada em seus desejos e limites, mantendo um relacionamento com muito diálogo e cumplicidade. Ambos estavam de acordo de que deveriam usar sempre o preservativo. Entretanto, confiando na tabelinha eles resolveram não usá-la algumas vezes. Ricardo avaliou que na realidade ele acabava não acompanhando a tabelinha com a namorada, mas apenas confiando nas suas informações por ela ser uma pessoa bem “certinha”. Deve-se destacar a falta de clareza do casal quanto a pouca segurança do uso da tabelinha especialmente em adolescentes.

Ricardo analisou que a gravidez ocorreu um pouco por falta de responsabilidade, ela foi um deslize, por que eles sempre faziam tudo certinho. Entretanto, naquele dia a relação aconteceu sem o casal estar esperando, eles não tinha o preservativo e acabaram não interrompendo na hora para ir comprá-la, indo no embalo e no impulso do momento. Ele avaliou que o fato do casal estar se entendendo super bem entre si e também entre as famílias facilitou

para que permanecessem juntos e ela acabasse engravidando. Ele enfatizou a importância de assumir a gravidez, ainda mais que gostava da namorada e já tinha vontade de ser pai mais para frente. Ele ficou bastante feliz com a gravidez, a qual acabou selando o relacionamento e culminou no casamento.

Ricardo salientou que ele havia cuidado de seu irmão quando pequeno, comentando em determinado momento que não se considerava tão novo para ser pai, diferente de sua namorada que era mais nova e tinha planos de completar a faculdade antes de pensar em casar e ter filhos. Seus planos anteriores sobre o casamento e a paternidade pareciam acompanhar os planos profissionais da namorada. Quando Andréa engravidou, Ricardo estava completando o último ano do 2º grau. Ele tinha seu emprego mantendo alguma independência financeira em relação a sua mãe. Ele referiu não fazer muitos planos em relação a seu futuro, mas pretendia melhorar no seu emprego e guardar dinheiro para fazer no outro ano um cursinho e entrar em uma faculdade, não tendo decidido ainda sobre qual curso faria.

Levando em conta o contexto exposto acima, não é possível descartar a presença de um desejo por parte de Ricardo de que a gravidez ocorresse, mesmo que de maneira não consciente. Tal possibilidade pode ser levantada no fato de Ricardo ter vacilado, não se preocupando tanto com a prevenção da gravidez e ter delegado os cuidados à namorada a qual confiava. A gravidez veio confirmar o relacionamento do casal. A construção de uma nova família parece ter representado uma maneira de superar o modelo de identidade masculina fornecido por seu pai na relação com sua mãe e tirar sua namorada da relação hierárquica e de gênero que estava submetida no contexto familiar.

Análise e discussão do grupo

Os três participantes deste grupo estavam namorando na ocasião da gravidez, pertenciam ao estrato social médio e não eram tão novos (Elizabeth, 18 anos; Andréa, 19 anos e Ricardo, 21 anos).

Deve-se destacar que os participantes provavelmente confiaram na tabelinha por não terem clareza da pouca segurança deste método especialmente na adolescência. As adolescentes acharam que haviam calculado corretamente o período fértil, sem ter solicitado a ajuda de profissionais da área de saúde. A tabelinha foi utilizada, mas os participantes disseram que priorizavam o uso do preservativo masculino. Em pesquisa realizada por VILLA (2001), a camisinha foi escolhida preferencialmente no começo das relações sexuais. Entretanto, no estrato social baixo as expectativas masculinas tendiam a prevalecer quanto à decisão de se prevenir ou não, enquanto no estrato médio as decisões eram mais compartilhadas entre o casal. Os participantes do

grupo aqui avaliado relataram a valorização da existência do diálogo quanto à utilização de métodos contraceptivos em uma relação de respeito.

A gravidez ocorreu no contexto de um namoro que se mantinha há oito meses, em um dos casos e um ano e pouco, em outro, sendo que os casais se encontravam bastante próximos afetivamente e fisicamente. Os participantes demonstraram valorizar a presença do amor no relacionamento e de um maior envolvimento do casal nas relações sexuais. Elizabeth achava que estava amando o namorado, Andréa revelou que na medida que foram se relacionando o amor foi crescendo. Ricardo expôs gostar bastante da namorada. O vínculo estabelecido com o (a) namorado (a) teve grande importância facilitando a ocorrência da gravidez. A valorização social do amor romântico na sociedade moderna foi analisada por POSTER (1979) e ROCHA-COUTINHO (1994). Altos índices de romantismo foram encontrados em gestantes adolescentes em comparação com não gestantes em pesquisa realizada por MEDORA *et al.* (1994)

Nos relatos de Andréa e Elizabeth pode-se verificar a presença de valores distintos quanto à virgindade e a vivência da sexualidade feminina nos diferentes grupos que participavam. Enquanto ao freqüentar a igreja evangélica, Elizabeth era estimulada a permanecer virgem tendo relações sexuais somente após casar, suas amigas já haviam iniciado a vida sexual. No caso de Andréa, seu pai tinha expectativas de que a filha se mantivesse virgem, limitando sua liberdade e não permitindo que saísse e passeasse como suas amigas costumavam fazer. Além disto, como apontaram GARCIA (1985) e FÁVERO & MELLO (1997), frente à permanência de valores sócio-culturais relacionados à virgindade e expectativas específicas quanto à sexualidade feminina, a gravidez na adolescência passa a ser percebida pelas adolescentes como uma transgressão social, a ser reparada com o casamento. Após a gravidez, Ricardo e Andréa casaram no civil e religioso, enquanto Andréa foi morar com seu namorado.

As adolescentes deste grupo apresentaram alguma semelhança com os padrões de honestidade e inocência descritos por DESSER (1993) em relação à vivência da sexualidade feminina fora do casamento. A iniciação sexual de ambas aconteceu na presença do amor e de um maior envolvimento com o namorado. Elizabeth achava que estava amando na ocasião, ela cedeu ao seu desejo e do seu namorado quanto a iniciar as relações sexuais após um período inicial de resistência. Ela referiu que não usou a pílula anticoncepcional pelo fato da relação ter ocorrido sem estar esperando. Andréa salientou que sua iniciação sexual ocorreu com envolvimento como queria. Ela relatou manter uma certa distância da pílula, sem saber por que. Sua colocação pode estar relacionada ao fato do uso da pílula representar uma premeditação da relação sexual para si própria e ou para seus familiares caso viessem a saber de sua utilização.

A falta de orientação dos familiares em relação ao uso de métodos contraceptivos foi relatada claramente por Andréa. Seus pais apresentavam dificuldade em lidar com as manifesta-

ções da sexualidade da filha, não a orientando, com a expectativa de que assim evitassem que ela iniciasse as relações sexuais conforme citado por FÁVERO & MELLO (1997) e NUNES (1998). Diferentemente, a mãe de Ricardo conversava com o filho sobre suas saídas e namoros orientando quanto à utilização da camisinha para prevenir a AIDS. Entretanto, estas orientações não foram suficientes para que ele prevenisse efetivamente a gravidez de sua namorada, de alguma maneira esta comunicação não parece ter sido estabelecida (DIAS & GOMES, 2000). A permanência na sociedade de uma dupla moral quanto à sexualidade masculina e feminina pode facilitar o fornecimento de orientação dos pais para os filhos, diferentemente da orientação às filhas.

As relações hierárquicas vivenciadas entre pais e filhos e a dinâmica da responsabilidade/irresponsabilidade estabelecida entre o mundo adulto e o mundo adolescente parecem ocupar um papel central no cotidiano dos participantes deste grupo, estando de acordo com as explicações de PAULA (1992). Andréa avaliou que a gravidez pode ter sido uma maneira não consciente de escapar do tumulto que estava vivendo, em função das brigas frequentes com seu pai. Segundo seu relato, ela era uma jovem que estava na transição para a vida adulta, já sabia o que queria da vida, estava na faculdade e pretendia se tornar independente a partir de um caminho profissional. Mas no seu dia a dia, ela não tinha a liberdade que gostaria no relacionamento com o namorado em função da preocupação de seu pai em protegê-la. Desta maneira, a gravidez pode ter significado a ela uma forma não consciente de se tornar adulta, ao alcançar o poder e autonomia do papel de mãe como indicado por PAULA (1992). Esta também seria uma forma de assegurar o casamento com seu namorado e adquirir independência em relação a sua família, frente à resistência de seus familiares como destacado por SARTI (1994) entre algumas mulheres. Apesar da forte vivência de proximidade entre o casal e de seu desejo de casar com o namorado após se formar, seu pai não se mostrava favorável a este relacionamento, achando que a filha deveria casar com alguém que tivesse mais estudos e pudesse lhe dar uma vida melhor.

No caso de Elizabeth, ela relatou um forte desejo de se tornar adulta e independente rapidamente, de maneira que chegasse logo aos 28 anos e tivesse um filho. Desta maneira, a gravidez também pode ter sido uma maneira não consciente de conquistar um status adulto a partir da maternidade.

Analisando a vivência cotidiana de Ricardo anterior à gravidez, percebe-se que mesmo trabalhando e apresentando uma certa independência financeira, ele julgava estar na adolescência e não gozava de liberdade para se relacionar com seu pai da maneira que queria em função das interferências de sua mãe. Desta forma, a paternidade além de lhe oferecer um status de maioridade, representou a possibilidade de simbolizar a identidade masculina, e se diferenciar das qualidades paternas incorporadas no grupo familiar ao resgatar e proteger a mulher de sua condição

de filha e dar seu nome a um filho, conforme observado por VILLA (2001) em estratos sociais baixos. Apesar dele fazer parte do estrato social médio, esta hipótese pode ser levantada em função do histórico de separação de seus pais, no qual ele ficou chocado com a traição feita por seu pai a sua mãe. Após o ocorrido sua mãe teve depressão, desabafando freqüentemente seus problemas com o filho. Além disto, Ricardo planejava melhorar em seu emprego e guardar dinheiro para fazer cursinho e entrar na faculdade, mas referiu que naquele momento não fazia muitos planos e só ia vivendo. Esta atitude pode ter refletido em uma menor preocupação quanto a se prevenir da gravidez, que pode ser observada na delegação da responsabilidade à namorada quanto ao acompanhamento da tabelinha nos momentos que o casal não utilizou o preservativo. Sua atitude se diferencia da postura observada por VILLA (2001) com freqüência em homens de estratos sociais médios, os quais apresentaram motivações para a regulação da fecundidade a partir da presença de preocupações com a ascensão e consolidação profissional. Por outro lado, Ricardo enfatizou várias vezes sua responsabilidade com relação à namorada, tanto no sentido de se prevenir adequadamente da gravidez como de assumi-la após sua ocorrência, a qual pode ser observada na expressão freqüente quanto a “fazer tudo certinho”. Em pesquisa com jovens de 15 a 19 anos DOMÍNGUEZ (1998) verificou que a identidade masculina continuou sendo definida a partir do papel de provedor econômico da família.

Deve-se ressaltar também no histórico de Ricardo, o fato de ele ter ajudado a cuidar de seu irmão mais novo. Ao comentar sobre a gravidez da namorada, Ricardo disse rapidamente que já queria ser pai, em outro momento após dizer que queria ser pai mas não tão cedo, ele afirmou que para ele não seria tão cedo, mas principalmente para sua namorada que pretendia fazer faculdade e só depois pensar em casar e ter filhos. Ao expor seus planos quanto ao relacionamento afetivo, ele deu ênfase aos planos da namorada. Ainda sobre a ocorrência da gravidez, ele afirmou gostar bastante de criança. Diante disto, é relevante destacar a sua insatisfação ao encontrar restrições por parte de sua mãe quanto ao contato com seu pai e sua irmã mais nova. A experiência de cuidado de crianças anteriormente à gravidez de gestantes adolescentes foi citada por PAIVA *et al.* (1998).

A ocorrência freqüente de gravidez na adolescência entre mães, tias ou mesmo amigas de gestantes adolescentes também foi confirmada por pesquisas realizadas por CORRÊA & COATES (1992), HOLDEN *et al.* (1993) e PAIVA *et al.* (1998). A mãe de Andréa ficou grávida aos 18 anos se casando em seguida. Elizabeth acompanhou a gestação de uma amiga que estava com 14 anos e da tia de uma amiga que tinha 19 anos. Três amigos de Ricardo foram pais antes de Andréa engravidar.

Ao engravidar, Andréa e Elizabeth tinham projetos educacionais e profissionais claros, a primeira estava cursando a faculdade e a segunda estava fazendo cursinho pretendendo fazer

faculdade e se tornar independente financeiramente, entretanto estes projetos não foram suficientes para que ambas conseguissem evitar a gravidez. Estando envolvidas afetivamente com o namorado e confiando na tabelinha, elas resolveram ter a relação sexual sem o preservativo, para que esta fosse natural e/ou nada os separasse. Além disto, como analisou Andréa, o contexto familiar que estava inserida colaborou para que vivesse a relação sexual pensando exclusivamente no momento e fizesse alguma coisa boa para o casal. Elizabeth também destacou que ao engravidar não pensou no dia seguinte, estando voltada apenas para o clima e o desejo do momento.

Finalmente é importante ressaltar a importância de uma rede social de apoio que possibilite uma estrutura de cuidados e manutenção financeira da criança e permita a continuidade do projeto de vida entre adolescentes após a gravidez.

4.4.2.5. A gravidez ocorreu por uma falha no uso do preservativo masculino

Neste grupo foram incluídas duas adolescentes (Ana Maria, 17 anos; Thaís, 18 anos). A primeira delas pertencia ao estrato social baixo e a segunda ao estrato social médio. Thaís estava ficando com um rapaz e Ana Maria estava morando com seu companheiro. As duas adolescentes atribuíram a ocorrência da gravidez ao fato da camisinha ter estourado. Ana Maria também levantou a hipótese de ter engravidado em função de carícias genitais próximas anteriores à penetração. Suas colocações foram contrárias as de seu companheiro, o qual falou que o casal não utilizou nenhum método contraceptivo por que queria engravidar. Thaís foi a única adolescente que estava ficando com o parceiro e referiu estar usando a camisinha.

Ana Maria, 17 anos

Ana Maria participou apenas da 1ª entrevista, desta maneira sua resposta sobre o que levou a engravidar se limitou ao momento inicial. Sucintamente, ela atribui a ocorrência da gravidez a um descuido. Inicialmente, ela disse que a camisinha havia estourado, mas eles não perceberam na hora. Posteriormente, ela disse que provavelmente a gravidez teria ocorrido em função do casal ter mantido um contato genital próximo anterior à penetração. Contraditoriamente, seu companheiro em sua entrevista expôs que o casal havia planejado a gravidez.

“Um descuido (risada).Um descuido, simples descuido”.

Thaís, 18 anos

Thaís referiu que a gravidez foi um acidente por que a camisinha estourou. Ela tomou a pílula do dia seguinte, mas não teve resultado.

“Foi um acidente, assim a camisinha estourou, tudo... Aí eu ainda no dia seguinte eu ainda tomei aquela pílula do dia seguinte, mas não adiantava mais e não tinha mais o que fazer”.

“Ah, foi um acidente, aconteceu”.

“É, não foi proposital”.

Ela considerou que o parceiro deve não ter colocado a camisinha direito e que ela deveria ter se preocupado também com isto, ao invés de deixar exclusivamente a ele a responsabilidade.

“É devia ter me preocupado mais também por que...”

Ao indagada, ela confirmou que o fato de ter planos para o futuro influenciou em se prevenir da gravidez utilizando a camisinha.

A seguir as falas de cada uma das adolescentes sobre o relacionamento com sua família, seu parceiro, seu momento e o projeto de vida anterior à gravidez serão relatadas fornecendo uma base para a compreensão de sua ocorrência.

Ana Maria, 17 anos

Ana Maria e seu companheiro William participaram apenas da 1ª entrevista, na ocasião ela estava no 7º mês de gestação. As entrevistas de ambos foram realizadas no mesmo dia. Após a pesquisadora entrar em contato duas vezes por telefone para confirmar a 2ª entrevista e Ana Maria ter remarcado a data desta na 1ª vez, ela disse que não gostaria de continuar participando, não deixando claro o motivo da interrupção. Ao conversar com Willian, este optou por não participar, uma vez que sua companheira não quis mais dar continuidade. Algumas hipóteses foram levantadas em relação à não continuidade de ambos na pesquisa. Ao entrevistá-los no primeiro dia, Ana Maria e Willian deram respostas bastante contraditórias sobre a ocorrência da gravidez, enquanto ela disse que eles usaram o preservativo, ele contou que o casal planejou a gravidez. A versão apresentada por Willian pareceu ser mais coerente com o fato desta ser a segunda gravidez do casal e Ana Maria ter afirmado inicialmente que o preservativo foi colocado corretamente. Se esta hipótese estiver correta, Ana Maria pode ter ficado constrangida ao perceber a contradição relatada por ambos na entrevista, preferindo não participar. Além disto, eles foram os únicos participantes que foram convidados para participar da pesquisa a partir de um contato realizado na sala de espera, sem que tivessem participado de algum encontro do grupo de gestantes adolescentes. Isto pode ter implicado em um menor vínculo destes com a pesquisadora.

Segundo o relato de Ana Maria, o casal estava morando junto há em torno de 3 anos, enquanto Willian referiu estarem morando juntos há 2 anos. Inicialmente eles moravam juntos na casa da mãe dela com esta e seu companheiro. Depois, eles compraram e montaram uma casa própria no mesmo terreno, o qual é uma espécie de um sítio situado na periferia de Curitiba, no

qual outros familiares também moram. O casal se mantinha com o salário de Willian, que tem até 7ª série e é assalariado de uma firma. Eles foram incluídos no estrato social baixo, em função da baixa renda familiar.

Histórico do relacionamento familiar

Ana Maria referiu que ela e o companheiro moram juntos, mas podem ser considerados como casados.

“ a gente mora junto... Mas não deixamos de ser casados”.

Os pais de Ana Maria são separados. Ela se emocionou e chorou ao contar sobre o início do relacionamento com o companheiro, ela estava com 13 anos. Sua mãe fez um escândalo quando soube do namoro dela com o rapaz, bateu na filha, não a deixou ir para a escola por uma semana e nem sair na janela. Eles ficaram por um ano separados e depois voltaram, namorando por dois meses escondido até que ele pediu permissão para a mãe dela para que namorassem. Sua mãe concordou com o namoro desde que ele cortasse seu cabelo que era comprido. Dois meses após, eles foram morar juntos, quando Ana Maria estava com 14 anos.

“Quando a gente se conheceu foi um pouco tumultuado. Porque minha mãe não queria. Ich, foi o maior rolo, ela me batia, e não deixava eu nem sair na janela para não ver ele (choro)...”

“É, a gente namorou na escola e ela descobriu. Um primo meu me dedou, contou para ela. E ela um dia foi me sondar e me pegou com ele. Me bateu, fez o maior escândalo. Daí ela não deixou ir pra escola, uma semana ela não deixou ir pra escola, isso já tava no finalzinho do ano. Daí ele foi embora para a praia e a gente ficou 1 ano sem se ver. Aí quando ele voltou, a gente conversou, daí a gente namorou 2 meses escondidos dela...”

“...daí ele criou coragem e foi lá e conversou com ela. Só que ele tinha um cabelão, ele era cabeludo, esse era o problema. E ela disse que só deixava se ele cortasse o cabelo. Aí a gente namorou 2 meses e fomos morar juntos”.

“Foi, bem difícil... ela não queria nem que eu fosse para a escola para não ver ele...”

Ana Maria contou que perdeu a virgindade quando eles estavam namoravam escondido de sua mãe.

“Quando a gente começou a namorar escondido. Antes dele ir pedir para ela, antes de tudo. A gente namorava escondido e daí...”

Segundo Ana Maria, ela e o namorado foram morar juntos naturalmente. Willian estava dormindo por alguns dias em sua casa, por ter brigado com seu tio. Eles passaram a morar juntos após sua mãe ter uma briga com o companheiro, na qual ele deu um tiro e fez o maior alvoroço. Na ocasião, Ana Maria ficou com medo e foi dormir na cama de Willian, antes eles dormiam em quartos separados. Depois de um ano, o casal construiu sua casa no mesmo terreno de sua mãe.

“Ele morava com a tia dele, e ele tinha, ele tinha brigado com um tio dele, e nesses dias ele tava dormindo na minha casa. Mas aí minha mãe já era assim (próxima) com ele, sabe? Aí já tinha passado toda a raiva dela, já estava assim. E ele tinha brigado com esse tio dele, porque ele estava desempregado, daí ele, tipo tava dormindo na minha casa, mas dormindo ele lá e eu no meu quarto, assim separados. E um dia minha mãe, minha mãe tava morando também com outro homem, e eles brigaram. E esse homem deu tiro, fez o maior alvoroço. E nisso eu com medo peguei e deitei junto com o Willian, junto com ele e a partir desse dia a gente começou a dormir junto, e não foi assim de... ele chegar e pedir assim para ela... foi uma coisa assim bem...”

“ a gente ficou um ano morando com ela, na casa dela, depois daí é que a gente conseguiu comprar a nossa casa, que a gente construiu do lado dela. A gente fez do lado da casa dela.”

Quando moravam com a mãe dela, Ana Maria e Willian brigavam muito, ela contou que ela chegava a arranhá-lo. Ela não soube dizer bem por que motivo brigavam, dizendo que era por pouca coisa. O relacionamento melhorou 100% após irem morar só os dois, eles não brigaram mais daquele jeito.

“Quando a gente morava com ela, a gente brigava muito. A gente discutia, a gente brigava de se pegar, de se bater, de quebrar as coisas assim. Não sei porque, não sei se por tar morando juntos, não sei porque, depois que a gente construiu, que a gente fez a nossa casa, melhorou 100%, nunca mais a gente brigou. Tipo a gente briga como todo casal, discussão, mas nunca mais a gente brigou assim de se pegar, eu ia e voava nele, arranhava e tudo mais...”

“Ah, bobeira, besteira, pouca coisa a gente tava se pegando, brigando”.

“...ele nunca me encostou a mão... Ele deixava eu bater nele para não me bater, ele nunca me encostou a mão [...] eu nunca cheguei a machucar, machucar, só uns arranhões...Coisa leve”.

Ao indagada sobre o que lhe atraiu ou motivou para estar com Willian, Ana Maria não soube responder. Mas ao indagada sobre seus sentimentos, ela relatou sentir amor e disse que o sentimento foi amadurecendo com o tempo.

“Quando a gente namorava escondido eu não amava, assim, gostava, ficava, mas não... depois foi amadurecendo, foi crescendo”.

A gravidez anterior

Ela contou que há aproximadamente 1 ano e 7 meses, ela teve um aborto espontâneo quando estava para completar 4 meses de gestação. Seu relato sobre a ocorrência desta gravidez foi um pouco confuso, ela disse que engravidou ao ter parado de tomar a pílula por estar engordando muito, tendo começado a usar camisinha. Depois ela disse que havia trocado o comprimido por um outro. Contraditoriamente seu companheiro falou que naquela época o casal também havia planejado a gravidez.

“Tive um aborto, espontâneo”.

“Eu tava começando no planejamento aqui (na unidade de saúde), eu comecei a tomar comprimido. E eu comecei a engordar muito tomando comprimido, então eu resolvi parar com o comprimido. Daí que a gente começou a usar camisinha. E não sei se no eu parar, ou não sei o

que foi que aconteceu, eu engravidei. Que eu tentei mudar de comprimido, para ver se, não sei se nessa mudança, com certeza...”

Ela comentou chorando que foi muito ruim ter perdido o bebê. Apesar de não ter planejado, não significava que ela não quisesse a gravidez. Atualmente, ela lembra menos do que ocorreu, mas ainda sente bastante.

“Horível. Muito ruim”(choro)

“Muito ruim, dói demais. (choro) Não foi uma coisa que eu planejei, mas não era uma coisa que eu não queria também”.

“Agora lembro até menos. Mas antes era direto. Não podia vê nada assim de roupinha, essas coisas que eu já lembrava. Agora não, não, nem tanto, mas mesmo assim ainda sinto bastante”.

A fase da vida

Ana Maria considerou que estava na adolescência antes da gravidez e ainda está. Ela comentou que sua vida estava boa, mas melhorou após a gravidez mesmo sem ter sido planejada.

“Na adolescência. E continuo, né”.

“Tava boa, tava bem, tava... melhorou muito depois com a gravidez, mesmo sem ser planejada, mas... assim melhorou”.

Estudo e trabalho

Ana Maria completou o 1º grau e interrompeu seus estudos quando cursava a 1ª série do 2º grau, no mesmo ano em que ficou grávida a primeira vez. Na ocasião da entrevista, ela estava atrasada aproximadamente 2 anos quanto ao nível de escolaridade esperado para a sua idade.

Ela falou que começou a trabalhar um pouco antes de engravidar, mas saiu do emprego por medo de perder o bebê. Em outro momento, contraditoriamente ela disse que foi demitida.

“...no começo (da gravidez) eu tinha bastante medo. Até eu tava trabalhando no começo e eu saí do emprego por que eu tinha medo de perder... agora não, agora tá tranqüilo”.

“Era primeiro emprego... Fui demitida”

“Não fazia (tempo), assim que eu entrei eu engravidei”.

Planos quanto ao relacionamento afetivo

Ana Maria expôs que antes de engravidar ela esperava que o relacionamento continuasse como estava, mas sem ter ficado grávida. Suas colocações são contraditórias as de Willian, o qual disse que a gravidez foi planejada.

“Quería continuar como a gente tava, só que não ter engravidado, esperado mais um pouco. E continuar assim como a gente estava, só que melhorando cada vez mais, tipo a vida da gente, a casa, essas coisas assim”.

O uso de métodos contraceptivos e a gravidez

Ela relatou que não gostaria de ter engravidado agora, por que acha que deveriam viver mais um tempo juntos para se conhecer melhor.

“Porque não, eu acho que a gente tinha que viver mais um pouquinho juntos, se conhecer mais um pouco pra...”

Ao indagada, ela confirmou que o casal sempre usava a camisinha e que provavelmente ela estourou, mas eles não perceberam na hora. Ela disse não ter idéia por que a camisinha estourou, por que ela foi colocada corretamente como tinha aprendido na unidade de saúde. Ela também confirmou que a camisinha tinha o selo do IMETRO de qualidade e estava dentro do período de validade.

“...a gente sempre usou camisinha... desde o começo”.

“Provavelmente! (a camisinha estourou) (riso)”.

“...eu participava do planejamento familiar aqui (na unidade de saúde)... Explicava como usar (camisinha), como pôr, como tirar, como... mas eu não sei como aconteceu”.

Análise do caso de Ana Maria

Ana Maria ao engravidar estava morando com seu companheiro há 2 anos. Ao indagada sobre o que a teria levado a engravidar, ela referiu que esta ocorreu por um descuido, por que o casal estava usando camisinha. Ela expôs inicialmente que o preservativo havia estourado, mas posteriormente mencionou que a gravidez deve ter ocorrido em função do casal ter mantido um contato genital próximo anterior à penetração. Suas colocações foram diferentes do relato de seu companheiro de que a gravidez atual e a anterior haviam sido planejadas. Diante do ocorrido é possível concluir que qualquer um dos dois pode ter passado uma informação que não correspondeu à realidade. Entretanto, considerando as contradições do relato de Ana Maria e a maior coerência das falas de Willian, é possível levantar o questionamento de que Ana Maria teria omitido na entrevista o planejamento da gravidez. Como apontado anteriormente, a sua opção de não querer dar continuidade a segunda entrevista pode ter estado relacionada a este fato.

Ao analisar seu contexto de vida, alguns fatos devem ser salientados. Ela contou com emoção que inicialmente sua mãe proibiu seu namoro com o companheiro atual, não querendo inclusive que ela fosse a escola ou saísse na janela. Após ficar afastado por um tempo, o casal namorou durante 2 meses escondido de sua mãe e mais dois meses com sua permissão até ir morar junto. Era um relacionamento bastante próximo, no qual o amor foi crescendo e amadure-

cendo com o tempo. Ela contou que mais ou menos um ano antes de engravidar, ela havia tido um aborto espontâneo, aos 4 meses de gestação, tendo sido horrível. Ao falar sobre este acontecimento, Ana Maria chorou dizendo que ainda sente bastante, apesar de atualmente lembrar menos sobre o que aconteceu. Ela expôs que apesar de não ter planejado a gravidez, não significava que ela não a queria. Ela comentou também que após a gravidez atual sua vida melhorou.

Ana Maria interrompeu o 1º ano do 2º grau no ano que ficou grávida a primeira vez. Ao ficar grávida novamente, ela não estava estudando e estava há pouco tempo no emprego, resolvendo parar de trabalhar por receio de abortar novamente. Apesar dela não ter revelado seus projetos educacionais e profissionais por não ter comparecido a segunda entrevista, seu histórico parece apresentar mais afinidade com um projeto enquanto esposa e mãe do que a um projeto de ascensão educacional e profissional, por ter interrompido os estudos e posteriormente o trabalho.

Além disto, antes de engravidar, Ana Maria participava frequentemente de reuniões de planejamento familiar na unidade de saúde, tendo recebido informações sobre a maneira correta de colocar e utilizar o preservativo, além de adquiri-lo em boas condições de qualidade e validade.

Ao analisar o contexto de vida acima apresentado, levanta-se a hipótese de que sua gravidez foi desejada como parte de um projeto de vida do casal, sendo uma forma não consciente de se tornar adulta e adquirir a autoridade e poder decorrentes do papel de mãe. Seus sentimentos pelo aborto vivido anteriormente parecem congruentes com um desejo de engravidar novamente. Frente a possíveis críticas e julgamentos por parte de sua mãe e dos profissionais da unidade de saúde em relação a este desejo, ela pode ter preferido omitir este fato na pesquisa.

Ana Maria relatou ter iniciado a morar junto com Willian após uma briga de sua mãe e seu companheiro, na qual ela ficou com medo quando este deu um tiro. Tal situação se assemelhou as expectativas observadas por VILLA (2001) em mulheres pertencentes ao estrato social baixo, de que o homem lhe protegesse afetivamente frente à reprodução em decorrência de uma necessidade de distanciamento das relações conflitivas com a família de origem. Além disto, o companheiro teria o significado de compartilhar problemas e superar um estado de solidão, ao se sentir apoiada e compreendida em relação aos conflitos familiares. Ao ir morar junto, o casal estava namorando com a permissão de sua mãe há apenas 2 meses. Antes eles haviam namorado por um período semelhante escondido desta, a qual havia proibido o namoro inicialmente. Esta fase havia sido vivenciada por Ana Maria como uma fase tumultuada e bem difícil.

Thaís, 18 anos

Ao ser entrevistada, Thaís estava no 5º mês de gestação. Ela e sua mãe vieram morar em Curitiba para ficar juntas com seu pai e seu irmão logo após ela engravidar, mas na época ela

ainda não sabia que estava grávida. Seus pais possuem 2º grau e estão trabalhando. A família mora em um apartamento alugado na região da Matriz. O pai da criança não foi entrevistado por não morar em Curitiba, nesta ocasião eles não tinham nenhum relacionamento afetivo, mas mantinham a amizade e se falavam de vez em quando por telefone.

Histórico do relacionamento familiar

Ela contou que é mais apegada a sua mãe, por que seu pai morou em diversas cidades longe da família. Ela referiu ter bom relacionamento com ambos, mas relatou ter tido alguns conflitos com seu pai mais ou menos um ano antes de engravidar. Naquela época, seus pais estavam morando juntos novamente após se separarem e sua mãe estava desconfiada por que “ficava ligando mulher” para ela falando coisas. Eles estiveram separados por mais ou menos dois anos.

“É, sou bem mais apegada a minha mãe assim, sempre ficou cuidando, sempre cuida da gente, meu pai sempre trabalhou em outras cidades assim, sempre a gente mudava, aí ele transferia pra outra cidade assim, daí ficava mais com minha mãe, mas também me dou bem com meu pai e meu irmão”.

“...eles ficaram um ano separados, aí esses tempos quando eles começaram, eles começaram a voltar depois, e eu comecei a ficar em conflito com meu pai assim, que daí minha mãe ficava desconfiada daí, ela não tinha confiança que ele ia em outra cidade, ficava ligando mulher pra ela falando coisas, daí eu comecei a brigar com meu pai aí a gente ficou uma fase...”

“Ah, eu falava um monte, discutia bastante com ele, que meu pai é bem calmo faz de tudo pra não brigar, então tipo assim se eu falasse com ele nem dava trela, assim sabe, daí isso me deixava mais irritada, daí eu nem, daí tipo ele ligava eu batia o telefone na cara dele, essas coisas assim, não falava direito com ele”.

Fase da vida

Thaís considerou que estava na adolescência antes de engravidar e que estava começando a curtir, era uma fase só de se divertir.

“Ah, era... era bem a fase que eu estava começando a curtir, eu saía bastante com as minhas amigas, era aquela coisa assim sem preocupação nenhuma, só me divertir assim. Estava bom...”

Estudos

Ao participar da entrevista, Thaís havia iniciado novamente o 2º grau, mas em um supletivo. Antes de engravidar ela estava cursando uma escola técnica. Inicialmente, ela pretendia fazer mecânica, mas no decorrer do tempo acabou ficando indecisa quanto ao qual curso optaria ao final do 2º ano. Ela estudou durante 3 anos e ficou com várias dependências, não conseguindo completar o 1º ano. No último ano, Thaís reprovou por faltas, por gazeava aula.

“O meu irmão estudou lá, né. Daí era um colégio bom, tudo, daí eu resolvi ir para lá. Eu tinha a intenção de fazer um curso de mecânica, quando eu entrei lá assim. Que eu tinha intenção de fazer engenharia mecânica, daí fui conhecendo o curso, daí fui mudando de idéia. Daí já fiquei mais na indecisão, e agora o que eu vou fazer?”

“Eu entrei na escola e fiz o primeiro ano. Daí eu peguei 5 dependências, daí eu fiquei fazendo no outro ano só as 5 dependências, daí eu peguei dessas 5 dependências, eu peguei 3 dependências, daí eu comecei a fazer o segundo ano e fiquei fazendo essas 3 dependências [...] Daí isso no ano passado eu fiquei fazendo o segundo e as 3 dependências, só que daí eu reprovei por falta...”

“Ah, eu matava muita aula...”

Ela referiu ter reprovado por nota nos anos anteriores por não ter estudado o suficiente e por não gostar do colégio e estar desanimada.

“Aí foi por nota mesmo. Não estudei (o suficiente)”.

“Ah, não sei acho que não gostava do colégio, aí já desanimava”.

Thaís não soube explicar por que gazeava aula e ao indagada negou relação com os conflitos entre ela e seu pai. Quando gazeava aula, ia ao shopping com amigas de outros colégios.

“É por que também, não sempre que eu gazeava com o pessoal do colégio. As vezes encontrava com as amigas de outros colégios e nem ia para a aula... assim”.

Planos educacionais e profissionais

Antes de engravidar, Thaís tinha planos de terminar de estudar, fazer faculdade e começar a trabalhar. Apesar de não ter ido bem na escola técnica, ela considerou ter capacidade para fazer faculdade, sendo necessário apenas se esforçar. Ela disse não saber ainda qual curso quer fazer na faculdade, tendo mudado de idéia várias vezes.

“Terminar de estudar, né, fazer a faculdade, daí começar a trabalhar, não sei”.

“Eu tinha que me esforçar, porque capacidade eu tenho, né (para fazer faculdade).”

“Ah, eu estou pensando assim ainda (qual curso fazer). Cada hora eu quero uma coisa”.

“Ah, eu penso em fazer odontologia, psicologia, não sei ainda. Pensei em direito também, mas eu não sei ao certo”.

Ela pensou em trabalhar logo que chegou em Curitiba, para ajudar em casa e não depender tanto dos pais, entretanto não conseguiu um emprego. Thaís referiu pensar atualmente em trabalhar durante a faculdade, se for possível.

“...quando eu cheguei aqui (em Curitiba), ainda eu fui procurar emprego. Mas eles sempre pedem com experiência, e eu nunca trabalhei, aí fica difícil. Trabalhar com qualquer coisa”.

“Para poder ajudar em casa né, para não ficar dependendo tanto de dinheiro”.

“Se conseguisse já emprego, (trabalharia) assim durante a faculdade.”

Histórico de relacionamento com o parceiro

Thaís contou que conheceu o seu parceiro através de suas amigas, eles ficaram algumas vezes juntos e ela engravidou na 1ª relação sexual que tiveram.

“...uma amiga minha já tinha ficado com ele assim. Daí eu sempre ouvi falar, sempre a gente saía, ele era amigo das minhas amigas, daí a gente se conheceu assim”.

“A gente já se conhecia, só que a gente não estava namorando, tava ficando só. Daí foi na nossa primeira relação ainda que aconteceu”.

Ele fazia faculdade em outra cidade. Eles ficaram poucas vezes juntos e sempre se encontraram na danceteria nos finais de semana, nos demais dias eles não se falavam nem por telefone.

“...ele faz faculdade em outra cidade. Daí ele vai para lá só nos finais de semana”.

“...só depois né que eu vim embora que a gente se falou (por telefone)”.

“Ah... Não sei, foram bem poucas (vezes que ficamos). Ao todo devem ter sido umas 4, 5 ”.

Logo após a 1ª relação sexual, ela se mudou para Curitiba. Posteriormente ela conversou com ele pessoalmente dizendo que achava que estava grávida e ficou de confirmar mais tarde se realmente estava.

“...no final de semana seguinte (da relação sexual) eu já me mudei para cá em Curitiba, daí a gente não se viu mais. Daí e eu vou às vezes para onde eu morava, que a mãe dele e o pai dele mora lá também, daí a gente se encontrou, eu conversei com ele que achava que podia estar grávida. Daí ele falou que depois era para eu avisar para ele se eu tivesse certeza. Daí, depois eu contei para ele”.

Planos quanto ao relacionamento afetivo

Ela não soube dizer se esperava muita coisa do relacionamento, foi uma coisa bem impulsiva. Ela relatou que gostava bastante dele, tinha vontade de namorar, mas não via futuro por que sabia que estaria mudando logo para Curitiba.

“Ah, eu não sei. Foi uma coisa bem impulsiva, assim... Não sei se esperava muita coisa... né (riso)”

“ Eu gostava bastante dele (não acho que amava)”.

“Tinha (vontade de namorar), né, só que sabendo que eu ia embora, tudo... Daí já não via mais um futuro assim...”

Ela contou que pretendia se casar depois de formada por volta dos 30 anos de idade, desejando ser independente financeiramente, de maneira a não depender do marido. Ela queria ter filhos somente depois de terminar a faculdade em torno dos 35 anos.

“Eu pensava (em namoro, casamento), né, mas eu não queria assim ficar dependendo muito, pensando, pensando em casamento para ficar dependendo de alguém, queria me manter sozinha mesmo, assim, né. Mas pretendia me casar, com certeza”.

“(Pretendia casar) no começo dos 30 anos, eu acho... depois de formada”

“Ah, eu não sei... eu pretendia terminar a faculdade, trabalhar assim, até conseguir me manter, ficar independente financeiramente, pretendia ter filhos lá por uns 35 anos... assim, só bem lá para frente”.

O uso dos métodos contraceptivos e a gravidez

Thaís contou que ela e seu parceiro usaram camisinha, mas ela estourou. Ela não soube dizer o que aconteceu, mas achou que o preservativo não foi colocado direito. Ela sabia que era necessário tirar o ar da ponta da camisinha, mas não percebeu se o parceiro a colocou corretamente. Ao indagada, ela referiu também não saber se a camisinha era de qualidade e se estava dentro da data de validade. Ela deixou a responsabilidade quanto ao uso da camisinha ao companheiro.

“Foi um acidente, assim a camisinha estourou, tudo...”

“(riso) Não sei. De certo não colocou direito... mas o que pode ter acontecido, não sei”.

“Sabia (que era necessário tirar o ar), mas foi ele que colocou, né, daí eu não vi”.

Ela referiu que a gravidez foi coisa do destino, por ter tido relações sexuais durante 6 meses com seu ex-namorado usando sempre camisinha, não tendo estourado nenhuma vez.

“Foi bem coisa do destino, né?!”

Thaís salientou que não gostaria de ter engravidado por não trabalhar, não ter condições de criar a criança sozinha e agora ficar dependendo dos pais.

“Ah, eu não sei, eu não esperava, né, não estou... não trabalho ainda, não sou... não tenho condições de criar a criança sozinha, agora vou ficar dependendo dos meus pais também, então não era o que eu queria assim”.

Análise do caso de Thaís

Thaís estava ficando com o parceiro em alguns finais de semana na danceteria que frequentava. Ela o conheceu através de suas amigas. A gravidez ocorreu na primeira relação sexual

do casal. Ela explicou que a camisinha estourou e no dia seguinte ela tomou a pílula do dia seguinte, mas mesmo assim acabou ficando grávida. Ela mencionou que gostava muito dele, mas que foi uma coisa bem impulsiva e ela não sabe se esperava alguma coisa do relacionamento por que estava se mudando para Curitiba.

Thaís havia tido algumas dificuldades no relacionamento com seu pai, após ele e sua mãe voltarem a morar junto e algumas mulheres ficarem ligando naquela época para sua mãe, falando coisas que a deixava desconfiada. Ela havia ficado em várias dependências no 1º ano do 2º grau, tendo inclusive reprovado de ano por gazear excessivamente as aulas. Mesmo assim ela referiu o desejo de fazer faculdade e se tornar independente financeiramente, pretendendo casar e ter filhos bem mais para frente.

Segundo seu relato, o rompimento da camisinha deve ter ocorrido em função de uma má colocação. Entretanto, ela não observou como o parceiro a colocou. Ela afirmou que deveria ter prestado mais atenção, ao invés de deixar a responsabilidade exclusivamente a ele. Ela também salientou que a gravidez parece ter sido uma coisa do destino, por ela ter mantido relações sexuais durante 6 meses com seu ex-namorado sem a camisinha ter rompido.

Estando em um período que ela considerava estar começando a curtir e sair bastante com suas amigas, se preocupando apenas em se divertir, ela acabou estando desatenta quanto aos cuidados na colocação da camisinha. Tal situação pode ter sido reforçada por ser a primeira relação com o parceiro, na qual a adolescente pode ter se sentido constrangida em conversar sobre a relação sexual e a prevenção da gravidez com o parceiro por haver pouca intimidade entre o casal.

Análise e discussão do grupo

A ocorrência da gravidez em Ana Maria e Thaís parece ter sido bastante distinta. Enquanto Ana Maria estava morando com seu companheiro ao engravidar, Thaís estava ficando com o parceiro. O contexto de vida relatado por Ana Maria relacionado a fala de William de que o casal teria planejado a gravidez possibilitou o levantamento da hipótese de que ela omitiu seu desejo de engravidar. A ocorrência de uma gravidez anterior seguida de aborto, o histórico de interrupção dos estudos e as colocações de que sua vida melhorou após a gravidez reforçaram a hipótese de um planejamento da gravidez por Ana Maria e William.

Analisando as colocações de Thaís de que a gravidez teria ocorrido em função da camisinha ter estourado e de que ela teria tomado a pílula do dia seguinte e relacionando as suas demais falas, tal situação demonstrou maior coerência. Ela expôs que sempre usou a camisinha inclusive com seu namorado anterior nunca ocorrendo problemas, entretanto a gravidez ocorreu em sua primeira relação sexual com o parceiro, ao não ter conferido se ele a colocou corretamente. Ela

estava apenas ficando com o parceiro e por isto não mantinha expectativas quanto ao relacionamento.

De qualquer maneira deve-se destacar que na ausência de um vínculo de maior confiança entre participante e pesquisador, o desejo de engravidar pode ser omitido como foi verificado na primeira entrevista de Maria. Tal situação é contextualizada por valores sociais que consideram a gravidez na adolescência como sendo sempre precoce e prejudicial e pela dinâmica da responsabilidade/irresponsabilidade estabelecida entre o mundo adulto e adolescente apontada por PAULA (1992).

Apesar das divergências entre Thaís e Ana Maria, ambas apresentaram semelhanças em relação ao atraso quanto à escolaridade. Esta situação pode ter implicado em uma maior tendência ao desenvolvimento de um projeto de vida voltado para o papel de esposa e mãe no caso de Ana Maria, assim como pode ter dificultado a concretização dos planos educacionais e profissionais de autonomia apresentados por Thaís. O baixo desempenho escolar, as baixas aspirações educacionais e poucas expectativas de sucesso foram citadas por FÁVERO & MELLO (1997) como precedentes freqüentes à ocorrência da gravidez na adolescência.

Finalmente é importante destacar a importância do acesso dos adolescentes a espaços que lhes forneçam informações seguras quanto à sexualidade e à utilização correta de métodos contraceptivos e que levem em conta o cotidiano destes, assim como os valores e sentimentos despertados nos relacionamentos estabelecidos com o parceiro (a). Como enfatizado por FÁVERO & MELLO (1997), um trabalho de intervenção com adolescentes e seus pais deve envolver questões como a relação homem-mulher, o conceito de casamento, maternidade, paternidade, relação mãe-filho (a), pai-filho (a), entre outros.

4.5. OS SENTIDOS DOS PARTICIPANTES QUANTO A SUA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

De maneira geral, os adolescentes relataram ter gostado de participar das entrevistas, se sentindo aliviados por se soltarem e falarem livremente sobre suas vidas. Vários participantes comentaram que no seu dia a dia não encontravam pessoas com quem falar sobre si próprios. Algumas falas sobre a participação na pesquisa são apresentadas abaixo.

Renata, 14 anos

Renata enfatizou o fato de não ter com quem conversar. Ela expôs que o fato de ter se aberto com a pesquisadora, tirou a angústia que estava sentindo. Ao falar com as pessoas sobre o que está vivendo no seu dia a dia, elas comentam que é culpada por ter engravidado.

“Foi gostoso, legal, bem aberto [...] Por tudo assim, porque eu não tinha ninguém para ficar conversando, por que ninguém gosta de ficar ouvindo o que a gente tem para falar...”

“Ajudou, tirou a angústia de dentro assim”.

“Que jeito? Mas a culpada é você não sei o que lá...”

Cláudia, 17 anos

Cláudia achou bom conversar e desabafar. Ela sente falta com quem conversar, principalmente quando está nervosa, então acaba desabafando escrevendo o que sente no papel.

“É bom conversar, desabafar um pouco. Às vezes eu sinto falta de falar com alguém, principalmente nas horas em que eu fico nervosa, assim, eu tenho vontade de falar o que eu estou sentindo. Daí às vezes eu não tenho para quem falar, aí eu escrevo tudo o que eu sinto. Eu gosto de escrever, na hora vem tanta coisa na minha cabeça, tanta coisa, que eu escrevo, escrevo, escrevo...”

Ricardo, 21 anos

Ricardo salientou que gostou de participar da entrevista, assim como da pesquisadora fazer várias perguntas e omitir sua opinião. Desta maneira, ele percebeu que pode se soltar, ficando menos preso e falando um pouco mais. Ele comentou que conversa bastante com sua mãe, mas não costuma falar sobre todos os assuntos. Ao conversar com a pesquisadora sobre tudo que aconteceu entre ele e sua esposa, ele referiu ter tido a possibilidade de avaliar seu momento de vida atual e seu comportamento em relação a companheira.

“...esse trabalho que você tá fazendo é bem jóia, acho que daí a gente pode conversar, às vezes a gente tá muito preso assim, com outras pessoas assim, eu converso bastante com a minha mãe entendeu, mas eu acho que não é bom misturar as coisas...”

“...eu gostei de fazer isto por que tipo você não dá a tua opinião, entendeu, você pergunta e eu respondo né, e entendeu eu acho que é bem gostoso assim, até você pode falar um pouco mais assim, né, entendeu você solta um pouco mais assim né, eu achei legal assim, foi bem interessante assim”.

“...foi a primeira pessoa assim mesmo que eu sentei pra conversar o que aconteceu com a gente, sobre tudo assim né, que eu fui interrogado assim, entendeu, sobre tudo, então eu toquei em todos os assuntos né, então tipo a gente mexeu em tudo ali de volta, a gente limpou o baú assim entendeu, então aí tem algumas coisas que tipo o tratamento dela assim, pra ser mais calmo, tipo tá bem mais envolvido com o negócio, perceber que é um negócio sério, que eu já pensava assim, entendeu, então é legal assim, achei bem interessante”.

José, 19 anos

José expôs que gostou muito de participar por se soltar e falar de sua vida de maneira aberta. Ele comentou que nem todas as pessoas querem ouvir sua história e durante a entrevista ele pode lembrar seu passado. Ele também se sentiu aliviado por falar dos problemas vividos atualmente em relação a sua mãe, por não desabafar esses problemas no dia a dia com ninguém.

“A gente se solta, porque a gente entra meio tímido, achando que é uma coisa, aí se solta, que nem eu te falei, a gente saiu fora do assunto da gravidez entendeu por coisa minha, coisa que a gente se abre, é legal para caramba, gostei”.

“Legal, a gente conta muito, é poucas as pessoas que querem escutar a história da gente, entendeu, então é uma forma da gente contar e memorizar, sei lá, viver aquele momento que foi passado, entendeu”.

“É a gente sente aliviado de contar coisas, que nem minha mãe mesmo, não desabafo com ninguém esses problemas que eu tenho com ela, entendeu, aí é super legal”.

As falas dos participantes revelaram a riqueza das relações estabelecidas durante as entrevistas. No decorrer destas, o pesquisador procurou compreender a realidade dos sujeitos pesquisados, entretanto, o si mesmos enquanto realidades subjetivas, foram sendo reconstruídos no decorrer destas relações, possibilitando novas interpretações por parte dos indivíduos em relação a seu passado, seu momento presente, os projetos e expectativas futuras. O si mesmo como destacou BRUNER (1997) não existe como uma substância preexistente ao esforço de descrevê-lo. Desta forma, nas relações estabelecidas em determinados momentos de suas vidas, os sujeitos ali presentes, incluindo a pesquisadora, atualizaram e modificaram seus sentidos quanto a si próprio e a relação com o outro.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta pesquisa tiveram origem na análise das relações e contradições dos sentidos apresentados pelos participantes quanto à ocorrência da gravidez e às condições de vida anteriores a esta, que incluíram desde o relacionamento com a família e com o parceiro até a presença de projetos de vida. Procurou-se compreender os pensamentos e motivações que estavam por trás das falas dos participantes, que interpretavam e davam forma ao que era dito, conforme exposto por VIGOTSKY (2000).

Foi verificada uma grande diversidade de sentidos, os quais não implicaram em um padrão homogêneo quanto à ocorrência da gravidez que possa ser aplicado de maneira universal a todos os adolescentes. A gestação na adolescência ocorre de maneira heterogênea no cotidiano tendo por base os sentidos pessoais e os significados sociais desenvolvidos a partir das condições materiais de cada sociedade.

A apresentação e análise das falas dos participantes foram feitas a partir da categorização destes em pequenos grupos conforme os sentidos referidos ao serem indagados especificamente sobre o que as levou a engravidar ou a sua parceira engravidar, no caso dos rapazes. Desta forma, os participantes foram agrupados conforme tenham relatado se queriam ou não ter um filho naquele momento. Os últimos foram distribuídos em 5 subgrupos, tendo atribuído a ocorrência da gravidez aos seguintes motivos: o parceiro queria que ela engravidasse; as adolescentes tiveram a relação sexual sem se prevenir e sem pensar nas conseqüências; a adolescente esqueceu de tomar a pílula; os adolescentes confiaram na tabelinha; houve uma falha no uso da camisinha.

Um terço dos participantes avaliou que a gravidez ocorreu por ter desejado ter um filho. Entretanto, no decorrer do processo de análise foi levantada a possibilidade da presença de um desejo não consciente de que a gravidez ocorresse entre a maior parte dos participantes que haviam relatado que não queriam ter um filho naquele momento.

O desejo de engravidar, consciente ou não consciente, assim com a ação de se prevenir da gravidez têm por base as atividades e relações estabelecidas pelos adolescentes com sua família, seu parceiro (a), amigos, professores, vizinhos, e demais pessoas no cotidiano, em um processo contínuo de transformação da identidade e dos sentidos sobre si mesmo, sobre sua história, seu presente e suas perspectivas futuras. Neste processo permanente, o adolescente estrutura seu projeto de vida mesmo que de maneira não consciente, o qual é permeado por questões de gênero, classe e hierarquia por idade.

Entre as adolescentes que queriam engravidar pode-se perceber a presença de um projeto de vida voltado para o papel de mãe e esposa, sendo que apenas uma, das três adolescentes, apre-

sentava planos definidos quanto a cursar uma faculdade e exercer uma profissão, preocupando-se em conciliar a maternidade e os estudos, apesar de seu histórico de interrupção dos estudos e reprovações escolares. As outras duas adolescentes tinham poucas expectativas educacionais e profissionais. Apenas uma das adolescentes deste grupo estava namorando ao engravidar, enquanto os demais participantes moravam com o (a) companheiro (a). Os rapazes pertencentes a este grupo trabalhavam e mantinham algum nível de independência financeira em relação a suas famílias. A paternidade inseriu-se como parte de um projeto reprodutivo do casal. O dia a dia destes estava voltado ao desempenho do papel de provedor na família, não apresentando na época planos claros de ascensão profissional a partir de um caminho educacional. Conforme observado por VILLA (2001) entre homens de estratos sociais médios, os planos de ascensão profissional são freqüentemente uma importante motivação para a regulação da fecundidade, diferentemente do ocorrido entre estes rapazes.

A ausência de planos claros de ascensão profissional através dos estudos também foi observada em um rapaz que estava namorando, tendo sua namorada engravidado em função do casal ter confiado na tabelinha. Ele estava trabalhando nesta ocasião, tendo revelado que apesar de querer melhorar profissionalmente e pensar em voltar a estudar, ele não fazia muitos planos, apenas ia vivendo.

A ausência de planos objetivos em relação ao futuro educacional e profissional também foi observada entre outras duas adolescentes que estavam morando com o companheiro ao engravidar, sendo que uma delas engravidou por ter esquecido de tomar a pílula e a outra referiu ter havido uma falha no uso da camisinha, apesar de seu companheiro ter afirmado que o casal planejou a gravidez. A ausência de planos educacionais e profissionais parece ter possibilitado uma maior identificação das adolescentes com o papel de esposa e mãe.

As demais adolescentes (em um total de 7) relataram a presença de um projeto de ascensão profissional, autonomia e independência a partir de um caminho educacional. Entretanto, três delas haviam apresentado um histórico educacional que incluiu reprovações, faltas à aula e atrasos quanto à escolaridade. Tal situação foi percebida entre duas adolescentes que estavam ficando com o rapaz e tiveram a relação sexual sem se prevenir e sem pensar nas conseqüências e também em uma adolescente que havia ficado com o rapaz e a camisinha estourou. Diversas pesquisas apontaram a relação entre baixos níveis de escolaridade e desempenho escolar, presença de faltas à escola e poucas aspirações educacionais e profissionais com a ocorrência da gravidez na adolescência (CORRÊA & COATES, 1992; HOLDEN *et al.*, 1993; SHÖR *et al.*, 1996; FÁVERO & MELLO, 1997).

Entretanto, a gravidez ocorreu entre outras quatro adolescentes que apresentavam compatibilidade entre sua idade e nível de escolaridade e possuíam objetivos claros de se formar, ter

uma profissão e só depois casar e ter filhos. Além disto, a maioria delas estava no final do 2º grau ou na faculdade. Nestes casos, pode-se perceber a importância das demais relações estabelecidas no cotidiano em relação à ocorrência da gravidez.

A ocorrência da gravidez entre as adolescentes e seus parceiros foi contextualizada pelo relacionamento cotidiano destes com suas famílias. Entretanto, a maioria dos participantes não relatou influências do relacionamento familiar em relação à gravidez contrariamente as importantes repercussões deste relacionamento em seu cotidiano observadas em suas falas. Somente Andréa avaliou que a gravidez poderia ter ocorrido como uma forma não consciente de escapar do tumulto e das brigas vividas frequentemente com seu pai. De maneira geral, os participantes não refletiram sobre o significado que a gravidez ocupou em suas vidas no contexto hierárquico de relações familiares e da dinâmica da responsabilidade/irresponsabilidade presente entre o mundo adulto e o mundo adolescente, conforme citado por PAULA (1992).

A importância das relações familiares no processo de socialização primária e na socialização secundária foi salientada por BERGER E LUCKMAN (1999). Durante a infância, os indivíduos passam por um período de socialização primária, no qual as pessoas próximas à criança, enquanto outros significativos, se apresentam como uma estrutura social objetiva, servindo de mediadores entre a criança e o mundo. Em um processo carregado de emoção, a interiorização do mundo social é “filtrada” pelos outros significativos em decorrência das particularidades pessoais e de sua localização na estrutura social.

Mais tarde, após a interiorização do outro generalizado, ocorre a socialização secundária, um processo que se estende por toda a vida. Esta é responsável pela aquisição de conhecimentos de funções específicas relacionadas à divisão do trabalho e distribuição social do conhecimento, bem como pela conservação ou modificação dos conteúdos internalizados durante a socialização primária. As diversas interações humanas, com os outros significativos e demais pessoas, presentes nas rotinas das institucionalizações, são responsáveis tanto por novas internalizações da realidade como pela conservação destas na consciência, sobrepondo-se aos conteúdos internalizados na socialização primária.

Os outros significativos podem reafirmar ou não a identidade e a realidade subjetiva já internalizada pelo indivíduo. Este processo é possível a partir das conversas estabelecidas, que podem ocorrer de maneira explícita ou implícita. Desta forma, deve-se destacar tanto o histórico das internalizações adquiridas pelos adolescentes em sua infância, como a importância das conversas e interações estabelecidas em seu cotidiano na construção de sua subjetividade. Neste sentido, por exemplo, a ausência de uma comunicação clara entre pais e filhos sobre sua sexualidade e seus projetos de vida pode acabar contribuindo com uma não prevenção da gravidez (FÁVERO & MELLO, 1997; TRINDADE & BRUNS, 1998). Frente à permanência de valores

quanto a virgindade da adolescente, alguns pais preferem não conversar com suas filhas sobre a prevenção da gravidez, acreditando que desta forma a relação sexual não irá se concretizar, como destacado por FÁVERO & MELLO (1997). Por outro lado, freqüentemente os pais conversam com seus filhos sobre a sexualidade de maneira superficial, não sendo estabelecida uma real comunicação entre estes (TRINDADE, 1997; DIAS & GOMES, 2000).

O relato dos participantes quanto ao histórico de seu relacionamento familiar foi permeado freqüentemente por fortes emoções, demonstrando a importância de tais relações na formação de seus sentidos e sua identidade. As relações familiares se destacaram como parte do contexto de vida dos adolescentes, estando entrelaçadas com os sentidos a respeito de si próprio, seus projetos de vida, suas perspectivas concretas de futuro, assim como com o processo que deu origem a gravidez. Uma grande variedade de situações foi mencionada pelos participantes desde a presença de um bom relacionamento com os familiares até a existência de importantes conflitos envolvendo discussões, agressões físicas, fugas de casa, o uso de diversas drogas por algumas adolescentes, bem como o uso predominante do álcool entre alguns familiares.

Cinco adolescentes, quase a metade das participantes, tiveram como modelo social a ocorrência da gravidez na adolescência de sua mãe. Além disto algumas adolescentes e rapazes referiram a ocorrência da gravidez entre amigas ou companheiras de amigos. A experiência de cuidado de irmãos e/ou primos pequenos foi observada entre 4 adolescentes e 2 rapazes. Tais situações foram relatadas como freqüentes entre adolescentes gestantes por CORRÊA & COATES (1992), HOLDEN *et al.* (1993) e PAIVA *et al.* (1998). Apesar da expectativa observada em boa parte dos adolescentes de que tivessem uma história diferente de seus familiares, com a gravidez a vivência de alguns participantes se assemelhou a sua história familiar.

Diferentemente dos sentidos relatados quanto às relações familiares, freqüentemente os participantes se referiram ao relacionamento com o parceiro enquanto influenciando a ocorrência da gravidez. De maneira geral, seus relatos foram compatíveis com a valorização do amor romântico na sociedade moderna, conforme analisado por POSTER (1979) e ROCHA-COUTINHO (1984). Tal valorização foi verificada tanto em adolescentes que estavam morando ou namorando o (a) parceiro (a) e apresentavam relações de grande proximidade, quanto em adolescentes que estavam ficando com o parceiro e demonstraram uma forte idealização deste relacionamento.

Algumas adolescentes relataram ter perdido a virgindade com o pai da criança, apresentando semelhanças com os critérios de normatização da vivência da sexualidade feminina fora do casamento, descritos por DESSER (1993), segundo os quais esta só pode ser sancionada frente a parâmetros de honestidade e inocência quanto a relação sexual que incluem a presença do amor, a cessão ao outro, a exiguidade de parceiros e a não premeditação. A virgindade foi fortemente

valorizada por duas adolescentes, sendo que uma morava no interior ao engravidar e a outra frequentava uma igreja evangélica. Esta também foi mencionada por outras adolescentes entre expectativas de seus familiares.

A ocorrência da gravidez entre algumas participantes foi compatível à situação mencionada por VILLA (2001), na qual esta simbolizava uma prova de amor por parte da mulher frente a uma demanda do homem, expressa por seu enamoramento, o qual sinalizou e legitimou a presença de um projeto reprodutivo entre o casal.

Tendo como referência os sentidos apresentados pelos participantes sobre a ocorrência da gravidez, o contexto do relacionamento com o parceiro e com a família, o momento vivido, a situação educacional e profissional do participante e seus projetos de vida anteriores à gestação, algumas análises foram realizadas sobre a presença do desejo consciente ou não consciente de ter um filho entre os participantes. Em alguns casos a gravidez parece ter correspondido a uma maneira não consciente da (o) adolescente se tornar adulta (o) frente à dinâmica da responsabilidade/irresponsabilidade e a relação de subordinação estabelecida entre o mundo adulto e o mundo adolescente como analisado por PAULA (1992).

Nesta direção, a maternidade/paternidade significou para alguns participantes uma maneira não consciente de modificar uma situação de vida pessoal ou familiar. Como citado anteriormente, em alguns casos foram constatados conflitos familiares anteriores à gravidez, que se apresentaram de maneiras diversas incluindo até mesmo, situações de agressões físicas dos familiares para com as adolescentes. Também foram relatados históricos de fugas, gazetas regulares de aula, interrupção dos estudos, reprovações, uso de álcool e outras drogas. A gravidez teria propiciado, portanto, a desvinculação da família de origem a partir da formação de um novo núcleo familiar e a aquisição de um status de maioridade como salientado por SARTI (1994).

Entre algumas adolescentes, a gravidez foi uma forma de se distanciar de relações conflituosas com a família e superar um estado de solidão, ao compartilhar seus problemas com o companheiro e se sentir protegida e compreendida afetivamente por ele como citado por VILLA (2001).

O desejo de engravidar entre as adolescentes veio de encontro com a intensa valorização social da maternidade que atribui autoridade e poder ao papel de mãe, como analisado historicamente por POSTER (1979), BADINTER (1985) e ROCHA-COUTINHO (1994). Neste contexto, duas adolescentes revelaram grande receio de serem inférteis ao manterem relação sexual por um período sem se prevenir e não terem engravidado rapidamente. Em contrapartida, o desejo de paternidade e a possibilidade de assumir o papel de provedor em uma união estável proporcionou a alguns participantes um espaço de valorização social que pode particularizar a identidade masculina, legitimar e ressignificar o exercício de sua sexualidade como exposto por

VILLA (1997). A paternidade, especialmente em estratos baixos, também foi ressaltada por VILLA (2001) como uma possibilidade de simbolizar a identidade masculina, ao colocar seu nome em um filho e resgatar a mulher de sua condição de filha no grupo familiar de origem, distanciando-se das qualidades paternas incorporadas no grupo familiar de origem e transcendendo os conflitos com a figura paterna. Desta forma, os homens subjetivamente se deparam com o risco de repetir as qualidades negativas da figura paterna e a necessidade psíquica de se diferenciar do machismo paterno. As vivências apresentadas por dois rapazes entrevistados encontraram semelhança com estes achados.

A gravidez foi interpretada como percebida consciente ou não conscientemente, entre alguns participantes, como uma possibilidade de assegurar a união do casal frente à resistência da família ou insegurança quanto à continuidade do relacionamento com o (a) parceiro (a) conforme citado por SARTI (1994) e FÁVERO & MELLO (1997).

As análises desenvolvidas no decorrer da pesquisa demonstraram a relevância das relações de gênero, de classe e de hierarquia por idade no contexto de vida dos participantes. O recorte de gênero se apresenta no momento como fundamental para avaliar a pequena presença dos parceiros nas entrevistas realizadas. Somente foi possível entrevistar 3 parceiros em um total de 11 adolescentes, entre as quais foi verificada e proposta tal possibilidade. Diferentes obstáculos foram encontrados para a realização de entrevistas com os demais parceiros. Quatro adolescentes não estavam mantendo contato com o pai da criança no momento da entrevista preferindo que este não participasse, três destas participantes estavam ficando com ele ao engravidar e uma estava namorando nesta ocasião. Nestes casos, ocorreu um afastamento do pai da criança em relação à adolescente, e conseqüentemente ao futuro filho, frente à não continuidade do relacionamento afetivo, de maneira semelhante ao observado por SIQUEIRA (2001). Frequentemente a adolescente, estimulada por sua família, preferiu não procurar o pai da criança após desentendimentos com este. Apenas uma destas adolescentes contou que o rapaz questionou a paternidade em alguns momentos, falando em fazer o teste de DNA. Outra adolescente teve desentendimentos com seu namorado por que a ex-namorada dele mentiu que estava grávida na mesma época que a adolescente engravidou. Uma adolescente não contou para o parceiro que estava grávida, com a ciência de seus familiares, não possibilitando que este tomasse conhecimento da paternidade. Neste último caso, pode-se perceber claramente como as atitudes da adolescente e sua família podem dificultar que o rapaz assuma a paternidade.

O parceiro de outra adolescente, que estava ficando com ela quando ocorreu a gravidez, não pode participar na entrevista por não morar em Curitiba. Os últimos três parceiros preferiram não participar das entrevistas, sendo que na ocasião um deles estava morando com a adolescente, o outro estava namorando e o terceiro havia separado da companheira um pouco antes de saber

da gravidez. Não é possível saber exatamente o que levou estes parceiros à não participar. Mas algumas reflexões podem ser realizadas.

TRINDADE & BRUNS (1996) e TRINDADE (1997) também encontraram dificuldades quanto à participação dos parceiros das adolescentes e pais adolescentes em suas pesquisas. Na primeira pesquisa, as autoras interpretaram este resultado em função das mulheres, de maneira geral, serem consideradas socialmente como as principais responsáveis pela educação dos filhos. Na segunda pesquisa, alguns pais justificaram sua não participação por não quererem falar sobre suas vidas como pais adolescentes. Diante de tal colocação, TRINDADE (1997) avaliou que estes pais talvez não estivessem acostumados a refletir sobre suas vidas no dia a dia, ou ainda não gostariam de se defrontar com sua realidade enquanto pai no decorrer da entrevista, talvez em função do não desejo de ser pai se opor à pressão familiar e da parceira para que assumisse a criança. Esta última possibilidade não parece se adaptar aos parceiros que não quiseram participar na presente pesquisa. Um dos parceiros, que não quis participar, havia planejado a gravidez com a parceira. Outro parceiro estava namorando a adolescente e morando na mesma casa dela e sua família, estando feliz com a gravidez segundo o relato da adolescente. Somente um dos parceiros, estava mais afastado da adolescente por ter se separado dela um pouco antes de saber da gravidez, apesar de que a separação partiu da adolescente.

Levando em conta tais ponderações, pode-se supor que a participação das adolescentes na pesquisa foi facilitada pelo fato delas terem um maior vínculo com os profissionais da unidade de saúde do que seus parceiros. Com exceção de Ana Maria, todas as adolescentes tinham participado de pelo menos um encontro do grupo de gestantes adolescentes realizado na unidade pela pesquisadora e outros profissionais. De maneira geral, os parceiros tem participado do pré-natal com pouca frequência. SIQUEIRA (2001) observou em serviços públicos de Florianópolis, que a participação do pai durante o acompanhamento de pré-natal é pequena, estando relacionada à ausência de estratégias efetivas de inclusão dos homens neste tipo de atendimento. Mantêm-se entre os profissionais de saúde um modelo de saúde reprodutiva focalizado na mulher. É possível que esta realidade também esteja presente no serviço de pré-natal, no qual a pesquisa atual foi realizada.

Outra pesquisa realizada por LYRA DA FONSECA (1997) salientou a baixa atenção dispensada à questão da paternidade adolescente em diversas áreas de conhecimento, que incluíram pesquisas científicas, instituições e questionários oficiais de coletas de dados. Tendo como referência às relações de gênero, o autor expôs que culturalmente “os filhos tendem a ser considerados como sendo da mãe”. Este contexto social que supervaloriza o papel da mãe na educação dos filhos acaba não estimulando ou estimulando pouco a participação do pai neste processo, desde o momento da gestação.

Entretanto, é importante ressaltar que talvez outras metodologias de pesquisa possibilitariam resultados e interpretações diferentes. O fato dos parceiros terem sido convidados para participar após a adolescente ter sido entrevistada, pode ter gerado um certo constrangimento nestes quanto a sua participação ou algum receio de que a pesquisadora contasse o conteúdo da entrevista a parceira. Este constrangimento pode ter ocorrido entre uma das adolescentes e seu parceiro que deram informações contraditórias quanto a ocorrência da gravidez e na seqüência não quiseram dar continuidade as entrevistas. Em outra pesquisa pode se ter como proposta a realização de entrevistas com a adolescente e seu parceiro em conjunto, possibilitando a análise das relações e contradições que emergirem na interação de ambos.

De maneira geral, foi possível perceber no decorrer das falas dos adolescentes a ausência de oportunidades anteriores à gestação, nas quais eles pudessem refletir de maneira mais aprofundada sobre seus projetos de vida e o desejo de engravidar ou se prevenir corretamente desta.

A ambivalência entre o desejo consciente de postergar a gravidez e um possível desejo não consciente de engravidar abriu um espaço para a ocorrência da gravidez entre grande parte dos participantes.

A prevenção da gravidez implica na determinação por parte dos adolescentes de se prevenir de maneira contínua e correta com o objetivo de concretizar um projeto de vida distinto da paternidade e maternidade. Portanto, para que esta se efetive é necessário que os adolescentes estejam conscientizados quanto à utilização adequada dos métodos contraceptivos, de maneira a evitar falhas. Entretanto, tal conhecimento não leva necessariamente a prevenção da gravidez. É fundamental estimular e possibilitar o desenvolvimento de uma postura reflexiva, por parte dos adolescentes sobre seus projetos de vida, suas identidades, a relação familiar e a relação com o mundo adulto, os sentidos sobre masculinidade, feminilidade, relação homem e mulher, casamento, paternidade e maternidade, além do fornecimento de informações.

Também é importante o desenvolvimento de espaços nos quais os familiares possam refletir sobre as relações estabelecidas com seus filhos, de maneira a auxiliá-los quanto à construção e concretização de seus projetos de vida, incluindo o estabelecimento de uma comunicação mais clara e aberta sobre sexualidade, as decisões reprodutivas, o uso de métodos contraceptivos e a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.

Como enfatizou VIGOTSKY (1984) através da linguagem, o homem adquiriu a capacidade de pensar, planejar, avaliar suas ações, conseqüências e ações subseqüentes, produzindo e transformando a sociedade. O pensar é uma atividade fundamental do ser humano, por permitir que este possa tomar decisões sobre suas ações após uma avaliação sobre as suas possíveis conseqüências (LANE, 1987).

A reflexão e o pensamento humanos tiveram origem no desenvolvimento da consciência social possibilitada pela linguagem e a atividade de trabalho em grupo, como analisou LEONTIEV (1978). A atividade, a linguagem e a consciência se entrelaçam dialeticamente ao longo da existência humana.

Desta forma, a possibilidade dos adolescentes refletirem, planejarem seus projetos de vida e se prevenirem da gravidez e das doenças sexualmente transmissíveis está estreitamente relacionada às atividades desenvolvidas por estes em seu cotidiano nos diversos grupos sociais aos quais pertencem. A prevenção da gravidez não se limita exclusivamente ao âmbito individual. Esta é permeada por significados sociais produzidos nas relações entre o mundo adulto e o mundo adolescente, nas relações de gênero, assim como nas relações provenientes das condições materiais de vida dos indivíduos, as quais envolvem oportunidades diversas de concretização dos projetos de vida dos adolescentes.

Não tendo seus direitos básicos garantidos, os adolescentes dos estratos sociais baixos são impelidos a se inserir precocemente no mercado de trabalho e abandonar os estudos deixando de lado projetos de crescimento educacional e ascensão profissional (SALLAS, 1999). Além disto, no contexto de uma sociedade capitalista e competitiva os adolescentes, independentes da condição social, podem predominantemente reproduzir ideologias dominantes, no seu pensar e agir, ajudando a manter as contradições sociais presentes na sociedade quanto à classe, à dinâmica da responsabilidade/irresponsabilidade estabelecida entre o mundo adulto e o mundo adolescente e à padrões sociais tradicionais de gênero. Como parte de uma sociedade contraditória e complexa, tal situação não se limita ao mundo adolescente. Frequentemente os adultos exercem atividades de trabalho alienadas e reproduzem no pensamento, na linguagem e nas suas ações a ideologia dominante.

Por outro lado, na medida em que as relações entre adultos e adolescentes se estruturam de maneira hierárquica tendo por base a dinâmica da responsabilidade/irresponsabilidade descrita por PAULA (1992), incluindo estereótipos sociais que consideram a adolescência um período de crise “normal” após a qual estes devem se adaptar a sociedade como expôs BECKER (1989), a distância entre o mundo adolescente e adulto tende a se ampliar, restringindo a possibilidade destes refletirem sobre suas ações no cotidiano.

CIAMPA (1987) enfatizou que as identidades humanas só se realizam em relação ao outro. Elas são definidas, explicitadas e legitimadas por significados socialmente compartilhados. O homem só se reconhece como humano ao ser reconhecido por outras pessoas. Para encontrar a identidade humana é necessário o sujeito fazer-se ação. É o sentido da atividade social que pode transformar o real e as pessoas. Desta forma, é necessário o desenvolvimento de espaços de participação dos adolescentes na sociedade que possibilitem seu reconhecimento enquanto cidadãos,

que os estimulem a pensar sobre a realidade e se perceber como agentes de transformação social, a partir de atividades concretas desenvolvidas no seu cotidiano.

Pode se perceber, entre os adolescentes entrevistados nesta pesquisa, que as ações desenvolvidas em seu cotidiano algumas vezes foram contrárias aos planos que tinham em relação a seu futuro. A construção e a concretização de um projeto de vida não se limita à presença de planos quanto ao futuro, sendo necessário que as atividades e relações estabelecidas no cotidiano caminhem nesta direção.

Neste sentido, a promoção da saúde reprodutiva dos adolescentes passa pelo desenvolvimento integral destes, enquanto seres humanos, em condições de liberdade e dignidade que garantam a concretização de seus direitos fundamentais como previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente.

“É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e a convivência familiar e comunitária” (ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE, 1990).

Para isto é necessária a realização de uma série de ações integradas, envolvendo setores governamentais e não governamentais, em prol do desenvolvimento da juventude e de sua saúde reprodutiva. As relações estabelecidas pelos adolescentes no âmbito da família, escola, grupo de pares, namoro, esporte, lazer, trabalho, serviços de saúde e comunidade em geral devem ser consideradas levando em conta as questões de classe, gênero e hierarquia por idade. É fundamental desenvolver a autonomia dos adolescentes para que este possam refletir com profundidade em seu cotidiano sobre a construção e concretização de seu projeto de vida, assumindo as responsabilidades por suas ações.

No decorrer desta pesquisa, pode-se perceber a importância do estabelecimento de relações com o adolescente, nas quais ele se sinta à vontade para expor e refletir livremente sobre sua história, seu momento presente, suas expectativas de futuro, podendo perceber seus sentimentos, avaliar e modificar sentidos pessoais, assim como padrões de masculinidade e feminilidade e construir seus próprios projetos de vida, tendo a possibilidade de se diferenciar da história vivida por seus familiares se for este o seu desejo.

O exercício da sexualidade por adolescentes, frente à ausência de oportunidades para que estes possam refletir com profundidade em seu cotidiano sobre seus projetos de vida e possíveis motivações quanto ao ter um filho ou se prevenir da gravidez e das doenças sexualmente transmissíveis, sugere que, de alguma maneira, seus direitos fundamentais e/ou reprodutivos não estão sendo garantidos.

ANEXOS

ANEXO I

MODELO ENTREVISTA PARA A ADOLESCENTE

1ª Entrevista

Dados de identificação

Nome :

 Data de nascimento: _____ Idade: _____ Telefone: _____

 Endereço: _____

Bairro: _____

Escolaridade: _____ Está cursando a escola? _____

Escola que estuda: _____

Profissão: _____

Data de nascimento provável: _____ Mês de gestação: _____

Data início pré-natal: _____ US: _____

1ª Gravidez ? _____

Sexo da criança: _____ Nome da criança: _____

Nome do pai da criança:

 Idade: _____ DN: _____

Genograma e pessoas com quem a adolescente mora (idade, profissão de cada um, nível sócio econômico)

(Obs. : O nome, o endereço e o telefone da adolescente foram solicitados como referências para a pesquisadora, não sendo apresentados na pesquisa).

1. A gravidez

- Como está sendo para você estar grávida?
- Você planejou a gravidez? Gostaria de ter engravidado agora ou não? Por que?
- O que você acha que te levou a engravidar?

2. O relacionamento com o pai da criança

- Conte-me um pouco sobre como foi o relacionamento com o pai da criança desde que vocês se conheceram até hoje.
 - *Como é a sua forma de se relacionar*
 - *O que a motivava para estar junto com o parceiro*
 - *Que expectativas tinha quanto ao relacionamento*
- Conte-me um pouco sobre como foram as relações sexuais desde a 1ª relação com o parceiro e sobre como aconteceu de engravidar?
 - *Como foram as relações sexuais com o parceiro, que expectativas teve quanto a estas.*
 - *Uso ou não de métodos contraceptivos e cuidados com a AIDS (houve alguma negociação quanto ao método contraceptivo e a camisinha)*

3. As fases da vida

- Como você descreve a fase da vida que você estava vivendo um pouco antes de engravidar? É diferente da infância e da fase adulta? Em que? Como são estas fases?

2ª entrevista

4. Planos de vida/ projeto de vida

- Antes de engravidar o que você planejava ou imaginava para seu futuro como adulta?
 - *Afetivamente e quanto ao casamento*
 - *Gravidez e maternidade (acompanhou a gestação de amigas, familiares, vizinhas, cuidou ou ajudou a cuidar de seus filhos)?*
 - *Educacionalmente*
 - *Profissionalmente*
 - *Lazer, hobbies, outros aspectos*

5. Família

- Conte-me um pouco sobre seu relacionamento com sua família desde antes de você engravidar até agora.
 - *Histórico do relacionamento familiar*
 - *Expectativas quanto ao relacionamento com o parceiro anteriores à gravidez*
 - *Educação sexual*

6. Os sentidos da adolescente sobre o que a levou a engravidar

- Pensando sobre tudo que conversamos, eu te pergunto novamente o que você acha que te levou a engravidar?
- Você acha que seus planos e sonhos para o futuro, o relacionamento com o parceiro, o relacionamento com seus familiares ou algum aspecto do seu jeito de ser influenciaram na gravidez ou na tentativa de preveni-la?

ANEXO II

MODELO ENTREVISTA PARA O PARCEIRO

1ª Entrevista

Dados de identificação

Nome :

Data de nascimento: _____ Idade: _____ Telefone: _____

Endereço: _____

Bairro: _____

Escolaridade: _____ Está cursando a escola? _____

Escola que estuda: _____

Profissão: _____

Data de nascimento provável: _____ Mês de gestação: _____

Data início pré-natal: _____ US: _____

1ª Filho? _____

Sexo da criança: _____ Nome da criança: _____

Nome da mãe da criança:

Idade: _____ DN: _____

Genograma e pessoas com quem mora (idade, profissão de cada um , nível sócio econômico)

(Obs. : O nome, o endereço e o telefone do rapaz foram solicitados como referências para a pesquisadora, não sendo apresentados nesta pesquisa.)

1. A gravidez

- Como está sendo para você sua parceira estar grávida?
- Você planejou a gravidez? Gostaria que ela tivesse engravidado agora ou não? Por que?
- O que você acha que levou ela a engravidar?

2. O relacionamento com o pai da criança

- Conte-me um pouco sobre como foi o relacionamento com a mãe da criança desde que vocês se conheceram até hoje.
 - *Como é a sua forma de se relacionar*
 - *O que o motivava para estar junto com o parceira*
 - *Que expectativas tinha quanto ao relacionamento*
- Conte-me um pouco sobre como foram as relações sexuais desde a 1ª relação com a parceira e sobre como aconteceu dela engravidar?
 - *Como foram as relações sexuais com a parceira, que expectativas teve quanto a estas.*
 - *Uso ou não de métodos contraceptivos e cuidados com a AIDS (houve alguma negociação quanto ao método contraceptivo e a camisinha)*

3. As fases da vida

- Como você descreve a fase da vida que você estava vivendo um pouco dela ficar grávida? É diferente da infância e da fase adulta? Em que? Como são estas fases?

2ª entrevista

4. Planos de vida/ projeto de vida

- Antes de sua parceira engravidar o que você planejava ou imaginava para seu futuro (como adulto) ?
 - *Afetivamente, quanto ao casamento*
 - *Gravidez e paternidade (acompanhou a gestação de amigas,ou companheiras de amigos, familiares, vizinhas, cuidou ou ajudou a cuidar de seus filhos)?*
 - *Educacionalmente*
 - *Profissionalmente*
 - *Lazer, hobbies, outros aspectos*

5.. Família

- Conte-me um pouco sobre seu relacionamento com sua família desde antes de sua parceira engravidar até agora.
 - *Histórico do relacionamento familiar*
 - *Expectativas quanto ao relacionamento com a parceira anteriores a gravidez*
 - *Educação sexual*

6. Os sentidos do parceiro sobre o que levou sua parceira a engravidar

- Pensando sobre tudo que conversamos, eu te pergunto novamente o que você acha que levou sua parceira a engravidar?
- Você acha que seus planos e sonhos para o futuro, o relacionamento com a parceira, o relacionamento com seus familiares ou algum aspecto do seu jeito de ser influenciaram na gravidez de sua parceira ou na tentativa de preveni-la?

ANEXO III

TABELA 1 - Características gerais das adolescentes e alguns dados de seus parceiros

Pseudônimo	Idade na entrevista	Idade ao engravidar	Mês gestação	Situação educacional atual	Escolaridade	Situação profissional atual	Estrato social	Bairro de Moradia	Idade 1ª gravidez da mãe	Idade do parceiro	Escolaridade do parceiro	Situação profissional do parceiro
Elaine	12	12	4º	estudando	7ª série	não trabalhando	baixo	Periferia invasão	14	20	não informado	não informado
Renata	14	14	9º	estudando	6ª série	não trabalhando	baixo	Matriz	14	19	7ª série	trabalha
Amanda	16	15	3º	estudando	2º ano 2º grau	não trabalhando	baixo	Periferia	15 ou 16	20	1º grau completo	não trabalhando
Débora	16	16	8º	não está estudando	1º grau completo	trabalhando	baixo	Matriz	20	20	não informado	trabalhando
Maria	16	16	3º	estudando	1º ano 2º grau	não trabalhando	médio	Matriz	17	18	5ª série	trabalhando
Cláudia	17	16	3º	estudando	1º ano 2º grau	não trabalhando	médio	Matriz	22 ou 23	22	5ª série	trabalhando
Ana Maria	17	16	7º	não está estudando	1º grau completo	não trabalhando	baixo	Periferia	27	21	7ª série	trabalhando
Flávia	17	17	5º	estudando	2º ano 2º grau	não trabalhando	médio	Matriz	26 ou 27	20	não informado	trabalhando
Cristina	18	17	7º	estudando	8ª série	não trabalhando	médio	Matriz	24	23	não informado	trabalhando
Thaís	18	18	5º	estudando	1º ano 2º grau	não trabalhando	médio	Matriz	22	20	último ano faculdade	trabalhando
Elizabeth	18	17	8º	não está estudando	2º grau completo	não trabalhando	médio	Matriz	24	18	1º ano faculdade	trabalhando
Andréa	19	18	6º	estudando	2º ano faculdade	não trabalhando	médio	Matriz	18	21	2º grau completo	trabalhando

ANEXO IV

TABELA 2 - Características gerais dos parceiros entrevistados

Pseudônimo	Idade na entrevista	Idade quando a parceira engravidou	Mês gestação parceira	Escolaridade	Situação educacional atual	Situação profissional	Estrato social	Bairro de Moradia	Idade da parceira	Escolaridade da parceira	Situação profissional da parceira
José	19	18	9º	7ª série	não estuda	trabalha	baixo	Matriz	14	5ª série	não trabalha
Willian	21	20	7º	7ª série	não estuda	trabalha	baixo	Periferia	17	1º grau completo	não trabalha
Ricardo	21	20	7º	2º grau completo	não estuda	trabalha	médio	Matriz	19	cursando faculdade	não trabalha

ANEXO V
TABELA 3 - Categorização das falas das adolescentes por temas

Pseudônimo e idade	O sentidos quanto a ocorrência da gravidez	O contexto familiar e o projeto de vida educacional e profissional		O relacionamento com o parceiro
Cláudia,17	A gravidez ocorreu em função do desejo de engravidar	Importantes conflitos familiares, gazetas de aulas, interrupção dos estudos e/ou uso de álcool e outras drogas		Morando juntos, queria engravidar
Renata,14		Ausência de dificuldades no relacionamento com familiares, ou presença de dificuldades específicas em função de seu relacionamento com o parceiro	Atraso escolar, acompanhado por planos educacionais/profissionais pouco definidos	Namorando, queria engravidar.
Maria,16			Ausência de atraso escolar, acompanhado por planos educacionais/profissionais mais definidos	Namorando, refere que não queria engravidar.
Amanda,16	A gravidez ocorreu em função do desejo de seu parceiro de que engravidasse	Ausência de dificuldades no relacionamento com familiares, ou presença de dificuldades específicas em função de seu relacionamento com o parceiro	Atraso escolar, acompanhado por planos educacionais/profissionais pouco definidos	Morando juntos, não queria engravidar
Andréa,19	A gravidez ocorreu em função da adolescente (do casal) confiar na tabelinha		Atraso escolar, acompanhado por planos educacionais/profissionais mais definidos	Morando juntos, não queria engravidar
Elizabeth,18	A gravidez ocorreu em função da adolescente esquecer de tomar a pílula		Atraso escolar, acompanhado por planos educacionais/profissionais pouco definidos	Morando juntos, não queria engravidar
Débora,16	A gravidez ocorreu por uma falha no uso da camisinha	Importantes conflitos familiares, gazetas de aulas, interrupção dos estudos e/ou uso de álcool e outras drogas		Ficando com o parceiro, sem compromisso, poucas relações sexuais, relata que não queria engravidar
Ana Maria,17	A gravidez ocorreu ao ter a relação sexual sem pensar nas consequências, e sem se prevenir			
Thaís,18				
Flávia, 17				
Cristina,18				
Elaine,12				

ANEXO VI

FIGURA 4 - Categorização das falas dos parceiros por temas

Pseudônimo e idade	Os sentidos quanto a ocorrência da gravidez	O contexto familiar e o projeto de vida educacional e profissional	O relacionamento com a parceira e os planos de paternidade
Willian, 21 anos	A gravidez ocorreu em função do desejo de que a companheira engravidasse	Histórico familiar de separação e dificuldades de relacionamento entre seus pais, acompanhado por queixas quanto à falta de liberdade em relação aos familiares.	O casal estava vivendo em união consensual, o rapaz relatou o desejo de que a companheira engravidasse
José, 19 anos		Reconhecimento de si próprio como pertencendo a adolescência e de que a gravidez aumentou suas responsabilidades e tornou-os mais maduros psicologicamente.	
Ricardo, 21 anos	A gravidez ocorreu em função do casal ter confiado na tabelinha	Histórico e planos de futuro com maior ênfase na inserção ao mercado de trabalho do que na continuidade dos estudos	O casal estava namorando, não tendo planejado e/ou desejado explicitamente a gravidez

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERASTURY, A. O adolescente e a liberdade. In: ABERASTURY, A. & KNOBEL, M. **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.
- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- ARRILHA, M. **Homens, saúde reprodutiva e gênero: o desafio da inclusão**. In: GIFFIN, K.; COSTA, S. H. **Questões de saúde reprodutiva**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1999. p. 455-467.
- BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- BAKHTIN, M. (Volochínov, V. N.) **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BECKER, D. **O que é a adolescência**. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- BEMFAM. **Pesquisa nacional sobre demografia e saúde**. Rio de Janeiro: BENFAM/ Macro International, 1997.
- BERGER, P. L. & LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BERQUÓ, E. O Brasil e as recomendações do plano de ação do Cairo. In: BILAC, E. D.; ROCHA, M. I. B. (org.) **Saúde reprodutiva na América Latina e no Caribe**. Temas e Problemas. São Paulo. Ed. 34, 1998. p. 23-35.
- BONIN, L. F. R. Considerações sobre as teorias de Elias e de Vigotsky. In: ZANELLA, A.V.; SIQUEIRA, M. J. T.; LHULLIER, L. A. MOLON, S. I. *et al.* (org.) **Psicologia e Práticas Sociais**. Porto Alegre: ABRAPSO SUL, 1997. p. 29-38.
- BONIN, L. F. R. Indivíduo, cultura e sociedade. In: STREY, M. N.; JACQUES, M. G. C.; BERNARDES, M. G. *et al.* (org.) **Psicologia social contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 58-72.
- BRASIL, **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei n. 8.069, de 13 de Julho de 1990.
- BRASIL. **Normas de saúde integral de adolescentes**. v. I. Brasília: Ministério da Saúde, 1993.
- BRASIL. **Programa Saúde do Adolescente**. Bases programáticas. Brasília: Ministério da Saúde, 1989.
- BRUNER. J. **Atos de Significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- CANNON, R. C. *et al.* **Saúde e desenvolvimento da juventude brasileira: construindo uma agenda nacional**. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, 1999.
- CAMARANO, A. A. Fecundidade e anticoncepção da população jovem. In: CNPD. **Jovens**

- acontecendo na trilha das políticas públicas.** Brasília: CNPD, 1998. v. 1, p. 109-133.
- CHAUÍ, M. **Repressão Sexual.** Essa nossa (dês)conhecida. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CHAVES JUNIOR, E. de O. Políticas de juventude: evolução histórica e definição. In: **Cadernos juventude, saúde e desenvolvimento.** Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, 1999.
- CHODOROW, N. **Psicanálise da maternidade.** Uma crítica a Freud a partir da mulher. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1990.
- CIAMPA, A. da C. **A estória do Severino e a história da Severina.** Um ensaio de psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CORRÊA, M. M. & COATES, V. Implicações sociais e o papel de pai. In: MAAKAROUM, M. F. **Tratado de adolescência: um estudo multidisciplinar.** Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1991. p. 407- 413.
- DEAN, D. G. Romanticism and emotional maturity: a preliminary study. **Marriage and Family**, n. 23, p. 44-45.
- DESSER, N. A. **Adolescência: sexualidade e culpa.** Rio de Janeiro: Rosa dos tempos; Brasília: Fundação Universidade de Brasília, 1993.
- DIAS, A. C. G.; GOMES, W. B. Conversas em família, sobre sexualidade e gravidez na adolescência: percepção das jovens gestantes. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 13, n. 1, p. 109-125.
- DOMÍNGUEZ , G. I. Varones adolescentes: los significados de la paternidad em la transición hacia los roles adultos. In: BILAC, E. D.; ROCHA, M. I. B. (org.) **Saúde reprodutiva na América Latina e no Caribe.** Temas e Problemas. São Paulo. Ed. 34, 1998. p. 23-35.
- ENGUITA, M. F. Educação e teorias da resistência. **Educação e Realidade**, v. 14, n. 1, p. 3-16, jan./jun. 1989.
- ERIKSON.E. **Identidade, juventude e crise.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- FÁVERO, M.H. & MELLO, R.M. Adolescência, maternidade e vida escolar: a difícil conciliação de papéis. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 13, n. 1, p. 131-136, Jan-Abr. 1997.
- GARCIA, T.R. Representações de gestantes adolescentes solteiras sobre aspectos de sua problemática psicossocial. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 38 , n. 3/ 4, p. 281-288, jul.-dez., 1985.
- GRISCI, C. L. I. Mulher-Mãe. **Psicologia, ciência e profissão**, n. 1, 2 e 3, ano 15, p. 12-17, 1995.
- GILLIGAN, C. **Uma voz diferente.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos 1993.
- GÜNTHER, I. A. & GÜNTHER, H. Brasília pobres, Brasília ricas: perspectivas de futuro entre adolescentes. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 11, n. 2, p. 191-206. 1998.

- GÜNTHER, I. A. **Adolescência e projeto de vida**. In: BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Cadernos Juventude, Saúde e Desenvolvimento. Vol. I. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas Públicas, 1999.
- HENRIQUES, M.H.; SILVA, N.H.; SINGH, S. & WULF, D. **Adolescentes de hoje, pais do amanhã** : Brasil. New York: The Alan Guttmacher Institute, 1989.
- HOLDEN, G.W.; NELSON, P.B.; VELASQUEZ, J. & RITCHIE, K. L. Cognitive, psychosocial, and reported sexual behavior differences between pregnant and nonpregnant adolescents. **Adolescence**, v. 28, n. 111, p. 557-572, Fall, 1993.
- IV CONFERÊNCIA MUNDIAL DA MULHER. **Declaração de Beijing**. 1995.
- JACQUES, M. G. Identidade. In: STREY, M. N.; JACQUES, M. G. C.; BERNARDES, M. G. *et al.* (org.) **Psicologia social contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- KNOBEL, M. **A Síndrome da adolescência normal**. In: ABERASTURY, A. & KNOBEL, M. **Adolescência Normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.
- LANE, S. T. M. **O que é psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- LUZ, A.M.H. & CASTRO, M.L.S. de. Mães adolescentes na sociedade riograndense: saúde e pressões sociais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 48, n. 4, p. 379-400, out.- dez. 1995.
- LANE, S. T. M.; CODO, W. **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.
- LOURO, G. L. Nas Redes do Conceito de Gênero. In: LOPES, M. J. M.; MEYER, D. E. & WALDOW, V. R. **Gênero e saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- LYRA DA FONSECA, J. L. C. **Paternidade adolescente: uma proposta de intervenção**. São Paulo: 1997. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social)- PUC/SP.
- MEDORA, N.P.; GOLDSTEIN, A. & HELLEN, C. von der. Romanticism and self-esteem among pregnant adolescents, adolescent mothers, and nonpregnant, nonparenting teens. **The Journal of Social Psychology**, v. 134, n. 5, p. 581-591, 1994.
- MERRICK, E.N. Adolescent childbearing as career "choice": perspective from an ecological context. **Journal of Counseling & Development**, n. 73, p. 288-295, Jan-Feb, 1995.
- MYNAIO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo- Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 1996.
- MORGAN, C.; CHAPAR, G.N. & FISCHER, M. Psychosocial variables associated with teenage pregnancy. **Adolescence**, v. 30, n. 118, p. 276-289, Summer, 1995.
- NUNES, C.E.G.N. Adolescência e paternidade: um duelo de papéis sociais. **Psico**, v. 29, n. 1, p. 125-138, jan-jun, 1998.

- PAIVA, A.; CALDAS, M. L. C. S. & CUNHA, A. A. C. Perfil psicossocial da gravidez na adolescência. IN: MONTEIRO, D. L. M.; CUNHA, A. A. & BASTOS, A. C. **Gravidez na adolescência**. Rio de Janeiro: Revinter, 1998. p.7-30.
- PAULA, D. B. **Gravidez na adolescência: estratégias de inserção no mundo adulto**. São Paulo: 1992. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social)- PUC/SP.
- PIROTTA, W. R. B.; PIROTTA, K. C. M. O adolescente e o direito à saúde após a Constituição de 1988. In: **Cadernos juventude, saúde e desenvolvimento**. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, 1999.
- POSTER, M. **Teoria crítica da família**. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- ROCHA-COUTINHO, M.L. (1994) **Tecendo por trás dos panos**. A mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco.
- SALLAS, A. L. F. *et al.* **Os jovens de Curitiba: desencantos e esperanças, juventude, violência e cidadania**. Brasília: Edições UNESCO Brasil, 1999.
- SANTOS, J. A. G. dos. Juventude e projeto de vida: lazer, trabalho, drogas e violência social. **Barbarói**. N. 11, p. 45-61, jul./dez. 1999.
- SARTI, C. A. A Família como Ordem Moral. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, 91 p. 46-53, nov. 1994.
- SECRETARIA MUNICIPAL DA SAÚDE. Centro de Epidemiologia. Coordenação de Diagnóstico em Saúde. Projeto Nascer em Curitiba. **Relatório anual de nascidos vivos**. Curitiba, 2002
- SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade, v.16, n. 2, p. 5-22, jul/dez. 1990.
- SHOR, N; FERREIRA, A. F.; PIROTTA, K. C. M. *et al.* Adolescência e anticoncepção: análise do discurso das adolescentes grávidas e puérperas em relação à anticoncepção. **Revista Brasileira Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v. 6 n. 1/2, p. 77-86. 1996.
- SIQUEIRA, M. J. T. **Paternidade adolescente: seu lugar nos programas públicos na área de saúde reprodutiva na região da Grande Florianópolis**. Relatório Final de Pesquisa. PRODIR III - Projeto n. 178. Florianópolis, 2001.
- SIQUEIRA, M. J. T. A (s) psicologia(s) e a categoria gênero: anotações para discussão. In: ZANELLA, A.V.; SIQUEIRA, M. J. T.; LHULLIER, L. A. *et al.* (org.) **Psicologia e Práticas Sociais**. Porto Alegre: ABRAPSO SUL, 1997. p. 271-279.
- SOUZA, M. M. C. de. A maternidade nas mulheres de 15 a 19 anos como desvantagem social. In: VIEIRA, E. M; FERNANDES, M.E.L.; BAILEY, P. & MACKAY, A. **Seminário gravidez na adolescência**. Rio de Janeiro: Associação Saúde da Família. 1998. p. 74-91.

- TRINDADE, E. **“Eu, pai?!” a paternidade na adolescência e seu significado.** Ribeirão Preto, 1997. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Departamento de Psicologia e Educação, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo
- TRINDADE, E. & BRUNS, M.A.T. Era isso o que eu queria? um estudo da maternidade e da paternidade na adolescência. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 7, n.2, p. 167-186, 1996.
- TRINDADE, E. & BRUNS, M.A.T. Pai adolescente: quem é ele? **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 9, n. 1, p. 23-28, 1998.
- TRINDADE, Z.A. Concepções de maternidade e paternidade: o convívio atual com fantasmas do século XVIII. In L. Souza, M.F.Q. de Freitas & M.M.P. Rodrigues (Org.) **Psicologia: reflexões (im)pertinentes.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998. p. 129-155.
- TRINDADE, Z.A. Concepções arcaicas de maternalidade e paternalidade e seus reflexos na prática profissional. Interfaces. **Rev. de Psic.**, Salvador, v. 2, n.1, p. 33:40. 1999.
- VILLA, A. M. Significados da reprodução na construção da identidade masculina em setores populares urbanos. In: COSTA, A. O. (org.) **Direitos tardios: saúde, sexualidade e reprodução na América Latina.** São Paulo: POODIR/FCC- São Paulo: Editora 34, p. 115-137.
- VILLA, A. M. **Presencias masculinas en las decisiones reproductivas:** equidades e inequidades entre varones y mujeres jovenes de sectores urbanos medios y pobres. Trabalho apresentado na IV Jornadas Nacionales de Debate Interdisciplinario en Salud y Población, Buenos Aires, Argentina, agosto. 2001
- VITTILO, N. Gravidez na adolescência. In: RIBEIRO, M. **Educação sexual: Novas Idéias, Novas Conquistas.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993. p. 129-145.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.